

Régine Deforges

VONTADE DE VIVER

A BICICLETA AZUL-2



EDITORIA BEST-SELLER

3ª EDIÇÃO



Régine Deforges

VONTADE DE VIVER

1942 – 1944

A BICICLETA AZUL 2

Título do original: "101, avenue Henri-Martin"

Sinopse

1942, França ocupada. Auge da Segunda Guerra Mundial. Neste segundo volume da série *A bicicleta azul*, a jovem Lèa Delmas descobre, entre seus parentes e amigos, a crueldade da delação, da covardia e do colaboracionismo. Alguns, porém, preferem lutar, mesmo que corram sérios riscos. Este é o caminho escolhido por Léa, que se engaja na Resistência para combater os alemães e tentar salvar as pessoas que ama. Unindo-se a luta de seu país, ela testemunha todas as perversidades praticadas pelos invasores. Uma situação extrema que Léa enfrentará com muito sofrimento.

Sumário

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>

Prólogo

FOI NA noite de 20 para 21 de setembro de 1942 que, depois de muito calor, começou a chover, e um vento frio para a época, começou a soprar no estuário da Gironde, subindo ao longo da Garonne.

Durante todo o verão, violentas trovoadas, por vezes' acompanhadas de granizo, tinham preocupado os vinhateiros. O ano anunciava-se medíocre.

No relógio da catedral de Saint-André soaram horas.

Em sua cela do forte de Hâ, Prosper Guillou e o filho Jean foram despertados por fortes pancadas na porta. Na obscuridade, cada um por vez foi satisfazer suas necessidades, sentando-se depois nos catres à espera da luz e da porção de água escura que lhes servia de café.

Jean pensava na mulher, Yvette, internada na caserna Boudet e da qual não tinha notícias desde aquele dia de julho em que, às cinco da manhã, a Gestapo e a polícia tinham invadido sua propriedade de Violettes, em Thors. Revia a captura dos pais e daquele casal de militantes comunistas, Albert e Elisabeth Dupeyron, que viera buscar as armas destinadas ao grupo de resistentes F.T.P., de Bordéus.

Gabriel Fleureau, marceneiro, deu um grito e acordou sobressaltado.

Assim acontecia todas as noites, desde os interrogatórios a que aqueles dois porcos da brigada do comissário Poinot o tinham sujeitado.

Com sadismo, partiram-lhe todos os dedos da mão direita. Mas ele não falou.

Buscando coragem no amor que sentia por Aurora, a jovem que entregava regularmente no cais da Salinière, na loja de móveis do senhor Cadou, panfletos que Bergua e ele próprio deviam distribuir. Ignorava que a amiga também tinha sido presa. Com precaução, tentou mover os dedos doloridos.

No catre vizinho, René Antoine levantava-se resmungando. A lembrança de seu filhinho Michel, de dez anos, estendendo para ele os braços e murmurando “Paizinho”, levado e aprisionado com Hélène, sua mãe, na caserna Boudet, perseguia-o. Com certeza tinham sido denunciados, para que os alemães descobrissem o estoque de armas escondido em Bégles, no fundo de seu jardim.

Também era essa a opinião de René Castera. O pai, a mãe e o irmão Grabiél tinham sido presos em 8 de julho, e ele, no dia 14. Há dois anos que a família escondia judeus e clandestinos, e levava sua ajuda às famílias dos presos. Tal como René Antoine, estava sem notícias dos seus.

Em outra cela do andar térreo, Albert Dupeyron tentava reconfortar Camille Perdriau, de apenas vinte anos. Isso evitava que pensasse na jovem esposa, Elisabeth, presa no mesmo dia que ele.

Alexandre Pateau cerrava os punhos ao recordar os maus-tratos infugidos a Yvonne, sua mulher, diante do pequeno Stéphane, de quatro anos.

Ambos pertencentes à Resistência, tinham sido surpreendidos em sua casa na rua de Saint-André-de-Cognac e levados para Cognac e depois para o forte de Há.

Quanto a Raymond Bierge, só se interrogava sobre quem teria sido o sujo que os denunciara, a Felicie, sua mulher, e a ele, por esconderem em casa material de impressão. Deus permitisse que a avó tratasse bem o pequeno!

Jean Vigneaux, de Langon, espantava-se por se lembrar tão bem da garota por quem seus amigos Raul e Jean Lefèvre estavam apaixonados, a encantadora Léa Delmas. A última vez em que a vira, pedalava de cabelos ao vento, pela estrada que conduzia à propriedade de Montillac.

Nas celas acenderam-se as luzes uma a uma. Os prisioneiros piscaram os olhos e lentamente se levantaram. Desde a véspera que sabiam.

Durante toda a noite o vento tinha soprado em rajadas, infiltrando-se por baixo das portas e pelas tábuas toscas das barracas do campo de Mérignac, trazendo um pouco de ar aos homens estendidos nos desconfortáveis colchões metálicos mal cobertos por acolchoados nojentos. Eram cinco da manhã, os prisioneiros não dormiam.

Lucien Valina, de Cognac, pensava nos três filhos, sobretudo no pequeno Serge, que acabava de completar sete anos, tão mimado por Margot, sua mulher. Os alemães tinham-nos metido com brutalidade numa camioneta!

Onde estariam eles agora?

Grabriel Castera pensava no pai, Albert, que abraçara quando vieram buscá-lo, poucas horas antes, para o conduzirem àquele campo um tanto afastado dos outros. A lembrança das lágrimas correndo pela face do velhote era intolerável. Felizmente René, seu irmão mais velho, estava lá.

O coração de Jean Lapeyrade se comprimia quando ele olhava para René de Oliveria, esse jovem de quem ignorava o nome e que havia tocado gaita durante parte da noite para esconder o medo. Como era jovem!

“Berthe, onde você está?” “Não eduque o pequeno num espírito de ódio ou de vingança”, escrevera Franc Sanson à mulher.

No campo reinava um burburinho pouco habitual. Pela porta, brutalmente aberta, Raymond Rabeaux viu os caminhões da Wehrmacht rodeados por dezenas de soldados de fardas verde-acinzentadas. O ar frio e úmido surpreendeu-o. Ainda estava muito escuro. As lanternas trazidas pelos guardas iluminavam grandes poças de água. Os alemães colocavam diante da porta uma metralhadora pronta para funcionar. A gaita havia se calado.

Eles sabiam desde a véspera.

O adjunto do diretor Rousseau, que conversava com um oficial alemão, dirigiu-se para a barraca.

Vá, saiam quando chamarem pelo vosso nome, não façam esperar estes senhores, apressem-se. Espagnet, Jougourd, Castera, Noutari, Portier, Valina, Chardin, Meilier, Voignet, Eloi...

Um a um, os detidos saíram empurrados pelos soldados, alinharam-se, levantaram as golas dos casacos e enfiaram os bonés ou as boinas.

— Avancem, subam para os caminhões. Jonet, Brouillon, Meunier, Puech, Moulias...

Franc Sanson, com a ligeireza dos seus vinte e dois anos, foi o primeiro a saltar.

Do campo subia uma espécie de murmúrio. Por detrás das janelas de cada barraca estavam os prisioneiros avisados misteriosamente. Um, depois dois, depois dez, depois cem, depois mil, começaram a cantarolar a Internacional. Um bramido enorme fazia arfar os peitos e chegava junto dos que partiam, para lhes manter a coragem e a dignidade. A lama, a chuva, os apitos dos guardas e o próprio medo tinham-se esvaído pelo ar magnífico, portador de esperança.

Eram sete da manhã. Os caminhões que partiam de Boudet, do forte de Hâ e do campo de Mérignac rodavam pela estrada de Souges. A passagem dos carros, as mulheres faziam o sinal da cruz e os homens tiravam os chapéus. Na entrada do campo militar, os caminhões diminuíram a marcha.

No interior, os prisioneiros iam perdidos em seus pensamentos, indiferentes aos quatro soldados que lhes apontavam as armas.

Os solavancos do caminho cheio de buracos atiravam-lhes uns contra os outros.

Os caminhões pararam. Os soldados afastaram os toldos, baixaram as guardas e saltaram para a areia.

— Schnell... Schnell... Aussteigen...¹ Os prisioneiros, agrupados a um canto, entreolhavam-se e maquinalmente contavam-se. Setenta. Eram setenta homens que desde a véspera sabiam que iam morrer.

Depois de um atentado cometido em Paris contra um oficial alemão, Karl Oberg, o chefe das S.S. e da polícia, e Helmut Knochen, tinham exigido do governo de Vichy uma lista de cento e vinte reféns. Quarenta e seis prisioneiros dos campos de Compiègne e de Ramainvilie preenchiam as condições requeridas. Wilhelm Dohse, da Gestapo de Bordéus, completara a lista.

— Gabriel!

— René!

Os dois irmãos Castera caíram nos braços um do outro.

Cada um tinha esperado ser o único a morrer...

Um oficial rechonchudo colocou-se na frente dos reféns e leu qualquer coisa; certamente a sentença. Que lhes importava? De repente, uma voz jovem ergueu-se acima da do alemão:

— Alions enfants de lapatrie...

le jour de gloire est arrivé...

contre nous de la tyrannie...

l'étendard sanglant est levé...

Tímido a princípio, o canto irrompe diante dos inimigos. Eles não compreendem as terríveis palavras da primeira estrofe do hino nacional francês, mas sabem que, por causa delas, daquele frio rebanho nasce uma horda a gritar vingança.

— Entendez-vous dans nos campagnes, rugir ces féroces soldats...

De cinco em cinco metros ergue-se um poste. Ao longo da rampa de areia há dez, diante dos quais vêm por si mesmos colocar-se dez homens.

Atam-nos aos postes e eles recusam a venda nos olhos. Um velho padre trêmulo abençoa-os. O pelotão de execução fica a postos. Uma ordem soa..., a primeira salva foi disparada... com o impacto das balas, os corpos estremecem e lentamente tombam...

Vamos... Vamos... Desçam...

As vozes fizeram uma pausa imperceptível, depois ressoaram mais fortes ainda naquela manhã chuvosa.

— Aux armes, citoyens...

Setenta vezes é dado o golpe de misericórdia.

Os corpos dos supliciados são jogados numa grande fossa cavada por trás da rampa.

A chuva parou. Um sol pálido ilumina com seus raios a clareira. Um odor de cogumelos e de pinheiros mistura-se ao da pólvora. Junto dos postes, o sangue brilha misturado com a água das poças lentamente absorvida pela areia.

Missão cumprida, os soldados partem novamente. São nove da manhã, nas dunas de Souges, perto de Bordéus, em 21 de setembro de 1942.

Capítulo 1

DEPOIS DA MORTE de Pierre Delmas, sua irmã, Bernadette Bouchardeau, tentara dirigir os negócios da casa. A vontade da boa mulher era evidente, assim como sua incapacidade para gerir uma propriedade como a de Montillac.

Sentada no escritório do irmão, espalhava os papéis, gemendo para Camille d'Argilat que se propusera a ajudá-la.

— Meu Deus! Que vai ser de nós? Não compreendo nada de números. é preciso consultar Fayard, o administrador.

— Vá descansar, minha senhora, vou tentar decifrar melhor.

— Obrigada, minha querida Camille, é bem valente — disse ela ao levantar-se -... Léa devia fazer um esforço — continuou ela tirando os óculos — para mim também é difícil, mas faço um esforço.

Camille dissimulou um sorriso.

— A senhora é mais forte, com certeza.

— Com certeza — murmurou Bernadette Bouchardeau.

“Como é estúpida esta mulher”, pensou Camille.

— Boa-noite, minha filha. Não se deite muito tarde.

A porta fechou-se sem barulho. Uns passos pesados na escada, o ranger do décimo degrau, depois, de novo, o silêncio, perturbado de vez em quando por uma rajada do vento frio de novembro, que fazia estremecer as paredes e tremer as chamas na lareira. Camille, de pé, no meio da sala quente, olhava para o fogo sem o ver. De repente uma acha quebrou e caiu, lançando fagulhas de brasa no tapete. A jovem sobressaltou-se e correu para as recolher com uma pinça. Aproveitou para jogar outra cepa no fogo, que provocou um crepitar mais intenso e alegre.

Apertou o cinto do roupão e voltou a sentar-se diante da secretária de Pierre Delmas.

Camille trabalhou durante toda uma parte da noite, só levantando a cabeça para esfregar a nuca dolorida.

No relógio soaram três horas.

— Você ainda não se deitou! — exclamou Léa ao entrar.

— Você também não, ao que me parece disse Camille com um sorriso terno.

— Vim procurar um livro, não consigo dormir.

— Tomou os comprimidos que o doutor Blanchard lhe deu?

— Sim, só servem para me entorpecer durante todo o dia.

— Diga-lhe, e ele poderá lhe dar outros. Você deve dormir.

— Eu bem que queria, mas ao mesmo tempo tenho medo. Logo que adormeço o homem de Orléans aparece com a cara coberta de sangue e avança para mim... tenta me apanhar e diz: “Por que me matou, sua prostitutazinha?

Anda, minha linda, anda, vou lhe mostrar como é bom fazer amor com um morto. Tenho certeza de que você gosta disso. Hein?... Esterco, gosta disso, de carniça, você:..’”.

— Basta! — gritou Camille sacudindo-lhe os ombros. — Pare!

Com ar alucinado, Léa passou a mão pela testa, deu alguns passos, deixando-se cair no velho sofá de couro.

Você não pode imaginar... É pavoroso, sobretudo quando ele me diz:

“Basta de brincadeira. Agora vamos encontrar seu pai, ele está à nossa espera em companhia de seus amigos, os vermes..

Cale-se...

— “...e da sua querida mãe”. Então eu o sigo chamando por minha mãe.

Camille ajoelhou-se e abraçou-a, acariciando-a como se adormecesse seu filho, o pequeno Charles, quando um pesadelo o precipita de sua cama, gritando.

— Venha, acalme-se. Não pense nisso. Nós o matamos, nós duas.

Lembra-se?

Fui eu quem atirou primeiro. Julgava que já estava morto.

— É verdade, mas fui eu e só eu quem o matou.

— Você não tinha escolha, era ele ou nós. Seu tio Adrien lhe disse que no seu lugar teria feito a mesma coisa.

— Ele só disse isso para me animar. Você o vê?... Um dominicano?...

Matar um homem?

— Se fosse preciso, sim.

— Foi o que Laurent e François Tavernier me disseram. Mas estou convencida de que Adrien é incapaz de tal coisa.

Basta sobre isso. Acabei de me esclarecer sobre as contas de seu pai. A situação não é brilhante. Não compreendo nada da maneira como Fayard trabalha. Economizando poderíamos nos sair dos apuros.

— Como você quer que se restrinja mais? — exclamou Léa levantando-se. — Só comemos carne uma vez por semana, e que carne! Se fossemos menos, talvez chegássemos lá, mas assim...

Camille baixou a cabeça.

— Eu bem sei que somos um encargo pesado para você. Mais tarde, vou lhe reembolsar

tudo o que gastou conosco.

— Está louca! Não era isso que eu queria dizer!

— Bem sei — disse Camille tristemente.

— Oh! Não faça essa cara. Não se pode lhe dizer nada.

— Perdoe-me.

— Não tenho nada a lhe perdoar. Você faz a sua parte do trabalho...

e até a minha neste momento.

Léa afastou os duplos cortinados. A luz da lua iluminava com sua fria claridade o cascalho do pátio, enquanto o vento tentava arrancar as últimas folhas da grande tília.

— Você acredita que a guerra ainda vai durar muito? — perguntou ela. — Toda a gente parece achar normal que o governo de Vichy colabore com a Alemanha...

— Não, Léa. Nem toda a gente. Olhe à nossa volta. Conhece pelo menos uma dezena de pessoas que continuam a luta...

— E o que é uma dezena em face de centenas de milhares que gritam todos os dias: “Viva Pétain”?

— Dentro em breve seremos centenas, depois milhares a dizer não.

— Já não acredito nisso... Todos pensam apenas em não passar fome nem frio.

— Como pode dizer semelhante coisa? Os franceses ainda estão sob o choque da derrota, mas a sua confiança no Marechal desvanece. Mesmo Fayard dizia-me outro dia: “Senhora Camille, não acha que ele vai longe demais, o velho?”, e, no entanto, Fayard...

— Ele queria lhe enganar. Bem o conheço. É um espertalhão. Tenta saber o que você pensa, para se servir disso quando lhe for necessário.

Para ele, TRABALHO, FAMILIA, PATRIA significam alguma coisa.

— Para mim também, mas não é bem o mesmo.

— Preste atenção. O seu único intento é tomar-nos Montillac. Não recua perante nada. Além disso, está persuadido que o filho Mathias partiu por minha causa.

— E me parece que é isso, não acha?

— Não é verdade — exclamou Léa, encolerizada. — Pelo contrário, tentei detê-lo. Não é por minha culpa, se ele não quis saber e preferiu ir para a Alemanha ganhar dinheiro, em vez de trabalhar em Montillac.

— Minha querida, está exagerando, sabe bem por que foi que ele partiu...

Não!

Porque a amava.

E, então, lindo negócio! Se gostasse de mim como você diz, devia ficar aqui para me ajudar e impedir o pai de nos roubar.

— Ele também poderia ir ao encontro do general De Gaulle, mas compreendo que quisesse partir.

— Você é indulgente demais.

— Não acredite nisso. Compreendo, porque se trata de amor... Não sei o que teria feito nas mesmas circunstâncias que Mathias ou Françoise...

Talvez tivesse agido como eles.

— Você fala bobagens. Você jamais se deixaria engravidar por um alemão como a pobre Françoise.

— Não fale assim de sua irmã.

— Deixou de ser minha irmã. Foi por causa dela que meu pai morreu.

Não é verdade, o doutor Blanchard disse que seu coração estava cansado há muitos anos, e que apesar das súplicas de sua mãe, ele sempre se recusou a se cuidar.

Não quero saber. Se ela não tivesse partido, ele ainda estaria vivo — exclamou Léa escondendo o rosto nas mãos, os ombros sacudidos pelos soluços.

Camille conteve um movimento de ternura que a atraía para a amiga.

Como é que Léa podia ignorar àquele ponto os sentimentos dos outros?

“É o que faz a sua força — dizia Laurent. — Ela apenas quer ver o imediato. Avança, e só depois faz as perguntas. Não por falta de inteligência, mas por excesso de vitalidade.” Léa reteve-se para não bater o pé como quando era criança. Voltou-se para Camille.

— Pare de me olhar assim. Vá deitar, você não viu com que cara está?

— Tem razão, estou cansada, Você também devia dormir. Boa-noite.

Camille aproximou-se para beijá-la. Léa deixou-se beijar com indiferença e não lhe retribuiu o beijo. A moça não disse nada e saiu da sala.

Furiosa com Camille e consigo mesma, Léa colocou mais uma acha na lareira, pegou no armarinho da biblioteca o cobertor escocês com o qual seu pai gostava de se cobrir, apagou a luz e estendeu-se no divã.

Não ficou muito tempo contemplando as chamas. Logo seu movimento a fez adormecer.

Desde a morte do pai, muitas vezes Léa passara a noite naquele lugar tão querido, o único onde seus fantasmas familiares não a vinham importunar.

O frio despertou Léa. “Preciso pegar meu edredon”, pensou. E abriu as cortinas tendo a curiosa impressão de estar nas nuvens, de tão espesso que era o nevoeiro. No entanto, por detrás daquela neblina, adivinhava-se a luz. “Vai fazer bom tempo”, pensou. Com gestos precisos, reanimou o fogo e ficou se aquecendo por um momento. Maquinalmente, contou as horas que soavam no relógio. Onze! — Eram onze horas!...

Por que a teriam deixado dormir tanto?

Na grande lareira da cozinha, um fogo alto de sarmentos iluminava com chamas ardentes o

amplo aposento obscurecido pelo nevoeiro que não se levantava. Na mesa, coberta por uma toalha impermeável azul, estava sua xícara vazia e seu guardanapo, onde havia um brioche. Com gesto guloso, Léa cheirou deliciada o bolo apetitoso. “Isto foi Sidonie quem fez”, pensou. Num canto do fogão estava a antiga cafeteira de esmalte azul.

Léa serviu-se de café, que de café só tinha o nome. Felizmente, o leite disfarçava-lhe o gosto.

Enquanto comia perguntava-se: “Em que dia estaremos, para haver brioche?”. A resposta lhe foi dada, quando ergueu os olhos e viu um grande número 11. Onze de novembro... Sidonie tinha querido festejar a seu modo o fim da guerra de 14. Com um sorriso sem alegria, Léa ergueu os ombros. Quando se veria o fim daquela guerra? Há mais de dois anos que ela durava!... Hoje, 11 de novembro de 1942, a França continuava cortada ao meio; cada vez mais numerosos, os jovens recusavam-se a ir trabalhar para a Alemanha e refugiavam-se nas montanhas ou nas florestas, formando bandos em busca de um chefe, vivendo freqüentemente da generosidade dos habitantes, e muitas vezes do roubo. Em seu setor, Laurent d’Argilat estava encarregado de reagrupar esses refratários e de os incorporar nas forças de resistência que se tinham constituído.

Laurent... Não tinha voltado a vê-lo desde o enterro do pai. Uma vez, Camille, sua mulher, tinha ido vê-lo em Toulouse, deixando-a morta de ciúmes. E Tavernier, que seria feito dele? Teria podido pelo menos querer saber notícias dela. Não era ele o seu amante? Por causa dele, tivera o maior susto da sua vida: estar grávida. Esse falso alarme tinha-lhe feito compreender melhor o desespero da irmã, Françoise, cujo bebê não tardaria a nascer. Françoise lhe escrevera uma carta, suplicando-lhe que fosse para o nascimento do filho. Fechada em seu desgosto e na raiva, Léa não respondera.

— Camille, Ruth, Léa, tia Bernadette! — gritava Laure entrando na cozinha.

— Que aconteceu? — perguntou Léa, levantando-se.

— Laure, é você quem está gritando assim? perguntou Ruth, entrando, por sua vez...

Esbaforida, a irmã mais nova de Léa não conseguia falar.

Pela porta que dava para a rua, Fayard entrou seguido pela mulher.

— Já ouviu?...

— Ouvi o quê? Fala! — disse Ruth.

— Os boches...

— O quê? Os boches! — exclamou Léa.

— Invadiram a zona livre — gritou Laure.

Léa deixou-se cair na cadeira. A sua frente, Camille, que ela não vira entrar, apertava contra si o filho, que, julgando tratar-se de uma brincadeira, ria muito.

— Ouvimos isso na T.S.F. — disse Fayard.

— Na Rádio-Paris disseram que a indenização diária de ocupação estava fixada em

quinhentos milhões. Como se vai fazer para arranjar tanto dinheiro? — acrescentou sua mulher.

Capítulo 2

A CASA DAS SENHORAS Montpleynet havia mudado muito desde a última estada de Léa em Paris. Os dois apartamentos situados no mesmo andar e ligados por uma porta de comunicação, que outrora transbordavam de vida, estavam agora enregelados. As duas irmãs e a criada viviam em quatro peças; as únicas que conseguiam aquecer um pouco. Os três quartos ao fundo do corredor e o apartamento completo de Albertine estavam abandonados, os móveis cobertos, as persianas fechadas, e as lareiras geladas. As senhoras haviam se decidido por essa restrição. Batizaram de “casa fria”

tudo aquilo que não podiam aquecer e nunca punham os pés ali.

Uma carta esbaforida de Albertine — o que não lhe era habitual tinha feito Léa se precipitar no primeiro trem para Paris depois de uma espera de meio dia no aglomerado da estação de Saint-Jean de Bordéus. A sua chegada à rua da Universidade, Estelle, a governanta e criada que fazia tudo para as irmãs Montpleynet, envolta em xales coloridos, abraçou-a com evidente satisfação, repetindo, como para se convencer melhor:

— Até que enfim, senhorita Léa, até que enfim...

— Que aconteceu, Estelle, onde estão minhas tias? Estão doentes?

— Senhorita Léa, se soubesse...

— Léa, enfim, você aqui! — exclamou Lisa, com um casaco de peles por cima do roupão.

Pouco depois, Albertine apareceu, seguida por um homem que segurava um estojo de médico. Sua tia o acompanhara até a porta, dizendo:

— Boa-tarde, doutor, até amanhã.

Léa olhou com espanto para as três mulheres.

— Mas, afinal, podem dizer-me quem está doente?

— Sua irmã Françoise — respondeu Albertine.

Esta resposta deixou Léa sem fala. Depois, da surpresa passou à cólera.

A dureza de suas observações fez Lisa desfazer-se em soluços.

— Compreenda-nos, não podíamos deixá-la sozinha e doente, nesse hotel, sua mãe não nos perdoaria nunca — disse Lisa de Montpleynet, enxugando os olhos com seu lenço úmido.

É inútil insistir, cumprimos nosso dever de parentes e de cristãs — rematou secamente sua irmã Albertine.

Em pé, no salão parisiense das tias, Léa mal conseguia conter a raiva.

— Léa, Léa, é você — disse uma voz fraca por detrás de uma porta que se abriu lentamente.

No umbral estava Françoise, com o ventre proeminente mal dissimulado por um cobertor.

Albertine precipitou-se.

— O que faz em pé? O médico proibiu que se levantasse.

Sem escutar a tia, Françoise avançou para a irmã estendendo-lhe os braços. O cobertor descaiu-lhe dos ombros e revelou a enormidade do seu ventre, acentuado pela camisola muito apertada, e pela magreza de seu rosto.

Caíram nos braços uma da outra.

— Oh! Léa, obrigada por ter vindo.

Léa conduziu-a para o quarto, pouco mais quente que o salão.

Logo que se deitou, a jovem tomou a mão da irmã, que levou aos lábios murmurando:

— Você veio...

— Acalme-se, minha querida, não vá ficar pior disse Albertine, compondo-lhe as almofadas.

— Não, minha tia, a felicidade nunca fez mal. Léa, conte-me tudo.

Tudo o que aconteceu em Montillac.

Duas horas depois, as duas irmãs ainda conversavam.

Léa não se atrevia a sair da cama quente e fofa na qual se espreguiçava desde que acordara. A idéia de se levantar e de se vestir com tanto frio, era insuportável. Ah! ficar na cama, bem quente até o fim do inverno... Até o fim da guerra...

Lembrava-se surpreendida do prazer que sentira na noite anterior, ao evocar com Françoise os momentos felizes de sua infância. Durante alguns instantes, tinham descoberto entre si uma cumplicidade que até ali não haviam notado. Deixaram-se com a impressão de terem se reencontrado; no entanto, evitavam cuidadosamente o assunto que preocupava a ambas:

o nascimento da criança e o futuro de Françoise.

Bateram à porta. Era Estelle com uma bandeja do café da manhã.

— O quê? Açúcar de verdade! — exclamou Léa, levantando-se. — Como conseguiu?

— É a primeira vez em três meses. Em sua honra! Conseguimos arranjá-lo graças a um amigo da senhora Muistein, um escritor, segundo parece.

— Raphael Mahl?...

— Sim, é isso mesmo. Um senhor de maus modos. Outro dia avistei- o na esplanada Deux Margots com um jovem oficial alemão, que ele abraçava pela cintura e lhe falava ao ouvido. Todos se desviavam deles com vergonha.

Léa dissimulou um sorriso que a velha criada não teria compreendido.

— Eu contei a cena às senhoras, dizendo-lhes que nunca mais deviam receber semelhante pessoa — continuou Estelle. — A senhora Lisa respondeu-me que eu via o mal em toda parte,

que o senhor Mahl era um perfeito cavalheiro e que graças a ele não se morria completamente de fome. Quanto à senhora Albertine, disse-me que não podíamos confiar nas aparências. O que a senhorita pensa disso?

— Conheço pouco o senhor Mahl, Estelle. Mas mesmo assim direi às minhas tias que têm de ser prudentes com tal personagem.

— Pus uma vasilha de água quente no banheiro e acendi o radiador elétrico. Não aquece muito, mas sempre descongela a atmosfera.

— Obrigada, Estelle, eu tomaria um banho...

— Um banho! Há meses que a banheira não se enche. As senhoras vão ao banho público uma vez por semana.

— Ah! Gostaria de vê-las, não devem sequer despir-se para entrar na água.

— Não é gentil zombar, senhorita Léa. A vida aqui é dura. Temos frio, temos fome. E também temos medo.

— De que vocês têm medo? Não arriscam grande coisa.

— Quem sabe, senhorita? Lembra-se da senhora do primeiro andar com quem suas tias às vezes tomavam chá?...

— A senhora Lévy?

— Sim. Pois bem, os alemães vieram prendê-la. Ela estava doente e eles a tiraram da cama e a levaram de camisola. Dona Albertine avisou o senhor Tavernier...

— Tavernier?..

— ...para lhe pedir para averiguar.

— E então?...

— Quando ele chegou, alguns dias depois, estava muito pálido, com um ar que dava medo.

— E que disse ele?

— Que a tinham levado para Drancy, depois dali para um campo na Alemanha com mil outras pessoas, principalmente mulheres e crianças. Depois da partida da senhora Lévy, o apartamento está ocupado por uma atriz que leva boa vida e que recebe oficiais alemães. Fazem uma algazarra dos diabos. Ninguém se atreve a reclamar, com medo das represálias.

— Quando é que o senhor Tavernier veio aqui pela última vez?

— Há mais ou menos três semanas. Foi ele quem insistiu com as suas tias para que recebessem Françoise aqui em casa.

Léa sentiu as pancadas do coração se acelerarem, François ocupava-se das tias e da irmã...

— Vou deixá-la, senhorita. Parece que na rua deBuci vai haver uma chegada de peixe ao meio-dia. E preciso que eu não chegue tarde demais se não quiser só espinhas.

Léa vestiu-se, rápida, colocou sobre a camisola de lã um casaco preto e uma saia, calçou

meias grossas e assim, ridiculamente trajada, foi até o quarto da irmã.

Sentada na cama, enrolada em casacos e xales cor-de-rosa que realçavam sua tez, Françoise, com um rosto mais calmo, cuidadosamente penteada, olhava para Léa, sorrindo.

— Bom-dia, dormiu bem? — perguntou. — Eu há muitos meses que não dormia tão bem. Graças a você.

Sem responder, Léa beijou-a.

— Ainda bem que você está aqui. Vou me restabelecer depressa. Não quero faltar à estréia da peça de Henry de Montherlant: “A Rainha Morta”.

— Quando será?

— Em oito de dezembro, na Comédia Française.

— Oito de dezembro! Mas é depois de amanhã!

E então? O bebê só chega daqui a um mês e eu me sinto muito bem.

Esperar um bebê não é uma doença. Verá quando chegar a sua vez.

— Nunca, espero.

— Por quê? É tão maravilhoso esperar um filho do homem que se ama.

Diante do rosto fechado de Léa, Françoise compreendeu que tinha ido longe demais. Corou, ao baixar a cabeça. Depois, usando de toda a coragem, ergueu o olhar e disse com uma voz trêmula:

— Seio que pensa. Tentei convencer-me de que havia feito mal em amar Otto. Mas não consegui. Tudo nele me agrada: sua bondade, seu amor pela música, seu talento, sua coragem, mesmo sendo alemão. A única coisa que desejo é que a guerra acabe. Compreende, não é verdade?

Tente compreender.

Léa não conseguia pensar naquela situação com calma e coerência.

Dentro de si, qualquer coisa de profundo se revoltava contra aquele amor que a chocava. Ao mesmo tempo compreendia muito bem tudo o que Otto e Françoise tinham de comum. Se não fosse alemão, teria sido um bom cunhado, encantador.

— O que você pretende fazer? perguntou.

— Casar com ele logo que chegue de Berlim e que obtenha autorização de seus chefes. Promete-me assistir ao meu casamento? Eu te peço, promete-me?

— Tudo dependerá da ocasião. Se for durante as vindimas ou na primavera, não poderei.

Vai arranjar tudo — disse Françoise, sorrindo, feliz por não ter recebido uma recusa formal. — Otto é maravilhoso, escreve-me todos os dias, e tem tantos cuidados comigo e com o bebê. Deixou-me aos cuidados de Frederic Hanke. Deve se lembrar dele, ajudou-a no parto de Camille.

— Sim, em caso de necessidade, ele sempre poderá substituir a parteira.

Isto foi dito com uma ironia tão maldosa que Françoise não pôde conter as lágrimas. Léa envergonhou-se de sua brutalidade. Talvez tivesse pedido perdão à irmã se naquele momento não tivesse entrado tia Albertine.

— Léa, chamam-na ao telefone... Françoise?... Que tem?

— Nada, minha tia, um pouco de cansaço.

— Alô! Quem fala?

— É você mesma, Léa Delmas?

— Sim, sou eu. Quem fala?

— Não me reconhece realmente? Não tem bom ouvido?

— Não. Diga-me quem é, ou eu desligo.

— Sempre desenvolta, estou vendo. Vamos, minha amiga, faça um pequeno esforço.

— Não tenho vontade de fazer esforços, e acho este gênero de brincadeira muito estúpido.

— Não desligue. Lembra-se de Chapon Fin, das cerejas de Mandei, da Petite Gironde, da igreja de Sainte-Eulalie, da rua de Saint Genés...

— Raphael!

— Levou tempo!

— Desculpe-me, mas tenho horror a esses mistérios telefônicos. Como é que soube que eu estava em Paris?

— Estou sempre muito bem informado sobre tudo o que diz respeito aos amigos. Quando é que nos vemos?

— Não sei, acabo de chegar.

— Passo aí às cinco horas para o chá. Não se incomode com nada, levo tudo o que for preciso. Contenta-se em ferver a água.

— Mas...

— Como está sua encantadora irmã e as suas tias?... Dê-lhes os meus cumprimentos. E até logo, minha amiga. Eu me alegro por voltar a vê-la.

Raphael Mahl desligou, deixando Léa espantadíssima. Como teria ele sabido? Estremeceu da cabeça aos pés, sentindo um grande mal-estar.

— Não fique aí parada nesse saguão gelado, vai apanhar um resfriado, minha querida.

A voz de Lisa a fez sobressaltar-se.

— Há quanto tempo viram Raphael Mahl?

— Não me lembro. Talvez há uns quinze dias.

— Nessa ocasião ele viu Françoise?

— Não, ela chegou no dia seguinte à sua visita e depois disso ainda não saiu daqui. Mas para que todas essas perguntas?

— Foi Raphael Mahl quem me telefonou, e eu me perguntava como ele sabe que estou em Paris.

— Foi por acaso.

Com alguém como ele, não acredito no acaso. Lisa encolheu os ombros num gesto de indiferença.

— Ah! Esqueci-me, ele vem para o chá.

Mas não temos nada.

Ele disse que, excluindo a água, trazia tudo.

Mal acabavam de soar cinco horas no relógio da sala quando a campainha da porta retiniu. Estelle, que vestia sobre a blusa de sempre um impecável avental branco com babados, foi abrir a porta. Meio escondido por um monte de embrulhos cheios de fitas, Raphael Mahl entrou.

— Depressa, querida Estelle, ajude-me, senão todas as guloseimas vão cair no tapete.

Resmungando, a criada o ajudou.

— Raphael, está estupendo!

— Léa!

Antes de avançarem um para o outro, olharam-se longamente, como se o olhar quisesse abarcar, de uma só vez, todos os detalhes.

Tudo os opunha — sua concepção de vida, da amizade, do amor — , mas uma atração amigável contra a qual não lutavam, os atraía um para o outro. Dos dois, era Raphael quem se levantava mais interrogações sobre aquilo que ele chamava “a parte de si mesmo não atingida pela podridão”. Ele, o trapaceiro, o mentiroso, o ladrão, o informante da polícia, o colaborador da Gestapo, o judeu, o cronista ocasional de Je Suis Partout, de Gringoire, do Pilon e dos Nouveaux Temps! Seu anti-semitismo quase chocava os eminentes diretores e redatores dessas publicações, que apesar disso tinham por profissão, “troçar do judeu”...

Sentia-se, diante de Léa, como o irmão mais velho que quer proteger a irmãzinha contra as imundícies da vida.

— Linda amiga, o que você faz para me encantar os olhos e a alma cada vez que a vejo?

Ela riu, com aquele riso um tanto rouco que perturbava homens e aborrecia as mulheres, e beijou-o no rosto.

— Tenho certeza de que estou errada, mas gosto de tornar a vê-lo.

Por que será que na mesma frase diz uma coisa agradável e outra não? Vamos, sou um bom príncipe, só recordo o agradável. Dizia, ao ver-me entrar, que me achava estupendo? Estou numa elegância, não é verdade?... Mas do que mais me orgulho é dos meus sapatos. Nada mal, não acha? Custaram-me uma fortuna. Mande-os fazer sob medida no Hermès.

— Onde foi buscar tanto dinheiro? Com certeza assaltou alguma velhota, ou vendeu o corpo a algum capitão alemão, rosado e gordo, ou prostituiu algum de segunda classe, de pele tenra?

— Não anda muito longe. Que quer, querida amiga, o homem cria uma felicidade à sua medida, e o mais das vezes o dinheiro é sua pequena medida... Tendo constatado que sem dinheiro a felicidade, enfim, a pobre felicidade que sou susceptível de encarar, me fugiria, decidi arranjá-lo. Nada mais fácil neste momento. Tudo está à venda: os corpos e as consciências. Eu, segundo as circunstâncias, vendo ora um ora outro ou ambas as coisas se o comprador é generoso.

— Você é ignóbil. — - O bem é tão imperfeito que deixou de me interessar. É um grande erro, minha querida amiga, considerar que o homem é um ser razoável. O poder de pensar não confere razão. Sempre tive a convicção de que sentir prazer por coisas razoáveis era o princípio da mediocridade. É preciso que um dia escreva o “Elogio da Mediocridade”. Isso fará sensação no reino das letras. Enquanto espero a elaboração dessa obra- prima, permita que vá cumprimentar as suas tias e sua irmã.

No quarto de Françoise, numa mesinha redonda, coberta com uma toalha bordada, estava posto o serviço de chá dos grandes dias.

— Esvaziou todas as padarias e doceiras de Paris exclamou Léa ao entrar no quarto, diante dos pratos cheios de chocolates, de “petits fours” de doces e frutas cristalizadas.

— Não está longe da verdade, tive um trabalhão para arranjar tudo isso; os “petits fours” cobertos de açúcar são de Lamoureux, na rua de Saint-Sulpice, os de creme do Guerbois, na rua de Sèvres, o bolo de chocolate, claro, foi de Bourdalouse, os salgados de Galpin, na rua do Bac, e o resto no Debauve, e no Galais, rua dos Saints-Pères, “fornecedores dos antigos reis de França!”.

— Nós também, antes da guerra, nos abastecíamos em todos eles — suspirou Lisa, com um olhar de cobiça para tanta guloseima.

— Quanto ao chá — continuou Raphael, tirando do bolso uma caixa — foi-me trazido da Rússia por um dos meus amigos. É delicioso, forte e perfumado. Vocês me dirão.

— Muito obrigada, senhor Mahl, está nos mimando. Como poderemos agradecer-lhe tanta coisa boa?

— Comendo-as, minhas senhoras.

Durante alguns minutos só se ouvia o barulho do mastigar. Françoise foi a primeira a declarar que não podia comer mais nada, logo seguida por Albertine e Raphael. Apenas Lisa e Léa continuavam a se empanturrar.

Suas mãos iam da mesa à boca com uma rapidez prodigiosa. A tia e a sobrinha eram como duas garotas mal-educadas cujos dedos e o rosto lambuzados mostravam a sofreguidão. A sonora gargalhada de Raphael Mahl sobressaltou-as. Inquietas, olharam em volta como se temessem que lhes levassem o resto dos doces.

— Não tem vergonha, Lisa? disse Albertine num tom falsamente severo.

Corando, baixou a cabeça.

— Se deixassem, você sequer pensaria na pobre Estelle — continuou a irmã sem rodeios.

— Tinha fome. Perdoe-me. Você tem razão, vou levar-lhe um prato.

Não é preciso que se zangue. É tão bom — exclamou ela com um ar tão contrito que todos desataram a rir, inclusive a própria Albertine.

Já tinha caído a noite quando Raphael Mahl se despediu. Léa acompanhou-o até à porta.

— Preciso vê-la a sós. Podemos almoçar amanhã?

— Não sei nada. Você me dá medo... Não consigo acreditar que seja tão mau como me diz e, no entanto, uma estranha repulsa me diz que devo desconfiar de você.

— Oh! Como tem razão, minha amiga. Nunca desconfiará suficientemente de mim. Eu já lhe disse, creio, que só se trai aqueles que amamos. Sou um apaixonado pelas Sagradas Escrituras, e não a surpreenderei se disser que Judas é meu personagem preferido, meu amigo, meu irmão, meu sócia. Aquele por quem todo o mal devia vir; aquele que não tinha escolha para que se realizasse o que estava escrito. Ele, o mais inteligente, o intelectual do grupo, devia trair aquele que amava com amor. E, por esse ato para o qual estava destinado desde toda a eternidade, Judas, o discípulo, Judas, o traidor, está condenado até o fim dos tempos. É injusto, não acha?

— Não sei. Judas nunca me apaixonou.

— Pois é pena. É o único verdadeiramente interessante dentre os doze, com exceção daquele simpático João, com sua cara de anjo, o companheiro preferido de Jesus, o amiguinho venceu ele, diante do olhar interrogativo de Léa. — Pois, como sabe, eles eram tão maricas como loucos.

— Você é que é louco.

— E pederasta.

— Se minhas tias o ouvissem blasfemar assim, nunca mais o deixariam entrar.

— Então vou calar-me. Adoro a companhia das velhas senhoras. Da espécie feminina, são as únicas suportáveis. A exceção de você e de minha amiga Sarah Mulstein. A propósito, tem notícias dela? Há dias e dias que nada sei a seu respeito.

Era então aí que queria chegar... Léa estremeceu, um gosto nauseabundo na boca. Foi seca e rapidamente que respondeu:

— Também não sei de nada.

— Mas está com frio! Sou um animal em retê-la neste saguão glacial.

Vá aquecer-se junto de sua simpática irmã. Conhece seu futuro esposo?

Um homem de uma grande cultura, com grande futuro pela frente. Uma aliança dessas é o que há de mais útil no momento. Seu tio dominicano irá fazer esse casamento?

Um pavor abjeto passou por Léa.

— Minha querida, está batendo os dentes... está tão pálida.., será minha culpa se adoecer. Deve estar com febre.

Raphael com toda a solicitude tomou-lhe o pulso.

— Não me toque, sinto-me bem — exclamou ela, arrancando com violência a mão daquele falador.

— Até amanhã, querida amiga, telefonarei ao fim da manhã. Até lá repouse porque precisa, senão os seus nervos podem lhe pregar uma peça.

Capítulo 3

NO DIA SEGUINTE, Léa saiu muito cedo da rua da Universidade para não estar quando Raphael telefonasse.

Tinha passado mal a noite, relembrando incessantemente as palavras de Raphael, uma ameaça para os seus amigos e sua família. Tinha absolutamente de prevenir Sarah Mulstein e o tio Adrien Delmas. O desconhecimento do local onde se encontravam e o receio de cometer uma imprudência causavam-lhe uma angústia delirante. Quem poderia saber onde Sarah e o dominicano estavam escondidos? François: François Tavernier, com certeza.

No dia do enterro de seu pai, ele a tinha feito decorar um endereço onde ela poderia encontrá-lo ou deixar-lhe um recado, em caso de urgência.

Naquele momento, pensara que ele podia esperar que ela viesse encontrá-lo em Paris, e se apressou em esquecer o endereço. Que dissera ele?... Perto da Etoile. Avenida..., avenida..., parecia estar na ponta da língua. Um general do Império ou um marechal: Hoche Kléber, Marceau, Kléber... Kléber, era isso mesmo: avenida Kléber... número 32, avenida Kléber. Levantou-se para anotá-lo com medo de esquecê-lo de novo e adormeceu em seguida, pensando: “É preciso que amanhã mesmo queime este endereço.”

Estava um dia bonito mas frio. Léa caminhava na avenida Raspail com um passo rápido em direção ao cruzamento Sévres Babylone, confortavelmente aquecida no suntuoso casaco de vison que Françoise lhe emprestara, os cabelos escondidos sob uma boina da mesma pele, calçada com botas forradas, um pouco grandes para ela.

Os raros pedestres, o mais pobremente vestidos, fitavam aquela jovem elegante que parecia zombar das restrições e do frio. Encantada por encostar o rosto àquele pêlo sedoso, Léa nem notava os olhares hostis ou cheios de desprezo. Caminhou mais devagar diante da livraria Gallimard. O jovem moreno que apreciava os romances de Marcel Aymé, arrumava os livros na vitrine. Seus olhares se cruzaram, ele reconheceu-a e sorriu, enquanto lhe mostrava o livro que tinha na mão:

o autor era Raphael Mahl. “Gide”, leu ela na capa. Este “encontro” reavivou sua angústia. Apressou o passo. Ao passar em frente do apartamento de Camille e de Laurent, abandonado no pânico de junho de 40, ela só teve um olhar indiferente.

As bandeiras e insígnias nazis flutuavam na fachada do hotel Lutécia, ornamentos lúgubres, chocantes naquele belo dia de sol. Nos degraus da entrada, muita gente discutia, rodeando dois oficiais alemães’.

Entre eles..., não, não era possível. Para se certificar, Léa atravessou e forçou-se a diminuir o passo diante do grupo. Não se enganara. Era mesmo François Tavernier, que parecia muito bem, junto daqueles dois alemães.

Com as pernas bambas, Léa sentiu-se mergulhar no desgosto. As lágrimas rolaram pelo seu

rosto, sem que pudesse contê-las, O cúmulo da humilhação: chorar diante daquele malandro e seus sinistros companheiros.

— Aqui está uma linda senhora que tem todo o ar de ter um grande desgosto — disse um dos oficiais ao notar a moça.

François Tavernier seguiu o olhar do interlocutor. Não era possível...

era mesmo ela: a única mulher que conhecia capaz de ficar bonita mesmo chorando.

— Desculpem, meus senhores, é minha irmãzinha. Perdeu seu cãozinho, comove-se com tudo.

— Grande farsante — disse um dos civis, batendo-lhe no ombro.

— Mais uma das suas conquistas. Bravo, meu caro, tem muito bom gosto.

Que frescura. Deveria ter vergonha de guardar uma beleza destas só para si. Leve-a a um dos nossos jantares.

— Não deixarei de fazê-lo. Desculpem-me, meus senhores. Até já.

Desceu rapidamente as escadas, agarrou o braço de Léa e levou-a consigo.

— Por favor, faça um ar natural, estão nos observando.

Durante algum tempo caminharam em silêncio, atravessaram a rua do Cherche-Midi e subiram a rua Assas.

— Largue-me, posso andar sozinha.

François obedeceu.

— Sempre o mesmo jeito simpático. Estou feliz por ver que você não mudou e constato, com prazer, que sua situação material parece ter melhorado.

Esta suntuosa pele-lhe fica admiravelmente bem.

Léa encolheu os ombros sem responder.

— Mas não é toalete para uma moça decente. Só as mulheres ou amantes de traficantes do mercado negro, algumas atrizes ou meretrizes dos alemães é que ousam vestir-se assim.

Léa corou e só encontrou uma triste saída de que logo se arrependeu:

— Não é meu. Pedi-o emprestado a minha irmã.

François esboçou um sorriso.

— Que faz em Paris?... Porque estava chorando?

— Que importância tem isso?

Ele parou e, agarrando-a por um braço, obrigou-a a olhá-lo.

— Não sabe, minha tontinha, que tudo o que lhe diz respeito é importante para mim?

Por que aquelas palavras abrandaram seu desgosto? Docemente afastou-se e, na caminhada, chegaram diante das grades do Luxembourg.

— Venha, vamos entrar. Estaremos mais à vontade para conversarmos.

Junto do lago, garotos de boné e cachecol de lã corriam com grande gritaria, vigiados por senhoras que batiam com os pés e as mãos tentando aquecer-se.

— Diga-me agora por que está em Paris.

— Por causa da minha irmã Françoise. A saúde dela não é boa...

— É normal, no estado em que está.

— Sem dúvida. Mas a ansiedade de minhas tias era tanta, que tomei o primeiro trem. Mas não penso em demorar-me. Assim que saio de Montillac, temo que aconteça qualquer coisa.

— Tem tido notícias de Laurent d'Argilat?

— Não, desde a execução dos reféns, em Sourges, dia 21 de setembro.

— Consegui vê-lo pouco tempo depois. Não se consolava por não ter conseguido salvá-los — disse Tavernier, retomando o braço de Léa.

— Que podia ele fazer?

— Ele conhecia perfeitamente o campo de Mérignac, onde os alemães foram buscar os reféns.

— Como ele conhecia esse lugar?

— Pouco tempo depois do enterro do seu pai, ele foi apanhado numa rede, na rua de Saint-Catherine, em Bordéus. Seus papéis falsos estavam em ordem. Sem motivo, internaram-no no campo de Mérignac. Três dias depois evadia-se e levava consigo um plano pormenorizado do campo, assim como alguns contatos que poderiam ser úteis. Quando soube que setenta pessoas apanhadas ao acaso iam ser fuziladas em represália pelos atentados cometidos em Paris, tentou montar uma operação com o padre Lassere e alguns companheiros de seu grupo. Deviam interceptar os caminhões que transportavam os reféns, abater os guardas e libertar os prisioneiros. No último momento, foi dada ordem para não fazerem nada.

— E quem deu essa ordem?

— Não sei. Talvez Londres.

— É absurdo.

— Em política, são muitas vezes as coisas que parecem absurdas que têm força de lei.

Olhando-a bem nos olhos, disse repentinamente:

— Estou com vontade de beijá-la.

— Não, antes que eu saiba a verdade sobre as suas relações com seus “amigos” do hotel Lutécia.

— Não quero falar nisso, são coisas que vale mais para você e para todos nós ignorar.

— Há pouco tive um choque quando o vi em sua companhia. Ia justamente à sua procura no endereço que me havia dado.

— Ao número 32 da avenida Kléber?

— Sim.

— Agradeça aos seus “amigos alemães”, como diz: sem este encontro, teria ido lançar-se na boca do lobo. Não estou muito convencido de que pudesse salvar-se apesar das minhas relações e amizade com Otto Abetz.

— O embaixador da Alemanha?

— Sim, recorda-se de que nos encontramos em casa dele, onde dançamos?

Esqueceu-se de nossa dança?

Tinham-se encostado à balaustrada que dava para os gramados cultivados e para o tanque, voltando as costas ao quiosque de música. Na luz invernical, o palácio do Senado, protegido por sacos de areia, tinha todo o ar de um castelo adormecido, guardado por árvores sombrias cujos braços descarnados se elevavam para o céu, num movimento de ameaça ou de súplica. Atrás deles, um jardineiro empurrava um carrinho cheio de cenouras, rabanetes e nabos. O chiar da roda fê-los se voltarem.

— Que faz ele aqui com todos estes legumes? — perguntou Léa, espantada.

— Não sabia que o jardim de Luxembourg foi transformado em horta?

— Não é má idéia — disse ela com um ar tão sério que François caiu na risada.

— Não, não é má idéia, embora eu pergunte quem aproveita estas culturas hortícolas. Ainda não me disse por que me procurava.

— Tudo isso é para mim tão confuso. Quem é você? Homem de confiança dos alemães ou dos franceses? O amigo de Otto Abetz ou de Sarah Mulstein?

— Ainda é cedo demais para responder. Apenas uma coisa: nunca, por minha culpa, lhe acontecerá nada de mal. Pode me dizer tudo.

— Tem notícias de Sarah?

— Se souber alguma coisa diga-me. Ela está em perigo a toda hora.

O olhar de Léa tentava em vão perscrutar o segredo de François.

Apesar do casaco de pele, tremia.

Ele puxou-a para si e percorreu com beijos suas faces geladas. Léa teve a impressão de que esperava por esse momento, desde que o avistara na escadaria do Lutécia. Quando por fim seus lábios se uniram, sentiu um calor de felicidade a invadir, e seu corpo foi ao encontro do seu amigo.

— Meu bichinho, minha femeazinha, não mudou. Como podemos viver tanto tempo separados?

Aquela mão que deslizava sob seu pulôver e tomava posse de seus seios era ao mesmo tempo fria e escaldante, e beliscava as pontas rígidas.

— Philippe! Marianne! ... não olhem... É indecente... Diante das crianças!... Não têm

vergonha? — exclamou uma mulher vestida de enfermeira, empurrando um carrinho à sua frente e apressando dois garotos de uns quatro ou cinco anos.

Quando por fim se aperceberam de sua presença, seus olhares que não a viam, seus sorrisos dirigidos um para o outro fizeram-nos baixar a cabeça e, voltando-se, apressaram o passo.

Esta senhora tem razão, este lugar não é conveniente. Vamos almoçar em casa de minha amiga Marthe Andrieu, é perto daqui:

— Marthe Andrieu?

A dona do restaurante clandestino da rua Saint-Jacques.

Ao saírem do jardim, policiais franceses em trajes civis pediram-lhes os documentos. Controle de rotina, certamente. Deixaram-nos passar sem lhes fazer nenhuma pergunta.

— Que procuram eles? — perguntou Léa, enquanto atravessavam a avenida Saint-Michel.

— Terroristas, judeus, comunistas, gaullistas...

— Quando os prendem, que lhes fazem?

— Isso depende dos policiais, mas, em geral, preferem desembaraçar-se deles. Entregam-nos à Gestapo, que segundo os casos, os tortura, deporta ou os mata. — - Se Sarah fosse presa, que lhe fariam?

— A última vez que a vi, pertencia a um grupo de resistência que se especializara na passagem de judeus para a zona livre.

— E agora?

— Agora, mais do que nunca, receio por ela. Se eles sabem que pertence à Resistência, vão torturá-la. Tal como a conheço não falará, portanto morrerá.

Cabeça baixa, boca cerrada, François Tavernier apressou o passo.

Agarrada a seu braço, Léa teve de dar duas grandes passadas para acompanhar seu ritmo. Adivinhava a tensão de seu amigo e estava inquieta.

Diante deles, o Panteão erguia-se para o céu cada vez mais ameaçador, enquanto rajadas de vento frio faziam levantar a poeira da rua Soufflot.

Um grupo de estudantes, com roupas curtas, a maioria delas com saias escocesas plissadas, canadenses ou impermeáveis, de cabeça e pernas nuas, calçadas com grossos sapatos e meias de lã angorá, de cores vivas, empurraram-nos rindo.

— É preciso encontrá-la.

— Quem?

— Sarah. Também eu temo por ela. Ontem, Raphael Mahl foi à casa de minhas tias. Perguntou-me se eu sabia dela.

— Não vejo nisso nada de alarmante. Sarah e ele conhecem-se há muito tempo e sabe bem como ela é indulgente com ele.

— Também sou indulgente com ele. Apesar de tudo, ele me diverte e me faz rir. _Mas aqui... agora, sinto-o,..., como explicar..., como descontrolado.

E isso: ele já não controla a parte má que há nele. Sinto isso, compreenda, sinto-o... Não posso explicar de outra maneira.

— Não houve mais nada que a tivesse alarmado?

Léa baixou a cabeça, sentindo-se impotente para explicar sua angústia.

Tinha a certeza de que por causa de Raphael Mahl iria acontecer a Sarah qualquer coisa de pavoroso.

— Perguntou-me se meu tio Adrien viria abençoar o casamento da minha irmã e de... do...

Tavernier veio em seu socorro:

— Sturmbahnführer Kramer. Em outras circunstâncias esse casamento seria perfeito para sua irmã. O que há de mais harmonioso do que um casal de melômanos? Infelizmente o comandante Kramer não é apenas músico, mas um oficial das S.S. Posso mesmo afirmar-lhe que ele é muito estimado pelos seus superiores, embora tenham suspeitado de se ter oferecido como voluntário apenas para satisfazer seu velho pai doente, grande amigo do chefe das S.S., Heinrich Himmler. Igualmente protegido por outro amigo do pai, o famoso Paul Hausser que criou a escola de oficiais da S.S. e pôde, graças a ele, consagrar muitas horas por dia à música. Fiquei surpreso, quando soube que ele esperava casar-se com sua irmã.

Nunca o velho Kramer lhe dará sua autorização.

— Mas então que vai ser de Françoise?

A chegada junto do edifício da rua Saint-Jacque, onde se localizava o restaurante clandestino de Marthe Andrieu, dispensou uma resposta imediata.

Como da última vez, o acolhimento foi caloroso, mas a dona do restaurante tinha os olhos vermelhos.

— O que aconteceu, Marthe? Foram as cebolas que a fizeram chorar?

— Não, senhor François — disse ela, limpando o rosto inundado de lágrimas —, é por causa de René.

— Que lhe aconteceu? Parecia estar ótimo.

— Querem mandá-lo para a Alemanha.

René aproximou-se com um prato na mão.

— Mãe, tenha calma. Os clientes vão perguntar o que acontece.

— Pouco me importa o que eles pensam. O que eu não quero é que você vá.

François Tavernier levantou-se e tomou-a pelos ombros.

— Venha comigo à cozinha contar-me tudo isso. Desculpe-me, Léa.

— Venha comigo, senhorita, vou arranjar-lhe uma mesa — disse René, levando-a consigo.

Enquanto bebia um copo de vinho branco, Léa olhava à sua volta, perguntando-se onde haveria gente que pudesse oferecer-se o luxo de comer em lugares como aquele. Desde que estivera ali, os preços tinham subido vertiginosamente. Os homens estavam confortavelmente vestidos, já não muitos novos, com um ar mais ou menos saciado. As mulheres usavam chapéus e mostravam aquele ar de vaidade satisfeita, completamente insuportável. Nas costas das cadeiras estavam pousados os seus casacos de peles. Léa reparou que, com o casaco da irmã, se assemelhava a elas.

Isso pareceu-lhe odioso. Talvez tivesse partido se nessa ocasião François não tivesse voltado, com ar preocupado...

— Alguma coisa não corre bem?

— Ouviu o que era. René tem de partir para a S.T.O. Aconselhei- o a ir.

— Fala a sério?

— Muito sério. Se não se apresentar, a polícia virá aqui, e os pais dele vão ter problemas.

— Mas vai fazer qualquer coisa por ele?

— Vou tentar. Mas isso torna-se cada vez mais difícil. Os alemães reclamaram para este trimestre duzentos e cinquenta mil homens, e pedem outro tanto para o trimestre de 43.

François Tavernier lançou um rápido olhar à sua volta e continuou num tom mais baixo.

— Falemos de outra coisa. Como está Camille?

— Bem, ela me ajuda muito a cuidar de Montillac.

— Fayard, o homem da adega, voltou à carga? Continua a ter pretensões à propriedade?

— Não voltou a falar nisso, mas ando desconfiada; tenho a impressão de que ele espia todos os nossos gestos. Quando lhe pergunto se tem notícias de Mathias, olha para mim com um ar esquisito e volta-me as costas, resmungando. Não me perdoa a partida do filho para a Alemanha.

Os ovos fritos com trufas que Marthe lhes trouxe estavam uma maravilha.

Um casal estranho entrou na sala. Ele, de estatura média, vestindo um sobretudo com gola de peles, abotoado às avessas, com um ar estúpido, desmentido por dois olhinhos duros e inteligentes; ela, muito elegante, vestindo um suntuoso casaco de pantera, tendo a cabeça coberta com um grande turbante de veludo preto.

Marcel e Marthe dirigiram-se logo a eles e instalaram-nos com todas as deferências. A mulher agradeceu com um maneio de cabeça à exagerada subserviência e deixou cair negligentemente a pele, mostrando os impecáveis saia e casaco preto e um colar de magníficas pérolas.

Léa não conseguia desviar o olhar daquela riqueza ostensiva.

— Léa, Léa...

— Sim — disse ela, despertando daquela contemplação.

— Não fite tanto essa gente... Marthe!

A cozinheira, que passava junto deles, parou.

— Quer alguma coisa, senhor?

— Sim, rapidamente a conta.

— Mas nós ainda não acabamos — exclamou Léa.

— Alguma coisa não vai bem, senhor François?

— Não, minha querida amiga, mas acabo de me lembrar que tenho um encontro importante, que pode ser útil para seu filho — acrescentou ele, baixando a voz diante de seu olhar contristado.

— Então, vamos — disse ela, dirigindo-se para a cozinha.

— Enfim, François, pode me explicar?

— Tarde demais...

O homem que tinha chegado levantou-se e dirigiu-se de mão estendida para François.

— Logo me pareceu que era o senhor Tavernier. Hélène tinha razão.

Estou vendo que também conhece os bons restaurantes. Tem de acrescentar outro endereço em sua agenda: o meu. Tenho, sem querer me gabar, a melhor mesa de Paris. Todos os dias recebo uns vinte amigos, espero que seja dos nossos. Está claro que esta sua amiga será muito bem-vinda.

Inclinou-se diante de Léa que lhe respondeu com um simples gesto de cabeça.

Marthe colocou a conta na mesa.

— Já se vai embora, senhor Tavernier?

Um encontro importante — disse François ao tirar as notas da carteira.

O homem procurou algo na carteira que tirou do casaco.

— Aqui tem o meu cartão de visita. Fixe bem o endereço: número 19 da rua de Presbourg. Todos os que atualmente se encontram em Paris freqüentam a minha casa... Encontrará lá o requinte da sociedade. Venha cumprimentar minha mulher antes de sair, senão ela nunca lhe perdoará e você bem sabe como Hélène é quando se zanga.

— Como, querido amigo, você poderia pensar um instante que não iria depor minhas homenagens aos pés da mulher mais encantadora de Paris? Vou com você.

François Tavernier pousou a mão no braço de Léa e disse-lhe com voz baixa:

Espere-me, é apenas um minuto.

De má vontade, Léa voltou a sentar-se.

— Tome, enquanto espera coma isto — disse Marthe colocando à sua frente uma torta de maçã.

Enquanto isso, Tavernier fazia salamaleques àquela bela senhora.

Como ele era ridículo com aqueles sorrisos e aqueles cumprimentos! Ela nem queria acreditar. Ele, que era normalmente discreto e distante, ali, parecia mesmo ter um ar obsequioso. Enfim, ele se decidiu a deixá-los e lembrar-se de sua existência.

— Vejo que não perdeu tempo — disse ele, designando as migalhas do bolo.

— Foi Marthe!

— Não a estou criticando.

— Era o que mais faltava! Se pudesse se ver, fazendo galanteios àquela velha megera... —
- Nem tanto! É muito injusta com aquela senhora. Vamos.

Na entrada encontraram-se Marthe e René, que tentava consolar a mãe.

— René, posso falar com você um instante?

— Claro, senhor François.

Entraram no quarto onde o filhinho de René e Jeanette dormia, no meio de chouriços, presuntos, conservas e legumes, que se empilhavam até ao teto.

— Quer levar uma mensagem às pessoas que estão na salinha que vocês reservam aos amigos?

— Eu os mandei para lá, porque vinham mandados pelo senhor.

— Fez bem. Perguntará pelo senhor Jacques Martel. Um homem moreno, com um rosto comum, vai lhe responder. Diga-lhe que os negócios não correm bem.

Já mandou reparar a porta do quarto que dá para a escada de serviço, e já instalou o quadro chinês parecido com os biombos?

— Sim, já fiz tudo isso sozinho, para que não me fizessem perguntas.

— A escada estava tapada. Abriu o acesso para as caves?

— Tudo está correto, mesmo o pó e a sujeira em que não toquei.

Nenhum vizinho notou a menor mudança.

— Perfeito. Obrigado, René. Pela primeira vez, essa saída vai servir.

São quatro, não é verdade?

— Sim.

— Que saiam com dois minutos de intervalo. Agora vá. Sobretudo que nenhum cliente o veja. Nisso está a segurança de nós todos. Ainda mais uma coisa: seja prudente na presença do senhor Michel e de seus amigos.

Que ele nunca suponha o que se passa por vezes aqui.

— Não receie nada, nem os meus pais estão ao corrente de coisa nenhuma.

Só Jeannette desconfia de qualquer coisa.

— Com ela não há o que temer. No entanto, por simples precaução, devia enviar o pequeno para o Lot.

— Já tinha pensado nisso. Irá o mais depressa possível.

— Vá depressa, René, e não se esqueça: Jacques Martel. Deve ser o segundo a sair.

— Até parece que se trata do próprio general De Gaulle. François Tavernier não disse nada, enquanto um fulgor de cumplicidade divertida passava em seu olhar...

René foi o primeiro a deixar o quarto do estoque. François, por sua vez, saiu do quarto depois de acariciar a cabeça da criança adormecida, sua afilhada.

Enquanto esperavam na cozinha, Marthe e Léa davam-se coragem uma à outra com açúcar molhado em aguardente de ameixa, fabricado pela família do lado de Limoges. Ao avaliar pelos olhos brilhantes, deviam ter molhado muitos pedaços em vários copinhos.

Tavernier parou no limiar da porta.

Léa falava com animação das “olhadelas escandalosas” de Hélène para François.

Ele aproximou-se e puxou-a por um braço. Sem se importar com seus protestos, levou-a pelo pequeno saguão e depois pelo patamar.

— Deixe-me, quero falar com aquela mulher. Reparou no olhar descabido com que o olhava? Era escandaloso. No entanto, ela viu bem que estava acompanhado. Que descaramento!..

Tinham chegado com certo esforço à entrada. François, a custo, continha o riso diante de Léa. De tal forma, seu rosto com a boina posta de lado era encantador em sua embriaguez encolerizada.

— Palavra, está fazendo uma cena! Está com ciúmes!

— Ciumenta? Eu? De quem? De quê?

— De mim, segundo me parece. — - De você? Está completamente louco! De você!... É para rir! Toma seus desejos por realidade..., confunde-me com as mulheres com quem anda habitualmente. Ciumenta!... Eu!... Você me faz rir...

Bruscamente ele puxou-a para si.

Cale-se. Vai dizer tolices... Fala-se sempre demais. Que me importa que esteja ou não com ciúmes. Para falar verdade, preferia que não estivesse.

Com ar rabugento, ela se apoiava ora num pé ora no outro, sem tentar escapar-lhe. Passou a língua pelos lábios secos. Este pequeno gesto foi um sinal, o sexo de François inchou e o ventre de Léa aproximou-se dele.

Seus lábios uniram-se com aquela fome que um grande amor ou uma grande abstinência provocam. Era o caso de Léa. Desde o dia do enterro de seu pai, nenhum homem, a não ser François, a tinha tocado.

Agarrada a ele, arquejava, pontuando seus beijos com gritinhos. Se fosse noite, François tê-la-ia possuído nesse mesmo instante, contra a parede suja da entrada do prédio, cuja alta porta

felizmente estava fechada.

Mas ali, a todo momento, alguém poderia entrar e os clientes do restaurante clandestino descerem.

Não sem custo, afastou-se do abraço da jovem.

— Ande, não fiquemos aqui. Vamos à minha casa.

— Não agora...

Vozes vindas da escada deram-lhe um pouco de lucidez. Sem resistir mais, deixou-se levar.

Léa acordou e espreguiçou-se longamente, resmungando. Sentia-se maravilhosamente bem, apesar das dores de cabeça que lhe martelavam as têmporas. Ergueu-se, e olhando em volta, escondeu os ombros nus no cobertor de lã do grande leito de lençóis amarrotados. Deu uma risadinha diante da desordem.

Que lugar esquisito. Parecia um mansarda, uma gruta ou uma tenda dos homens do deserto. Espessos cortinados de veludo de um vermelho bonito e escuro, presos às vigas do teto, caíam de cada lado da cama, a mais larga que ela já vira. Em frente deste leito de sibarita, ardia, numa grande lareira de madeira esculpida, um belo fogo. Diante dele, um belo tapete, sobre o qual estavam espalhadas almofadas e roupas. As chamas projetavam sombras movediças que se agarravam às vigas. Tudo era escuro fora dessa zona luminosa. As paredes do quarto iam se esbatendo até a mais negra escuridão.

— É como se estivesse suspensa no tempo e no espaço — disse ela em voz alta.

No silêncio, onde apenas se ouvia o crepitar do fogo, sua própria voz a trouxe à realidade.

"Deve ser isto o pecado", pensou ela. Esta idéia a fez rir, porque sua noção de pecado era das mais vagas desde a sua infância, apesar do catecismo que a mãe repetia todos os dias e dos sermões do tio Adrien que ouvira na catedral de Bordéus.

— Como está bonita assim — disse uma voz saída da penumbra.

— François, onde está escondido? Não o vejo.

A lâmpada de um abajur de opalina verde acendeu. Atrás dele estava sentado, diante de uma grande secretária cheia de livros e de papéis, François Tavernier. Levantou-se e aproximou-se da cama. Estava vestido com uma espécie de robe bordado, que acentuava a brutalidade de seus traços, dando-lhe um ar de bárbaro mongol.

— Que faz assim disfarçado?

— Oh, Léa, ... eu pensava seduzi-la com esta veste decadente.

Falhou. — - Onde arranjou isso? É bonito.

— Trouxe-o há muitos anos de uma viagem a Kaboul. Foi presente de um príncipe afgan. É um traje de cerimônia, usado antigamente pelos ministros. Esta vestimenta muito quente era feita para enfrentar climas rigorosos. Desde que começou a guerra, uso-o em casa durante o inverno.

— Foi também para lutar contra o frio que mandou colocar à volta da cama estes

cortinados?

— Sim. Quando terminei esta casa, percebi que reconstituí, na escala de adulto, o universo favorito de minha infância: a mesa da sala de jantar dos meus avós, que então me parecia imensa, e seu tapete vermelho estendido no chão, onde eu gostava de me imaginar beduíno, huno, senhor da guerra ou mercador de escravos.

Léa olhava para ele com tal espanto que o fez rir.

— Mas fui um menino como os outros.

— Sim — disse ela, rindo também. — Mas tenho certa dificuldade em imaginá-lo criança.

— Ainda uma coisa que nos diferencia; não me custa nada imaginar a garotinha que foi, ainda não há muito tempo, e que continua a ser em muitos aspectos.

Sentou-se junto dela, olhando-a com uma ternura que a comoveu.

Esponaneamente, ela abraçou-se a ele, esfregando o nariz em seu pescoço.

— — Gosto do seu cheiro.

Ele apertou-a ternamente, saboreando a primeira palavra amável, que para ele valia o mesmo que uma palavra de amor.

Naquele "gosto do seu cheiro" de uma mulher sensual, soava o "amo-te" de uma mulher apaixonada. Ele ali estava. Lúcido, não tinha nem mesmo vontade de zombar de si mesmo. Sabendo da fragilidade daquele momento e conhecendo a versatilidade de Léa, gozava aquele instante de felicidade e calava-se com receio de quebrar o encanto que os unia.

Soou o telefone.

Léa sobressaltou-se, levantando-se:

— Meu Deus! Já é noite!... Minhas tias vão ficar preocupadas.

— Não, eu as avisei de que estava comigo.

— Ah! Bem! — disse ela levantando-se, indiferente à sua nudez.

— Não responde?

— Não, hoje não estou para ninguém.

— Pode ser importante. Responda, peço-lhe.

Ele obedeceu devido ao tom receoso de Léa. Mas quando atendeu já não havia ninguém do outro lado.

Como está pálida, não pode afligir-se dessa maneira.

— Sim, tem razão, sou estúpida.

— Vou lhe preparar um banho, isso vai recompô-la.

— Um banho!...

— Sim, é raro poder prôpôr aos amigos tomar um banho. Não pense que é sempre assim.

Mas julgo que haverá água quente no depósito. Tome cuidado ou vai ficar resfriada.

Léa pegou o xale de lã que ele lhe estendia.

— Fique perto do fogo, que vou abrir a água e acender o radiador.

Quando ele voltou, Léa estava sentada, com os braços ao redor das pernas dobradas. François sentou-se à sua frente, encostado numa das paredes de borda da lareira.

— Não tem um cigarro?

Ele procurou no fundo das algibeiras e tirou um belo estojo.

— São ingleses, não se importa?

Sem responder, Léa pegou o cigarro e acendeu-o numa brasa incandescente que ele lhe apresentou numa pinça.

— Obrigada — disse ela, engolindo o fumo, de olhos fechados.

Ele também acendeu um. Durante um instante ficaram em silêncio.

— Quem era o homem que veio cumprimentá-lo em casa de Marthe?

François levou certo tempo para responder.

É um crápula, terrivelmente perigoso.

— No entanto, parece ter com ele as melhores relações.

— Na aparência, é verdade. Não posso fazer de outra maneira. Sou obrigado a freqüentar gente dessa ordem.

— Não compreendo.

— É preferível que não compreenda. Mas posso dizer-lhe quem ele é.

Chama-se Mandel Szkolnikoff, ou Sekolnikow, apátrida de origem russa, de uma família de comerciantes de tecidos, de Riga. Fornecedor do exército czarista, depois revolucionário, deixou a Rússia pela Alemanha antes de fugir da Holanda com a família, para escapar à sorte que os nazis reservam aos judeus. Depois, o encontramos em Bruxelas onde logo foi perseguido por um desfalque fraudulento. Omito os detalhes. Depois de uma ligeira condenação, instalou-se na França.

Separado da mulher, criou, em 1934, com um irmão, julgo eu, uma sociedade de compra e venda de tecidos na rua de Aboukir. Os negócios não foram bons e ele foi perseguido por fraude. Quando começou a guerra, era conhecido no meio dos negócios escusos pelo nome de Michel. Em 40, inquieto, julgando a situação de judeu e de apátrida perigosa, tomou como sócio o inspetor da polícia, encarregado de vigiá-lo e teve contatos com as autoridades alemãs para fazer negócios com elas.

Desde o mês de novembro, os negócios começaram e logo se tornaram excelentes. Os seus novos clientes mostraram-se muito satisfeitos com ele...

— Palavra! É um autêntico relatório que está me fazendo.

— Se a aborreço!

— Não, continue. Estou me instruindo.

— Graças às suas novas relações, escapa aos serviços de "Controle dos Preços" e à polícia francesa, mas, em maio de 41, um duro golpe, classificam sua sociedade como negócio judeu. Preferiu dissolvê-la. O que não o impede de continuar suas negociações... Venha, seu banho deve estar pronto.

Léa levantou-se e foi com ele até o banheiro.

Ela atirou o xale e enfiou-se na banheira com água quase fervendo.

— Ah! Que bom!...

François sentou-se na borda da banheira e, sem deixar de a olhar, continuou seu relato.

— Na mesma época, encontrou um fornecedor dos escritórios de compra alemão e faz negócios com ele. E uma mulher alemã, Elfrieda, chamada Hélène, casada com um comerciante judeu. Desta união irá nascer um formidável negócio de vigarices e de tráfico de toda a espécie. Compram tudo o que há para vender:

batatas, tecidos, medicamentos, perfumes, livros, peles, enfim, tudo o que lhes vêm propor, que revendem ao ocupante ou àqueles que podem pagar. Tornam-se deste modo um dos principais fornecedores da Kriegsmarine. Nesse momento, a chegada a Paris do Hauptsturmführer da S.S., Fritz Engelke, do Serviço Central da administração da S.S., vai permitir àquele casal lançar-se em negócios fenomenais. O recém-chegado instala-se na rua General Appert e na avenida Marceau.

Enfim, o s. S. no seu escritório de compras vai, por sua vez, participar na pilhagem das mercadorias francesas. Szkolnikoff pede a Otto, personagem de que talvez um dia venha a lhe falar, para o apresentar a Engelke. Depois dos primeiros negócios, de alguns bons jantares, os dois homens tornaram-se amigos inseparáveis. É assim que Szkolnikoff se tornou o comprador oficial da S.S. Aqui tem a personagem. Interessante, não acha?...

Léa tinha os olhos fechados. François não se cansava de a olhar.

Julgou-a adormecida. Estendeu a mão para tirar uma mecha de cabelos que lhe caía na testa. Abriu os olhos.

— Não me olhe dessa maneira. Lave-me. Lembra-se em Orleans, quando me lavou, debaixo dos bombardeios?

— Fique quieta.

— Por quê? Eu pensei muitas vezes nessa primeira vez. No início estava furiosa...

— E agora?...

— Isso depende dos dias. Tem sabão?

— Vou sacrificar o último sabonete, de Guerlain.

Tirou de uma gaveta o precioso sabonete que desembulhou.

— Deixe-me cheirar. Hum... como cheira bem... O que é? Não é nada másculo como perfume — disse ela ao lhe devolver.

— Na verdade, é Shalimar.

François esfregou o sabonete numa grande esponja e começou a lavar- lhe os lindos ombros.

— E decerto o perfume de uma de suas belas amigas — disse ela, num tom mais irritado do que desejava.

— Meu Deus! Ciumenta como é, lastimo o homem que virá a ser seu marido.

— Fique feliz! Não vai ser você...

— Isso, minha querida, é que não sabe...

— Ficaria muito admirada. Não gosto de você o bastante para isso.

Era idiota, mas o que aquela depravadinha o fazia sofrer!

— Ai! Tome cuidado, arranca-me a pele...

— Perdoe, estava pensando em outra coisa.

— Muito agradável! Estou aqui nas suas mãos e está pensando em outra coisa.

Amuada, voltou-lhe as costas, e afundou novamente na banheira.

Sem se importar em se molhar, ele agarrou-a, e retirou-a da água, saiu com ela do banheiro e a depôs brutalmente sobre as almofadas diante do fogo.

— Está louco? Vou me resfriar... Dê-me uma toalha...

Não se dignando a lhe responder, François retirou o robe com um gesto rápido. Nu, com o sexo hirto, de pernas abertas, dominou-a com todo o seu corpo. Léa não pôde reprimir um frêmito voluptuoso. Ele parecia o salteador que ela sonhava encontrar no meio do bosque das florestas das Landes, quando era pequena.

Levou a mão para o meio das pernas; François caiu de joelhos diante daquela mão crispada, abriu-lhe os dedos e pousou os lábios em seu lugar. Sob essa língua que a percorria, ela se arqueou para se oferecer melhor, O prazer surpreendeu-a com tal violência que a fez gritar e agarrar-se aos cabelos de seu amante.

A custo, ele ergueu a cabeça, contemplando, com uma felicidade que se estampava em seu rosto, o resultado perturbador de suas carícias. Depois, estendendo-se sobre ela, penetrou-a suavemente.

O frio despertou-os. Correram para se encolher sob o cobertor de vainha e tornaram a adormecer até a manhã seguinte.

Capítulo 4

ERA UMA GRANDE felicidade para Léa receber carta. Quando chegava uma, recostava-se no grande sofá da entrada, com as pernas encolhidas, os ombros cheios de xales e tomava muito cuidado para abrir o envelope. E se deliciava...

"Querida Léa Estou sentada à escrivaninha do grande salão que você conhece tão bem. Nós a aproximamos da lareira para aproveitar o calor. Os cepos da vinha lá fora estão negros, o céu sombrio, quase se pode dizer que vai nevar. A propriedade está como que adormecida há algumas semanas. Nós tentamos, a senhora Bouchardeau e eu, pôr as contas em ordem, mas em muita coisa tivemos que desistir por falta de informações. Fayard aceita tomar conta de tudo. Lamentamos que você não esteja aqui.

Ficamos um pouco inquietas ao saber por sua última carta do estado de Françoise. Esperamos que o bebê seja lindo e que não demore a vir ao nosso encontro neste mundo sinistro. Não há melhor presente e maior esperança que uma criancinha.

Charles, que aqui brinca no tapete, está maravilhoso. Cada dia nos encanta com suas descobertas e seus progressos. Eu lhe falo constantemente do pai e de você, para que ele não os esqueça e aprenda a conhecê-los. O Natal está próximo. Logo que adormece, Ruth e eu fabricamos para ele uns brinquedos as escondidas, com madeira compensada e pedaços de tecido. Que pena não podermos nos reunir todos... Tivemos algumas notícias de L. Continuamos sem o menor indício de onde ele se encontra, mais sabemos que a tarefa que decidiu empreender faz progressos diários, e que é cada vez maior o número dos que vêm trabalhar com ele.

Diga-me logo como está Françoise. Charles e eu a beijamos ternamente Camille" Léa ficava sempre um tanto agastada com a doçura de Camille, por aquela esperança que ela queria a todo o custo conservar, por aquela paixão pelo filho que lhe parecia misteriosa... Laurent estava bem. Ela tinha de se contentar com vagas notícias suas. Sabia que ele continuava a manter o seu diário e que sempre que podia fazia chegar alguns fragmentos a Camille, mas o risco era grande demais para os fazer circular.

Contentava-se, então, com essas vagas informações e esmiuçava os jornais do sudoeste que chegavam a Paris. Por detrás de cada ato de "terrorismo" via a mão de Laurent. Uma patrulha que era atacada, uma ponte que ia pelos ares, era Laurent; alguns prisioneiros libertos, sempre Laurent...

Dobrou a carta cuidadosamente, saltou do sofá e dirigiu-se, cantarolando, para a sala.

De manhã à noite Ver os Fridolins Estou farta De ouvir o rádio De ler os seus jornais Estou farta...

Ligou o rádio e tentou captar a B.B.C.

— Senhorita Léa, não cante essa canção, olhe que se os vizinhos a ouvem vamos ter

contratempos.

— Estelle, cale-se, não me deixa ouvir Londres.

— Bem sabe que é proibido.

— Tudo agora é proibido, abafa-se o país. Escuta, aqui estão; vai avisar as tias.

Estelle saiu resmungando, embandeirando-se em seus inúmeros xales, como uma estátua da reprovação.

"Hoje, 857? dia da Resistência Francesa à opressão. Honra e Pátria.

Franceses falam a franceses.

Mas o que estão fazendo Albertine e Lisa? Com certeza vão perder o começo. Há oitocentos e cinquenta e sete dias que aquilo durava!

O que é pavoroso é que toda a gente se acomodava. Acaba-se por se habituar ao frio, a fazer fila durante horas para ter um bocado de pão, a lavar-se só uma vez por semana, a comprar manteiga e carne no mercado negro, a encontrar os alemães na rua e a aceitar seja o que for como ração suplementar. Mesmo assim, de tempos em tempos, as pessoas revoltavam-se como aquelas mulheres da rua de Buci que quebraram a vitrine duma loja ECCO com latas de conserva. Estelle, que estava lá, nunca teve tanto medo na sua vida. "Se os tivesse visto, esses brutos policiais, batendo naquelas pobres mulheres! Embarcaram centenas nos carros dos legumes, algumas com os filhinhos agarrados as saias. Ah! Era triste ver isso! Felizmente que eu tinha uma amiga na rua de Saine e me escondi em sua casa. Parece que mataram uma mulher e outra foi levada para a Alemanha. Senhorita Léa, acredita serem possíveis tais coisas?" Que podia ela responder?

"Os soviéticos continuam ganhando terreno no setor sul. A retirada do VII Exército italiano, sem equipamento para enfrentar os rigores do inverno russo, transforma-se em debandada."

"Eis uma boa notícia", pensou Léa. Mas onde estarão elas? Nunca faltam a uma emissão.

— Oh! Meu Deus, meu Deus, que desgraça... — disse Lisa, entrando no salão.

Sem fôlego, deixou-se cair numa cadeira que rangeu com seu peso.

— O quê você tem?

Lisa apontou para a porta, articulando com dificuldade...

— Sua irmã...

— O quê? Minha irmã...

— O bebê!

— E tudo recomeça, e é ainda sobre mim que isso cai..., depois de Camille... agora é Françoise. Não há qualquer razão para que isso pare... Tenho vocação, encontrei-a, sou parteira...

— Minha querida, desligue esse rádio, dói-me a cabeça.

Avisaram o médico?

— Vai chegar. Por favor, vá ver sua irmã, ela a está chamando.

Pobre Françoise, desde a visita do capitão Frederic Hanke, o amigo de Otto Kramer, o "noivo", como o chamava pudicamente Lisa, não parava de chorar e de se agitar. Léa soubera por Frederic Hanke as razões daquele desgosto: os chefes do comandante Kramer tinham-lhe recusado autorização para se casar com uma francesa e, diante de sua insistência, tinham-no enviado para a frente Leste. Antes da partida, ele conseguira fazer chegar por Frederic uma carta a Françoise, onde lhe afirmava o seu amor, e lhe pedia para se comportar corajosamente como mulher de um soldado, e de nada fazer que pudesse comprometer a vida de seu filho. De resto, suplicava ao pai para que interviesse junto de seu amigo Himmler. Frederic Hanke não escondera a Léa que o pai, também ele, tinha se oposto ao casamento.

— Que vai ser de Françoise? — ele perguntara.

— Materialmente, não terá nenhum problema. Prometi a Otto que cuidaria para que nada lhe faltasse nem à criança.

— Não era a isso que me referia, mas à sua situação; a criança terá de ser filha de "pai desconhecido".

— Bem sei, mas o que fazer?

Léa, apresse-se. Sua irmã está chamando — disse Albertine ao entrar. O quarto cheirava a suor, a ar viciado e a vômito.

Françoise, com os olhos esgazeados, jazia na cama em desordem. Léa sentou-se a seu lado. O quê? Aquela era sua irmã, com quem passeava até Believue, com quem se escondia nas capelas do calvário de Verdelaïs, que partilhava os seus mergulhos na Garonne, em Langon: e nas vindimas onde se bombardeavam com cachos de uvas, fazendo nódoas nos vestidos, as noites quentes de Natal em que comparavam entre si pelo canto do olho os respectivos presentes, achando sempre melhores os da outra; e as suas primeiras bicicletas de gente grande, a dela azul e a de Françoise vermelha; e suas discussões...

Françoise olhou-a com uns olhos tristes que se assemelhavam aos do pai. Isso foi tão insuportável que Léa baixou o olhar.

— Otto não está aqui. Se você soubesse como tenho medo... Ele havia me prometido que estaria aqui... Por que me abandonou?...

Ela se levantara e agarrara Léa nervosamente.

— Seu filho não é mais importante do que seu Führer?...

— No entanto Otto não gosta de Hitler... disse-me... Então... por que não está aqui para o nascimento do filho?

— Acalme-se. Não é por culpa dele. É a guerra e ele tem de obedecer.

— Ele me havia dito...

— Não pense mais nisso.

O grito dado por Françoise fez Léa estremecer.

— Que não pense nisso?... Como quer que eu esqueça que meu filho não terá pai?... Que toda a família me apontará o dedo...

a mãe solteira..., a amante do boche... a sem-vergonha..., a puta...

— Cale-se... Não é agora que deve pensar nisso... Ah! Aqui está o doutor!

— Ora, vamos, querida senhora, o grande momento está próximo?

Com o médico, entraram Albertine e Estelle. Covardemente, Léa aproveitou para sair.

Na entrada, o telefone tocava e ela atendeu.

— Alô, Léa?...

— Sim.

— É Raphael Mahl. Preciso vê-la imediatamente.

Mas isso é impossível. Minha irmã está prestes a dar à luz.

— Deixe isso com a natureza, dará à luz sem você. Tenho de vê-la.

— É grave?

— Muitíssimo.

— Bem. Então venha.

Não posso.

— Mas por quê?

É perigoso demais explicar por telefone. Estarei dentro de meia hora na rua Dauphine, no número 16, é um restaurante .que não tem lá muito bom aspecto, mas as três irmãs Raymond fazem um petisco caramelizado sem igual. Suplico-lhe que venha.

Irei.

Desligou. Ele conseguira comunicar-lhe seu receio.

— Quem era? — perguntou Lisa ao sair do salão.

— Um amigo. Tenho de sair.

— Tem de sa...

— Sim, deixe-me passar, é muito importante...

— Mas e sua irmã?...

Ela não precisa de mim, há bastante gente à sua volta. Se François Tavernier telefonar diga-lhe que estou na rua Dauphine, número 16, num restaurante, com Raphael Mahl.

— Raph...

— Sim, não se esqueça, número 16, da rua Dauphine. Não se preocupe, vou tentar voltar logo.

— O que Albertine vai dizer?

— Você lhe explica.

Léa tirou do armário da entrada as suas botas forradas com solas de madeira, compradas graças aos negócios de Raphael.

— Leve o casaco de sua irmã, sentirá menos frio.

Desde que François lhe dissera que só certas mulheres saíam com casaco de pele, Léa nunca mais usara o de Françoise. Para não contrariar tanto a tia, vestiu-o sem comentários e pôs na cabeça a boina igual.

— Volte depressa disse-lhe a velha tia, beijando-a.

Na rua da Universidade soprava um vento gelado. Era preciso ser louco para sair com tanto frio. Na rua escura e deserta, o eco das solas de Léa retinia na calçada gelada.

Chegou sem fôlego e nadando em suor à rua Dauphine, tentando fugir de imaginários perseguidores. Nenhuma luz indicava o restaurante das senhoras Raymond. Léa empurrou uma porta sem que nenhuma campainha soasse... Seria mesmo ali? Um cheiro bom de sopa trouxe-lhe a resposta.

A sala era pequena e parcamente iluminada. No balcão à direita da entrada um gato gordo dormia; outro gato roçou as pernas de Léa. Uma escada em caracol levava até o primeiro andar.

Uma mulher envolta num avental branco muito comprido para ela, gorda e alta como um tonel de pele esverdeada, de cabelos grisalhos presos num coque, avançou para ela.

— Bom-dia, senhorita. Procura alguém?

Sim, o senhor Mahl.

— O senhor Mahl ainda não chegou, mas a mesa está pronta. Faça o favor de me seguir.

Atravessou a sala seguida por Léa e instalou-a numa mesinha coberta por uma toalha branca, perto da porta da cozinha.

Uma outra mulher, parecida com a primeira, aproximou-se e perguntou com sotaque de Auvergne, ainda mais pronunciado que a primeira.

Enquanto espera, quer beber alguma coisa?

Diante do ar indeciso de Léa, acrescentou com satisfação:

Ainda temos quase todos os aperitivos.

— Então, dê-me um Porto.

— Tem razão, é excelente.

Léa olhou à sua volta.

Todas as mesas estavam ocupadas por uma clientela de aspecto pacato, falando baixo, com gestos simples, com roupas sóbrias, mas de boa qualidade, a quem as irmãs Raymond se

dirigiam com a familiaridade que os donos de restaurante reservam aos clientes habituais. Tudo tinha um ar de familiaridade que a tranqüilizava.

— Aqui está o Porto, senhorita.

— Obrigada.

Léa bebeu lentamente, um tanto inquieta, temendo se perguntar o que poderia ser a causa da demora de Raphael.

Cada vez que se abria a porta da cozinha, ouvia-se uma voz.

— É um dos filhos da patroa, que é aprendiz de ópera disse Raphael Mahl, que ela não vira entrar. — Um rapaz encantador.

— Por que está atrasado? Mas... está ferido?

De fato, um pouco de sangue escorria do arco da sobrancelha e do canto da boca de Raphael.

— Não foi nada, uma briga com uns soldados — disse ele, limpando-se com um lenço ensangüentado.

Uma das irmãs percebeu.

— Oh! Senhor Mahl...

— Cale-se, peço-lhe. Vai fazer com que nos observem.

O que não impediu a boa mulher de voltar com uma tigela de água quente e um guardanapo.

— Não valia a pena...

Diante do olhar insistente da patroa, resignou-se a umedecer o guardanapo e a passar o pano molhado sobre o rosto. Léa via-o fazer isto um tanto aborrecida.

Outra irmã, se não era a mesma, veio saber o que queriam comer.

— Hoje, sopa de Auvergne, de couves, chouriços, fricassé de vitela e guisado de lebre.

Que quer, Léa?

— Uma sopa.

— E o senhor Mahl?

— A mesma coisa. Vocês ainda têm aquele Borgonha?

— Claro que sim.

— Traga-me uma garrafa na temperatura da adega.

— Eu sei, senhor. Já conheço o gosto dos meus clientes. Um prato de carnes frias, para começar. Acha bom?

— Muito bom. Enquanto esperamos, dê-me uma Suze.

Não voltaram a trocar palavra até a chegada da Suze.

— Irá agora dizer-me por que me fez vir até aqui?

Raphael não respondeu, bebendo o vinho em pequenos goles. Seu rosto estava pálido e os traços contraídos.

Ele olhou-a como se só aquele momento se tivesse dado conta da sua presença.

— Léa, sou um malandro imundo.

— Isso eu já sei.

— Não, você não sabe, realmente. Outra Suze — disse ele quando por ali passava uma das irmãs.

— Por que queria me ver?

— A Gestapo vai prender Sarah Mulstein.

Léa ficou por um breve momento sem compreender; depois, pouco a pouco, uma expressão de horror cobriu-lhe o rosto, enquanto um gosto de bÍlis espalhava-se por sua boca.

— Que fez?... Não foi você?... Diga-me que não foi você...

Triturando o copo, Raphael tinha o ar de uma criança apanhada em falta, sem saber como iria se sair.

— Não é por minha culpa... Não podia fazer de outra maneira. Pouco a pouco Léa passava do desgosto ao horror.

— Não podia fazer de outra maneira!... Explique-se.

— É um pouco longo e complicado. Em resumo, fui preso pela Gestapo por tráfico de ouro. Eles disseram que passariam uma esponja sobre o caso se aceitasse colaborar com eles, dando-lhes alguns esclarecimentos sobre o meio da impressão e das edições...

Senão...

— Eles iriam me entregar à polícia francesa por certos pecadilhos, ou então iriam mandar-me fazer companhia aos da minha raça num campo de concentração.

— E então preferiu enviar Sarah!

— Não é verdade. Não foi assim que as coisas se passaram. No início apenas lhes disse o que se passava nos corredores da N.R.F. e nos cafés freqüentados pelos intelectuais. Em troca, eles fechariam os olhos sobre o meu pequeno negócio. Sabe, nesse momento pode ganhar-se muito dinheiro quando se é esperto...

— E quando se é malandro.

— Não fale antes do tempo.

Há muito tempo que trabalha para eles?

— Um pouco mais de um ano... mas de forma intermitente. Desde a ocupação da zona nono, tornaram-se mais exigentes. Há um mês, convocaram-me para me dizer que devia descobrir quem é que passava os judeus para Espanha. "Isso deve ser fácil para você, que é

judeu, infiltrar-se em algum desses grupos.

Encontre-os e esqueceremos quem é". Estava bem claro. Que queria que eu fizesse?

— Fugir. — Fugir?... Para onde?... Não os conhece. É uma raça sem piedade, feita para dominar o mundo, enquanto que o judeu, como diz Moisés, é uma raça perversa e mentirosa...

— ... da que você é o exemplo perfeito.

— E talvez a maneira de lhes ser fiel. Muito poucos homens têm coragem de se admitir até as últimas conseqüências. Nós, judeus, somos pessoas sem grandeza, enquanto a grandeza, no alemão, é natural; compreende-a e admira-a sem esforço. E isso que faz deles um povo herói. Assim era também a França em outros tempos.

— Pouco me importa que os alemães tenham o sentido da grandeza, para mim, são inimigos que ocupam nosso país e sonho apenas com o momento em que forem banidos da França e de toda a parte. Na Rússia também tudo vai mal para os seus amigos. Devia pensar em mudar a espingarda de ombro.

— Fale mais baixo. Sonharei como isso no momento oportuno. Enquanto esperamos, são eles os vencedores. Sem eles, já estaria na prisão.

— É seu lugar. Voltemos a Sarah. Que fez? Julguei que não sabia seu endereço.

— E é verdade. Mas ao fazer meu pequeno papel, caí dentro de sua rede. Não foi difícil entrar em contato com eles. Dizia por toda a parte que deveria deixar a França no mais curto prazo.

Um dia em que almoçava, muito mal, num pequeno restaurante judeu de Belleville, um garoto veio dizer-me para ir ao Select, em Champs-Élysées, e para perguntar por Bobby.

Esse nome dizia-me qualquer coisa. Esse Bobby devia ser um dos criados daquele local. Vou freqüentemente ao Select, sobretudo ao sábado, pelas sete horas. Que barulho! Que algazarra!

Que burburinho! Encontram-se malucos de todas as idades, pintados que é um desaforo, abanando as ancas, fazendo mímicas, flertando sem pudor com gigolôs encantadores, discutindo a tarifa de suas relações. A casa tem tão má reputação que a entrada está proibida à tropa de ocupação. E, portanto, um lugar ideal para deixar recados. O garoto tinha me dado uma senha do gênero: "Deitei-me cedo durante muito tempo", e eu fui ao Select onde perguntei por Bobby. Imagine a criatura mais bonita que pode haver; roliço, gordo, com uma voz de criança...

Deixe os detalhes.

— ... duma frescura, um encanto! Logo que pronunciei a senha disse-me para o seguir. Fomos para a adega. Não disse muita coisa. Minhas respostas pareciam deixá-lo satisfeito. Disse-me que era apenas um dos elos da corrente e que não conhecia os outros. Ordenou-me que me apresentasse no dia seguinte ao meio-dia no Fouquet's com um cravo vermelho na lapela e um mapa de Paris na mão. E foi o que fiz. Ali, um homem muito elegante veio ter comigo e disse-me, depois de me oferecer um copo, que nos esperavam para almoçar em casa

de uma amiga.

Pegamos uma bicicleta-táxi e fomos à rua de la Tour, a um apartamento magnífico. Sarah estava lá. Caímos nos braços um do outro. Esperava tudo menos encontrá-la. Sabia que a Gestapo a procurava, foi até por isso que lhe perguntei se sabia onde ela estava, para preveni-la.

— Não compreendo nada...

— No entanto não é difícil. Eu queria contar algumas besteiras sem grandes conseqüências aos alemães, mas não tinha vontade de denunciar pessoas, ao menos por nada.

— Isso me surpreenderia também! Você é vil!

— Mas não, nem tanto. A Sarah podia dizer tudo, e confessei-lhe por que estava ali. Ela não pareceu admirada, é na verdade uma mulher extraordinária. Apesar disso, eu estava um pouco surpreso quando ela me beijou e disse: "Meu caro Raphael, você não mudará nunca".

Decidimos que eu esperaria quarenta e oito horas para avisar a Gestapo sobre minha descoberta.

E então? Está tudo bem, ela teve tempo de se esconder.

— Não! É aí que tudo desanda. Os alemães, desconfiados, mandaram me seguir. Esperavam por mim na entrada da casa. Ah, minha querida amiga, foi preciso todo meu sangue frio para não trocar os pés pelas mãos.

— Não come?

As três irmãs Raymond estavam ali, olhando-os com desaprovação.

Desculpem, estávamos conversando.

— Nós vimos — disse uma delas com um tom severo.

— Vá, Léa, sirva-se.

Não tenho fome.

— Faça um esforço. Iria preocupá-las se não comesse, e depois disso recusariam nos servir. E eu tenho necessidade de voltar aqui.

Raphael deu o exemplo engolindo duma só vez duas rodela de chouriço.

— Que disseram os alemães?

— Perguntaram-me o nome da pessoa que eu tinha ido visitar naquele apartamento.

— Você lhes deu?

Fui tomado de surpresa...

— Pobre tipo!

— Pode me injuriar, isso é fácil demais. Que teria feito em meu lugar?

— Subiram para prender Sarah?

— Não, porque eu lhes disse que ela devia dar-me dentro de dois dias a lista das próximas pessoas que desejavam passar para a Espanha.

— Acreditaram nisso?

— Naquele momento, tive essa impressão; fizeram-me subir para o carro e levaram-me para a avenida Flandrin. Senti-me totalmente tranqüilo quando vi detrás da escrivaninha um de meus amigos, Rudy de Mérode. Tínhamos realizado juntos, desde o princípio da guerra, belos negócios. É um homem muito importante.

— Que lhe disse ele?

— Que seus chefes esperavam de mim uma prova de fidelidade para com eles, e que contavam comigo para obter todos os nomes dos membros da organização, em quarenta e oito horas.

— Então, conseguiu prevenir Sarah?

— Não, desde ontem estou sendo continuamente vigiado e seguido, tentei despistá-los, sem resultado. Foram eles que me partiram a cara na estação Sèvres-Babylone. Foi por causa disso que a chamei e pedi para vir aqui. É preciso que vá avisá-la.

— Mas como? A rua de la Tour é muito longe!

— Não é na rua de la Tour que é preciso ir, mas à rua Guénégaud, número 31.

— Já não compreendo nada.

— Ontem, disse-me que ia deixar a rua de la Tour porque se tornara perigosa para seus camaradas e que iria desaparecer por algum tempo. Uma das suas amigas, emigrante nos Estados Unidos, havia lhe deixado as chaves de sua casa, e é lá que se refugia desde há um mês, quando teve a impressão de que estava sendo seguida ao voltar à rua de la Tour.

— E ela contou-lhe tudo isso? Há aí qualquer coisa que não compreendo. Quem me diz que você não deu esse endereço aos alemães?

Teria podido fazê-lo, na verdade. Nem sei bem explicar por que não o fiz. Gosto de Sarah, ou melhor, a recordação de certas bebedeiras nos bares de Montparnasse. Lembra-se daquelas palavras de Jules Renard: "Já não há amigos, há momentos de amizade". Nada mais exato entre Sarah e eu.

Aqui têm a sopa, depois me dirão se gostam — disse uma das senhoras Raymond pousando na mesa um prato fumegante.

Eles esperaram que ela voltasse para a cozinha, para retomar a conversa.

Não se mexa... Dois homens que me seguiram acabam de entrar. Ainda não me avistaram. Levante-se e vá para a cozinha.

No fundo há uma porta que dá para o pátio. Atravesse-a e passe por baixo de um portal. Há um segundo pátio e, à direita, uma porta muito velha. Depois, um corredor e uma outra porta que dá para a rua de Nevers. Siga à direita em direção ao cais, depois, logo em seguida, à esquerda, é a rua de Guénégaud.

Olhe para ver se não há nada de suspeito. Ande normalmente. Se não vir ninguém, vá ao número 31, suba ao terceiro andar e toque três vezes, Sarah virá abrir. Diga-lhe para partir imediatamente. Boa sorte.

Raphael Mahl não baixou os olhos diante do olhar de Léa que dizia claramente: "Poderei ter confiança em você?".

Naturalmente, levantou-se, pôs nos ombros o casaco de peles e aproximou-se do vestibulo onde os dois homens de impermeável estavam de costas. Perguntou a meia voz a uma das irmãs:

— Onde é o banheiro, por favor?

Léa não escutou a resposta e dirigiu-se para a cozinha. Ao passar diante da cozinheira e do cantor de ópera, pôs um dedo no lábio e saiu para o pátio.

No pequeno restaurante da rua Dauphine tudo estava calmo, os dois homens não haviam se movido e Raphael atacava a sopa.

Na rua de Nevers, estava escuro. Grandes ratazanas fugiram diante de Léa, que quase gritou. Um vento glacial varria o cais.

Nenhum barulho. Tudo parecia deserto. Tentando atenuar o barulho de suas solas de madeira, os punhos cerrados enfiados nos bolsos do casaco, de ouvido atento, com medo nas entranhas, avançou para a rua Guénégaud.

De repente, do Pont-Neuf, surgiu um carro, com os faróis apagados, que seguia em grande velocidade e entrou na rua Dauphine. Uma brecada violenta e Léa, esquecendo os conselhos de Raphael, pôs-se a correr. O carro deu marcha-ré.

Voltou à rua Guénégaud, ultrapassou a jovem que fugia e parou alguns metros adiante. A porta do carro abriu-se e um homem surgiu, atravessando-se em seu caminho. Léa gritou.

Alguém tocou seus ombros.

— Não tenha medo, sou eu. Suba no carro.

Sem reação, ela deixou-se conduzir por François Tavernier. Seguiram até o cais, passando pela rua do Seine e pararam diante de uma galeria de pintura no ângulo do cais.

Onde ia, correndo dessa maneira?

— Ao ouvir seu carro tive medo.

— Que foi fazer com o Mahl?

— Ele sabe onde está Sarah. A Gestapo está no seu encalço e eu ia avisá-la.

— Por que não o fez ele mesmo?

— Dois homens vigiavam o restaurante. Eu saí pelos fundos.

— Sinto em tudo isso qualquer coisa de suspeito. E você também, senão, não me teria deixado este recado.

— Talvez, mas devemos tentar avisar Sarah.

Onde ela está?

— Na rua Guénégaud.

— Foi Mahl quem lhe deu esse endereço?

Sim.

Então, seja o que Deus quiser. Fique aí e se vir alguém aproximar-se, arranque. Se não voltar dentro de vinte minutos, vá embora.

Não, vou com você.

— Nem pense nis...

Cale-se, estamos perdendo tempo.

François puxou-a para si. Ela murmurou:

Tenho medo.

Depois, afastou-se e partiu para a rua Mazarine.

— Não, não passemos por aí. Vamos pegar a rua de Seine e de Jacques-Callot. Daí, teremos uma visão geral da rua Guénégaud.

François tirou da algibeira do sobretudo um revólver, que destravou. Léa sentiu-se um pouco mais segura.

Caminharam depressa no silêncio daquela noite de inverno. Havia, naquela ausência de barulho e de luz, qualquer coisa de irreal, um pouco semelhante à calma que precede a tempestade.

Pararam à entrada da antiga passagem do Pont-Neuf, à sua frente, no cruzamento, a rua estava deserta. Deram mais uns passos... Tudo se passou rapidamente. Um carro, depois dois, depois três, surgiram dos dois lados da rua Mazarine e da rua Guénégaud, vindos do cais. François empurrou Léa para a entrada de uma porta. As portas bateram, homens a paisana, de pistolas em punho, empurraram a porta do número 31, outros ficaram na entrada da rua, de metralhadora no quadril.

Um grito. Chamamentos. Uma sombra feminina projetada na rua, estrebucha, levanta-se e corre. Gritos. Dirige-se para eles.

Soa um tiro. Ela estrebucha sobre si mesma... e, lentamente, cai...

François reteve Léa a custo.

Os homens avançam correndo. Ela se ergue. A noite esconde o sangue do passeio. Uma coronhada, outra, derrubam-na. A mão branca, tão fina, ergue-se num gesto inútil de proteção.

François abafa os gemidos de Léa.

Uma outra pancada. A mão baixa e cai. Erguem o corpo ferido. Um levanta-o pelos ombros, outro pelos tornozelos. Jogam-no na traseira de uma camioneta. Vê-se a luz de um cigarro que se acende depois do esforço. As portas do carro voltam a bater. O barulho dos motores. E o silêncio. Ninguém reagiu. Ninguém ouviu que se assassinava uma mulher.

Capítulo 5

O CHORO DE UM recém-nascido atravessou os sonhos de Léa.

Ela passeava com Laurent, ternamente enlaçados, no terraço de Montillac. Nada mais existia, a guerra tinha vencido todos os obstáculos que se erguiam diante de seu amor, deixando-os sem memória, face àquela vasta propriedade onde não se ouvia nenhum ruído.

Léa acordou, chamando pela mãe, com as faces banhadas pelas lágrimas.

No quarto ao lado, os gritos de bebê pararam. Estelle entrou, trazendo a bandeja do café da manhã.

— Bom-dia, senhorita Léa.

— Bom-dia, Estelle. Que horas são?

— Quase dez horas. Não se esqueça de que esta noite tem festa aqui em casa.

— Festa?

— Estamos em 31 de dezembro, será o batizado do pequeno Pierre e a senhorita é a madrinha.

— Pierre?... é verdade que agora existe um Pierre. Como está Françoise esta manhã?

— Muito melhor. Ontem já deu alguns passos. Vou deixá-la porque tenho de começar a preparar o meu bolo.

Léa levantou-se e enfiou, por cima do pulôver que vestia sobre a camisola, um velho roupão muito quente, de lã dos Pirineus, que pertencera a seu pai, e calçou as meias de lã. O espelho do armário refletiu sua figura. Assim vestida não merecia nenhum prêmio de elegância, mas, pelo menos, não sentia frio. Depois de escovar os dentes e pentear os cabelos no banheiro, atacou seu café da manhã.

Léa mordeu a fatia de pão escuro e duro como madeira. Depois, as imagens do seu sono voltaram... Em seguida, aquelas, horríveis, da noite da prisão de Sarah Mulstein.

François Tavernier não teve muita dificuldade para obter notícias da moça pelo próprio Helmut Knochen. Tinha sido levada à rua de Saussaiez na espera de ser interrogada. Tinham-lhe tratado dos ferimentos que, segundo parece, eram sem gravidade; posta em isolamento, ninguém podia vê-la. Knochen tinha-lhe afirmado que ela estava sendo bem tratada. Com certeza François Tavernier não tinha feito um ar muito convencido, pois o oficial alemão havia declarado:

— Desde que Danneker partiu, o braço direito de Eichmann, os interrogatórios dos judeus terroristas são conduzidos com menos brutalidade.

Helmut Knochen dirigia o "Sonderkommando" desde sua chegada a Paris, em 14 de junho de 1940. Aquele intelectual de trinta e dois anos, filho de um modesto professor, doutor em

filosofia, sonhara tornar-se professor de letras, antes de entrar como redator na agência oficial da imprensa alemã, onde foi encarregado do estudo da imprensa francesa, belga e holandesa.

Tinha aderido à S.S. em 1933. Era um homem mais para o magro e alto, de testa larga, cabelos castanhos, que raramente sorria. Em menos de um ano conseguira introduzir-se na alta sociedade parisiense e logo se tornara a coqueluche dos salões, graças a seu espírito e cultura. Foi num desses salões que Tavernier o conhecera. Os dois homens não demoraram a se reencontrar por razões diametralmente opostas. Sem hesitar, Helmut Knochen lhe dissera para procurar, nesses meios, agentes capazes de lhe fornecer informações sobre homens políticos do regime de Vichy, sobre industriais e, bem entendido, sobre a Resistência e seus chefes. Aparentemente interessado, François Tavernier o havia revisto e sabido por ele, em detalhes, sobre o funcionamento da formidável organização da Gestapo, pelo território francês. Curiosamente, obtivera a confiança de Knochen por causa da oposição que reinava entre a Gestapo e a embaixada da Alemanha. Tavernier, freqüentemente recebido por Otto Abetz, o embaixador, contava-lhe tudo o que se dizia — verdadeiro ou falso — com respeito aos serviços, nos corredores ou nos salões da embaixada.

Ele acolhia com aparente calma esses mexericos, enquanto, com uma ligeira ruga, inclinava para a esquerda sua boca um pouco grande.

Era desse homem — que, no decorrer de alguns meses, havia erguido uma organização que o próprio exército alemão temia — que dependia a sorte de Sarah Mulstein.

— Não se aflija, eu controlo pessoalmente esse assunto.

François sentira-se muito inquieto, mas não tinha insistido com medo de dar ao "acaso" uma importância que Helmut Knochen não deixaria de notar.

Há dez dias Sarah estava na rua Saussaies.

Bateram à porta de Léa.

— Entre.

Era Françoise com uma cara radiosa e repousada, trazendo seu recém-nascido.

— Seu afilhado faz questão de vê-la disse ela, estendendo-lhe a criança.

Desajeitada, Léa pegou-o, mas rapidamente o devolveu à mãe.

— É um amor, mas eu tenho medo de deixá-lo cair. É tão pequenino.

— Não tão pequeno! Pesava 3 quilos e duzentos ao nascer. É o mais lindo dos bebês. Não acha que se parece com o pai?

Esta observação aborreceu Léa.

— Sabe, eu nunca olhei para ele.

Encolhendo os ombros, Françoise baixou a cabeça, enternecida com seu pequeno nos braços.

— Desculpe-me — disse Léa —, não queria ser desagradável. Deixe eu me vestir se quiser que esteja pronta para o batizado. Que horas são?

Três horas.

Léa ficou um instante imóvel diante da porta que acabava de se fechar. Depois, levantando os ombros, jogou o roupão sobre a cama, tirou as meias, prendeu sob a camisola uma cintaliga e meias de lã, vestiu a calcinha e, tremendo, retirou a blusa de malha e a camisola. Nunca se habituaria àquele frio!

Que teria pensado sua mãe daquilo tudo? Que teria feito a sensata Isabelle Delmas naquelas circunstâncias? Aceitaria ser "comadre" de um soldado alemão com o pretexto de que o futuro cristão era seu sobrinho? Porque Frederic Hanke, como o melhor amigo do pai, devia ser o padrinho...

Léa ainda se encontrava sob o choque da prisão de Sarah para reagir quando Françoise lhe pedira para ser madrinha do garoto. Teria boa aparência na igreja de São Tomas de Aquino, ao pegar na criança sobre a pia batismal, juntamente com um soldado alemão. Ela havia contado a François seu desejo de recusar, mas ele a dissuadira.

Eles haviam voltado a se ver quase todos os dias depois daquela noite trágica. Noite que ele passara com ela na rua da Universidade na "casa fria". Escondido das senhoras Montpleynet, cheias de trabalho depois do parto de Françoise — parto que felizmente havia terminado pouco antes de seu regresso.

François mostrara-se o mais doce, o mais paciente e o mais terno dos amigos, fazendo com que Léa quase esquecesse os aspectos inquietantes de sua vida. Cada dia ela se dizia: "Preciso lhe falar sobre certo número de coisas" e, cada dia, contentava-se em levá-lo para seu quarto e de se aconchegar em seus braços. Sem que tivesse necessidade de lhe dizer, ele compreendera que ela não desejava fazer amor, mas simplesmente encostar-se nele. Ela teria ficado assim durante horas, impregnando-se de seu calor e de seu perfume, tranqüilizada pelas batidas regulares de seu coração e pelas palavras apaziguadoras que ele lhe murmurava. Sentia-se tão bem, finalmente sem medo, que lhe custava estragar estes frágeis momentos com perguntas às quais ele não responderia. Ela tinha-lhe dito no dia seguinte ao drama todo o horror que Raphael Mahl agora lhe inspirava.

Neste caso em particular, você está errada. Não teve nada a ver com a prisão de Sarah.

Léa recusava-se a acreditar. Desde o jantar da rua Dauphine, estava sem notícias dele.

Léa, entocada na "sua" cadeira da entrada, lia uma carta de Camille em voz alta às tias, plantadas muito eretas à sua frente.

"Querida Léa.

Pode imaginar a que ponto lamentamos todos aqui não poder assistir ao batizado do bebê de Françoise! Ficamos um tanto decepcionadas porque não nos deu mais detalhes sobre ele, em sua última carta. Diga a Françoise que pensamos nela com ternura. Amanhã pretendo escrever-lhe.

Charles ficou louco de alegria com seus presentes. Veste um pulôver que as senhoras Montpleynet lhe tricotaram e não quer mais tirá-lo. Faça-me a gentileza de lhes dizer isto.

O marceneiro refez a porta do barracão que ameaçava ruir. Logo que se tenha um pouco de

dinheiro será prudente renovar algumas telhas; no celeiro faltam coisas.

Está chovendo e há dez dias que não tenho notícias de L. Aperto-a em meus braços.

Camille"

O batizado foi melhor do que se esperava. Em primeiro lugar, as moradoras da rua da Universidade tiveram a agradável surpresa de ver chegar o padrinho, Frederic Hanke, a paisana, os braços carregados de presentes, que, depois de feita a distribuição, levou-as para almoçar num pequeno restaurante da rua Verneuil. A refeição fora agradável, quase alegre, de tão simpático que era o padrinho. Tinha falado com muita gentileza de Camille d'Argilat e da emoção que sentira ao ajudá-la a trazer ao mundo o filho. Tinha dito igualmente como se sentia atraído por Montillac e a sua região e que, no fim da guerra, gostaria de viver ali.

Talvez pela ausência do uniforme, Léa teve a impressão de que o via pela primeira vez... Surpreendia-se ao pensar que se ele não fosse alemão o incluiria entre seus apaixonados. Esta idéia fê-la sorrir. As duas horas e meia tinham ido buscar o pequeno Pierre e Estelle. As três horas, em São Tomás de Aquino, o padre dissera, ao fazer correr a água na frente do bebê:

— Eu te batizo, Pierre, Otto, Frederic, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

François Tavernier chegara à rua da Universidade às seis horas e encontrou toda a família bebendo champanhe em volta do berço. Não teve remédio senão beber em honra do recém-nascido, mas recusou participar no "festim" previsto para celebrar o nascimento e o fim do ano.

Tavernier e Hanke não se conheciam e Françoise apresentou-os um ao outro. Apertaram-se as mãos. Depois de umas banalidades, François conduziu Léa até o quarto.

— Poderá me dar a chave do prédio e do apartamento da frente?

Para fazer o que?

— Pode ser que tenha necessidade de vir esta noite repentinamente.

— Por que não vai para sua casa?

Esta noite tenho o que fazer aqui no bairro. Preciso de um refúgio próximo.

— Não me quer dizer por quê?

— É irritante. Com você não posso saber nada. Você me deixa supor as piores coisas a seu respeito. Quem me diz que não foi você quem denunciou Sarah Mulstein?

Era de tal modo inesperado, que François ficou por um momento sem reação; depois, seu rosto se crispou, empalideceu, enquanto a cólera lhe invadia o rosto. Diante dessa metamorfose, Léa recuou, mas não tão depressa que pudesse evitar a maior bofetada que jamais recebera. Sob a violência do golpe, tropeçou e sua cabeça bateu num dos espaldares da cama, enquanto um pouco de sangue lhe escorria pelo nariz. Num salto, ele aproximou-se dela, agarrou-a pelos braços com tanta força que a forçou a gritar.

— Nunca mais diga coisas semelhantes, Léa.

Debruçado sobre ela, estava tão ameaçador, que ela levantou um braço para se proteger.

Aquele gesto infantil descontraíu um pouco François.

— Estou fazendo tudo o que me é possível para arrancar Sarah das mãos da Gestapo. Irei até mesmo ao ponto de tentar fazê-la fugir.

Léa exclamou:

— Quando?

Tavernier olhou-a com uma expressão de dúvida.

— Você é verdadeiramente estranha, manifesta que não tem nenhuma confiança em mim e acredita-me quando falo em fazer Sarah fugir.

— Porque acredito que é capaz disso. É bem preciso que suas relações com o ocupante sirvam para alguma coisa.

— Deste negócio não tenho na verdade a mínima intenção de pô-los ao corrente, e antes recorrer aos membros do grupo de Sarah.

— Conhece-os?

— Alguns. No entanto será aqui que nos reuniremos. Previna suas tias para que fiquem em seus quartos e não façam perguntas.

— Mas por que aqui?

— Este apartamento acolhe a "noiva" e o filho de um oficial do Reich e, no primeiro andar, vive a amante do general Von Rippen. Este prédio é, então, conhecido pelas autoridades ocupantes como sendo habitado por alemães. Portanto é menos vigiado.

— Compreendo. Posso tratar disso com minhas tias, mas com Françoise?...

— Não deve saber de nada, disso depende as nossas vidas. Continua decidida a ajudar Sarah?

— Mais do que nunca.

— Muito bem. A sua missão vai consistir, a partir de amanhã, em encontrar três ou quatro pessoas e a lhes entregar uma mensagem. Eis o que tem a fazer e a dizer.

Durante uma hora fez Léa decorar as mensagens, os nomes de guerra, dos locais e os sinais de reconhecimento.

— Não esqueça nada. Encontramo-nos aqui amanhã à noite. Tem uma bicicleta?

— Aqui, não.

— Vou tentar roubar uma e será o meu presente de fim de ano. Tem preferência quanto à cor?

— É indiferente. A minha é azul.

— Pois será azul; é uma excelente cor para esconjurar o azar. Na sua bicicleta azul, vai ser a mensageira da esperança.

— É engraçado que me diga isso. O meu tio Adrien disse-me exatamente a mesma coisa.

— Está vendo, seu tio e eu temos vários pontos em comum.

François apertou-a nos braços e levou-a até a cama.

— Agora, venha, para que a perdoe por me julgar um traidor.

— Deixe-me, fiquei morta desde a outra noite.

Ele não a ouviu. Seus lábios, seus dedos, procuravam-na.

Léa não se debateu mas, quando ele a beijou, seus lábios encontraram lágrimas.

— Não, antes que salve Sarah.

Ele levantou-se e recompôs sua roupa.

— Vai me dar as chaves?

— Vou buscá-las.

— Sobretudo, não faça barulho — disse ela, estendendo-lhe as chaves.

— Não tenho certeza de voltar esta noite. Encontrará à entrada a bicicleta e um salvo-conduto. Amanhã, não se esqueça:

Trindade convoca para 3 de janeiro, às dez horas da noite, no terceiro andar, número 29, da rua da Universidade para uma decisão grave que diz respeito a Simone Mingot, os camaradas Vautrin, Homais, La Rochelle e Bataille; a cada um deles entregará metade de um bilhete de metrô de primeira classe, e eles mostrar-lhe-ão a outra metade. Seja prudente, pequena, ao mínimo alerta. A menor suspeita, desligue. Enquanto espera, volte para sua festa. Amanhã, um novo ano. Espero muito passá-lo em sua companhia.

Abraçou-a com toda ternura.

Léa voltou para junto da família, triste com a partida de François.

Lá fora, a neve começava a cair.

No dia seguinte, Léa encontrou à entrada do apartamento uma soberba bicicleta azul, com sacolas de couro falso. Como as tias se espantaram por não terem ouvido ninguém entregá-la, Léa declarou que era um presente de Papai Noel, que tivera ainda a delicadeza de deixá-la ali com pacotes de leite e de chocolate.

A neve se derreteria. Estava um dia lindo e frio. Léa anunciou sua intenção de experimentar a bicicleta e de não voltar para o almoço, querendo assim, dizia, aproveitar o bom tempo. Foi vestir uma roupa mais quente, calças e dois grandes pulôveres.

Calçou as botas forradas, envolveu os cabelos num turbante de lã e, assim equipada, vestiu o quente casaco forrado de pele oferecido por François. Completou o traje com grossas luvas forradas de coelho.

A irmã e as tias desejaram-lhe um bom passeio.

Capítulo 6

NUNCA PARIS PARECEU tão bonita a Léa como naquela manhã. O ar, branco e frio, era tão leve que dava às velhas pedras das casas do cais Voltaire, banhadas pelo sol picante, uma alegria frágil. A moça parou na Ponte Royal para ver brilhar o Sena cinzento e malcheiroso que corria docemente para Alma, balançando à sua passagem as barcaças escuras.

Diante desse panorama que tantos apaixonados de Paris tinham contemplado, sentiu no final daquela manhã de 1º de janeiro de 1943, uma paz que lhe envolveu o coração e lhe trouxe aos lábios uma oração esquecida de sua infância:

"Meu Deus, ofereço-vos o meu dia, feliz ou infeliz será vosso, para Vós, farei o que for da vossa vontade, mas farei que, ao aproximar-se a minha eternidade, eu me aproxime de Vós".

Cheia de confiança, voltou a subir na bicicleta. Tudo estava tão deserto que tinha o sentimento de estar numa cidade abandonada. Nenhum barulho humano vinha perturbar esta impressão.

Léa alegrou-se com essa solidão, que lhe permitiu criar um vazio dentro de si e preparar-se para a missão confiada por François Tavernier. Apesar de tudo o que havia de incompreensível no comportamento daquele homem, e embora lhe tivesse dito, não conseguia desconfiar dele. Estava convencida de que, se houvesse a menor oportunidade, ele seria o único que poderia salvar Sarah.

No Largo de Saint-Opportune, Léa prendeu a bicicleta na grade do metrô e dirigiu-se para a rua da Ferronnerie.

Empurrou a porta de um café sórdido, com as vidraças respingadas de azul. Um odor frio e enjoativo de serragem molhada, de vinhaça, de mau tabaco e de um simulacro de café, enjoou-a. Teve a sensação de entrar num universo glauco e pantanoso, onde se moviam seres com faces esverdeadas. Por detrás de um zinco, no meio de garrafas poeirentas e vazias, um aparelho de rádio grande e brilhante difundia uma cançoneta da moda, O patrão, um homem gordo com as mangas arregaçadas, os raros cabelos em desordem, olhar remeloso, uma bituca apagada no canto da boca e barba por fazer, interrogou-a:

— Não há nada para beber, hoje é dia sem álcool.

— Eu só queria qualquer coisa quente, um café, por exemplo — disse ela, aproximando-se do balcão.

— Café?... Vocês estão ouvindo?... Com um pouco de leite, e por que não com açúcar?...

Os quatro ou cinco fregueses troçaram servilmente. Léa corou.

Começava bem! — - Porque é simpática, posso servir-lhe um viandox... E a senhorita que viria aqui com metade do bilhete do metrô? — murmurou ele rapidamente.

Surpreendida, Léa recuou.

— Não é preciso fugir, linda senhorita, o viandox, hoje, não é pior que qualquer outra coisa.

Enquanto falava pousou à sua frente uma caneca fumegante. Léa aproximou-se.

— Não fique aqui — continuou ele, em voz baixa —, prenderam uma das pessoas que a senhorita procura... Tome, beba isto...

Beba, por favor, estão nos olhando.

Léa molhou os lábios, estava terrivelmente quente, mas menos mau do que ela esperava. O patrão desatou a rir.

— Estão vendo... Nem sabe beber... Vá à igreja de Saint-Eustache, à missa, ninguém notará... Então, senhor René, que vou lhe servir para festejar o Ano-novo?

— Como habitualmente, a reserva do patrão. Bom ano, senhorita, quer beber comigo?

— Mas...

— Atenção, olhe que me zango, uma linda senhora nunca nega nada ao grande René, não é verdade, Juju?

— Deve acreditar, senhorita, olhe que quem lhe resistir não é amanhã a véspera de o encontrar.

— Bem dito, Juju, você é um verdadeiro pote. O teu telefone já está consertado?

— Já, há dois dias.

— Conserve a pequena aquecida, que preciso fazer uma ligação. Até já, queridinha.

Léa esquivou-se da mão atrevida. E o pretensioso riu, dando de ombros.

— Tem de partir depressa, ele trabalha para eles. Em Saint-Eustache, na capela de Nossa Senhora, está um homem que tem na mão a Petite Gironde, e ele vai lhe dizer o que é preciso fazer.

Não deve nada, é presente da casa. Vá, e mesmo assim, um bom ano.

— Bom ano para o senhor também — disse ela empurrando a porta o mais calmamente possível.

— Como conseguiu desamarrar a bicicleta? Como encontrou o caminho através das ruelas dos Halles e como se encontrou dentro da igreja em poucos minutos? Isso Léa não poderia dizer.

O edifício religioso estava cheio de fiéis, sobretudo mulheres, que cantavam com fervor, enquanto uma pequena nuvem de fumo escapava-lhes da boca. Um lugar no genuflexório estava desocupado diante do altar da Virgem; com o coração batendo, ajoelhou-se, incapaz de pensar.

Era o momento da comunhão, a maioria dos assistentes dirigiam-se à santa mesa. Perto dela, um homem ajoelhou-se e pôs a cabeça entre as mãos. Do bolso do seu velho casaco saía um jornal.

Num relance, Léa reviu aquela tarde em Bordéus onde, seguida pelos policiais do comissário Poinot, procurava um lugar onde se esconder e onde, na vitrina do vendedor de jornais da praça do Grand Théâtre, ela vira a Petite Gironde e soubera, naquele momento, para onde devia se dirigir. Voltou a cabeça. O homem era jovem e usava uma barba que não chegava a envelhecê-lo. Parecia-se um pouco com... Não, não era possível, estava tendo visões...

— Léa...

Alguém dissera seu nome! Deveria voltar-se?... Mas não, era o jovem da Petite Gironde! Então?...

— Não se mexa. Vou sair primeiro. Encontro-a em sua casa, na rua da Universidade.

— Em minha casa?...

— É o único local um pouco mais seguro.

Depois que ele partiu, Léa contou até vinte, e saiu por sua vez.

Na rua da Universidade todos faziam festas a Jean Lefèvre, o companheiro de brincadeira de Léa, aquele que com o seu irmão Raul fingia estar doido de amores por ela.

Caíram nos braços um do outro.

A família ainda se encontrava à mesa. Abriu-se uma garrafa de champanhe para saudar aquele reencontro, o fim da guerra e o Ano-novo; passaram-se ao menos vinte minutos antes que pudessem se isolar no quarto de Léa.

— Depressa, não temos muito tempo. Gostaria mais que fosse outra pessoa e não você — disse Jean, apertando-a contra o peito.

— Eu não, e estou feliz. Sem isto não teria voltado a vê-lo.

— Isso é verdade, mas é tudo muito perigoso.

— Eu sei. Que devo fazer agora? Devo ir aos outros encontros?

— Não. Depois da prisão de Simone Mingot...

— Simone Mingot?...

— Sim, é com esse nome que a maior parte de nós a conhece. Depois de sua prisão, os membros dessa rede dispersaram-se, como estava previsto. Cada um por sua vez, deveria rondar nossa antiga caixa do correio. Foi aí que encontrei Trinité.

— François?...

— Disse-me para tentar fazer Simone fugir e perguntou-me se eu estava de acordo. Aceitei imediatamente. Uma jovem deveria trazer-me novidades na manhã do dia 1 de janeiro. Tudo corria bem, quando, de madrugada, vim a saber da prisão de um camarada que conhecia meu endereço. Tive apenas tempo de me vestir e de fugir pelos telhados. Os homens da Gestapo já estavam na escada. Felizmente não havia neve. Tive apenas uma idéia: prevenir Trinité. Ele não estava nos dois endereços que me havia dado. Mesmo assim, fui ao encontro da rua Ferronnerie. Na avenida Sábastopol, uma bicicleta-táxi chegou-se a mim.

— Vautrin! ... — disse o passageiro.

— Então, Vautrin é você?...

Jean ignorou a pergunta.

— ... Continue a pedalar, como se nada estivesse acontecendo. Vá aonde sabe, à rua Ferronnerie, pergunte ao patrão onde é a igreja de Trinité, ele vai lhe dizer que você se enganou de bairro, que por ali é Saint-Eustache ou Saint-Leu, ou Saint-Merri. E você dirá: "Ah! Bom, poderá me indicar o caminho para SaintMerri? Homem bom, ele sairá para lhe indicar a direção. Depressa, você lhe dirá que uma moça muito bonita, de cabelos ruivo-escuros e olhos cor de violeta, deverá ir até lá.

— Até me parece o retrato de uma amiga — disse-lhe eu.

— É ela.

— Quase caí da bicicleta. Trinité, porque era ele, prosseguiu com voz calma — Não é momento para perder a cabeça. Ela irá encontrá-lo sem demora na igreja de Saint-Eustache, diante da capela da Virgem. Dali você irá para a casa das senhoras Montpleynet. Compreendeu bem?

— Sim — respondi completamente abobalhado.

Os dois amigos ficaram algum tempo calados.

— E agora, que fazemos? — perguntou Léa.

— Sem novas instruções, esperamos.

— Vamos encontrar os outros, vai lhes parecer estranho ficarmos juntos tanto tempo.

Enquanto estiveram à parte, o padrinho do pequeno Pierre viera fazer uma visita à mãe de seu afilhado, a quem havia entregue, junto com uma grande caixa de chocolates, uma carta de Otto Kramer na qual lhe anunciava que em breve iria se beneficiar de uma licença. Essa feliz novidade fez a jovem resplandecer.

Ao ver Frederic Hanke, Léa empalideceu. Já não havia possibilidade de recuar e era preciso fazer as apresentações.

Apertando o braço de Jean, aproximou-se, sorridente, do alemão, sempre vestido a paisana, e disse, estendendo a mão:

— Bom ano, Frederic. Posso lhe apresentar um amigo de infância, de passagem por Paris? Jean Lefevre. Jean, apresento-lhe o padrinho do filho de Françoise, o capitão Frederic Hanke.

Sem o beliscão de Léa, teria certamente caído. Incapaz de dizer uma palavra, pálido, estendeu ao outro uma mão trêmula.

Sem parecer reparar em nada de anormal, Frederic apertou-a.

— Bom-dia, caro senhor. Fico feliz por encontrar um amigo de Françoise e de Léa. Desejo-lhe um bom ano. Obrigado pelo seus votos, Léa. Espero que este ano seja para você melhor que o anterior.

— Obrigada, Frederic. Jean, quer um café?

— Sim — murmurou Jean sem saber o que fazer.

O capitão Hanke, muito à vontade, aproximou-se dele.

— É vizinho próximo da família Delmas?

Bastante próximo, sim, a propriedade da minha mãe é em Cadillac.

— Sem dúvida a ajuda a explorá-la?

— Sim.

— Você tem a sorte de viver numa bela região. Espero voltar a vê-lo quando a guerra acabar e nossos dois povos formarem apenas um.

Jean ia replicar, quando Léa interrompeu:

— O capitão ficou apaixonado pelas nossas vinhas, quando esteve em nossa casa, em Montillac.

Por fim, Frederic Hanke despediu-se.

— Desculpe-me ter interrompido o final do vosso almoço. Mas era o único momento em que poderia vir apresentar-lhe as Boas-Festas. Volto ao serviço às quinze horas. Françoise, se precisar de mim, sabe onde me encontrar. Até logo, minhas senhoras, até logo, Léa, até logo, caro senhor.

Todos o viram partir com alívio.

— Um! Julguei que nunca mais ia embora! — exclamou Léa, deixando-se cair numa cadeira. Por que não nos vieram avisar que ele estava cá?

Não pensei nisso — disse Françoise cabisbaixa. — Estava tão feliz por ter notícias de Otto.

— Isso não tem importância, minha filha. Este rapaz é realmente encantador. Muito bem-educado, absolutamente correto! — exclamou Lisa, com voz satisfeita.

— Absolutamente correto, é o que se diz por toda a parte à nossa volta. "Calcule, senhora Dupont, aquele oficial segurou a porta do metrô para eu entrar! Que homem bem-educado! Hum! ... Não é como os franceses jovens de agora, que nos empurram sem sequer pedirem desculpas. Comunistas... Uns devassos, e ainda se admira termos perdido a guerra... O contrário é que teria sido para admirar. Bem que eu digo, senhora, quando um povo se afasta de Deus é justo que Deus se afaste dele e o castigue... Temos de espiar e denunciar os maus franceses que escutam a rádio de Londres e desobedecem ao marechal Pétain, um santo homem, que tomou conta da França para a salvar..."

— Chega, Léa gritou Françoise.

— "...senhora Durand, tem toda razão. Calcule que outro dia encontrei uma antiga vizinha, uma judia... Pois imagine, nem é de acreditar, nem usava a estrela amarela. Pode acreditar que não deixei de avisá-la e toda a gente à minha volta me aprovou.

Corada de vergonha, ela foi embora..."

— Chega!

— Está bem, está bem, tia Albertine. Desculpe-me, sou da sua opinião, os alemães são muito corretos!

— Exatamente, mesmo que isso a desagrade. Você parece se esquecer de que são eles os vencedores e que podiam fazer de nós o que quisessem. Enquanto que, apesar dos atentados, continuam a mostrar-se corretos e pacientes...

— Que fuzilam os reféns por toda a parte, que deportam não se sabe para onde mulheres e crianças...

— São terroristas...

— As crianças...?

— Cale-se, não fale de crianças — disse Françoise, desfeita em lágrimas.

Um silêncio suspeito seguiu-se a esta discussão.

— Venha, Jean, vamos para o meu quarto.

— Não me parece decente — disse Lisa, com uma voz tão aguda que, em outra circunstância, todos teriam achado cômica.

Léa encolheu os ombros e saiu arrastando o amigo. Mal tinham passado o umbral da porta quando a campainha tocou.

Com o coração palpitando, os dois amigos entreolharam-se. Com um gesto, Léa indicou o quarto. Esperou que a porta se fechasse para abrir a do patamar.

— Graças a Deus, está aqui! — disse François Tavernier, apertando-a contra o peito.

O alívio que sentiu quando ele a abraçou chegou perto da volúpia.

— Tive tanto medo... quando soube que um dos companheiros de Sarah nos tinha traído, eu a vi presa... e nunca me perdoaria... Lefèvre está com você?

— Está. Por que não me disse que se tratava dele?

Porque só o soube no último instante. Onde está ele?

— Em meu quarto. Vamos lá antes que tia Lisa venha aqui saber quem tocou.

— Sigo-a, mas primeiro dê-me um beijo.

Pela primeira vez, Léa respondeu a esse pedido com verdadeira simplicidade.

No quarto, sentado no canto da cama, com a cabeça entre as mãos, Jean Lefèvre esperava. Quando ergueu a cabeça tinha os olhos úmidos. François Tavernier olhou para ele atentamente.

— Léa, deixe-nos a sós.

Quando se encontraram a sós, ele perguntou:

— Não tem nenhuma notícia dos outros membros do grupo?

O rapaz acenou negativamente.

— Tem de sair de Paris imediatamente. Aqui estão seus novos documentos. Seu novo nome éJoél Lemaire, nascido em Tranche-su-Mer, na Vendée, no dia 10 de outubro de 1920, filho deJean Lemaire, agricultor, e de Thérèse Peyon, sem profissão. É filho único e os seus pais morreram há dois anos, em Sables-Olonne, durante uma tempestade que fez naufragar o barco em que se encontravam. Trabalha como pescador em Aiguillon. Tudo isso e mais explicações estão aqui consignadas. Aprenda-as de cor antes de partir, depois as destrua.

Apanhará o trem esta noite para Poitiers, e aí terá uma correspondência para a Rochelle. Seja muito prudente, nessa zona são freqüentes as inspeções. Na Rochelle tente encontrar um carro em direção a Luchon e a Aiguillon. Em Aiguillon, irá ao "Rendez-Vous dos Marinheiros Pescadores".

Pergunte por Jean Marie, do Vailiante. Quando estiver junto dele, diga-lhe que o ar daqui é melhor que o do metrô parisiense. E ele responderá: "Isso é bem verdade, sobretudo na Trinité". Siga todas estas instruções. Compreendeu bem?

— Sim.

— Muito bem. Vou deixá-lo dez minutos para aprender tudo isso. Tem dinheiro?

— Praticamente, não.

— Tome, aqui tem mil francos.

Jean teve um gesto de recusa.

— Pode aceitar. É dinheiro que vem de Londres. Assine este recibo, é a regra.

Jean guardou o dinheiro e assinou.

— Posso dizer-lhe uma coisa?

— Sim. Sem dúvida, O que é?

— Eu não queria que Léa estivesse ligada a nada disto.

A forma como François Tavernier o olhou fez o rapaz corar.

— Eu também não quero. Mas agora já é um pouco tarde para voltar atrás.

— Não me parece. Diga-lhe para voltar para casa.

— Farei o possível, mas ela quer ajudar a nossa amiga...

A porta entreabriu-se e Léa espreitou:

— Que demora, já acabaram? Posso entrar?... François, eu não compreendo nada do que se passa. Que vamos fazer por Sarah?

Tavernier olhou-a bem nos olhos, sem responder. Depois de um longo silêncio disse uma voz monocórdica:

— Sarah foi torturada.

Léa precipitou-se para François e bateu-lhe com força no peito.

— Você me mentiu! Você me mentiu! — berrou ela. — Tinha dito que ela estava sendo

bem tratada... que, graças às suas boas relações com os boches, ela seria bem tratada... e eles a torturaram!... A culpa é sua... Nunca o perdoarei... Foi por sua causa que a prenderam... É miserável... Um miserável...

— Cale-se... Já basta! — exclamou Jean, afastando-a dele. — Deixe-o lhe explicar.

— Ele não tem nada a explicar... Ele trabalha para eles. Eu o vi rindo diante do hotel Lut'écia — gritou ela, desprendendo-se.

Pálido, de olhar sombrio, François Tavernier limpava um pequeno arranhão no rosto.

— Mentiram-me. Não foi para a rua de Saussaies que levaram Sarah, mas para a avenida Henri-Martin. Só esta manhã é que vim a saber mas era tarde demais. Depois de sua prisão, levaram mais dois membros do grupo. Um deles falou, o que explica o que aconteceu.

— Quem lhe disse isso de Sarah?

— Um de seus amigos, Raphael Mahl...

— Raphael! Então, está vendo...

— ... que foi ele quem a denunciou. Não, tenho certeza de que não foi ele. Não que não fosse capaz, mas porque sabia que eu protegia Sarah e que poderia prendê-lo ali mesmo.

— Então, como é que ele soube que ela não estava na rua de Saussaies mas na rua Henri-Martin?

— Por um crápula ainda maior do que ele, para quem trabalha de vez em quando. Frederic Martin, isto é, Rudy Mérode ou Rudy de Mérode.

— Que disse esse tal Rudy?

— Quer realmente saber?

— Sim.

— Mérode contou a Mahl, rindo, como é que, junto a um de seus companheiros, ele havia forçado uma bela judia a tomar banho.

— A tomar banho?

— Sim, é assim que eles chamam ao suplício da banheira. Foi, segundo parece, um belga que inventou esse tipo de tortura...

Quando se trata de um homem, contentam-se em mergulhar sua cabeça numa bacia ou num tanque de lavar, cheio de água gelada, até os limites da asfixia, tiram-no e voltam a mergulhá-lo até que ele fale ou desmaie.

— É horrível.

— Quanto às mulheres...

— Pare! — gritou Jean Lefevre.

François Tavernier envolveu os dois jovens num olhar irônico e ao mesmo tempo cheio de comiseração.

— Vocês lançam-se numa aventura de que só vêem o lado romântico, mas há outro, aquele onde existe a tortura, em que se mata, se viola, ou em que se mandam as crianças morrer em campos de extermínio. Devia ter lido Mein Kampf, rapaz, o chanceler Hitler já havia exposto aí claramente a solução do problema judeu. Se Léa quer continuar a brincar de heroína, deve saber o que por vezes lhes fazem quando são presas. No caso de Sarah, que sabia o que arriscava, eles ataram-na na "enfermaria" onde se "curam" as feridas. Da rua Saussaies levaram-na para a avenida Henri-Martin. Primeiro interrogaram-na corretamente, depois, como era hora do jantar, fecharam-na num armário metálico.., vocês sabem, aqueles que servem de guarda-roupa ao pessoal dos escritórios ou das fábricas, que são pequenos demais para se estar em pé e muito estreitos para que se possa sentar. O jantar durou três horas... Depois, voltaram, repletos e ligeiramente alegres e brincalhões. Quando abriram o armário, tiveram de ajudar a Sarah a sair, porque suas pernas estavam anquilosadas e não se mantinha em pé. Eles levaram-na. Conduziram-na até o banheiro... Estava tão fraca que tiveram de ajudá-la a despir-se.

Mérode, com um copo de champanhe na mão, apreciava como bom conhecedor sua beleza...

Léa sentara-se na cama. Sem compaixão, François Tavernier continuou:

— ... Depois, pediu ao dono da casa, Christian Masuy, para os deixar a sós por uns instantes. Masuy acedeu, rindo, e saiu com seus acompanhantes. Sarah não se mexia e um pouco de sangue havia atravessado o curativo. Rudy acariciou-lhe os seios e disse-lhe que era bonita e que podia intervir em seu favor.

Parece que esta amável proposta fez Sarah dar uma gargalhada que foi muito mal recebida pelo nosso Don Juan, porque, segundo suas declarações, deu-lhe uma bofetada e voltou a esbofetear-na sem resultado, visto que ela continuava a rir. Furioso, chamou os camaradas e, ali, ataram-lhe as mãos atrás das costas com umas algemas e cada um, por sua vez, violou-a.

Depois, concederam-se uns instantes de descanso enquanto fumavam. Depois, ataram-lhe os tornozelos e assim amarrada atiravam-na e voltavam a atirá-la de uns para os outros, como uma bola, enquanto iam dizendo: "Você vai falar, porca, fala ou não fala? Como ela continuasse calada, cansaram-se da brincadeira e atiraram-na à banheira. A água gelada arrancou-lhe o primeiro grito. Para não ouvi-la, talvez, Masuy enfiou-lhe a cabeça na água. Por causa da ferida, a água de banheira ficou logo ensangüentada. Durante duas horas encarniçaram-se com ela. "Que coragem a desta mulher". Foi o que disse no dia seguinte Rudy de Mérode a Raphael Mahl, que me contou isto com uma emoção que não era fingida... Eis o que é o suplício da banheira. E ainda por cima estes senhores contam isto com volúpia...

Calou-se por momentos e depois continuou:

— Léa, olhe bem para mim, pode imaginar que eu possa ser cúmplice de gente dessa espécie?

O ar intenso e desamparado com que ela o olhou, sua boca trêmula, faziam-na parecer a criança de oito anos que fora testemunha de uma injustiça ou de uma maldade que não compreendia.

Como a garota queria se atirar nos braços daquele que a fazia chorar!

— Léa, responda-me. Apesar de certas aparências, acredita que possa estar do lado desses sujos?

Ela atirou-se para ele.

Tê-la nos braços, respirar o perfume de seus cabelos, de seu pescoço, sentir seus lábios com gosto de sal. De tanta felicidade, François fechou os olhos.

Quando os reabriu, cruzaram-se com os dejean, desesperados. "Pobre rapazinho, também ele está apaixonado por esta insuportável garota", pensou ele. Com suavidade, afastou-a.

— Amanhã Sarah vai voltar para a rua de Saussaies. Durante a noite saberei a hora da transferência. Já conhecemos o itinerário e três dos nossos estarão nos pontos estratégicos.

— Também quero estar — disse Jean.

— Não, meu caro, está queimado e parte esta noite. Despeça-se de Léa. Vou deixá-los. Vou desejar Boas-Festas às suas tias.

Ao verem-se sozinhos, os dois amigos de infância sentiram-se intimidados.

— Nem sequer cheguei a lhe perguntar notícias de Raul. Como vai ele? Onde está?

Só sei por um amigo comum que fugiu da Alemanha no ano passado, depois disso estamos sem notícias.

— Pobre Raul. Nós nos dávamos tão bem, os três. Lembra-se dos nossos mergulhos no Garonne? Dos nossos passeios de bicicleta pelas colinas?...

— Naquela época você ainda gostava de nós... Montillac sem você não é o mesmo. Parece que a propriedade se encolheu. As janelas ficam fechadas. Quando Ruth e Camille saem, tem-se a impressão de que andam na ponta dos pés. Parecem passar a vida à espera. Desde que Mathias partiu para a Alemanha, Fayard não diz nada. De tempos em tempos o vemos nas vinhas, dando ordens ríspidas. Está com mania de trabalhar à noite e de fazer umas rondas, com uma lâmpada na mão. E trata a mulher como a um cão.

— E Laurent?

— Faz muito tempo que não o vejo, mas sua rede é ativa, uma das mais ativas do Sudoeste. Eles participam de tudo o que é perigoso. É melhor que ele não se deixe agarrar, porque os alemães não morrem de amor por ele. Parece que vem em pleno dia visitar a mulher e o filho, sem nenhuma proteção. Bem que gostaria de trabalhar com ele, mas Trinité precisava de mim aqui em Paris... Lembra-se de quando íamos para a floresta?

— Tudo isso agora é o passado e eu me sinto tão velha! E tenho tanto medo, se você soubesse como tenho medo!

— Mas não se percebe — disse ele, puxando-a para si. — Você não mudou nada, a não ser que está cada vez mais bonita. O seu olhar, talvez..., sim, o seu olhar mudou muito, um pouco mais duro, um tanto mais inquieto. Você devia voltar para Montillac e deixar por aqui tudo isto. Esperar tranqüilamente que a guerra acabe.

— Esperar tranqüilamente' Mas você se julga em outra época, meu pobre amigo. Esperar o quê? Que eles continuem a roubar o país, a torturar os nossos amigos, a perseguir Laurent e tio Adrien? Se não se fizer nada, então é que eles nunca mais irão embora. Não quero esperar, quero viver, percebe, viver, não quero mais vê-los aqui. Depois que partiram de Montillac, com Ruth e Sidonie, fizemos uma grande faxina. Ah! Se tivéssemos podido purificar a casa com fogo! Françoise não compreendia e só dizia: "Mas as grandes faxinas da primavera já foram feitas!...". No princípio eu me dizia: é preciso habituar-me à sua presença. É normal, visto que se perdeu a guerra.

Depois, pouco a pouco, falando com Camille, escutando a rádio de Londres e, sobretudo, ao ver que a maioria dos nossos parentes, dos nossos vizinhos, vergavam a espinha, tive vergonha. E agora, quando penso no que fizeram a Sarah, gostaria de pegar um fuzil e lutar.

— Não é lugar para uma mulher.

— Como você é antiquado! Não seria a primeira vez que mulheres participariam da guerra.

— Eu não queria que lhe acontecesse nada...

Bateram à porta. Era Françoise.

— Tia Albertine mandou-me chamá-la.

Saiu sem esperar resposta.

— Tenho de ir embora. Cumprimente as senhoras Montpleynet por mim.

Agora deixe-me. Tenho de decorar as recomendações de Trinité.

— Dê-me um beijo e procure me dar notícias de vez em quando.

Aquele beijo recordou-lhes o verão de 39, no terraço de Montillac, quando sua principal frase era: "Que vamos fazer de interessante hoje?". Abraçados e recordando o passado, não viram a porta abrir-se e François Tavernier entrar. Ele sorriu ao ver os jovens abraçados. Sem barulho, retirou-se.

— Amo-a, Léa!

— Eu bem sei, queira-me bem, preciso disso.

— Tal como a conheço não lhe faltarão apaixonados, a começar por François Tavernier.

— Não vai ficar ciumento. Não é hora para isso.

— Tem razão, sou como Raul. Não posso ver outro homem lhe fazendo a corte.

— Você e seu irmão foram sempre dois patetas — disse ela com ternura.

— Até logo, Léa. Seja prudente.

— Até logo, Jeannot, você também, seja prudente.

Depois de um último beijo, Léa reuniu-se à família. Dez minutos depois, Jean Lefèvre deixava a rua da Universidade.

Na salinha onde a família fazia as refeições por medida de economia com o aquecimento,

Albertine e Lisa, enquanto esperavam pelo jantar, ouviam mensagens pessoais vindas de Londres.

O caranguejo vai encontrar as serpentes.

Segui com um passo sonhador o caminho solitário.

Nós dizemos,' segui com um passo sonhador o caminho solitário.

Maurice passou um bom Natal com seu amigo e pensa nas duas mimosas que vão florir.

— Ficamos contentes por ele — comentou Lisa com um sorriso.

Capítulo 7

LÉA COMEÇAVA a se impacientar. Há oito dias estava sem notícias de François Tavernier. Sarah ainda estaria prisioneira? Teria Jean conseguido chegar a Vendée? Até o silêncio de Raphael a inquietava. Sem se conter mais, resolveu ir à rua de Saussaies.

Sua juventude, sua beleza e a aparente timidez que demonstrou, anularam toda a desconfiança e curiosidade do oficial alemão que a recebeu. "Sarah Mulstein? , aquele nome dizia-lhe alguma coisa... "Ah!, sim, aquela judia que lhe haviam trazido ferida. Não, já não estava ali. Que fosse procurá-la no número 101 da avenida Henri- Martin: aí talvez lhe pudessem dar mais informações, senão que voltasse ali, talvez ele pudesse fazer alguma coisa... É normal ajudar uma moça tão bonita..." Léa agradeceu.

Na rua, subiu em sua bicicleta e dirigiu-se para a avenida Marigny e depois à Champs-Elysées. Na rotunda, um agente sobre o alto estrado, rodeado por uma proteção de pesados painéis de sinalização alemã, controlava uma circulação inexistente: algumas bicicletas, raros carros, pedestres apressados, apertando friorentamente seus casacos finos demais. Um chuvisco tornava a calçada escorregadia. No alto da avenida, o Arco do Triunfo da Etoile erguia-se, símbolo irrisório no céu cinzento.

Abatida, Léa não quis seguir por aquele caminho e voltou para a avenida Montaigne. Em Alma, a chuva recrudescu. Na avenida HenriMartin, prendeu a bicicleta junto às grades do jardimzinho do prédio, sob o olhar indiferente de um pedestre. A entrada, tirou a boina, arranjou o cabelo e limpou com o lenço o rosto e as pernas.

Surpresa, olhou à sua volta. Como tudo estava calmo, burguês, nada que indicasse uma presença alemã. Não podia ser ali que se praticavam os horrores descritos por Tavernier. Depois da saleta da zeladora, uma grande porta envidraçada conduzia ao interior do prédio. Léa parou indecisa, no meio da entrada de mármore. À sua direita uma bela escadaria de madeira escura com corrimão de grade conduzia aos andares superiores. Para sustentá-la, uma cariátide de rosto altivo e seios proeminentes cuja madeira lúidia mostrava a que ponto as mãos dos locatários e suas visitas tinham passado por eles. A frente, a grade trabalhada do elevador estava iluminada pelos vitrais de uma janela alta. Dois grandes degraus de madeira com ângulos arredondados conduziam a uma porta de batente duplo, onde se fixava uma pequena placa de cobre Léa aproximou-se e leu: "Serviço Econômico Francês". "Escritório de Vendas". Que significaria aquilo? Julgara compreender que fora para o térreo que haviam levado Sarah. Aquelas duas palavras, porém diziam-lhe qualquer coisa.

François falara sobre o escritório de ven das Mas o que havia dito? Cansada e transida, sentou-se nos primeiros degraus e apoiou a cabeça na da cariátide. Um dos batentes da porta abriu-se bruscamente e um homem apareceu atirado por mãos invisíveis. O infeliz perdeu o equilíbrio e foi estatelar-se nos ladrilhos da entrada. Apesar da penumbra daquele lugar Léa notou que suas mãos estavam atadas nas costas e de seu rosto inchado corria sangue, que

manchava o mármore branco e dourado.

Quase ao mesmo tempo, saíram dois homens. Riam enquanto abotoavam os casacos, O mais novo deu um pontapé no corpo estendido, agitado por tremores.

Ande, malandro, levante-se. Agora que já nos contou tudo, não precisamos de você. Vamos levá-lo a Fresnes.

Vocês tinham prometido — disse o prisioneiro, erguendo-se.

— Prometido o quê?

Que deixariam minha mulher e minha filha em paz.

— Promessas, promessas, não se pára de fazer promessas aqui, mesmo que o chefe nos repreenda.

— Oh! Não! Não é verdade! berrou ele, reabrindo uma ferida mal fechada em sua boca.

Vá, ande, levante-se... O chefe não tem certeza se você nos disse tudo.

O pobre tipo arrastou-se aos pés de seus carrascos irritados. Juro que lhes disse tudo, dei os nomes, os códigos, tudo! — gritou ele, soluçando.

— Basta! O carro está à nossa espera... Acabe com esse choro de mulher que está chamando a atenção. As lágrimas num homem me enjoam. Em pé...

— Levante-se, estrume — disse o outro —, você não está pensando mesmo assim que vamos levar uma amiguinha.

Os soluços cessaram de repente. Léa, agachada atrás da estátua viu aquele ser, que parecia ter perdido toda a dignidade, levantar-se, primeiro de joelhos, depois numa perna e a seguir na outra, vacilante mas em pé, horrível, miserável, com os olhos meio fechados pelas pancadas, o lábio inferior rasgado e pendente, o pescoço com um sinal de estrangulamento; das mãos atadas faltavam-lhe as unhas. Passou lentamente diante dos torturadores e, ao parar diante do mais velho, escarrou- lhe na cara.

Logo surgiu uma arma na mão do companheiro.

— Deixe, Bernard, ele ficaria muito contente se você o liquidasse.

Com pontapés e murros saíram do prédio.

Foi o barulho do elevador que despertou Léa de seu entorpecimento.

Levantou-se de um salto. Já era tempo. Duas mulheres elegantes saíram rindo. Ao mesmo tempo, uns senhores bem postos tocaram à porta do escritório de vendas.

Nenhum deles reparou no sangue que estava no chão.

Léa, como que fascinada, continuava em pé, diante daquela porta.

"Tenho de ir embora", dizia para si mesma, incapaz de se mexer, como esperando qualquer acontecimento que lhe permitisse compreender, não o que acabava de ver, mas o porquê do que vira. Sentia que não devia continuar ali. Ninguém notou sua presença. Devia fugir o mais depressa possível, senão iriam apanhá-la e fazê-la sofrer o mesmo que Sarah e aquele

desgraçado que havia caído a seus pés.

Sempre imóvel, nem ouviu a porta envidraçada abrir-se. Quando se voltou para partir, um homem muito bem-vestido, não muito alto, magro, de cabelos escuros, meticulosamente penteados, fumava nervosamente um grande charuto, pousando nela seus olhos verdes acinzentados.

— Sem dúvida procura alguém, senhorita, poderei ajudá-la?

O tom era cortês, mas a angústia travava-lhe a garganta.

— Parece que lhe faço medo. Tenho um ar assim tão mau?

Não, ela fez com a cabeça, tentando restabelecer as idéias e dizer qualquer coisa. Seus olhos encontraram a placa de cobre:

"Escritório de Vendas". O que François Tavernier lhe contara veio-lhe à memória.

— Disseram-me que aqui se compravam metais preciosos.

— É verdade. Tem alguma jóia para vender?

— Sim, é isso, jóias de família.

— Compreendo, senhorita, os tempos estão difíceis neste momento e, as vezes, somos obrigados a nos separarmos das jóias de que mais gostamos: Entre, e verei o que posso fazer por você.

Abriu a porta com a própria chave e afastou-se para deixá-la passar.

Havia muita gente na grande entrada: os tais senhores bem-apessoados de há pouco, homens com paletós deformados por uma arma, três mulheres vestidas de preto, chorando, sentadas a um canto. Em frente a elas, um rapaz, de pés e mãos atados, estendido no chão, com uma bandagem suja na testa, parecia dormir. Uma mulher de casaco de peles com uma espécie de coque de cabelos untados ria muito alto. Uma jovem em lágrimas, com as vestes rasgadas, foi trazida de um quarto e arrastada para outro, apesar de seus protestos. Cada uma das pessoas presentes fingiram não perceber nada.

Léa voltou-se repentinamente.

— O que se passa aqui? Quem é esta gente? O que estão fazendo com aquela moça? E quem é o senhor?

— É verdade, desculpe-me, esqueci-me de me apresentar: Christian Masuy, diretor do Serviço Econômico Francês. Aqui está meu cartão. Quanto às pessoas que estão ali, é porque têm qualquer coisa para vender, tal como você. Se quiser seguir-me até meu gabinete, chamarei meu secretário.

O gabinete de Masuy era uma grande sala cheia de luz. Uma varanda dava para o jardim que bordeava a avenida Henri- Martin. As madeiras eram belas, assim como a imponente lareira de mármore; uma enorme secretária maciça, onde havia o retrato de uma mulher e duas crianças, pesadas poltronas de couro e um canapé Chesterfield compunham o mobiliário. A temperatura era agradável.

— Sente-se, por favor. Quer beber alguma coisa?... Talvez um pouco de champanhe far-lhe-á bem... Fique à vontade. Tire esse casaco molhado, sertão vai fazer mal. Aqui também não está muito quente. Mas que quer, é a guerra! Vou acender a lareira.

— Obrigada, não vale a pena, não tenho frio.

— Vamos, seja razoável e retire o casaco.

O tom mudara. Léa obedeceu. Naquele instante, um bigodudo de uns cinqüenta anos, meio careca, com sobrancelhas carregadas sombreando os olhos claros, entrou.

— Bom-dia, senhor. Chamou-me?

— Entre. Apresento-lhe a senhorita... De fato, como se chama?

Apanhada de imprevisto, Léa balbuciou:

— Delmas.

— Senhorita Delmas. muito bem. A senhorita Delmas teria algumas jóias para nos propor... Veremos isso com ela. Enquanto esperamos, acenda a lareira, porque gelamos aqui.

— Mas, senhor, os aquecedores estão esalando.

— Não discuta, faça o que lhe digo.

Enquanto Humbert ocupava-se da lareira, Mansuy abriu a grande varanda, debruçou-se e trouxe uma garrafa de champanhe.

— Não encontrei nada melhor como geladeira nesta estação disse ele, com ar triunfante.

De uma gaveta da secretária retirou duas taças.

— Não, obrigada, para mim não — disse Léa.

— Se não aceita beber comigo, vou considerar isso como uma ofensa.

Os melhores negócios concluem-se em volta de uma mesa, com um copo na mão.

Resignada, Léa viu-o derramar o líquido borbulhante. Sua mão já não tremia quando segurou o copo que ele lhe estendia.

— À sua saúde; que este novo ano 43 lhe seja propício. Verá, no negócio que vamos fazer juntos, ganharemos muito dinheiro.

— À sua, senhor. Eu não quero me lançar nos negócios, sou muito ignorante. Apenas desejo desfazer-me de algumas jóias e peças de prata para poder ajudar minha família.

— Traz consigo os objetos em questão?

— Não, porque não sabia o que devia fazer, nem se o endereço era este.

— A propósito do endereço, quem lhe deu este?

Ah! Era a pergunta que ela temia desde o princípio. Bebeu uns goles, tentando encontrar uma resposta.

— Ouvi uma de minhas amigas mencionar o escritório da avenida Henri-Martin, mas não

me lembro em que circunstância.

— Humbert? Acabou de acender o fogo? Pode ir embora.

— Está bem, senhor.

Quando ia sair, alguém entrou, empurrando-o. O secretário só teve tempo de esboçar um gesto.

O reflexo de Masuy tinha sido mais rápido do que o de Humbert.

Quando o intruso chegou diante da escrivania, ele já se encontrava com uma pistola em punho.

— Eh! Então, Christian, já não se conhecem os amigos?

— Os meus amigos, em geral, não entram aqui dessa maneira. Teve muita sorte de não receber uma bala no meio dos olhos.

Sou bom atirador, já sabe.

— Desculpe-me...

— De resto, creio já ter dito que não queria mais trabalhar com você.

— Mas não se trata de mim, mas de minha amiga aqui presente.

— Que está dizendo? Esta moça é sua amiga?

Léa nem acreditava... Raphael Mahl!... Tê-la-ia seguido?...

— Tinha um encontro marcado com ela.

Senhorita Delmas, é verdade?

— Sim, e como não o vi, nem sabia o que fazer.

Os olhos verde-acinzentados olhavam um e outro, desconfiados.

— Eu a tomei por uma moça decente e afinal é amiga de Raphael Mahl!... Não quero acreditar.

Apesar da tensão que reinava, Léa esteve prestes a cair na risada; era quase palavra por palavra o que lhe dissera Richard Chapon a propósito do escritor. Decididamente, fosse em que meio fosse, seu amigo Raphael não tinha boa reputação.

— Conhecemo-nos há muitos anos. Ele aconselha-me nos negócios.

— E continuaram a ter boas relações?...

O espanto do homenzinho era tão sincero que Raphael e Léa desataram a rir. Aquela alegria exasperou Masuy que deu um murro na mesa. Isso só teve um resultado, Léa ria a valer.

— Meu pobre Raphael, mesmo aqui, desconfiam de você, é muito engraçado!

— Eles têm razão para isso! Conhecem-me bem... Não é verdade, meu caro?... Já não posso mais, deixe-me sentar...

— Vai acabar com isso, é grotesco!

— Já há muito que sei... Esta gente aqui aborrece-me tanto como eu mesmo... Portanto, vale mais rir, não acha?... Que caras está fazendo!... Não faz nem um minuto estava todo corado, agora está verde... Devia rir mais vezes, é bom para o tom de pele. Olhe para nossa bela amiga, é o humor que a torna tão fresca... Vamos, basta de gracejos, viemos para discutir negócios. Sabe que eu sou perseguido pela polícia francesa e por seus companheiros da Gestapo, e já não me posso dedicar ao meu frutuoso comércio. Mas você me conhece, os meus amigos são sagrados, se lhes posso ser útil, não hesito.

Portanto, quando a senhorita Delmas me pediu para lhe vender um diadema de diamantes, pensei logo em você.

Léa fechou os olhos à evocação dos pretensos diamantes.

— Diamantes? — disse Masuy, voltando a sentar-se. -Julguei que se tratava de simples fantasias. Tê-las-ia comprado para ser útil a uma moça tão encantadora. Mas diamantes! ... Quando os poderei admirar?

— Primeiro tenho de convencer minha família de me confiá-los.

Masuy deitou-lhe um olhar cúmplice.

— Compreendo perfeitamente, senhorita. Volte a me procurar rapidamente. Mas venha sozinha, sem este escroque.

— Meu caro Christian, que roncoroso que é!... Não são uns pequenos mal-entendidos que vão continuar a aborrecê-lo!

— O que você chama "pequenos mal-entendidos", mesmo assim, custou-me mais de um milhão de francos.

— Não tive sorte. Fui enganado! Você vai ver, depois do negócio com a senhorita Delmas, vai me agradecer.

Léa tinha-se levantado pronta para sair. Amável, Masuy ajudou-a a vestir a japona.

— Até breve, senhorita, fico esperando sua visita. Adeus. Mahl.

Lembre-se de que quanto menos eu o vir, melhor para você.

Sou um grande desconhecido — disse ele num tom dramático ao sair da sala.

A entrada agora estava cheia de gente, a maioria em pé.

Alguns precipitaram-se:

— Senhor Masuy, tínhamos marcado um encontro!...

— Já pensei, senhor Masuy, dou-lhe pela metade do preço...

— Suplico-lhe, senhor, tem notícias de meu marido?...

— Que vai ser de mim, prenderam meu filho!

— O senhor tinha-me dito para voltar aqui se visse qualquer coisa de suspeito nos meus vizinhos. Ouvi falar inglês em casa deles, é duvidoso, não acha?

— Tenham paciência, meus amigos, todos serão recebidos. Uma tristeza receosa apoderou-se de Léa.

Por que seria que Raphael Mahl lhe apertava a mão com tanta força?

Até a machucava... Léa o olhou, quase protestando. O que ele olhava? Não aquela mulher de cara inchada, com os longos cabelos negros molhados... não era...

— Distraia a atenção de Masuy e de seus homens — murmurou Raphael entre os dentes.

A bolsa de Léa rolou pelo chão, espalhando tudo o que continha.

— Não faz mal — disse Masuy, abaixando-se — vamos ajudá-la a recuperar todas essas bugigangas.

Nunca pensara que sua bolsa tivesse tanta coisa. Quando aqueles amáveis cavalheiros se levantaram, estavam todos vermelhos.

— Muito obrigada, meus senhores.

— Tome, Léa, aqui tem o seu batom.

— Mas...

— Custou-me muito pegá-lo, estava escondido debaixo do banco.

Compreendendo de repente, enfiou na bolsa aquele batom que sabia não lhe pertencer.

A chuva tinha parado, Léa desviou a bicicleta da grade e partiu sem se preocupar com Raphael Mahl.

— Ei! Espere por mim...

Depressa chegou junto dela, montado numa bicicleta.

— Não fuja assim, temos muita coisa a nos dizer.

— Deixe-me em paz, não tenho nada a ver com você.

— Está enganada. Primeiro, deve-me agradecimentos. Sem a minha intervenção, talvez tivesse conhecido os métodos de meu amigo Masuy.

— Não duvido que conhecesse bem os seus métodos, talvez mesmo lhe tivesse dado uma ajuda de vez em quando.

— Pense o que quiser. Em todo o caso, é preciso ser completamente doida para vir se lançar na boca do lobo. Mas, afinal, o que veio fazer ali? É verdade essa história das jóias?

— É tão verdade como a dos diamantes. Que lhe deu para inventar semelhante história? Agora ele vai querer me ver.

— Eu o conheço bem. Os diamantes são a sua paixão. Era o único meio dele não lhe fazer perguntas concretas. Léa, peço-lhe, não vá tão depressa, já não tenho vinte anos, e não posso acompanhá-la.

— Isso vai fazer-lhe bem, come muito e está muito gordo, como um porco antes da guerra.

É cruel. No entanto é preciso que lhe fale tranquilamente.

— De bicicleta, no meio da avenida Henri-Martin não é o lugar ideal para estarmos ao abrigo de ouvidos indiscretos?

— Tem razão, mas estou cansado. Antes de pararmos, responda-me: o que ia fazer naquele local?

— A mesma coisa que você, segundo me parece: saber notícias de Sarah.

Durante alguns instantes, pedalarão em silêncio. Chegaram ao largo do Trocadéro. A chuva voltava a cair. Amarraram as bicicletas juntas, junto a uma árvore, depois correram até o café mais próximo. Instalaram-se na sala do fundo, ainda quase vazia.

— Tenho fome — disse Léa.

— Tem senhas?

— Tenho algumas, por quê?

— É a única maneira de nos darem de comer. E não se pode queixar, porque aqui ainda é tragável. Garçom, por favor!

Um criado idoso, com corpo envolto num grande avental branco, chegou arrastando os pés.

— Ao senhor e à senhora, o que posso servir?

— A senhora tem fome, poderá recomendar-nos o prato do dia?

— Isso depende!...

— Mas nós temos senhas.

— Não duvido..., porque aqui, sem senhas, não se come.

— Quer isso dizer que com senhas e mais qualquer coisa, pode-se obter uma refeição melhor?

— O senhor compreendeu perfeitamente e o "mais qualquer coisa" é importante, pode-se arranjar uma refeição melhor, e mais abundante.

— Isto é uma vergonha! — disse Léa.

— Cale-se, vai vexá-lo — disse Raphael em voz baixa. — Tem algum dinheiro? Porque, neste momento, as minhas finanças estão em baixa.

Léa remexeu nos bolsos da japona e retirou umas notas amarfanhadas que lhe estendeu.

— Será o suficiente?

— Com o que me resta talvez possa chegar. — Raphael entregou uma nota ao criado que ele se apressou a esconder no bolso, levando para a caixa as senhas de alimentação. Da cozinha eles ouviram-no gritar:

— Dois pratos do dia, como para doentes.

Léa levantou-se aproximando-se do fogão de cobre no centro da sala.

Retirou a japona úmida e a colocou no espaldar de uma cadeira, perto do fogo. Nesse momento receou que Raphael Mahl se aproximasse, mas ele ficou sentado, fumando, perdido

nos próprios pensamentos.

Léa pensava: se Raphael não é inocente na prisão de Sarah, como me afirmou François, o que ele estava fazendo ali? Eu bem vi, quando apanhava minhas coisas, que ele se aproximou dela e lhe falou, enquanto ela lhe entregava qualquer coisa.., o batom, com certeza. Visivelmente, em nenhuma ocasião ela supôs que ele a teria denunciado...

— A senhorita está servida!

— Obrigada.

Sobre a mesa, fumegava uma pequena caçarola com menos da metade daquilo a que se pode chamar um guisado. Mas cheirava bem.

E lebre de contrabando — murmurou o criado, enquanto os servia.

Lebre ou não, aquilo comia-se, tal como se bebia a reserva do patrão.

— Talvez eu tenha um meio para tirar Sarah dali...

— Então como?

Raphael olhou à sua volta, a sala enchia-se pouco a pouco com os empregados dos escritórios do bairro.

— Há muita gente. Coma depressa. Eu lhe direi num lugar mais tranqüilo. '.

A sua volta, as pessoas empurravam-se rindo e gracejando. Perto de sua mesa vieram instalar-se quatro moças com capuzes de lã de cor viva, combinando com as luvas e as meias, que as faziam parecer alegres duendes. Retiraram seus casacos e capas pesadas de chuva. Apesar das restrições de tecidos e de seu salário, que devia ser mínimo, seus vestidos eram bonitos e ficavam-lhes bem. Léa lhes lançou um olhar de inveja, comparando com sua roupa cinzenta que pertencera à mãe. Aquele olhar não escapou a Raphael.

— Está muito elegante assim, isso lhe dá um ar de ratinho ajuizado, o que não é habitual. Com os seus cabelos, as cores berrantes lhe dariam mau aspecto.

— Eu preferia ter mau aspecto, como diz, a ter o ar de uma boa freira sem hábito. Devia ter posto a minha camisola de angorá cor-de-rosa.

— O que eu gosto em vocês, mulheres, é que, nas piores situações, pensam em combinar cores, em usar a bolsa e os sapatos condizentes. São como as crianças: choram sobre a sorte de um amigo, dois minutos depois falam de trapos.

Acabaram o guisado de lebre.

A sala agora estava cheia, o barulho era ensurdecador. Raphael chamou o garçom e pagou a conta.

Acabara de chover. Um sol frio tentava perfurar as nuvens, dando um ligeiro brilho às gotas que caíam das árvores. Léa dirigiu-se para a bicicleta.

— Não, deixe-as, agora não temos necessidade delas.

— Por quê?

Vou levá-la a um lugar onde poderemos falar tranquilamente.

O bairro está infestado de espiões dos diferentes serviços da polícia alemã e francesa. Nada nos assegura de que não fomos seguidos. Num cemitério, será mais fácil perceber.

— Num cemitério?... — - Sim. Vê aquela grande parede ali em frente? É a do cemitério de Passy. A esta hora e com este tempo, está quase deserto.

Venha, não percamos tempo, a vida de Sarah depende disso.

Foi o argumento que fez Léa decidir a segui-lo.

Raphael parou na loja do florista, situada à entrada do cemitério e comprou um ramo de violetas.

— É para parecer mais verídico — disse ele.

— É a primeira vez que entro num cemitério parisiense — disse Léa, ao passar sob a entrada.

Olhou à sua volta: o pátio pavimentado, os jazigos brancos em volta. Um jovem guarda com cara de menina, saiu do portão e os olhou. Raphael deu o braço à sua amiga.

— Não tenha medo, é um dos meus jovens amantes. Está simplesmente surpreendido por me ver com uma mulher.

Enquanto falavam, subiram à direita a pequena ladeira. Léa, espantada, contemplava a necrópole.

— Como estas capelas são pretensiosas! Olhe esta, é incrível. Quem estará ali enterrado?

— Uma moça estranha, Marie Bashkirtseff, morreu tuberculosa aos vinte e quatro anos. Era pintora, da escola de Manet.

Depois de sua morte publicaram seu diário e os seus cadernos íntimos; você deveria ler...

Contornando as poças de água, chegaram ao fundo do cemitério.

Várias vezes, ao mostrar um jazigo a Léa, Raphael se voltara para ter certeza de que ninguém os seguia.

Deixou-se cair sobre um banco de pedra, à beira do caminho, retirou o chapéu dando um grande suspiro de alívio.

— Uf! Entregue-me o batom. Contém as indicações sobre o local onde Sarah fica presa durante a noite, e o nome da pessoa que a guarda.

— Que a guarda? — disse ela, remexendo na bolsa.

— Evidentemente, não vai pensar que podemos tirá-la dali, das patas de Masuy, sem cumplicidade no interior.

— Eu não sei de nada, pensei que se pudesse atacar o escritório com toda a gente do grupo.

— Eles foram todos presos.

— Todos?

— Todos com exceção de dois. Isso lhe interessa? Você os conhecia?

— Não, não!

Tanto melhor. Sarah, não fui eu quem a denunciou, foi ela sozinha, com suas imprudências. Em contrapartida, o resto do grupo foi preso graças às minhas denúncias.

Embora não se admirasse realmente com o que Raphael dizia, recebeu a confirmação de sua denúncia como um choque.

Empalideceu tanto que julgou que ia desmaiar. Ele avançou a mão para ampará-la. Ela, porém, recuou:

— Não me toque, senão eu grito. Você me causa horror...

— Depressa, finja que vai passar batom...

— Mas...

Um casal de luto passou, olhando-os.

— Perdoe-me, mas desconfio de toda a gente neste momento. Dê-me o tubo.

— Quem me diz que não vai servir-se dele contra Sarah?

— Minha pobre pequena... Dê-me. Vigie à sua volta.

De costas diante de uma árvore, retirou a pasta vermelha, depois com a ajuda de um fósforo, desembulhou nervosamente um papelzinho.

Com o nariz metido no ramo de violetas, Léa estava de vigia. Quando terminou sua leitura, Raphael parecia pensativo.

— Então?

— Então?... Se isto resultar, não dou muito pela minha pele... Se falhar, também não... Uf! Sejam jogadores até ao fim... De qualquer maneira, o cerco se fecha. Franceses ou alemães, acabarão por me apanhar...

— Se pensava isso, por que foi que denunciou os outros?

— Venha, caminhemos e não fique aí parada. Bem sabe, minha amiga, que os da minha espécie e raça passam por não ser muito corajosos, sobretudo se os interrogam mostrando-lhes um instrumento cortante, muito brilhante e afiado, tirado dum estojo de cirurgião. A vista de um escalpelo sempre me provoca intensa emoção, particularmente se me descrevem o que ele pode fazer. Acreditando não terem sido bastante convincentes, levaram-me a um porão, no bairro de Lannes, onde jaz um infeliz a quem cortaram as pálpebras... Como ele ainda não falara, eles propunham-se cortar-lhe o nariz e depois a cara.

Quanto às orelhas, julgo que já o tinham feito...

— Por que me conta todos esses horrores, saídos diretamente de sua imaginação de escritor medíocre?...

— Minha querida, pode dizer-me tudo, tratar-me de velho maricas, de judeu porco, de colaborador, indicador, ladrão, mas escritor medíocre, nunca. O meu talento é a única coisa

que há de bom em mim, não o difame.

— Pouco me importa o seu talento, isso não o autoriza a contar-me as hipotéticas torturas cometidas pelos alemães.

— E quem lhe diz que são cometidas só pelos alemães?

De espanto, Léa parou e deixou cair o ramo de violetas na lama.

Raphael apanhou-o e lhe estendeu, dizendo:

— Pobre garota... Mas, enfim, o que pensa? Este país está ocupado há dois anos, Pétain, Laval e consortes recomendam a colaboração. Alguns colaboram, realmente, nem sempre de boa vontade, isso é verdade, mas esses são por vezes os mais ferozes.

— O que diz?

— Há pouco, ao deixar a avenida Henri-Martin não reparou num belo rapaz, alto, que entrava?

— Não, não estava com disposição para reparar nos rapazes bonitos.

— Foi pena, talvez lhe viesse a ser útil. Veja se se lembra, ele afastou-se para deixá-la passar.

— Ah! Sim, talvez... Sim, já me lembro. Achei que ele se parecia com Mathias, um amigo de infância.

— Bem! Consegue lembrar-se de seu rosto? Simpático, com uns belos olhos e uma boca...

— Onde quer chegar?

— Esse rapaz simpático era bombeiro da cidade de Paris. Sem ser da resistência, era, no entanto, simpatizante e, nos bares, não se privava de dizer o que pensava da guerra, da ocupação, e até de Londres. Um dia, num balcão, um homem meteu-se na conversa.

Rapidamente, ambos, acabaram trocando umas palavras bastante antialemãs. Esse homem, que dizia chamar-se Lescalier, confiou-lhe que pertencia a um grupo de resistência belga, que procurava armas e que estava pronto a pagá-las caro. O belo rapaz aceitou recebê-lo na semana seguinte. Pontual ao encontro, trouxe-lhe cinco revólveres, não muito novos, mas que serviam perfeitamente.

— Como é que ele os arranjou?

— Por um camarada de caserna de Saint-Quen. Lescalier deu-lhe duzentos francos e pediu-lhe se lhe poderia fornecer mais.

Deixou-lhe o número de seu telefone, dizendo-lhe que telefonasse, se os conseguisse. Alguns dias mais tarde, o nosso bombeiro encontrou-se com ele na Praça da Bastilha, com dois dos seus companheiros que deviam trazer-lhe as armas.

Logo que chegaram, os três jovens foram presos e levados para o hotel Eduardo VII, onde existem os escritórios da Abwehr, o serviço de informações alemão. Nesse gabinete, encontrou Lescalier, ou Masuy, se assim prefere. Desde 1940, Masuy é o grande agente da Abwehr. Ele tem uma grande qualidade:

sabe logo julgar as pessoas. Ao nosso homem, propôs-lhe logo um negócio: ou aceitava trabalhar para os serviços alemães, ou seria deportado. O outro não hesitou: nessa mesma noite foi solto.

— E preveniu seus chefes?

— Não, voltou para a caserna como se nada se tivesse acontecido.

Seus superiores tiveram dúvidas e interrogaram-no. Ele contou tudo menos a razão por que tinha sido solto. Isso lhe valeu um mês de prisão, durante o qual Masuy lhe fazia visitas, trazendo-lhe cigarros. Logo que foi solto, como homem bem-educado, foi pagar-lhe a visita. Voltando à caserna, trabalhou para Masuy com um salário de dois mil francos por mês.

Depois, em 42, desertou, não sem ter conseguido a prisão de um oficial francês dos serviços especiais, para quem ele havia igualmente "trabalhado", e de mais umas vinte pessoas. Depois, ficou um homem de confiança de Masuy, o seu braço direito. Nos interrogatórios, é ele quem o ajuda ativamente. Lembre-se do nome dele: Bernad Fallot.

— É o homem do bisturi?

— Eu não disse isso. Já está me pedindo demais. Já sabe demais, para a sua tranquilidade. Ainda acrescento que ele cedeu facilmente à chantagem, sem grandes ameaças.

— Como isso é possível?

— Julgo que o medo que sentiu fê-lo perder, depois de uma queda de cavalo — como dizia Jules Renard —, todo o sentido moral...

— Como não se envergonha ao gracejar com tais coisas?

— Que quer, minha amiga, não sou o único a preferir perder um amigo a perder um gracejo.

Léa abandonou a discussão.

Ainda não me disse o que tencionava fazer para salvar Sarah.

— Quer realmente saber?

— Quero.

— Não lhe posso dizer. Se fosse apanhada falaria...

— Mas...

— Com certeza falaria, é uma questão de tempo, de meios, de dosagem. Tudo o que lhe posso dizer é o que depende de você.

Olhe, chegamos diante do túmulo ao qual se destinam estas flores.

— Quem está enterrado aqui?

— Pauline Tarn. Esse nome não lhe diz nada, é claro... É uma poetisa lésbica a quem Maurras chamava "a irmãzinha de Baudelaire" e de quem a grande Colette falou tão bem no *Ces Plaisirs*... Morreu ainda jovem, minada pelo álcool e pela droga. Foi com o nome de Renée Vivien que ela publicou, por conta própria, a maioria das vezes, seus poemas, alguns belos e

comoventes, como ela.

Dá-me os teus beijos amargos como lágrimas A noite, quando as aves se atrasam nos seus vôos A nossa união sem amor tem o encanto Das rapinas, o atrativo esquivo das violações.

— Tal como eu. Essa mulher, que só amou mulheres, fala como eu falo dos homens. Escute estes versos:

Tenho a emoção do ladrão perante uma presa rara, Durante a noite, a febre na qual o teu sorriso empalidece...

A alma dos conquistadores, brilhante e bárbara, Canta no meu triunfo ao sair do teu leito!

— Nada mal! Que acha?

Léa sacudiu a cabeça e disse com um sorriso desolado:

— Tenho certeza de que no seu leito de morte ainda falará de literatura.

— Que o céu a ouça, é a única coisa por que vale a pena viver.

Atirou o ramo de violetas através das grades sobre as quais apoiou a cabeça.

— Reze por mim, irmãzinha esquecida... — Depois, sem mudar de atitude — ...Léa, escute-me com atenção. Se tudo correr bem, daqui a dois dias, Sarah estará livre, mas muito maltratada.

Depois de amanhã, às três e meia, esteja junto do florista à entrada do cemitério. Uma bicicleta-táxi, de capota cinzenta e amarela, vai parar ali. Você sairá da loja e irá ajudar uma senhora de luto pesado a descer. É Sarah. Pagará o táxi. Dê-lhe o braço e entrem no cemitério. O jovem guarda, que viu ali há pouco, caminhará até vocês, oferecendo ajuda. Ambos ajudarão Sarah a subir a escada que conduz diretamente ao túmulo de Rennée Vivien...

— Para que fazê-la subir a escada?

— É mais perto do que passar pelo caminho, e foi o último jazigo em que descobri aberta a porta da capela. Depois de averiguações descobri que ninguém vem aqui rezar há muitos anos. O guarda as conduzirá até ali e depois irá embora. No frontão está escrito: Família Maubuisson. Empurre a porta. Eu pus óleo no ferrolho e mandei fazer uma chave, aqui está.

Dê-lhe.

Léa pegou na chave e a deslizou para o bolso.

— Debaixo do minúsculo altar encontrarão comida, medicamentos e um cobertor. Instale Sarah o mais confortavelmente possível.

— Foi só isto que encontrou para escondê-la? Não tem outro local?

Raphael Mahl teve um gesto de impotência.

— Também pensei num bordel de rapazes onde vou, mas não é seguro, os alemães o freqüentam as escondidas. Por agora, não tenho nada melhor a propor.

Léa suspirou de raiva.

— O seu plano de evasão da avenida Henri-Martin está, pelo menos, em ordem?

— Não completamente.

— Como não completamente?

— O nome que ela me rabiscou é o de um miserável tocador de píforo.

Não sei bem o que se poderá obter dele, mesmo com dinheiro.

Então para que prever este cenário macabro, sem saber ao certo se irá resultar?

Ele fez uma cara desolada.

— Não me leve a mal, não tenho nenhum senso prático. Mas este refúgio organizei-o bem. Prometo-lhe que a tirarei de lá.

Tenho já outra idéia. De qualquer modo, salvo aviso em contrário da minha parte, dentro de dois dias ela estará neste jazigo.

— Morta...

— Não, viva! Quando a instalar, dê-lhe a chave e diga-lhe para se trancar. Explique-lhe que, pela meia-noite, virão arranhar na porta e alguém dirá: "Sê calma, oh, minha dor, e fica mais tranqüila . E ela terá de responder: "Os mortos, os pobres mortos, sentem dores estranhas...".

— Sempre a literatura!

— Poesia, minha senhora, poesia. Nesse momento ela abrirá a porta e seguirá essa pessoa.

— Mas ela vai morrer de medo enfiada ali uma parte da noite!

— Sarah não é mulher para ter medo, mesmo num jazigo, mesmo que haja fantasmas.

— Cale-se, só de pensar nisso...

— Talvez preferisse Masuy e sua banheira?

— Parece-me que preferiria os fantasmas da família Maubuisson.

— Gosto de vê-la sensata!

— Pare de zombar de mim.

— Compreendeu tudo bem?

— Sim. No entanto, mais uma coisa. Se, por azar, acontecer de Sarah não sair ou que, tendo saído, seja de novo apanhada, considerá-lo-ei inteiramente responsável e mato-o. A não ser que por minha vez... o denuncie...

Com que ternura ele a olhou.

— Não duvido um instante da qualidade de sua vingança.

Capítulo 8

QUANDO LÉA VOLTOU à rua da Universidade, reinava no apartamento uma agitação excepcional.

Sem lhe dar tempo de despir a japonsa, Françoise tomou-lhe as mãos e a fez girar, rindo, como costumava fazer quando eram pequenas.

Primeiro, Léa tentou afastar-se, mas a irmã conseguiu agarrá-la com força.

— Gire, eu te peço, gire...

Então, Léa deixou-se ir: com os braços estendidos, os pés juntos, puseram-se a girar cada vez mais depressa, com aqueles gritinhos alegres da infância.

Na velocidade das voltas esqueceram-se de tudo. Desapareceu a parede do saguão! O frio do inverno parisiense! O tempo chuvoso! Com as pálpebras semicerradas, lembraram o sol de Langon, o calor que vinha do terraço, o campo que se estendia até o infinito. Era a voz alegre da mãe que lhes gritava:

— Françoise, Léa, parem, vão ficar tontas!

Oh! Sim, como a cabeça gira, que grande inebriamento apague as imagens e receios daqueles últimos dias! ... Não voltar a ouvir a rádio de Vichy, a voz melosa de Tino Rossi, que de manhã à noite vocaliza sobre o trabalho, a família, a lista dos reféns fuzilados. Nunca mais cruzar com crianças e velhos com o distintivo da cruz amarela. Nunca mais imaginar os gritos de Sarah, violada e torturada. Nunca mais se sentir desamparada...

e tão só, tão só... Laurent... que aquele turbilhão nunca mais parasse. Que os seus dedos crispados não a largassem. Que o espírito se esvaziasse, depressa, ainda mais depressa...

— Cuidado, vocês vão cair!...

Françoise e Léa deixaram-se cair, rindo e chorando, cada uma para um lado.

Lisa correu para Françoise, enquanto Albertine se debruçava sobre Léa.

— Estas crianças são loucas, podiam ter-se machucado choramingava Lisa, contemplando a sobrinha, sempre rindo, que tentava levantar-se.

— Oh! Lá, lá! Que rodopio!... Nunca foi tão rápido. Oh! Léa, onde está você? Não vejo nada, tudo está girando... Não pára de rodar. Você conseguiu se levantar?...

Léa não se mexia. Ficou deitada de lado, com o rosto escondido nos cabelos. Inquieta, Albertine pegou-a pelos ombros e voltou-a. Pálida, as narinas arquejantes, com a face inundada de lágrimas, de olhos fechados, parecia desmaiada.

— Depressa, Lisa, vai buscar os seus sais.

— Mas por quê? Sinto-me bem.

— Não seas boba, não é para você, é para Léa.

A velha senhora ergueu-se com custo e precipitou-se o mais depressa que pôde. Caiu de joelhos junto da jovem estendida, ergueu-lhe a cabeça com precaução e a fez respirar os saís.

Depressa as suas narinas palpitaram e franziu o nariz, enjoada.

Por sua vez, Françoise conseguira por-se de pé, mas teve de se agarrar à cômoda para não cair. Pouco a pouco a tontura passou.

— Ah! Pela primeira vez ganhei eu, levantei-me primeiro. Ande, faça um esforço!

Mas, ao contrário, Léa concentrava seus esforços para se manter no estado de tontura e de nevoeiro em que se encontrava.

Françoise veio agachar-se diante dela e agarrou-lhe as mãos.

Léa, ouça o que lhe digo: Otto chega amanhã e vamos nos casar.

Um enorme desgosto apertou o coração de Léa. Mas Françoise tinha um ar tão radiante, tão feliz, que ela escondeu a repulsa e conseguiu dizer quase que naturalmente:

— Sinto-me feliz por você.

— Foi Frederic quem me anunciou. Obteve uma licença por sua boa conduta na frente. Vai ficar feliz ao ver o filho.

Toda entregue à sua felicidade, a moça nem notara os sorrisos contrafeitos de quem a rodeava.

Que belo dia!

Léa mordia a língua.

— Oh! Meu Deus, já me esquecia, é hora da mamada.

Com a saia esvoaçante, Françoise, radiosa, saiu.

— Sente-se melhor? — perguntou Lisa.

— Que turbilhão!

Léa levantou-se e apoiou-se por um instante ao umbral da porta.

— Como a sua irmã está feliz!

Léa olhou-a de maneira que não deixava qualquer dúvida quanto a Françoise.

A senhora interrompeu.

— Olhe, você recebeu uma carta. Vem da Alemanha...

— Por quê não me disse antes?

Léa arrancou-lhe a carta das mãos e precipitou-se para a "sua"

cadeira. Olhou para o verso do envelope. Mathias chegava-lhe como os perfumes: os do bosque no outono, dos cachos das vinhas, da água da Garonne, quando estava quente e "cheirava a peixe", da umidade das grutas de Saint-Macaire, do musgo do calvário de

Verdelais, do feno do celeiro, do suor depois de brincadeiras de amor...

Rasgou o envelope. Tinha uma caligrafia miudinha e irregular.

"Minha bela Léa, Soube pelo meu pai que estava em Paris e é para aí que escrevo, para lhe dizer que brevemente terei uma licença. Gostaria muito que já estivesse em Montillac quando eu chegasse.

Estou contente por ter escolhido a Alemanha, contra a vontade de todos. É um povo corajoso, unido em volta de seu chefe, seguro da vitória. Todos os alemães se batem nas cidades e nas vilas e já não há homens desde os dezoito ao sessenta anos, todos estão espalhados pela Europa e Africa. São estrangeiros como eu, que trabalham nas fábricas e no campo.

Com a primavera, o exército do Leste vai retomar o comando das operações e, antes do verão, a bandeira alemã flutuará em Moscou e nas grandes cidades russas. Os alemães são os melhores soldados do mundo. Nada os poderá vencer, são a nossa proteção contra os comunistas. Sem o seu sacrifício seria o fim da nossa civilização. Perdemos a guerra por não termos sabido ver de ONDE VINHA o perigo... Eu faço o que tenho a fazer o melhor que posso, porque sei que trabalho para a paz do mundo. As pessoas daqui suportam privações que você nem pode imaginar. A alimentação e o vestuário são racionados e ninguém protesta. Morro de vontade de poder lhe contar tudo isto.

Sei, por meu pai, que as vindimas não foram boas. Parece que por falta de mão-de-obra, as vinhas estão maltratadas.

Durante a minha licença, darei uma ajuda. Mas será de pouca duração... Não tenho vontade de me encontrar NUM CAMPO de represálias com prisioneiros russos. Morrem dezenas de milhares de fome e de doença.

Gostaria de apertá-la em meus braços, mas você não perderá nada em esperar!

Agora, até breve, Mathias"

"Que imbecil" pensou Léa.

De raiva, amarrotou a carta numa bola minúscula e jogou-a para o outro lado do saguão.

Como é que Mathias podia trair daquela maneira? Que força o atraía?

Léa ficou mais admirada que indignada. O que teria acontecido? Com todas as forças gostaria de compreender...

O telefone já tocava há muito quando, por fim, Françoise, com o bebê nos braços, atendeu.

— Está... Ouve-se mal, quem está ao telefone?... Quem!...

Fayard!... Fayard, é você?... Não compreendo bem. Apresse-se, que vão desligar... O quê? Não é possível, repita... Oh! Não!...

Léa, Léa, venha depressa, em vez de ficar nessa cadeira, venha ajudar-me.

Albertine e Lisa vieram dos quartos.

O que acontece? O que você tem, para gritar assim? — perguntou Albertine.

— Senhorita, peço-lhe... Não desligue... Alô, alô... Fayard, ainda está aí? Alô! Mas para onde as levaram?... Para Bordéus?

Avisou o senhor Delmas? Então avise... Alô... Alô, não desligue.

— Pare de chorar. O que aconteceu? gritou Léa.

Os soluços impediram Françoise de responder. Com a mesma brutalidade de sua infância, Léa agarrou-a pelos cabelos e sacudiu-a com força.

Fale!

— Laure!...

Laure o quê?

Laure... Camille... presas...

— Presas?.., presas porquê? Por quem?

Pela Gestapo. Foram a Montillac esta manhã para prendê-la, a Camille e a você. Como não estava.., levaram Laure...

Os gritos simultâneos de Albertine e de Lisa soaram longo tempo ao ouvido de Léa. Com raiva, empurrou Françoise, que se agarrava a seu braço. Tentava dominar-se, e à onda de injúrias que lhe vinha à cabeça. Para o conseguir, voltou-lhe as costas, abriu a porta do salão, que estava fechado por causa do frio e, na semi-obscuridade daquele fim de tarde chuvoso, encostou a cabeça contra a vidraça da janela alta que dava para a rua. Pouco a pouco sentiu seu furor se acalmar, cedendo lugar a um desânimo que a entorpecia. Maquinalmente, notou que um homem escondido no umbral de uma porta olhava naquela direção. Com indiferença pensou: "Agora, talvez seja a minha vez".

Que queriam eles da pequena Laure, que gostava tanto do Marechal, que havia até querido pôr seu retrato em cima do piano, na sala. E Camille, tão calma! Camille! Teria sido denunciada por Fayard? Ter-se-ia deixado apanhar quando distribuía panfletos ou jornais clandestinos? A não ser que tivessem prendido Laurent. Laurent!

Sem se dar por isso, encolheu-se no chão, diante da janela, na madeira fria. Quanto tempo teria ficado ali?

Dois braços a ergueram e a levaram para a luz...

Uma vez mais seu pai a encontrara adormecida no celeiro e, apertando-a contra si, a levado até a mãe, murmurando:

— Que bebê gordo!

Como se sentia bem o bebê gordo. Que felicidade! Tinha, enfim, voltado para casa. Ali se encontravam todos! Como receara não voltar a encontrá-los! Mas por que seria que tudo lhe parecia pequeno... tão pequeno... Por que seria que aquela névoa os escondia pouco a pouco?... Não!... Não iriam desaparecer!... Agora não... Restava Laure! Camille e Sarah!

Sarah!...

Com um salto, levantou-se.

— Você nos assustou!...

— Está melhor, minha querida?

— Deite-se, precisa descansar.

— Temos de chamar um médico.

— Tia Lisa, não estou doente, isto não é nada. Françoise, o que foi que Fayard lhe disse, exatamente?

— Eu já falei.

— Mas eles não fizeram nada?

— Eles todos protestaram. Ruth não quis separar-se de Laure. Também a levaram.

E o pequeno Charles?

— Camille confiou-o à senhora Fayard e à senhora Bouchardeau.

— Para onde as levaram?

— Para Bordéus. Não se aflija, talvez seja um mal-entendido, vamos tirá-las de lá...

— Não se trata de um mal-entendido, você sabe muito bem. Você sempre soube que Camille e eu servíamos de correio, que entregávamos a correspondência e distribuíamos os panfletos.

— Nada importante.

— Fuzilam as pessoas por menos.

— Será que tio Luc continua em boas relações com os alemães?

— Julgo que sim, nossa prima casou-se com um deles. Temos de procurá-lo. Ele vai conseguir libertá-las.

— Eu vou.

Não — gritou Françoise. — Não quero, seria muito perigoso para você.

— Como você os conhece bem, irmãzinha, para me dar tal conselho!

— Não me humilhe. Otto não é como eles. Amanhã, ele estará aqui e vai ajudar-nos, tenho certeza.

Na seqüência de um atentado contra um carro alemão que, na véspera, tinha causado um morto e dois feridos, o toque de recolher fora antecipado em duas horas. O serão foi longo e sofrido para todos: Françoise e Léa tinham tentado em vão chamar tio Luc Delmas. A telefonista respondia-lhes que as linhas estavam cortadas até uma hora indeterminada. Na T.S.F.

era impossível captar Londres, era tal o barulho que a voz do locutor era inaudível. E, para coroar aquele dia, houve, pouco depois da meia-noite, um alerta que precipitou aquelas mulheres cansadas e angustiadas para o porão do prédio, transformado em abrigo. Ali encontraram os vizinhos, vestidos às pressas, com os cobertores nas costas. Estelle havia

levado a garrafa térmica cheia de uma infusão de tília que nunca tirava da sua mesinha de cabeceira, para o caso de uma crise de nervos ou do frio úmido que lentamente as entorpecia. A boa mulher não chegou a servir-se disso, porque cada um ficou prostrado no seu canto. Apenas o bebê de Françoise manifestou seu mau humor. Felizmente o alerta foi curto.

Capítulo 9

CEDO, NA MANHÃ seguinte, Léa partiu em sua bicicleta à procura de François Tavernier. Não estava em casa. Na rua Saint-Jacques, no restaurante clandestino dos Andrieu, Marthe lhe disse que não o tinha visto desde a última vez em que ali estivera com ela. Achando-a de mau aspecto, forçou-a a engolir um prato de sopa e a aceitar um chouriço de que "depois lhe daria a conta". A amável cozinheira beijou-a nas duas faces, prometendo-lhe que se visse o senhor Tavernier lhe diria que sua jovem amiga o procurava.

Um tanto reconfortada pela sopa e pelo acolhimento, Léa partiu novamente, pedalando ao acaso pelas ruas, que um belo sol de inverno não conseguia animar, depois dos longos dias de chuva...

Depois do alarme da noite passada, não tinha conseguido voltar a dormir, remoendo e tornando a remoar os acontecimentos do dia, tentando pôr seus pensamentos em ordem.

Nunca sua impotência lhe havia parecido tão total. De seu espírito nasciam imagens intoleráveis; Laure violada. Sarah mergulhada na banheira, Camille torturada, Laurent e Adrien fuzilados, a velha Sidonie decapitada, Ruth estrangulada, Charles assassinado e Montillac a arder sob o olhar de Mathias e de Fayard. Em vão tentou ler; as linhas dançavam diante de seus olhos num balé macabro. Não podendo mais, levantara-se e errara até o amanhecer, pelo quarto gelado. Logo que amanheceu havia tentado novamente contatar Bordéus sem mais sucesso do que na véspera.

Atravessando a ponte, Léa subiu aos ziguezagues a grande avenida do Trocadéro. Do outro lado da praça, o alto muro que mantinha prisioneiros os mortos do cemitério de Passy, erguia suas paredes cinzentas. Que estava fazendo ali? Cansada pelo esforço, parou diante de uma cervejaria onde havia almoçado com Raphael Mahl. Havia um grupo de jovens dos liceus, pelas suas pastas, fazendo algazarra e ocupando todo o passeio. Empurraram sem querer três soldados alemães. Um deles teve um gesto colérico, que os seus companheiros acalmaram. Atrás de suas costas, os rapazes riam, fazendo o V da vitória.

Aquele gesto irrisório e proibido, aliviou de repente a angústia de Léa, que entrou no café com um sorriso radioso.

No balcão, dois operários assobiaram à entrada daquela bela moça, que sorria de olhos brilhantes, faces coradas pelo frio.

Com um gesto simples tirou a boina escocesa que lhe prendia os cabelos.

— Ouah! ... — disse um dos estudantes que entrara atrás dela — Eu Tarzan, você Jane.

O Tarzan se gabava porque era um magricela com óculos de míope. Ao contrário, Léa, assim despenteada, tinha na verdade um ar selvagem.

— Está louca em chamar a atenção assim, saia!

De onde surgiu ele? Por que viria estragar um dos raros momentos de prazer?

— Mas, Raphael...

Sem a escutar, agarrando-a por um braço, arrastou-a para a escada da estação do metrô. Na plataforma, depois de estar seguro de que ninguém os via, sentou-se sem fôlego.

— Que foi que lhe deu? Faz o favor de me explicar? — perguntou Léa, furiosa.

— Ia estragando tudo... Tenho um encontro para a evasão de Sarah.

Felizmente ele não a viu.

— Por quê, ele me conhece?

— Um pouco. Você lhe deu mesmo nas vistas.

— Não compreendo. De quem se trata?

— De Masuy.

— De Masuy?...

— Sim, depois de refletir muito concluí que é ele quem vai nos ajudar.

Descaramento não lhe falta.

A palavra impossível não é francesa, minha amiga.

— Como é que fez?

— Falei-lhe dos diamantes.

— Dos meus?...

— Não, dos outros, não queria comprometê-la nesta história. Léa mal pôde dissimular um sorriso.

— Isso pega?

— Tenho agora um encontro com ele para ver uma amostra, e, se estiver de acordo, deixá-la em troca.

— E se não estiver de acordo?

— Eu o conheço, não resistirá a um diamante de oito quilates, sobretudo se lhe prometer um igual após a fuga.

— Como é que os arranjou?

— Isto é uma história muito comprida. Mas depois deste golpe, tenho imperativamente de desaparecer.

— Para amanhã, não há mudanças?

— Talvez. Se houver um problema ou uma mudança, o rapaz do cemitério, lembra-se dele?...

— Sim, claro.

.virá entregar-lhe isto disse ele, arrancando a página do último romance de Montherlant e estendendo-lhe o livro. — Ele dir- lhe-á o que é preciso fazer.

— Mas a minha bicicleta?

— Dê-me as chaves e o cadeado e eu a deixo em frente da livraria Gallimard.

— Se pensa que é melhor assim...

— Sim, penso. Olhe, aí vem o metrô. Não se esqueça de trocar em Motte-Picquet-Grenelle.

Léa não gostava de andar de metrô, sempre cheio a qualquer hora.

Sua natureza campestre se perturbava com os cheiros da promiscuidade e sobretudo com essa impressão de estar enterrada viva. No vagão, alguns soldados alemães tentavam passar despercebidos, ajudados nisso pela multidão parisiense que os ignorava com superioridade. Em Sévres-Babylone, um homem distribuindo panfletos do partido comunista acabava de ser apanhado pela polícia francesa. Um oficial alemão apertava a mão do comissário.

Lá fora, o sol brilhava suavemente, as crianças brincavam no bairro da senhora Bocicaut, as bandeiras do hotel Lutécia continuavam ali.

— Você nunca está em casa quando é preciso. Onde esteve? — disse Françoise, com mau humor.

— Há notícias de Laure e de Camille?

— Sim, tio Luc telefonou. Conseguiu que o comissário Poinot lhe entregasse Laure. Fica responsável por ela até nova ordem. Poinot disse- lhe que seria melhor para você se voltasse, e ele lhe faria um interrogatório para despistar.

— E Ruth? E Camille?

— Quanto a Ruth não houve problema, eles nada tinham a lhe censurar. Também está em casa do tio Luc.

— E Camille?

Françoise baixou a cabeça, pouco à vontade.

— Levaram-na para o forte Hâ. O interrogatório terá lugar esta noite ou talvez amanhã.

Camille não resistirá ao interrogatório... Não há notícias de Laurent e de tio Adrien?

Nada. A polícia de Bordéus procura os dois.

— Eu sei.

O que quer fazer? Ir a Bordéus?

— Não sei de nada, senão daqui a uns dias, em todo caso. Também não se sabe de François Tavernier?

— Não. Mas houve alguém que telefonou para você. Uma mulher, Marthe, penso.

— Marthe!...

— É sua amiga?

— Não, uma comerciante... Olhe, já me esquecia, ela me deu um chouriço.

— Deus! — exclamou Françoise, com olhos espantados. Vendeu, quero dizer.

— Isso também me espanta. Deixe-me ver.

Léa tirou de sua bolsa o chouriço embalado em papel de jornal e estendeu-o à irmã que o desembalhou com cobiça.

— Que bonito! Já há muito tempo que não via um chouriço tão grosso.

Estelle, olha o que Léa nos trouxe!

— Meu Jesus! É magnífico... Minhas senhoras, venham ver.

Albertine e Lisa correram extasiando-se também. Desde a refeição de 31 de dezembro que não havia carne na mesa da família, exceto por duas vezes carne de vaca e uma galinha magra.

Que lhe disse?

Quem?

— Marthe!

Que estaria esta tarde às quatro horas no mercado da rua de Mouffetard.

Em que lugar?

— Creio que já sabe, perto da igreja de Saint-Mérard...

— Tem cada uma, a Marthe! A igreja de Saint-Mérard...

Léa nunca tinha posto os pés ali! ... Ela a encontraria, o principal era François estar avisado. Ele era a única pessoa que poderia dar a Marthe o número de seu telefone.

— Fico bem contente, parece que isso a alegrou — disse Françoise.

— E depois, daqui a instantes, vou rever Otto.

Naquele momento, Léa, reparou na roupa de lã elegante da irmã, que voltara a ter o mesmo corpo de antes. Ela já havia se esquecido.

— Ele vem aqui?

— Evidentemente disse Françoise, na defensiva. Tem bem o direito de ver o filho.

— Sim, e eu o direito de não ter prazer em vê-lo. Vou-me embora.

— Léa, você não é gentil. Otto gosta de você e vai lastimar se não estiver aqui.

— Isso, francamente, me é completamente indiferente. Os compatriotas do teu amante...

Vamos casar!

...prendem Camille, procuram tio Adrien e Laurent, procuram a mim, fazem torturar os meus amigos, obrigando-os a trair, a trabalhar para eles nessa porcaria! E tudo o que você tem a me dizer é que teu boche ficará triste... Não acha que lhe falta o mínimo de vergonha?

Não tem o direito de falar de Otto dessa maneira. Ele não aprova, tal como você, o que os outros fazem...

Minhas filhas, acalmem-se, não gritem assim, os vizinhos podem ouvir-nos.

Eu me lixo para os vizinhos, tia Lisa, tenho até vontade de gritar quando a ouço dizer que o seu Otto não é como os outros!... É exatamente a mesma coisa: capaz de tudo pelo seu Führer...

— Não é verdade...

— Sim, é verdade, ou então nunca o ouviu falar. Mas o que mais reprovos em seus amigos alemães, não é terem ganho a guerra, é o de nos demonstrarem que éramos um povo de covardes, que o medo lançou pelas estradas, como gado imbecil e que agora voltou para o pato ajuizadamente curvado sobre si mesmo, depois de acreditar no que lhes sussurrava um velho caquético, que deixa deportar famílias inteiras, fuzilar os reféns, alguns com a idade de Laure, que encoraja as denúncias, que faz com que bons rapazes como Mathias percam a cabeça e homens como tio Luc se desonrem...

Léa, não fale assim de seu tio!

— Tia Albertine, nós aceitamos coisas demais...

A campainha da porta interrompeu Léa.

— Meu Deus! Por sua causa vou aparecer com uma cara horrível exclamou Françoise, fugindo para o quarto.

Léa fechou-se no seu, deixando Albertine e Lisa. Covardemente, elas foram chamar Estelle na cozinha para mandar entrar aquele que já começava a se impacientar. Diante dela, estava uma espécie de gigante com farda de oficial alemão, que se exprimiu em sua língua, perguntando:

— Madame Delmas está?

106 Com o olhar espantado, de cabeça levantada, a velha criada olhava-o balançando a cabeça. O homem repetiu:

Madame Delmas, da parte do comandante Kramer.

— Senhorita Françoise, senhorita Françoise, deve ser para você!

Françoise, depois de consertar a desordem de seu rosto, consentiu em aparecer com um sorriso radioso.

Otto!

Ficou parada diante do gigante que a saudava muito civicamente, batendo os calcanhares.

Madame Delmas?

Sim...

O comandante Kramer encarregou-me de uma mensagem para a senhora. Vai enviar um carro para pegá-la às cinco horas. Pede que a senhora esteja em vestido de noite. No início da tarde, virão costureiras lhe apresentar seus modelos. Até logo, Madame.

Novo bater de calcanhares. Françoise continuou imóvel, com um sorriso idiota. Estelle

fechou a porta.

Capítulo 10

LÉA CHEGOU um pouco antes das quatro em frente da igreja de SaintMérard, transida e com mau humor.

Embora estivesse farta de percorrer Paris de bicicleta, com frio, preferia isso ao metrô que havia tomado.

Raphael não havia mantido sua promessa e não trouxera a bicicleta.

Tinha descido na estação Monge e andado debaixo da chuva que voltava a cair.

Olhou em volta; nada que se assemelhasse a uma cara conhecida.

Figuras de velhas friorentas mantinham-se em longas filas diante de uma padaria e de uma outra loja. A multidão compacta, resignada, esperava batendo os pés, mal abrigada por velhos guarda-chuvas.

Soaram as quatro horas. Um homem gordo saiu da igreja e fechou a porta atrás de si. Não sabendo que fazer, Léa seguiu para a rua Mouffetard. Na esquina da rua Arbalette, duas mulheres brigavam pelo último quilo de batatas de um vendedor de legumes. Perto da rua Epéede-Bois, deu meia-volta e quase esbarrou numa mulher que subia.

— Desculpe, minha senhora... oh!

Por baixo do lenço atado no queixo, acabava de reconhecer Marthe Andrieu.

Encontramo-nos um pouco mais abaixo à direita, no café que tem madeira e carvão, é de um primo meu. Diga- lhe que é de Montcuq, ele saberá que se trata de uma amiga.

Estava bom no café do primo. No fundo da salinha ardia um fogão de cobre verde no qual uma grande cafeteira fumegava e soprava. Todas as mesas estavam ocupadas por homens velhos que jogavam cartas e dominó. A serragem amontoava-se nos azulejos de arabescos azuis. Atrás do balcão, um bigode impressionante, grisalho, com um barrete na cabeça, com uma roupa escura dos carvoeiros, limpava o balcão defronte de dois jovens. Quando acabou de servi-los, aproximou-se de Léa.

— Bom-dia, senhorita, em que posso servi-la?

— Eu sou de Montcuq — disse ela, espirrando.

Um raio de desconfiança passou em seus olhos. No entanto, respondeu jovial:

— Todos os da minha terra são bem-vindos. O ar de Paris não vale nada, veja como está resfriada. Vou lhe preparar uma bebida quente, como antes.

— Então sirva duas, meu primo.

— Prima Marthe! Que bons ventos a trazem aqui? O que há de novo desde ontem?

— Pouca coisa, primo Jules. Resfriei-me quando estava numa dessas filas malditas. Disse-

me, então: vamos nos aquecer em casa do primo e pedir-lhe um traguinho.

— Maldita Marthe! Sempre bom copo!

— Ora, nos tempos que correm, precisamos de nos regalar de vez em quando. Não acha, senhorita?

— Sim, senhora.

Jules tirou de baixo do balcão uma garrafa sem etiqueta, pousou três copos no balcão enchendo-os quase até o meio com um líquido cor de âmbar, ao qual acrescentou subrepticiamente três pedaços de açúcar e uma rodela de limão.

— Isto é bom contra o resfriado. Ei!, prima, passe-me a cafeteira.

Cuidado para não se queimar — disse ele estendendo-lhe um pano.

Marthe voltou com o recipiente na mão.

Ei!, é de chumbo esta marmita — exclamou ela, ao pousá-la.

— É coisa sólida — respondeu ele, pondo a água para ferver. Cada um mexia sua colher em silêncio.

— A vossa, senhoras — disse o taberneiro.

— A sua, Jules.

— A vossa — disse Léa, repondo o copo precipitadamente.

— Está quente! Mas é assim que faz bem.

— Vou esperar um pouquinho, se me permitem.

Por fim, o primo afastou-se.

— Tem notícias de François?

— Sim, por meu filho. Ele pede para não cometer nenhuma imprudência. Por agora não pode vir vê-la. Se tiver algum recado para ele, posso encarregar-me disso. Meu filho, que vai vê-lo, está em casa à minha espera...

Não cometer imprudências... Como é fácil dizer assim de longe...

É amanhã que Sarah precisará de mim, se Raphael não nos trair às duas... Que devo fazer?... Que devo dizer — Pode encarregar-se de uma carta?

— Claro que sim.

— Não tenho nada com que escrever.

— Vou pedir ao Jules. Beba esse grogue, senão ele ficará descontente.

Léa obedeceu. Ainda muito quente, mas suportável. Era forte e bom.

A meio copo sentiu pelo corpo um calor agradável. Quando Marthe voltou com uma folha de papel e um envelope, uma caneta e um frasco de tinta, Léa sentiu-se quase eufórica. Abriu o tinteiro, molhou a pena de sargento-mor.

"Caro amigo, Camille está na mesma situação que S. Meu tio Luc, que conhece, aconselha-me a voltar, que devo fazer?

Raphael ocupa-se de S. O noivo da minha irmã está de volta. Posso ter confiança nele? Dê-me notícias logo, porque me sinto muito só. Um beijo.

Léa"

Dobrou a folha, colocou-a no envelope que estendeu a Marthe.

Esqueceu-se de fechar — disse a cozinheira, passando a língua pela goma. — Logo que puder, aviso-a.

Diga-lhe que é muito importante, que preciso vê-lo.

— Minha querida filha, vou fazer o possível. Acabe o seu grogue e vá-se embora, senão vai ser apanhada pelo toque de recolher. Veio de metrô?

— Sim.

— Faria melhor se voltasse a pé. Na sua idade, leva-se menos tempo, menos de uma hora. Tome a rua Epée-de-Bois: chega à Monge, volte à esquerda e ande até o Sena. Aí, já conhece o caminho. Adeus.

Adeus, Marthe, adeus, senhor Jules, obrigada pela bebida, sinto calor em todo o corpo e parece que tenho asas.

É o que é preciso.

O frio substituíra a chuva, mas graças ao grogue nem o sentia.

Estava quase anoitecendo, nenhuma luz e pouca gente pelas ruas. Era sinistro, Léa partiu correndo.

Sem fôlego, parou no bairro de Saint-Julien-le-Pauvre. Do outro lado do Sena erguia-se a fachada sombria de Notre-Dame.

Depois de alguns instantes, voltou a partir sem correr. A idéia de estar na presença de Otto e de Françoise era-lhe insuportável.

Já haviam passado vinte e cinco minutos depois da hora de recolher quando ela chegou à rua da Universidade... Presa na porta estava sua bicicleta. Era bom sinal, Raphael tinha acabado por cumprir sua palavra. Desprende-a, empurrou a porta e entrou com ela. Atrás da porta, alguém agarrou-lhe o braço, e Léa conteve o grito.

— Sou amigo do senhor Raphael, não tenha medo, tenho um recado para você: não vá amanhã ao cemitério.

— Não tem nada para me dar?

Ah! É verdade, a página do livro, tome, aqui a tem. Acendeu um fósforo para que ela pudesse verificar.

— Não saia de casa, é importante. Terá notícias da pessoa que sabe.

Tem qualquer coisa para eu dizer ao senhor Raphael?

— Não, não tenho nada. Tudo está correndo bem.

Não sei nada. Só faço isto para agradar ao senhor Raphael e porque é mais divertido do que ser guarda de um cemitério.

Como se chama? — - Para você, sou Violeta. É bonito, não acha? Foi o senhor Raphael quem me deu. Gosta?

— Muito disse Léa, contendo o riso.

Em casa tudo estava calmo. As senhoras Montpleynet escutavam um concerto no rádio. A salinha estava quente.

— Não há notícias de Camille?

— Não, nenhuma, em compensação ouvimos Laure e a Ruth ao telefone.

Dentro de dois dias voltam para Montillac.

Léa foi ao seu quarto mudar de roupa. Pouco tempo depois voltou vestindo uma blusa branca muito grossa, uma saia comprida escocesa, que tinha sido da mãe. Os pés estavam enfiados em grossas meias não muito elegantes, mas quentes, os cabelos escovados enfeitavam-na maravilhosamente.

Como está bela, minha querida! — exclamou Lisa. — A juventude é uma bela coisa. Aproveite-a bem, pequena, porque é passageira.

— Se pensa que é agradável ser jovem neste momento!...

É bem verdade que a sua geração não tem muita sorte — disse a velha senhora, retomando o seu tricô.

Françoise saiu?

— Sim, vai jantar no Maxim's, onde o noivo deve apresentá-la aos superiores — disse Albertine com um tom de fingida desenvoltura.

— Esta situação não as choca?

Lisa levantou-se para pôr uma pá de carvão no fogão, deixando à irmã a tarefa de responder.

Quando Albertine levantou o rosto de traços severos, amenizados pela bondade do olhar, seus olhos, outrora de um lindo azul, estavam cheios de lágrimas. Era uma coisa tão rara que Léa ficou constrangida. A velha senhora retirou os óculos e desajeitadamente tentou limpá-los.

— Isso faz-nos pior do que chocar. Eu passo por cima da vergonha que é isso, você imagina, para só pensar no futuro infeliz que evidentemente espera por sua pobre irmã.

— Foi ela quem o procurou.

— É maldade o que você acaba de dizer. Isso também poderia ter lhe acontecido...

— Nunca! Nunca me apaixonaria por um inimigo!

— Fala como uma criança romântica. Isso talvez não tivesse acontecido se sua mãe

estivesse conosco...

Não fale de minha mãe, eu lhe peço.

— Por que não hei de falar? Acredita que nosso sofrimento é menor do que o seu? Perdendo-a, foi a uma filha que perdemos, sua tia e eu. Constantemente nos lastimamos de não termos olhado por Françoise. De ter, por egoísmo, talvez, precipitado as coisas. Se tivéssemos ficado em Montillac...

Isso não mudaria nada.

— É possível, mas se tivesse havido uma chance para que isso fosse diferente, somos imperdoáveis por não ter sabido proteger de si mesma a filha de nossa filha.

Agora, grandes lágrimas deslizavam pelo rosto de Albertine.

— Minha tiazinha, perdoe-me, sou eu a culpada e não quero vê-la chorar. Lisa, venha ajudar-me a consolá-la.

Mas Lisa, desolada pelo desgosto da irmã, não estava em estado de consolar quem quer que fosse. Nem a própria Léa que, por sua vez, se pôs a chorar. Foi assim que Estelle as encontrou quando veio pôr a mesa.

— Senhoras!... Pelo amor de Deus! O que acontece aqui?

— Não é nada — disseram as três em coro, assoando-se ruidosamente.

Julgando que lhe escondiam qualquer coisa, a boa Estelle pôs a mesa resmungando.

A frugal refeição foi triste. Não se ouvia a rádio Londres. Léa deitou-se cedo.

O dia seguinte pareceu-lhe interminável. Ia do telefone às janelas que davam para a rua, das janelas à porta de serviço.

Nada, nada a não ser o silêncio entrecortado por vezes pelos gritos do bebê confiado a Estelle. Françoise não voltara.

Depois do jantar, Léa instalou-se na cadeira do saguão, tentando em vão ler os jornais.

Tinha caído a noite há muito tempo quando bateram à porta da entrada. Léa, que se encontrava mesmo por detrás, estremeceu:

Quem está aí?

— É Raphael, abra depressa.

Com uma angústia que a fazia tremer, obedeceu.

Raphael não vinha sozinho. Agarrava uma mulher de luto, com um véu no rosto.

Está só?

— Sim, o recolher foi retardado; minhas tias foram ao teatro e Estelle está com o pequeno.

— Perfeito.

Léa olhou para a mulher.

— Sarah? — arriscou ela.

Sim, depressa respondeu Raphael. Vamos para o apartamento do fundo, ela vai desmaiar.
— Mas por que a trouxe para cá? É muito perigoso.

— Fui apanhado de imprevisto, depois lhe explico, O essencial é estar viva...

Léa, com uma lanterna elétrica na mão, guiou-os pelo corredor escuro e abriu-lhes a porta do quarto. Com gestos de grande ternura, Raphael estendeu Sarah na cama e retirou-lhe o véu.

Oh! Não! — gemeu Léa, pondo a mão na boca.

Uma atadura suja rodeava-lhe a cabeça, um dos olhos estava fechado, os lábios estavam arrebatados e tinham o dobro do volume. Mas o que mais a horrizava eram três buracos purulentos que se viam em suas faces pálidas.

Queimaduras de charuto — disse Raphael, com voz sem expressão. A moça aproximou os olhos secos e olhou atentamente para sua amiga. Sem uma palavra, retirou-lhe o chapéu de viúva, desabotoou-lhe o casaco e o retirou ajudada por Raphael.

Acenda a lenha que está na lareira e vá buscar o aquecedor elétrico que está no banheiro. Depois, vá aquecer água na cozinha.

As chamas elevavam-se altas e brilhantes. De braços cruzados, Léa caminhava de um lado para outro, seguida pelo olhar de Sarah. Não tinham trocado uma única palavra. Raphael voltou com uma cafeteira de água quente e toalhas que pousou na cama. Em silêncio, com precaução, despiram-na completamente. Ela tremia.

— Há água quente na cozinha, traga a bacia e a esponja que estão no banheiro.

Quando Raphael encheu de água a bacia, segurou-a em frente a Léa. A esponja percorreu levemente o belo corpo supliciado, contornando as queimaduras dos seios, batendo de leve no ferimento da rua Guénégaud, tirando a sujeira do ventre, das coxas e das pernas. Quando a voltaram de barriga para baixo, ela não pode conter o gemido. As costas eram uma chaga. Tinham-se empenhado longamente para conseguir tal coisa.

— Veja no armário da farmácia o que há para curativos.

Apesar do calor do radiador, Sarah tremia. Léa cobriu-a com o edredon vermelho.

— É tudo o que encontrei.

Tintura de iodo e compressas, era tudo o que havia.

Depois de beber chá e tomar um dos calmantes de Lisa, Sarah vestida com uma camisola de Albertine e coberta com três edredons, tinha adormecido. Raphael e Léa, sentados no tapete diante da lareira, falavam em voz baixa, fumando cigarros ingleses trazidos por Raphael.

— O que aconteceu?

Mahl aspirou uma longa baforada antes de responder.

— Como prometido, em troca do segundo diamante, Masuy libertou Sarah, mas em que estado! O malandro deve ter tentado fazê-la falar até o fim. Queria ganhar seu dinheiro. Tinha concebido um outro plano porque o do cemitério era complicado e perigoso...

— Não compreendo nada: por que havia de se esconder Sarah, pelo menos por agora, visto que tinha sido o próprio Masuy a libertá-la?

— Porque não demorará muito a constatar que o segundo diamante é falso.

— Evidentemente.

— Tinha deixado na bicicleta-táxi este disfarce de viúva. Eu o vesti. Lembra-se de meu apartamento da rua Rivoli?

— Muito bem.

— Eu não entreguei as chaves ao proprietário. Como ele foi enviado de férias para a Alemanha, pensei em utilizá-lo.

— E então?

— Então? Quando ali chegamos havia um carro estacionado à porta.

Era o de Masuy. Dei meia-volta com Sarah desmaiada.

Devido ao seu estado, era impossível utilizar o cemitério. Não sabia para onde ir. Então, pensei em você.

— Tivemos muita sorte, poderia ter encontrado Françoise e o noivo.

Que teríamos dito a esse brilhante oficial se nos encontrasse com uma mulher torturada?

— Teria arranjado qualquer desculpa. Ele volta esta noite?

— Penso que não. Parece que minha irmã fica com ele e o filho num grande hotel. Mas ele pode, mesmo assim, vir a qualquer momento. Além disso, a presença de Sarah irá fazer minhas tias correrem grandes riscos.

— Eu sei disso, mas, neste momento, o que mais podemos fazer? Sarah não está em estado de poder andar durante uns dias...

— Antes de muitos dias... Mas você se esquece de que Masuy sabe que nós nos conhecemos. Não será preciso muito tempo para saber onde eu moro. E se vier aqui seremos todos presos.

Já pensei nisso. Se descobrir seu endereço, descobrirá também que sua irmã recebe oficiais alemães. Eu o conheço. Vai ser prudente.

Espero que tenha razão, porque eu nunca suportaria o que Sarah suportou, não teria coragem. Você também não, não é verdade?

— Como já lhe disse, as pessoas da minha espécie são covardes perante o sofrimento físico.

— Psiu! Estou ouvindo minhas tias. Quando elas forem para o quarto pode ir embora.

— Mas não vou embora! Para onde iria eu? Não tenho mais nenhum lugar para ir. Deixe-me passar a noite aqui. Amanhã, Violeta vai trazer-me alguma roupa para trocar.

— Como ele sabe que você está aqui?

— Ele deveria esperar-me em frente ao prédio da rua Rivoli. Viu-me voltar para o lado do Pyramides e tomar a direção do Pont-Royal. Correu atrás de mim. Parei na esquina do cais e ele veio ao meu encontro. Eu disse-lhe que vinha para a rua da Universidade. Amanhã traz-me a roupa.

Tinha então certeza de ficar aqui?

Raphael Mahl levantou-se penosamente.

— Não estava certo de nada.

Pela primeira vez desde o início da noite, Léa olhou-o com atenção.

Com que mau aspecto estava!... A gordura tornava pesados os seus movimentos, o cabelo ia rareando, um tique nervoso levantava de vez em quando um canto de sua boca, e as mãos, que eram belas, embora um tanto roliças, tremiam cada vez mais.

Notou isso e ergueu seu pesado corpo, dizendo:

— Está bem, vou-me embora.

— Não seja idiota. Fique aqui esta noite. Amanhã veremos. Não se mexa que eu vou buscar um cobertor.

Léa não conseguira dormir um só instante. Ia constantemente ver Sarah. Seu sono agitado, a testa escaldante e as palavras incoerentes da amiga preocupavam-na. Por várias vezes quase acordou Raphael. Mas ele dormia a sono solto no chão, enrolado no cobertor.

Não se contendo, às seis horas levantou-se, enfiou o roupão e foi à cozinha aquecer água. Ainda tinha ficado um pouco do café oferecido por Frederic Hanke para o Ano-novo. Egoistamente, Léa pensou que iria se oferecer um bom cafezinho, porque bem o merecia. Pegou o moinho e derramou alguns dos preciosos grãos, sentou-se no banco e com o moinho entre as pernas, resolveu moê-lo. Depressa o cheirinho a levou até à cozinha de Montillac, quando a cozinheira, em troca de uns caramelos ou de suas não menos famosas massas com marmelos, lhe pedia para "moer" o café.

Essa pobre lembrança dos tempos felizes veio-lhe graças à calma que demonstrara na véspera. Sentiu um peso abater-se no peito, uma angústia subindo até a garganta, enquanto as lágrimas lhe caíam pelo rosto. Curvada sobre o moinho, soluçava, como soluçam as crianças abandonadas diante da mãe morta nos bombardeios de Orléans. Todo o corpo sacudido de soluços lhe causava mal-estar. Balançava-se para a frente e para trás, como por vezes fazem as crianças. O toque do relógio da cozinha fê-la estremecer. Tentou levantar-se.

Uma sombra escura delineou-se no limiar da porta. Ela abafou um grito. O moinho de café caiu com um estrondo que ressoou pela casa silenciosa. A gaveta abriu-se, o pó e o grão espalharam-se pela cozinha.

A sombra avançava.

François!

De pé, frente a frente, ficaram imóveis, à espreita. Nada se ouvia.

As duas mãos de François desviaram levemente os cabelos de Léa. Com os dedos fez-lhe festas no rosto... Ela fechou os olhos e se acalmou um pouco.

Desculpe-me.

Raphael Mahl entrou, embrulhado no cobertor, com a cara balofa e os cabelos em desordem. Instantaneamente, François largou Léa e pôs a mão no bolso.

— Que faz aqui?

Raphael ia responder, mas Léa interveio.

— Dei-lhe hospitalidade por esta noite. Ele não sabia para onde ir.

Julgo que não tinha outra escolha. E Sarah?

— Está no quarto do fundo.

François lhe lançou um olhar admirado.

— Desde quando?

Desde ontem à noite. Foi Raphael quem a trouxe.

Obrigado, meu velho. Como está ela?

— Mal — respondeu Raphael. — É preciso chamar um médico. É impossível — respondeu Léa. — Ele nos denunciaria.

Precisamos correr esse risco. Eu vou vê-la — disse François. — Enquanto esperam, veja se recupera o pouco de café que resta.

Eu tomaria uma xícara.

— Espere um instante... Como é que entrou?

— Tinha-me dado a chave!

— Sim, é verdade, desculpe.

— Vim, logo que soube que me chamava. Era por causa de Sarah? Sim, e também de...

— Dirá o resto daqui a pouco. Vou ver Sarah. Não esqueça o café.

— Raphael, ajude-me a apanhar tudo isto. Depressa, porque Estelle deve levantar-se daqui a pouco.

Durante uns minutos, trabalharam em silêncio, colocando os grãos de novo no moinho.

— Tem uma vassoura para eu limpar o resto? perguntou Raphael.

— Ali no armário, creio.

Ao passar, Raphael apagou o gás porque a água fervia, encontrou a vassoura, enquanto Léa estava moendo, depois de lavar o rosto. Sorridente, ela olhou para o escritor trabalhando.

— Parece que fez isso a vida toda.

— Minha querida, sou uma verdadeira criada de casa, pergunte aos meus amigos — brincou ele.

Não é hora para brincar.

Minha querida, é sempre tempo de rirmos e gracejarmos, sobretudo nesta triste ocasião. Porque nem você nem eu sabemos o que será de nós amanhã, nem se estaremos vivos.

— Não diga essas coisas!

Estará com medo, linda criança? No entanto o valente cavaleiro acorreu ao seu apelo... Como é bela sorrindo assim. Nunca lhe tinha visto um sorriso tão doce. Ah! O amor... juventude, como vos invejo!

Sem deixar de sorrir, Léa encolheu os ombros e derramou o conteúdo do moinho no filtro da cafeteria.

— Ainda não é bastante, vou moer mais um pouco. Deixe-me fazê-lo, adoro isso. Vá ver Sarah, estou preocupado.

No quarto, sentado na cama, François tinha entre suas mãos as da jovem.

— Como está ela? — murmurou, aproximando-se. Ele sacudiu a cabeça sem responder.

Ela ajoelhou-se ao lado dele e olhou para a amiga. Grandes gotas de suor brilhavam-lhe na testa, as feridas do rosto sobressaíam na pele escura.

François! ... Sarah não vai morrer?

Oh! As lágrimas tremiam nos olhos daquele homem! Por que ela estava admirada? Já tinha visto homens chorar: seu pai, Laurent, Mathias, isso a tinha comovido mas não espantado.

Levantou-se.

— Vou chamar o doutor Dubois.

— Quem é o doutor Dubois? Tem confiança nele?

— Conhece-o. Foi o médico que cuidou de Camille. Talvez ainda esteja em Paris.

Eu me lembro, é um excelente homem. Chame-o. Léa se ausentou por um instante.

Temos muita sorte. Ele acabou de chegar depois de uma noite no hospital. Custou-me fazê-lo compreender, sem falar demais, o que se passava. Vai chegar. Lembrava-se muito bem de Camille e de mim.

— Que horas são?

— Seis e meia.

— Meu Deus! Estelle deve estar levantando. Se encontrar Raphael na cozinha, vai ser um drama.

Tudo estava consumado!

Estelle e Raphael, sentados defronte um do outro, com uma chávena de café na mão, discutiam como velhos conhecidos.

— Ah! Aqui está a senhorita Léa. Julguei que ia morrer de medo ao ver este senhor com o meu avental, preparando a bandeja do café da manhã. Felizmente ele me explicou do que se

tratava.

— Já expliquei à senhorita Estelle que tinha perdido o último metrô e que, por bondade, você permitiu que eu dormisse na sala.

— Sim, podia ter morrido de frio — resmungou a criada.

Estelle — perguntou Léa, sorrindo —, sabe se Françoise volta hoje?

— Com certeza, o noivo da senhorita Françoise deve vir cumprimentar suas tias.

Léa e Raphael olharam-se inquietos.

— Não sabe quando?

— Julgo que dona Albertine disse que era à tarde. Senhorita Léa, devia ter sido mais econômica com o café e misturar-lhe chicória. Além de ser menos indigesto... Embora menos bom — disse ela, ao acabar de beber avidamente.

Depois, com um sorriso feliz, levantou-se.

Mas deixemos disto, estou aqui falando quando devia ir para fila de carne da rua do Sena. Hoje o senhor Mulot recebe carneiro.

Vou me vestir. As senhoras não gostam que eu passeie de roupão e com bigudis.

Quando por fim saiu, Léa preparou uma bandeja onde pôs as xícaras e a cafeteria. Bisbilhoteiro, Raphael tinha descoberto um embrulho de biscoito ainda por abrir, que mostrou triunfante.

Sem barulho, entraram no quarto de Sarah.

Beberam os três, em silêncio, o café, sem deixar de fitar a infeliz que, inconsciente, gemia.

A campainha fê-los estremecer. Um revólver surgiu na mão de Tavernier.

Léa, vá abrir. Apresse-se.

A jovem obedeceu.

Quem é? perguntou ela atrás da porta.

— O doutor Dubois.

Como tinha mudado! Agora parecia um velho.

— Bom-dia, senhorita Delmas. Quase não me reconheceu. Eu também.

Cada dia, diante do espelho, digo para mim: "Quem é este velhote?". Também você mudou muito. Está mais bonita ainda.

Então, chega de conversas. Por que me chamou com tanto mistério? Tem por aqui alguma quadrilha inglesa?

Venha, doutor. Por favor, não fale muito alto, minhas tias ainda dormem.

Como estão elas?

— Bem — disse Léa, abrindo a porta do quarto.

— Meu Deus! — exclamou o médico ao ver Sarah. — Quem fez isto?

— Gente que nem o senhor nem eu apreciamos, doutor disse François Tavernier, aproximando-se.

— Senhor?... Ah! Já sei, o senhor dos croissants!

Enquanto falava examinava as queimaduras do rosto.

— Com que eles fizeram isto?

Com charutos disse Raphael.

— Que malandros!... Há muito tempo que ela está nas mãos deles? Há uns dez dias.

— Pobre senhora. Senhores, façam o favor de sair.

— Nós preferíamos ficar. As senhoras Montpleynet não sabem que estamos aqui. Ignoram mesmo a presença de nossa amiga.

— Muito bem. Então voltem-se para lá. Senhorita Delmas, ajude-me a sentá-la... Assim, está bem... Segure-a nesta posição...

Não perderam tempo! Senhorita, meu estojo está aí a seu lado, dê-me a caixa grande metálica... Obrigado.

Tirou um creme que aplicou nas costas de Sarah, cobrindo-a de compressas.

Depois procedeu a um exame mais íntimo. No interior das coxas, as crostas de queimaduras de cigarros eram já mais antigas.

— Ela pode falar?

— Não — respondeu Léa. — Reconheceu-me, mas só disse palavras sem nexos.

— Ela tem muita febre devido ao choque emocional da tortura. Vou dar-lhe uma injeção agora e outra logo à noite. Deverá melhorar à tarde. Quanto ao resto, só o tempo dirá.

— E levará muito tempo? — perguntou Léa.

— Tudo depende de seu estado geral. Uma semana ou duas.

— Uma semana ou duas!.. Mas isso é impossível; nem minhas tias sabem de nada, e a Gestapo logo desconfiará.

— Minha filha, nada posso fazer. Ela não está em condições de ser transportada, pelo menos nestes dois ou três dias. Devia avisar suas tias.

Aterrada, Léa deixou-se cair numa cadeira.

— E daqui a três dias? perguntou Tavernier.

— Poderei escondê-la no hospital, no meu serviço, até que ela seja capaz de andar... Eis aqui o remédio para lhe acalmar as dores. Dez gotas de três em três horas. Ao fim do dia passarei por aqui. Coragem continuou ele, virando-se para Léa —, tudo vai sair bem. Já está habituada a ser enfermeira. Lembre-se da senhora d'Argilat.

Não é a mesma coisa. A Gestapo ainda não estava por aqui.

— É verdade, mas, como hoje, arriscava sua vida para salvar alguém... Até logo à noite. Até mais ver, meus senhores.

Devagar, Léa fechou a porta da entrada e apoiou-se a ela com ar de desânimo.

— Bom-dia, minha querida, julguei ouvir a porta fechar-se. Alguém esteve aqui a esta hora?

Albertine de Montpleynet ali estava de roupão, coberta com um grande xale de lã dos Pirineus, de um azul pálido. As mechas de cabelos grisalhos desapareciam por baixo de um lenço de seda branca. Com suas luvas e as meias grossas, era a imagem da França friorenta, tentando, pela força da superposição de roupas, suportar o frio que reinava nos apartamentos.

Ao contrário da irmã Lisa, Albertine nunca se queixara das múltiplas privações que a ocupação lhes impunha. Dizia, às vezes, que elas eram umas privilegiadas em comparação com tanta gente, e, que isso, nunca deviam esquecer. Lisa havia ralhado quando ela levara aos refugiados do último andar uma parte dos víveres oferecidos por ocasião do batizado do pequeno Charles.

Sem que nunca tivesse dito nada, Léa adivinhava que a tia não aceitava sem repugnância os "presentes" que a situação de Françoise lhe trazia. Temia a visita de Otto Kramer para oficializar a ligação.

Pensou que iria morrer de humilhação quando, na farmácia da rua do Bac, duas clientes tinham falado em colaboração, olhando-a com insistência. Impressionada, saíra sem comprar o que queria. Sabia o que se dizia dos colaboradores. Desde então repetia aquelas palavras em seu pensamento. Grande admiradora do marechal Pétain, como a maioria dos franceses no início da guerra, as medidas tomadas por Vichy contra os judeus, mas, sobretudo, a prisão da sua velha amiga, a senhora Lévy, que nascera naquela casa, afastaram-na definitivamente do Marechal. Se Lisa e Estelle continuavam a ter confiança nele, era para serem como certas senhoras do clube de bridge que a irmã e ela freqüentavam duas vezes por semana, na avenida Saint-Germain. Há muito tempo que se sentia só.

Vamos, Léa, responda-me, veio alguém aqui? O que você tem, minha pequena? Está com jeito de um passarinho caído do ninho.

— Minha tia, preciso lhe falar. Vamos para o meu quarto, é muito longo o que tenho a lhe explicar.

Vinte minutos depois, Albertine de Montpleynet abria a porta do quarto e aproximou-se da cama onde Sarah estava.

Um tanto inquietos, François Tavernier e Raphael Mahl a olhavam.

— Tudo se acertou murmurou Léa. Minha tia aceita que Sarah fique aqui até que o doutor Dubois possa transportá-la.

A velha senhora contemplava em silêncio o que fora o rosto de uma bela mulher. Com horror e espanto, ficou pregada no chão, tornando-se cada vez mais pálida. Quando, por fim, tirou os olhos da face da torturada, Albertine perguntou a François Tavernier com uma curiosa voz de menina:

Senhor, como é possível?

Sem responder à pergunta, François avançou até ela e tomou-a pelos ombros, levando-a até o fundo do quarto.

Agradeço-lhe, senhorita, o que faz pela senhora Mulstein. Tenho, no entanto, de lhe dizer que esta mulher é procurada pela Gestapo e que todos os habitantes desta casa se arriscam a ser presos.

— Eu sei, caro senhor, mas faltaria a todos os meus deveres de cristã e de francesa se lhe recusasse este asilo. Por agora, nada direi a minha irmã nem a Françoise e a Estelle. Com Léa, velaremos pela senhora Mulstem, cada uma por sua vez, quando tivermos a visita do Comandante Kramer.

— Se me permite, estarei presente quando vier essa visita. Minhas relações com certos membros do alto comando desviarão a atenção de tudo o que puder parecer suspeito...

— O senhor tem relações com o alto comando alemão?

— Sim, mas nada mais posso lhe dizer a não ser que cumpro ordens — disse ele, em voz baixa.

— Ordens? Não compreendo.

— É melhor assim. Não se esqueça de uma coisa: para a senhora, sou apenas um homem de negócios que faz a corte a Léa. É isso que é preciso absolutamente fazer crer, esta tarde, ao Comandante Kramer.

Albertine de Montpleynet olhou atentamente aquele homem com traços enérgicos, com o rosto por barbear, de boca muito grande, mas cujos olhos exprimiam coragem e sinceridade. Com um gesto espontâneo, estendeu-lhe a mão.

Farei o que me disser. Tenho confiança no senhor.

Com um suspiro cúmplice, François inclinou-se e beijou-lhe respeitosamente a mão.

— Vamos, senhor, beija-se a mão das senhoras casadas, mas não das solteironas.

— Minha tiazinha, você é maravilhosa! Você, uma solteirona! Me faz rir! é a mais jovem de todas nós! — exclamou Léa, atirando-se ao pescoço da tia.

— Vai me derrubar, deixe-me, devo me vestir.

No momento em que ela saía do quarto, bateram à porta da entrada, primeiro uma pancada, depois mais três. Todos se imobilizaram, com exceção de Raphael que, calmamente, anunciou:

— É o Violeta que me traz roupas. Tínhamos combinado este sinal.

Posso abrir, minha senhora?

— Faça como melhor lhe parecer, senhor, não compreendo nada do que se passa. Prefiro deixá-los.

Antes de abrir, Raphael perguntou a Léa:

— Posso ir para outro quarto mudar de roupa? Não queria que ele visse Sarah. — Vá para o

quarto de Françoise. É a terceira porta à direita...

Cuidado, aí vem Estelle.

Léa precipitou-se para ela e puxou-a para a cozinha. apesar de seus protestos.

Finalmente abriram a porta àquele a quem Raphael chamava Violeta.

Entrou trazendo uma mala pesada.

— Bom-dia, senhores e senhoras, bom-dia, senhor Raphael. Trouxe tudo o que pude. Já era tempo, porque os patifes chegaram, mal eu tinha virado a esquina.

— Não se esqueceu do estojo de maquilagem?

— Nada receie, está tudo aqui.

Obrigado, meu querido. Não foi seguido?

Está brincando! ... Ainda estão para nascer aqueles que Violeta não sabe despistar.

— Encontrou o esconderijo?

Sim, na rua...

— Você me dirá mais tarde. Agora venha me ajudar a me vestir.

— É a primeira vez que o senhor Raphael quer que o vista — brincou Violeta.

Mahl empurrou a porta do quarto de Françoise e ambos entraram, fechando-a em seguida.

Léa e François ficaram a sós, com expressão ávida nos rostos. Quero você.

— Eu também, mas..., como fazer?

— Vamos para a "casa fria".

— Mas lá está muito frio!

— Eu te aquecerei.

— Não podemos abandonar Sarah.

Ela está dormindo. Venha.

Abraçados, entraram no aposento sombrio e gelado. As apalpadelas, Léa acendeu uma pequena lâmpada posta numa mesa baixa perto de um dos canapés cobertos com uma capa branca como, aliás, todos os móveis daquele quarto, onde haviam enrolado os tapetes. Assim, a sala tinha o ar de ser um lugar de encontro de móveis fantasmas. O frio era total.

Os braços de François enlaçaram Léa. Agarrados um ao outro, oscilando em cima do sofá, no qual caíram, levantando um pouco de poeira, misturando beijos e palavras.

Tive tanto medo quando Marthe disse que me procurava...

— Julguei que nunca mais voltaria...

Você me fez falta, minha putinha... Estava sempre pensando em você, e não conseguia trabalhar...

— Fique quieto e abraçe-me...

Os dedos de François não se cansavam de explorar o corpo de Léa, nu sob a grossa e deselegante camisola, tremendo de frio e de prazer. Seu ventre impaciente chegava-se ao do amante. O medo da Gestapo, a tortura, a morte de Sarah, Camille, Laurent, nada mais existia, se não aquele desejo vital para ela de ser possuída por aquele homem, do qual cada carícia era a sua felicidade.

Quando ele deslizou sobre ela, suas pernas enlaçaram-no em torno dos rins como para melhor assegurar uma tomada que mais parecia uma captura.

No fim daquele espasmo, sentiram-se prisioneiros um do outro. Mas estavam cansados e felizes demais para se libertarem.

O frio venceu o seu bem-estar. Recompuseram-se e deixaram aquele local onde, numa cobertura branca, ficara o sinal de seus corpos.

Sem barulho, entraram no quarto de Sarah. A sua tez tinha perdido um pouco aquela cor esverdeada e a respiração era regular: ela dormia.

De mãos dadas, os dois amantes olhavam-na com ternura.

— Ela foi sua amante? perguntou Léa, baixinho.

Isso não lhe interessa, meu anjo, e hoje não tem nenhuma importância. Considero-a como minha maior amiga, a pessoa no mundo que mais estimo.

Então, e eu?

— Você? Não é a mesma coisa, você é uma criança. Mesmo a guerra e isto — disse ele, mostrando o rosto destruído de Sarah — não conseguirão fazer com que se torne adulta.

— Julgo que se engana. É conveniente para você só ver em mim uma criança irresponsável, um pequeno animalzinho de que se serve o grande adulto, o grande homem que julga ser, quando tem necessidade de um corpo fácil e amável. Eu sou uma mulher, tenho vinte anos e você não é velho. Eu nem sequer sei a sua idade. Que idade tem?

Ele olhou-a sorrindo.

— Decididamente, mesmo nessa figura pouco erótica, dá vontade de lhe saltar em cima.

Oh! Meu Deus! Esqueci-me deste horrível roupão. Vou trocar- me e não perderá por esperar...

Quando Léa voltou vestida com um pulôver e um casaco de lã angorá vermelho escuro, tricotado por Lisa, e com uma saia curta preta plissada, destacando as pernas calçadas com suas melhores meias de lã preta, François, sentado na cama, falava com Sarah. Temendo aborrecêlos, parou no meio do quarto.

— Avance, querida — disse Sarah, com uma voz que mal se ouvia.

Léa hesitou um instante.

— Venha, foi a primeira pessoa que ela chamou.

Sarah estendeu-lhe a mão.

— Venha para perto de mim.

Léa obedeceu e sentou-se por sua vez perto da doente.

— Estou tão feliz por vê-la melhor. Ainda sofre muito?

— François deu-me as gotas. Agradeço-lhe por tudo o que fez.

— Não foi nada, não se canse em falar.

— É preciso. François vai fazer de um modo que a Gestapo não venha aqui.

— Mas como?

— Não importa. Faça tudo o que ele lhe disser.

— Mas...

— Prometa-me.

Malgrado seu, Léa conformou-se.

— Quando é que terá confiança em mim? — perguntou ele.

— Quando me tratar como adulta.

— Não discutam. Aqui só há uma pessoa perigosa, é Raphael.

— Mas foi ele quem a salvou!

Sarah não respondeu, havia abusado demais de suas forças e acabava de desmaiar.

François precipitou-se para o banheiro e voltou com uma toalha úmida que pousou na testa da doente. A frescura reanimou-a. Com um sorriso cansado, agradeceu-lhe, murmurando:

— Calo-me para recuperar as forças.

E voltou a adormecer quase imediatamente.

— Precisamos impedir que Raphael nos prejudique — disse François.

— Quer dizer matá-lo? — perguntou Léa, abrindo muito os olhos.

— Sem ir tão longe, é preciso neutralizá-lo durante alguns dias, dando tempo a que Sarah e você estejam em segurança.

— Que pensa fazer?

— Tenho uma idéia. Vou propor-lhe uma estada de sibarita com Violeta.

— O que isso quer dizer?

— Isso quer dizer, minha bela ignorante, que durante algum tempo ele viverá em indolência e voluptuosidade com seu macho, evitando-lhe assim de ser delator ou denunciante, se assim prefere.

— E se ele não aceitar?

— Não terá escolha. Meus homens o esperam lá embaixo para os conduzirem, a ele e ao

amigo, para um lugar de sonho.

Bateram suavemente à porta do quarto.

Uma grande mulher, bastante forte, muito pintada, com um turbante muito bem colocado, vestida com saia e casaco cinzento e uma blusa cor-de-rosa, com uma bela raposa, entrou vacilante nos seus saltos altos com solas duplas.

— Raphael!...

— Não estou nada mal, não acham? Você quase não me reconheceu.

Infelizmente, engordei um pouco desde a última vez em que pus esta roupa. Preciso de uma cinta nova. O que acham?

Léa encolheu os ombros.

— Meu pobre Raphael, está ridículo, assim.

— Foi o único meio que encontrei para escapar daqueles senhores.

François Tavernier dirigiu-se para a porta.

Desculpem-me um instante. Está muito bem no seu disfarce, meu caro, muito bem.

— Onde ele vai? — perguntou Raphael, desconfiado.

— Não sei. Ver tia Albertine, talvez. Onde está Violeta?

Está à minha espera no quarto de sua irmã. Amanhã mandarei saber notícias de Sarah. Vou ver como farei para sair de Paris.

Eu os deixarei a par...

François Tavernier entrou.

Até a vista, Léa. Deixo-a e a Sarah em boas mãos disse ele, designando Tavernier.

Logo que possa, dê-nos notícias disse-lhe este.

Contem comigo. Cuidem bem de minha amiga. Quando acordar, dêem-lhe um beijo por mim...

Léa acompanhou-o até a porta, onde estava Violeta e uma grande mala.

Pela última vez, Raphael abraçou-a e disse:

— Tenha cuidado, seja prudente e não volte à avenida Henri-Martin.

No patamar da entrada estavam quatro homens à espera.

Quando viram surgir aquela dupla, agarraram-na, levaram-na para a rua e enfiaram-na numa camioneta parada junto à porta.

Nem uma palavra foi trocada. Os dois amigos não ofereceram a menor resistência.

Por sua vez, François Tavernier deixou a rua da Universidade prometendo voltar perto das três horas para estar presente quando da visita do tenente Kramer. Juntamente quando ia sair, estendeu a Léa um envelope de papel escuro, com um sorriso zombeteiro.

— Toma — disse ele. — Nesta confusão, esqueci-me de que também sou correio.

Depois, tornando-se sério, acrescentou:

— Aconselho-a a ler e a queimar logo a carta. Ela chegou por caminho seguro, mas, agora que está em suas mãos, você corre perigo.

E desapareceu na escada sem mais comentários.

"Léa, Seja prudente. Não quero que lhe aconteça nenhum mal por minha causa. Os sofrimentos de Camille me são dolorosos e sabê-la em liberdade é meu único consolo. Pese maduramente cada um de seus gestos e não tome nenhuma decisão sem falar com F.T.

Tenho medo. Não temo pela minha vida, já renunciei a ela há muito tempo, mas tenho medo das conseqüências catastróficas que pode engendrar cada um dos meus atos. A idéia de que torturam Camille neste mesmo momento, para lhe arrancar informações que ela não tem, põe-me doido. E preciso toda a força de convicção dos meus companheiros para que não caia em alguma cilada que me armaram. Nada posso fazer por ela. Seria preciso atacar o forte de Há!... Procuro a todo preço afogar-me na ação. A prisão de Camille mergulha-me numa angústia que me torna um adversário perigoso. Aprendi a matar. Sei dar meus golpes onde é preciso. Até aqui matei porque era preciso fazê-lo, mas hoje não estou convencido de não o fazer por prazer.

Cada dia somos mais numerosos. Muitos daqueles que fogem do S.T.O.

vêm nos encontrar e tornamo-nos cada vez mais eficazes, cada vez mais móveis, mas cada novo recruta aumenta o risco de infiltrações. Nossas operações multiplicam-se. Tudo isto é tão duro e tão intenso que nos perguntamos todos como poderemos retomar o curso da vida. E, no entanto, cada um de nossos gestos é destinado a que a vida recomece, calma, mais calma ainda do que antes, se isso for possível...

Camille, prove-me a imensidão de seu amor pelo seu silêncio, prove-me sua afeição com sua prudência.

Laurent P.S. Renunciei a acrescentar meu diário a esta carta. Prefiro que não seja queimado. Você deve fazer desaparecer TUDO o que tem de mim."

Ela amassou a carta como uma mecha e aproximou-a do fogo da lareira. Olhou as chamas destruírem o papel e não o largou senão quando sentiu o fogo perto dos dedos. Estava tão mergulhada na angústia que não podia refletir ou mesmo perceber distintamente o que quer que fosse. A única coisa que teria podido, talvez, ajudá-la naquele momento era refugiar-se nos braços de François.

Capítulo 11

OTTO KRAMER não percebeu em nenhum momento que Léa e Albertine nunca estiveram juntas no pequeno salão onde as senhoras Montpleynet, com sua amabilidade habitual, receberam o noivo da sua sobrinha.

Françoise, muito feliz por ter reencontrado seu amante, também nada notou. Sem dúvida isso se deveu em parte à presença e à conversa ora divertida ora provocante de François Tavernier, que havia retomado, para a circunstância, seu ar de cosmopolita mundano. Em alemão falou naquela guerra que nunca mais acabava, das restrições, do mercado negro que lhes permitia sobreviver, dos Voyageurs de Impenale, o último romance de Aragon, de Léa, por quem estava apaixonado (sem sucesso, aí!), e sobretudo do pequeno Pierre que dormia nos braços da mãe, e que ele achava o bebê mais bonito do mundo.

Concordo inteiramente — havia declarado o pai. Françoise falava com entusiasmo do soberbo apartamento mobiliado que haviam descoberto no Bois, da babá, da cozinheira e do camareiro que haviam contratado.

Irritada com aquela conversa, Léa perguntara peffidamente num tom inocente:

— Para quando é o casamento?

Interrompida na descrição de suas alegrias domésticas Françoise corou e respondeu com aspereza:

Logo que Otto receba a autorização do Führer, o que não deve demorar, visto que seu pai já consentiu.

— Fico contente por você, minha querida, e por você também, Otto.

Mas pensava que o casamento entre alemães e franceses estava proibido.

O ar constrangido do comandante Kramer não escapou a ninguém.

— Nem sempre...

— Tanto melhor, nesse caso, teremos brevemente umas bodas.

Léa voltara-se para o oficial alemão.

— Espero que graças às suas relações, os seus amigos de Bordéus soltem Camille d'Argilat.

Françoise já me falou nisso. Mandeí telefonar ao chefe da Gestapo e ele deve responder-me esta noite.

Como? A senhora d'Argilat foi presa e vocês ainda não me haviam dito nada? — exclamou François Tavernier, fingindo-se inocente.

— Caro amigo, eu o tenho visto tão pouco nestes últimos tempos. Foi há muito tempo?

— Nós soubemos no dia dez de janeiro. De que a acusavam?

— Eles querem saber onde se encontra o seu marido.

Naquele momento, Albertine entrou trazendo um bule e disse, num tom despreocupado:

— Trago chá quente, o outro já deve estar frio.

Era o sinal combinado. Léa, por sua vez, deveria substituir a tia junto de Sarah.

François, quer vir comigo? Quero lhe mostrar uma coisa — disse ela a Tavernier, quando saiu.

Foi no quarto, junto de Sarah adormecida, que lhe contou o que sabia da intervenção de seu tio Luc em relação a Camille.

Diante do ar preocupado, Léa murmurara:

— É grave?

Muito. Na sua opinião, a senhora d'Argilat sabe onde está o marido?

— Bem, evidentemente que não, se não teria me dito.

— Isso muito me espantaria.

Léa ficara sem respiração.

Como é que ousa? Julga-me capaz de denunciar Laurent?...

— Que impetuosidade! Não, claro. Mas, sob tortura, nunca se sabe como as pessoas se comportam.

Preferia morrer a dizer qualquer coisa que pudesse prejudicar Laurent.

Com uma pontinha de ironia maldosa, ele continuou:

— Eu não duvido da sua coragem, mas conhece os métodos desses senhores. E mais fácil aceitar morrer do que suportar certas torturas.

Todos temos em nós uma falha que nos pode fazer capazes de denunciar os seres a quem mais queremos. Ao carrasco compete descobrir.

Para alguns, é a violação, para outros a castração, a enucleação, o estri pamento a ausência de sono, as serpentes, os insetos, as ameaças sobre um filho. Bem entendido, eu falo de autênticos heróis capazes de suportar as mais severas sevícias...

— Não acredito. Tenho certeza de que há gente que nunca fala.

— Isso acontece, mas é muito raro. Os mais corajosos preferem matar-se, como o seu compatriota de Bordéus, o professor Auriac, depois do primeiro interrogatório, dirigido pelo famoso comissário Poinot, com quem já travou conhecimento.

Sarah não falou?

— O que sabe disso?

De novo Léa ficara de boca aberta.

Seu olhar fixava ora Sarah ora François. De olhos úmidos cuspiu-lhe no rosto:

— Como ousa dizer isso daquela, cuja opinião, segundo diz, está acima de tudo? É imundo!

— Não, realista.

— Ele tem razão — disse uma vozinha vinda da cama.

Num mesmo ímpeto, Léa e François encontraram-se junto da amiga.

— Ele tem razão — continuou Sarah. — Mais um dia sofrendo as ignóbeis carícias daqueles sujos e eu teria falado. Sabe, Léa, ao sofrimento podemos nos habituar, mas à humilhação de estar amarrada, presa pelas mãos e sexos cobertos do sangue de outras vítimas, a boca forçada por um membro sujo dos seus próprios excrementos... A promessa de ser lançada a um cão de guarda se nos obstinarmos em calar., é horrível. Se Raphael não tivesse conseguido tirar-me das patas de Masuy e de seus cúmplices, eu teria contado tudo o que eles quisessem...

— Não fale mais nisso, Sarah. Eu nunca duvidei um só instante da sua coragem. Sou um imbecil por ter pretendido duvidar para dar uma lição a Léa... Tenho que ir. Voltarei para a visita do doutor Dubois, Sarah... Peço-lhe, não chore. Eu não queria magoá-la.

— Não me magoou... É a recordação de tudo aquilo. Vá agora e volte logo. Quando voltar, dará notícias de Raphael.

— Não se preocupe, está num lugar seguro e bem tratado... Até logo.

Depois da partida de François, Sarah quis ir ao banheiro amparada por Léa. Dera um grande grito ao ver-se no espelho, por cima do lavatório.

— Fizeram de mim um monstro!

Léa tentara dizer qualquer coisa. Sentira, retrospectivamente, de ter por momentos tido inveja da beleza de Sarah. Era horrível ver aquelas lágrimas contornarem as crateras sanguinolentas.

— Deixe-me só, um instante — ela pedira.

Léa obedeceu. Nesse exato momento, bateram à porta. Não era o sinal de Albertine.

— Quem é?

— Vamos embora — gritou Françoise, através da porta. — Queríamos lhe dizer adeus...

Rapidamente Léa compôs a desordem da cama e correu a dar a volta à chave.

— Agora você se fecha a chave no quarto?

— Devo ter feito isso sem perceber, estava com muita dor de cabeça.

— Agora está melhor? — perguntou delicadamente o noivo de Françoise.

— Sim, estou, obrigada. Deitei-me por um momento — disse ela, fechando a porta com o ar natural.

Graças a Deus as despedidas não se eternizaram, mas Léa teve de prometer que iria qualquer dia almoçar lá.

Quando voltou para o quarto, Sarah voltara a deitar-se e parecia dormir. Numa das cadeiras, Léa adormeceu também.

Foi despertada pela voz do doutor Dubois, de Albertine e de Tavernier. Envergonhada, levantou-se, esfregando os olhos.

— Desculpem-me, deixei-me adormecer. — - Já vimos isso — disse, em tom divertido, o médico. — É muito feio para uma enfermeira.

— Estou desolada. Como está agora a senhora Mulstein?

— O melhor possível. Felizmente é de forte constituição. Daqui a dois dias estará em pé. Previ uma ambulância para depois de amanhã. Oficialmente, virá para a sua tia, que se sentiu mal, necessitando hospitalização. Tudo correrá bem. Um dos meus amigos, resistente e especialista de grandes queimaduras, tomará conta dela.

— Obrigada, doutor. Depois trataremos de fazer passar a senhora Mulstein para a Suíça ou para Espanha. Quanto tempo pensa que ela deva ficar no hospital? — perguntou François Tavernier.

— O máximo cinco dias para sua segurança e a de meus colegas.

— Será em 18 de janeiro?

— Sim, uma ambulância a transportará no dia 18 pela manhã, é o mais normal para as saídas, e irá conduzi-la onde quiserem.

Depois, a senhorita Delmas poderá ir buscar a tia.

— Eu terei de ficar todo esse tempo no hospital? — perguntou Albertine.

— É condição para o êxito do nosso plano.

Nesse momento, Sarah ergueu-se e murmurou:

— Sinto-me envergonhada por lhes causar tantos contratemplos.

Não pareceu compreender as razões porque todos se puseram a rir.

Não se inquiete com nada, minha filha disse a velha senhora —, pense só em ficar curada, O mais difícil será mentir a Lisa e inquietá-la...

— É muito importante que sua irmã seja a primeira a acreditar na sua doença disse o médico.

Eu sei, doutor, mas desde a nossa mais tenra infância, nós nunca tivemos nenhum segredo uma para com a outra...

Agarrada ao braço de François, Léa tremia no frio desagradável e úmido que cobria Paris. Em frente das lojas, as donas-de- casa faziam intermináveis filas, batendo com os pés para tentarem em vão se aquecer.

Tudo se passara como o previsto. Sarah havia recobrado as forças e partido para um destino ignorado, e Léa teve de cuidar de Lisa, que caíra realmente doente com a idéia de que a irmã estava no hospital... Mathias escrevera para dizer que estava em Bordéus, e Françoise havia

telefonado. As notícias eram boas:

Camille seria solta e Léa podia livremente voltar para Montillac. O comandante Kramer dava sua garantia. Léa voltara a encontrar parte de sua alegria de viver e sua boa disposição e, para festejar isso, François decidiu levá-la ao Chataignier para almoçar, na rua Cherche-Midi. Ao passarem pela livraria Gallimard, no bairro Raspail, maquinalmente, tinham atrasado o passo e deitado um olhar para a vitrine onde Les Décombres, de Rebatet, pareciam esmagar todos os outros livros.

— Aqui está a obra mais imunda publicada este ano — disse François Tavernier. — Embora cheia de talento, no meio de um ódio incontido e de porcarias sobre os judeus e outros estrangeiros...

Saindo da livraria, como um diabo de uma caixa, Raphael Mahl acercou-se deles:

— Léa, François!

Que faz em Paris? disse secamente François. — Eu julgava que tínhamos combinado que partiria para o Midi imediatamente depois do nosso último encontro.

— Não me leve a mal, caro amigo, essa viagem ficou adiada por uns dias.

— Mas eu julgava que Masuy o procurava.., disse Léa.

Agora não mais. Graças a mim, consegui um fornecimento de ouro muito importante. Estamos novamente fazendo negócios.

Depois do que ele fez a Sarah?...

— Minha querida Léa, ele teve a bondade de esquecer a minha participação no desaparecimento da sua amiga e a maneira como o enganei. Em troca, eu esqueço as sevícias sofridas pela nossa pobre Sarah.

— Pode esquecer?!...

Raphael pegou a mão da moça, que se levantava contra ele.

Não tenho escolha. E assim ou uma boa bala na barriga — disse ele, energicamente. Isso dói, bela criança, uma bala na barriga — continuou ele, retomando um tom prazenteiro... — Esteja descansada, não tem nada a temer. Ele já sabe das relações alemãs da sua família e é prudente demais para atacar uma amiga do senhor François Tavernier, familiar do hotel Lutécia e da Embaixada da Alemanha.

Pálida e gélida, Léa percebera as ameaças escondidas na evocação daqueles lugares. E não se enganava.

— Caro François, se não nos tivesse tratado tão bem, Violeta e eu, nunca lhe perdoaríamos o nosso seqüestro e não duvido que seus amigos da Abwehr ou seu amável embaixador, sua excelência Otto Abetz, não se tivessem interessado por suas atividades, um tanto contraditórias. Mas você agiu como um homem civilizado e prudente, cumulando-nos, ao meu amigo e a mim, com uma mesa bem servida, com vinhos excelentes num local de sonho, onde nem faltava música nem literatura.

Mostrei-me, portanto, reconhecido, esquecendo-me de falar em você...

Julgo que devo agradecer-lhe — respondeu secamente François. Não peço tanto.

Sabe, no entanto que, mais cedo ou mais tarde, será preso e talvez assassinado.

Talvez... Sabe, é preciso pensar; a morte nunca é acidental. é completamente louco, dá vontade de rir.

Raphael Mahl abandonou os gracejos e em seu olhar passou uma súbita expressão de sofrimento.

Se pensa que é divertido ser quem sou! Vocês ainda podem rir das minhas loucuras, mas eu, é bem preciso que sofra!

Através da vidraça, Mahl fez um sinal amigo ao jovem vendedor que arrumava os livros. Léa reconheceu-o e lhe fez também um aceno com a mão.

— Que rapaz encantador! Conhece a última palavra de Cocteau? Foi ele quem me repetiu. O poeta estava jantando no café da senhorita Valentin com Auric. Este lhe contava que um judeu se queixava por ter de usar a estrela amarela. "Console-se respondeu o amigo —, depois da guerra irão fazer-nos usar um nariz postiço." Sempre engraçada, aquela querida, não está de acordo?

François Tavernier absteve-se de responder, mas custou-lhe a reprimir um sorriso. Quanto a Léa, deu uma gargalhada, depois quase logo arrependeu-se de ter rido. — - Ria, minha jovem, ria, o riso fica-lhe bem... É preciso rir em vez de chorar. Até logo, linda menina. Deus a guarde. Adeus, meu caro senhor, espero não ter de voltar a encontrá-lo disse ele, fechando a porta da livraria.

Antes de entrar, voltou-se e disse, olhando-os:

— Obrigado por tudo o que fizeram por Sarah.

Até a rua Cherche-Midi, Léa e François não trocaram nenhuma palavra. Ao chegarem ao Chataignier a sala estava cheia. O garçom conduziu-os ao seu lugar perto de uma longa mesa de doze lugares.

— Espero que os nossos vizinhos não sejam muito barulhentos — disse Tavernier.

— Embora seja gulosa, não gosto destes lugares disse Léa, olhando em volta.

— Eu também não, mas que isso não lhe tire o apetite. Hoje, quero fazê-la esquecer tudo o que não seja nós. Quero-a egoisticamente só para mim.

— Bebemos uma garrafa de Bordéus. Estou com vontade de sentir o perfume do meu país.

Momentos mais tarde, o encarregado dos vinhos trazia, com todas as precauções costumeiras, uma garrafa sublime.

A cozinha estava à altura do vinho.

Cumpriam fielmente seu programa, não falando senão de coisas ternas e simples: das saias que se usavam mais curtas, dos penteados que haviam mudado, das boîtes clandestinas, dos excêntricos que impunham a moda a toda a juventude, das viagens que fariam juntos quando

acabasse a guerra... Por baixo da mesa tinham entrelaçado as pernas.

Várias pessoas passaram por eles: homens com uma expressão satisfeita, falando alto, lindas mulheres com trajes vistosos e rindo alegremente. Instalavam-se na mesa grande, onde chegou um homem de aspecto pesado, com olhar vivo e inteligente por entre os óculos grossos, com um corpo de atleta.

— Quem é? — perguntou Léa.

— Um homem notável que se perde: Jacques Doriot, o fundador do P.P.F., Partido Popular Francês. Estamos já longe das campanhas do "Grito do Povo" contra o mercado negro e os restaurantes a quinhentos francos por pessoa!

— Mas nesses restaurantes você se sente bem.

É verdade.

A harmonia do início se rompera. A refeição terminou em silêncio.

Na rua, apesar de sua reticência, ele deu-lhe o braço.

— Não fique agastada, meu amor, resta-nos tão pouco tempo para estarmos juntos!

— Que quer dizer com isso?

Parto amanhã, logo cedo.

— Para onde?

Não posso lhe dizer.

— Por muito tempo?

— Não sei.

— Não pode deixar-me sozinha!

— É preciso, já tem tamanho para se defender.

— Sarah também tinha tamanho para se defender. E veja o que lhe fizeram.

Uma leve crispação passou pelo rosto de Tavernier. Ele não podia, mesmo assim, dizer-lhe que o desesperava ter de deixá-la a mercê de Masuy e companhia! Maldizia a hora em que se deixara apaixonar por aquela garota. No que devia fazer, todo o sentimento tinha de ser ba nido. Era correr riscos inúteis e sobretudo fazê-los correr. Desde seus breves encontros em Montillac, consciente do perigo, tinha evitado pensar nela. Sem muita dificuldade, tinha de reconhecê-lo.

Desde o princípio da guerra, as moças, mesmo as mais ajuizadas, eram menos esquivas. A urgência de viver era tal que elas esqueciam as conveniências e entregavam-se com tanta simplicidade como Léa. Mas por tê-la reencontrado às vezes mais forte, às vezes mais frágil, reavivara esse sentimento pelo qual não sentia gosto e que só servia, segundo o que julgava para lhe complicar a vida.

Por que não diz nada?

— Que quer que eu diga? Mahl tem razão: as relações de sua irmã irão protegê-la, pelo menos enquanto o comandante Kramer estiver em Paris. Se fosse você, iria para Montillac, pelo menos por três razões.

A primeira é que o seu tio dominicano e o seu querido d' Argilat não estão longe...

— Como sabe disso?

— Sei... A segunda é que a senhora d'Argilat precisa de você, e a terceira é que não pode deixar a propriedade nas mãos de seu vinhateiro.

— Se Laurent e tio Adrien estão perto como diz, por que não fizera nada por Camille?

— Fazer qualquer coisa por ela seria arriscar, agravar o seu caso e não se foge do forte de Hâ. Ao contrário, é mais fácil sair do campo de Mérignac.

— Mas eu pensei que ela seria solta!

— Isso foi adiado.

— Por quê?

— Não sei... Talvez para levar Laurent a cometer alguma imprudência.

Eles manobram muitas vezes assim, na esperança de fazer rebentar o adversário. Está bem claro que não tiraram nada de Camille. Ou porque ela nada sabe, ou por ter dado prova de verdadeira coragem.

Ela é bem capaz disso. Por baixo daquele ar doce e tímido, é a pessoa mais teimosa que conheço.

Felizmente para o marido.

Aborrecida, Léa encolheu os ombros.

Tenho certeza de que ela nada sabe. Acho que vou seguir seu conselho. Vou voltar para Montillac.

Enquanto falavam, chegaram à casa de Léa.

— Quer subir? perguntou ela.

Não posso, tenho um encontro. Vou tentar passar por aqui antes do toque de recolher. Se não me vir, não me queira mal...

— Esteja descansado, não lhe quero mal.

Ficou com impressão de que o ferira, e sentiu uma alegria maldosa, seguida da sensação de um grande vazio. Puxou-o para o saguão do prédio e ali, ao abrigo dos olhares dos que passavam, atirou-se em seus braços.

— François...

Com a mão ele fechou-lhe os lábios.

— Não diga nada. Fique aqui colada a mim sem se mexer. Beije-me.

Naquela noite, Léa o esperou em vão.

Capítulo 12

"QUERIDA LÉA

Saio do inferno. Depois de meu último interrogatório com Dohse na casa da Gestapo, número 197, da estrada Medoc, jogaram-me num dos calabouços do porão. Era tão baixo que não podia ficar em pé. No chão, terra úmida e palha, e por toda a parte, excrementos e vômitos: um horror. Das outras celas vinham os gritos dos outros. Um homem, a quem tinham arrancado os testículos, e que berrava. Uma mulher que não cessava de gemer. Eu deixei-me cair de cansaço e de terror. Não sei mesmo quantos dias ali passei, meio sonolenta, tremendo de febre, sem comer, fazendo as minhas necessidades no chão, como um animal.

Quando compreendeu que, mesmo que eu quisesse não podia falar, Dohse mandou-me levar para o forte de Hâ. Passei três dias com quarenta de febre na enfermaria e agora estou numa cela com três outras mulheres.

Quase um luxo. Podemos ficar em pé, podemos lavar-nos, podemos mesmo usar pó contra os piolhos. Ao subir para uma das camas, podemos ver através das grades, tetos da cidade. Um "café" da manhã, duzentos gramas de pão, uma sopa às dez horas, outra às quatro e, de tempos em tempos, uma boquinha da Cruz Vermelha com biscoitos que cheiram a azeite rançoso. E, depois, a vida da prisão: as mensagens entre muros, as novidades que se ouvem na missa do domingo, a alegria de conseguir um bocadinho de papel, a felicidade de arranjar uma mensageira para enviar uma carta... Tive a visita de Amélia Lefrèvre, a mãe de Raul, de Jean e de Ruth, que veio me trazer notícias de meu filhinho Charles. Penso nele a cada instante e é ele quem me dá forças para me manter. Estou sem notícias de L. Não tenho a menor idéia do que vai ser de mim, nenhuma idéia do tempo que irei passar aqui. Minha única certeza é que em um dia próximo eles virão me buscar para um novo interrogatório e que não sei como irei suportar as bofetadas, os maus-tratos e a prisão. Minhas companheiras são admiráveis: Odile, uma ativista de dezenove anos, que foi presa porque distribuía panfletos; Isabel, comunista, cujo marido foi fuzilado em 21 de setembro de 42; Helena, cujo esposo foi juntar-se à resistência e que foi denunciada porque albergava aviadores ingleses. Juntas, vamo-nos animando nos momentos de depressão.

Se me acontecer alguma desgraça, cuide de Charles, que é o que tenho no mundo de mais precioso. Perdoe-me por escrever tão pouco, mas o papel vale ouro. Tenha cuidado. Amo-a com ternura.

Que Deus a proteja.

Camille"

Léa, enrolada num cobertor, levantou-se lentamente e pousou o papel sobre a cama. Seu rosto jovem exprimia ao mesmo tempo incredulidade e horror.

— Como podemos chegar a isso? — disse em voz alta.

Parecia-lhe que as paredes do quarto se fechavam e que se tornavam as de uma prisão.

Com as costas da mão, esfregou os olhos, e acabou por tomar uma decisão: voltar a Montillac. Lá, no próprio local, veria com Mathias, com o casal Debray e a senhora Lefèvre, o que poderiam tentar para obter a libertação de Camille. Esta decisão trouxe calma a seu espírito, mas, antes de partir, era preciso ter uma conversa com Otto Kramer.

O toque longínquo do telefone soou. Alguém respondeu. Pouco depois batiam-lhe à porta: era Estelle que vinha dizer-lhe que Françoise a chamava. Mais uma vez isso caiu bem.

Léa aceitou o convite para jantar no dia seguinte.

Depois da refeição da noite, feita na salinha, Léa sentada no chão diante da lareira leu para as tias e Estelle a carta de Camille. Nenhuma das três velhas a interrompeu. Por fim, Lisa enxugou com grandes gestos os olhos lacrimejantes, Albertine bateu no peito com uma mão trêmula, Estelle assoou-se ruidosamente. Os trabalhos de tricô, de tapeçaria ou de remendos ficaram abandonados em seus joelhos.

Léa levantou-se e foi ligar o rádio.

Depois de algumas tentativas, encontrou a rádio de Londres. O nevoeiro daquela noite não encobria as vozes. Eram vinte e uma horas e vinte e cinco minutos, do dia 15 de janeiro de 1943.

Filho de um operário do norte, assassinado pelos alemães em 1917, antigo combatente da guerra em França, companheiro de cativeiro de vinte e sete mártires de Chateaubriand, fugido em julho de 1941, depois nove meses de tortura nas prisões alemãs, Fernand Grenier, deputado de Saint-Denes, fala-vos...

"Franceses e francesas, Depois de ter conhecido às prisões de Fontevrault e de Clairvaux, depois de ter vivido nove meses com Charles Michel, Guy Môquet e os mártires de Chateaubriand, depois de partilhar, em Paris mesmo, o perigo diário dos combatentes da Resistência, depois de ter conhecido as mesmas privações, os mesmos sofrimentos morais, as mesmas esperanças que o nosso povo vencido, mas indomável, recém-chegado em Londres, delegado pelo comitê central do Partido Comunista Francês para levar ao general De Gaulle e ao Comitê Nacional Francês a adesão de dezenas de milhares dos nossos que, apesar do terror, nas fábricas assim como entre os franco-atiradores e partidários, nas universidades e também nos oflag do Reich, de Nantes a Strasbourg, de Lilie a Marselha, travam a cada dia, com o risco de suas vidas, uma luta implacável contra o invasor hitleriano detestado.

Vim aqui afirmar que, no espírito do camponês como do operário, do industrial patriota como do funcionário, do professor laico como do padre, não existe nenhum equívoco: está-se ou com Vichy ou com a França que resiste e que combate..." O barulho que aumentara desde há alguns instantes, tornou as propostas do orador inaudíveis.

Lisa rolava os olhos assustados.

— Ouviram!... O general De Gaulle aceita os comunistas!... Esse homem está completamente louco. Os comunistas...

Cale-se — disse secamente Albertine. — Você não sabe o que diz. A França tem necessidade de todos os que querem combater. Por enquanto, não são muito numerosos...

— Não há razão para rejeitar seja quem for!

Calem-se, ouve-se um pouco melhor.

a imensa massa de franceses, todos aquele que lutam todos os que resistem, todos os que esperam — É esses são a França inumerável, França simplesmente —, estão com o general De Gaulle, que teve o mérito, doravante histórico, de não desesperar quando tudo parecia ruir e, com os homens da Resistência que pouco e pouco se vão juntando e que continuam a se unir no seio de França combatente, em vista do combate sagrado, para libertação da Pátria..."

De novo os ruídos cobriam a voz de Fernand Grenier. Léa continuava a procurar. Estelle aproveitou para ir buscar a infusão da noite; Albertine pôs carvão no fogão.

— Vai ser preciso economizar lenha, quase não temos mais.

Amigos da França, os vossos sofrimentos são terríveis, a vossa coragem é magnífica, e grandes as vossas esperanças. Saudai cada vitória do exército vermelho, cada raio destruidor da RAF, cada tanque ou canhão que sai do arsenal americano.

Continuai a resistir... Sede solidários uns com os outros e ajudai-vos mutuamente. Acentuai sempre a vossa ação tenaz e heróica contra o invasor! Que um imenso sopro de fraternidade, que uma permanente coragem vos anime! O ruído voltou, desta vez definitivamente.

As quatro mulheres beberam em silêncio a bebida quente, depois separaram-se.

No dia seguinte, Léa vestiu-se com o maior cuidado para o jantar da irmã. Pôs um vestido de lã fina, preto, drapeado nos quadris e com um grande decote, presente de François Tavernier. Era um vestido de Jacques Fath, que lhe devia ter custado muito caro. Era a primeira vez que Léa o usava. Fixou nos cabelos, puxados para cima, um minúsculo adorno com um pequeno véu, atrás do qual brilhavam seus olhos cuidadosamente pintados. Colocou no pescoço o colar de pérolas dado por Camille e usou a inevitável capa de raposa de Albertine. Por sorte, meias de costura impecavelmente retas, outro presente de François, moldavam-lhe as pernas que ela sabia bonitas e que realçadas por sapatos de salto alto lhe davam um ar que ela julgou "louco". Foi exatamente a opinião de Lisa, que lhe emprestou seu último par de luvas em bom estado.

Tomou o metrô até a Etoile.

Desde a chegada detestou o apartamento da avenida Wagram. Otto Kramer e a irmã tinham-no alugado mobiliado de um célebre médico que preferia o ar da Côte d'Azur ao de Paris.

Um judeu, sem dúvida — disse Françoise, falando de seu proprietário.

Esta reflexão irritou Léa.

Evidentemente, isso não se parece nada com os apartamentos de alta burguesia de Bordéus, que gosta de esconder as suas riquezas.

Aqui, pelo contrário, gosta-se de mostrar, até um pouco demais.

— É também a minha opinião disse Otto Kramer, rindo —, mas tínhamos pressa. Como está bela e elegante! Venha ver o quarto do bebê e verá como seu sobrinho está bem-tratado.

O quarto era uma grande peça, muito clara, onde encontraram Frederic Hanke, que tentava calar, embalando talvez com força demais, os gritos do afilhado.

— Mas vocês não vêem que esta criança está com fome? — exclamou ele, quando entraram. — Léa, estou contente por tornar a vê-la. Não quer tentar usar de sua autoridade de madrinha?

Léa pegou o bebê e disse-lhe, deitando-o de novo no berço:

Agora, tenha juízo e durma.

Para espanto de todos, a criança calou-se e fechou os olhos.

— Bravo! Que autoridade! É preciso que venha mais vezes, pois nem a mãe nem eu conseguimos evitar que chore.

— Falaremos disso mais tarde... Quando ele tiver recomeçado! Por enquanto, tenho um serviço para lhes pedir, quero voltar rapidamente para Montillac e meu visto para ir a Bordéus já está vencido.

Léa estendeu-lhe o mapa marcado com o guia hitleriano que cobria uma grande parte de sua foto.

— Amanhã lhe mandarei nova autorização. Daqui a pouco deixará de ser preciso, pois a linha de demarcação vai ser suprimida em virtude da ocupação da zona sul.

— Eu sei — disse Léa, mais tristemente do que queria.

— Oh! Desculpe-me, não queria aborrecê-la. Um dia seu país será de novo livre e nossas duas nações unidas e reconciliadas.

Ela não respondeu, mas os dois oficiais alemães leram claramente em seus olhos: Nunca.

Passaram à sala de jantar com a mesa luxuosamente posta.

— Somos só os quatro?

— Isso a aborrece? Pensamos que não teria vontade de se encontrar na companhia de meus compatriotas.

— Agradeço-lhes, está muito bem assim.

Léa havia receado tanto encontrar-se no meio de oficiais alemães de uniforme, que sentiu um real alívio a ponto de lhe devolver seu bom humor. Tanto mais que Otto e Frederic estavam a paisana.

— Mandei preparar tudo o que você gosta — disse Françoise, com um grande sorriso.

— O quê? Diga depressa.

— Verá, minha gulosa.

A refeição decorreu o melhor possível e Léa a cada prato manifestava sua gratidão à irmã,

por todos os cuidados que teve para lhe dar prazer: ovos recheados, guisados de carneiro com nabos e batatas...

— Fiz isso apenas com 15 gramas de manteiga, pela receita de Eduard Pomiane. Sabe, aquele que fez um livro indispensável neste momento "Cozinha e Restrições" — disse Françoise com orgulho.

Quanto aos clafoutis aux abricots, estavam deliciosos. Léa serviu-se duas vezes.

Em nenhum momento durante o jantar falaram de guerra. Só se falou de música, de literatura, de teatro e de cinema. Ao café, passaram para a sala onde ardiam as brasas da lareira.

Françoise disse à criada que ela mesma serviria o café.

Beberam lentamente e, em silêncio, olharam as chamas. Otto levantou-se e foi para o piano que ocupava grande parte da sala.

— Foi sobretudo por causa do piano que nós o alugamos — cochichou Françoise, ao ouvido da irmã.

Durante uma hora o tempo foi abolido. Não havia mais nem franceses nem alemães, nem vencedores e nem vencidos, apenas a música que os unia numa fraternidade sem fronteiras.

Longamente depois da última nota se extinguir, ficaram silenciosos, temendo ter de voltar à realidade. Foi Léa quem rompeu o precário silêncio, dizendo com a voz emocionada:

Obrigada, Otto, por nos ter proporcionado instantes de verdadeira paz.

Comovido, o comandante Otto levantou-se e veio beijar-lhe a mão.

Obrigado, por ter vindo.

Agora, Léa podia lhe falar do que sabia sobre o assunto "Camille".

Otto Kramer não respondeu logo em seguida à questão da jovem, absorto em sombrias reflexões. Quando, enfim, decidiu-se falar, foi ao amigo que se dirigiu:

— Devo lhe dizer tudo?

— Ya.

— Não vamos esconder que eu e Frederic estamos muito inquietos por causa da senhora d'Argilat. Ela foi, como sabe, presa por denúncia, acusada de servir de agente de ligação entre o marido e seu tio, padre Delmas, ambos na Resistência, procurados pela polícia francesa e pela Gestapo. A senhora d'Argilat foi encontrada de posse de panfletos chamando os jovens para se juntarem aos "maquis". Isso era suficiente para a prenderem. Além disso, Dohse suspeita que ela pertença ao mesmo grupo de Laurent d'Argilat...

— É completamente absurdo Camille só se interessa pelo filho e não compreende nada disso. Além do mais sua saúde não é boa e está sem notícias de Laurent há meses.

— Léa, não nos tome por imbecis. Quando eu estava em Langon, foi às dezenas que recebemos denúncias a respeito da senhora d'Argilar e de você. Frederic e eu destruímos muitas, embora algumas fossem muito exatas. Quando se tratava de passar o correio de uma

zona para outra, nós fechamos os olhos. Mas agora as coisas são mais graves, fatos atribuídos à senhora d'Argilat são passíveis, se forem provados, de pena de morte. Sua amiga é um peão entre as mãos de Dohse, do qual ele quer se servir, na esperança de que Laurent d'Argilat e os do seu grupo cometam uma imprudência para salvá-la. Por sorte ele não parece crer que ela conheça realmente a atividade do marido, nem que saiba onde ele se encontra... Nessas condições, ele se mostra prudente durante os interrogatórios. Mais ainda desde que sabe dos laços familiares que unem seu tio Luc Delmas ao nosso país.

O rosto torturado de Sarah Mulstein perpassou-lhe os olhos.

— Eu sei o que seus amigos da Gestapo fazem sofrer àqueles que interrogam e de que maneira tratam seus prisioneiros.

— Sou o primeiro a deplorá-lo. Mas você devia ignorá-lo. Para sua tranquilidade futura, eu lhe suplico que se esqueça.

Léa levantou-se, furiosa.

— Esquecer!... Tem a coragem de me dizer que esqueça o que os seus fazem sofrer diariamente homens, mulheres e crianças.

Sabia que Guy Môquet tinha dezessete anos quando o fuzilaram e os de Souges, em setembro último, assassinados porque fora cometido um atentado em Paris, sabe que ao todo eram setenta?

E aquela velha judia amiga das minhas tias que embarcaram para um de seus campos e que dizia chorando: "Senhores dever haver um engano, eu sou francesa, o meu marido foi morto na guerra de 14 e meu filho está prisioneiro porque lutou pela França".

Françoise, com os olhos cheios de lágrimas, agarrou-lhe o braço.

— Cale-se, peço-lhe.

— Não me toque! Deixe-me!

— Léa, eu a compreendo, mas é a guerra, nem você nem eu podemos fazer nada. Tudo o que puder fazer que não seja contra a minha honra de soldado, prometo fazê-lo pela senhora d'Argilat.

Mas, para sua segurança e dos seus, suplico-lhe para não repetir em público o que disse aqui.

— Pode me jurar que o que vou lhe confiar a respeito da detenção de Camille no forte de Hâ, não será utilizado contra ela?

Otto Kramer pensou uns instantes antes de responder.

— Tem minha palavra.

— Poderei falar-lhe a sós?

Françoise levantou-se.

Venha, Frederic, veja bem que incomodamos.

Como ela podia ser irritante com sua falsa arrogância. Já em pequena era de uma susceptibilidade que sempre horrorizara Léa e da qual o próprio pai zombava.

— O que tenho para dizer não me diz respeito, é por isso que penso...

— Você não precisa se justificar — interrompeu a irmã, ixando a sala, seguida por Frederic.

— Meu pobre amigo, não sei como pode suportá-la.

— Parem de brigar como duas garotas ele respondeu. — Sente-se diante de mim.

— Pois bem disse ela-, recebi uma carta de Camille. Deixaram-na vários dias trancada num porão, onde ela nem mesmo podia ficar em pé. Foi por três vezes interrogada por Dohse. Não obtendo nada dela, mandou que a jogassem numa cela infectada, de onde saiu doente. O que fará ele na próxima vez? Os guardas de Bouscat não têm boa reputação. Diz-se em Bordéus que, certos dias, os gritos atravessam as paredes dos porões. Peço-lhe para agir de maneira a que Camille escape das mãos dessa gente.

— Desprezo tanto como você "essa gente". No Exército não gostamos dos da Gestapo. Infelizmente ela está cada vez mais poderosa e o seu poder judicial estende-se igualmente sobre nós.

Acredite-me, a França é um dos países ocupados que menos sofre. Quanto à senhora d'Argilat, não estava ao corrente do tratamento que lhe fizeram sofrer. Portanto, mentiram-me quando me afirmaram que ela estava sendo bem tratada. Dohse deve estar convencido de que ela tem informações importantes para que, apesar de nossas relações, ele a detenha nessas condições. Não vai ser nada fácil fazê-lo largar a presa.

— Mas asseguro-lhe que ele está enganado. Camille não está a par das atividades de Laurent!

— Ela lhe disse?

— Não, mas nós vivemos juntas e se ela tivesse notícias de Laurent eu seria a primeira a saber.

— Eu não quero magoá-la, Léa, mas quando se faz parte de uma atividade clandestina não se vai gritar aos quatro ventos.

Embora os resistentes, como você os chama, sejam de uma imprudência de que nós somos freqüentemente os primeiros a se admirar.

— Não acredito em nada disso, Camille sabia muito bem que podia ter confiança em mim e que eu estava pronta...

Léa parou de repente.

— Não tenha medo, continue. Eu não posso censurá-la, sei que no lugar deles teria feito o mesmo que seu tio e o marido da sua amiga, teria continuado a combater. Dito isto, meu dever e o dos soldados alemães engajados nessa guerra é o de impedi-los. Isso também você deve compreender. Quando prendemos e fuzilamos os que colocam bombas, executamos os reféns, aprisionamos quem distribui panfletos, aqueles que escondem aviadores ingleses ou que se

comunicam com Londres com a ajuda de emissores clandestinos, é, apesar do armistício, a guerra que continua. Disso não tenho de que me envergonhar. Mas, quando a Gestapo interroga brutalmente os supostos resistentes e as mulheres, tenho vergonha. Embora a maior parte do tempo ela deixe essa sinistra função aos da Gestapo francesa. Sabe que, quando estava em Langon, duzentos agentes franceses inscritos reforçaram as fileiras da Gestapo e dos grupos auxiliares. Desde a reunião do chefe da Gestapo em Bordéus, Dohse, e os comissários da brigada Poinot, em abril de 41, seus compatriotas fizeram um bom trabalho, para não dizer zelo.

— Cale-se.

— Isto é apenas uma parte da triste realidade. Acredita que nós forçamos muito as mãos dos governadores, dos prefeitos, dos juizes, dos policiais da França? Eles obedecem ordens do chefe do Estado francês, o marechal Pétain, que lhes pedira, assim como a todos os franceses, para colaborar conosco. São eles que estão na legalidade. Vosso marechal chegou ao poder por um golpe de Estado, que eu saiba.

— A honra era continuar a guerra.

— Com quê? Esqueceu a derrota do exército francês, consumada em poucos dias?

Léa voltou a cabeça e reviu na estrada de Orléans, aqueles grupos de soldados sujos, barbudos, depenados, jogando fora suas armas para correrem mais rápido, pilhando as casas abandonadas, puxando os civis para fora de seus carros...

— Voltando à senhora d'Argilat, vou jogar com o pouco de poder que tenho a seu favor, é tudo o que posso lhe prometer. Se conseguir fazê-la sair do forte de Hâ, procure um jeito de que ela fique tranqüila porque será vigiada ainda mais atentamente que antes de sua prisão. Se não conseguir, não só terei perdido todo o crédito, mas minha intervenção me fará, com certeza, ser novamente enviado à frente do Leste. Não é por mim que eu temo essa eventualidade, mas por Françoise e por meu filho. Não gostaria de os deixar sós aqui, antes de poder regularizar nossa situação.

Léa levantou-se.

— Obrigada.

Dirigiu-se para a porta da sala e disse:

— Françoise! Françoise! Frederic! Podem vir.

Está louca, gritando assim, vai acordar Pierre!

No dia seguinte, Léa não só teve seu visto renovado, mas também um lugar marcado em primeira classe no trem de Bordéus, que partia dois dias depois. Empregou esses dois dias indo ao cinema e ao teatro com Françoise, e consolando as tias entristecidas com sua partida. Deixou com Albertine uma mensagem para François Tavernier. Se ele passasse pela rua da Universidade para saber notícias suas.

Deixou Paris sem saudade.

Capítulo 13

AO CHEGAR à estação de Saint-Jean, em Bordéus, Léa teve a surpresa de avistar Mathias na plataforma. Viera esperá-la.

Ela o viu logo, antes mesmo do trem parar. Parecia maior, mais forte, e tinha a cabeça quase raspada. Sentiu no mesmo instante alegria e um mal-estar indefinido.

Ele precipitou-se para lhe pegar a mala, beijou-a nas faces, balançando-se à sua frente como se não soubesse por onde começar, como se medisse o tempo passado, depois conduziu-a até o trem de Langon. Quando estavam instalados em seu compartimento, ele tomou-lhe a mão, que Léa retirou.

Por que teriam seus olhos perdido aquele fulgor malicioso?

— Eu queria ser o primeiro a lhe anunciar uma boa notícia: a senhora Camille deixou forte de Há.

— Ela está em casa?

Mathias tinha um ar um tanto constrangido.

— Não. Ela foi transferida para o campo de Mérignac...

— É é isso que você chama de boa notícia?

— Sim, porque no campo de Mérignac circula-se mais livremente, os guardas são franceses e eu conheço o diretor.

— Tanto faz para mim que você conheça ou não o diretor, o que eu quero é que Camille seja libertada.

— Tenha paciência, estamos nos ocupando disso, é uma questão de dias. Acredite-me, para arrancá-la de Dohse não foi fácil e foi preciso negociar.

— Negociar? Quem? Você... Você conhece esse sujo?

— Sujo é um pouco forte. Ele faz o seu trabalho para manter a ordem numa cidade como Bordéus, onde fervilham agentes ingleses, terroristas, comunistas e patifes, que só querem desencadear a luta.

Ela o fuzilou com o olhar.

— Sabe bem o que está dizendo? ela sibilou entre os dentes, para que os vizinhos não a ouvissem.

— Estou vendo que você e Camille não mudam de atitude, se continuam a lançar olhares para o lado da Resistência, vocês serão executadas. E eu não quero que você seja executada.

Léa encolheu os ombros no banco. Estava impressionada por aquela paixão ingênua e brutal de Mathias, mas aterrada com a idéia do que ele poderia fazer. Tal como o via ali, era

capaz de tudo para lhe agradar e com certeza para trair. Que fazia ele com os alemães? Preferiu mudar depressa de assunto. Falou das vinhas e da propriedade e acabou por fingir que adormecia.

Na estação reencontrou com prazer a bicicleta azul que Mathias lhe trouxera junto com a sua. Apesar de um ventinho frio que soprava na encosta dos domínios de Prioulette. Léa chegara antes que ele às cancelas brancas que marcavam a entrada da propriedade. Por um instante escutou, esperando ouvir a voz do pai.

Um jantar estava a sua espera na grande cozinha de lajes de pedra.

Na lareira escurecida, ardia uma chama de ramos de videira que fazia brilhar o cobre das caçarolas e das bacias penduradas nas paredes caiadas de branco. Na mesa comprida recoberta por uma toalha azul impermeável, estava posta a louça dos dias de festa. A primeira coisa que Léa notou ao entrar foi que haviam disposto os móveis em volta da lareira.

Seguindo seu olhar, Ruth explicou:

— Não tínhamos carvão suficiente, nem lenha para aquecer outro compartimento. Aqui aproveitamos o calor do fogo que acendemos para fazer as refeições e, à noite, para o prazer de nossos olhos, jogamos uma braçada de sarmentos na lareira.

Com esse frio, a cozinha tornou-se o único lugar agradável da casa.

Há dias em que não nos resignamos em ir para nossos quartos. As camas estão enregeladas, apesar das chaleiras. Eu, ainda vá; na Alsácia, o frio é muito mais cortante do que aqui e fui educada duramente, mas sua irmã e sua tia sofrem muito. Seus pés e suas mãos estão cobertos de frieiras. Eu só as tenho nas mãos, mas é por lavar com água quase gelada.

Pobre Ruth, de governanta, de professora, de dama de companhia, tinha-se tornado, com a mesma bondade, o mesmo desejo de ser útil, a criada de toda a casa. Como outrora, Léa agarrou-se em seu pescoço.

— Meu lindo sol, minha pequenina... Minha selvagenzinha... Estou feliz por estar de volta. Montillac sem você já não é Montillac. Lembra-se do que seu pobre pai dizia?

Léa fez que não com a cabeça.

— Ele dizia que você era o gênio da casa, que, sem você, ela não existiria da mesma maneira e que perderia a alma se a deixasse para sempre.

— Isso não vai acontecer, Ruth, e o meu pai o sabia. Há aqui, nesta terra, entre estas paredes, qualquer coisa que faz parte de mim, tal como os braços, minha cabeça ou meu coração e sem os quais não posso viver. Você vê, cada vez que deixo a casa, receio não voltar, e, cada vez que volto, sobe em mim uma felicidade e uma força que sempre me surpreendem.

— Isso é amor, minha pequena.

Bernadette Bouchardeau juntara-se a elas. Instalaram-se à mesa para comer o feijão seco e um frango que Fayard lhes dera.

Léa contou as notícias de Paris, e Ruth a sua prisão com Camille e Laure.

Léa não conseguia desfazer-se daquela má impressão que sentira desde a estação de Saint-Jean. Não conseguia encontrar-se de novo em Montillac. Aquela grande casa fria não era realmente a sua. Já estava farta do frio e da fome: desejava o verão, o sol e as frutas... Laure crescera muito, era agora uma mulher.

Charles andava por toda a parte — parecia-se com a mãe, a mesma boca e os mesmos olhos... Léa tinha a impressão de que tudo decorrera sem ela saber, quase às suas costas. Apesar de reencontrar os gestos de todos os dias, os seus hábitos, Montillac escapava-lhe. Havia mudado os móveis, Ruth parecia menos ativa, mais envelhecida...

No exato momento em que a governanta pegava o pequeno Charles para levá-lo a dormir, a porta abriu-se inteiramente.

Um homem, com bigodes caídos, um barrete enfiado na cabeça até as sobrancelhas, uma sacola na mão, vestindo uma japona, avançou pelo limiar da porta.

— Feche depressa que o calor sai todo — disse Bernadette Bouchardeau.

O homem obedeceu.

— Quem é o senhor? Que quer? — perguntou ela. -Já é noite, não são horas de ir à casa de ninguém.

O homem não respondia nada, olhava em volta como alguém que quer reencontrar um lugar familiar.

Léa levantou-se com o coração palpitante.

— Mas, então, meu senhor não me responde: quem é?

— Cale-se minha tia. Seja bem-vindo, Laurent.

Houve um instante de pânico. Todos queriam cumprimentar Laurent ao mesmo tempo e apertá-lo ao peito. Ruth queria à viva força pôr-lhe o filho nos braços. O pequeno berrava de terror perante aquele grande bigodudo que não conhecia...

Laurent acalmou-os.

— Sejam discretas. Preferia que Fayard e Mathias não acoressem aos seus gritos.

Sentou-se à mesa e comeu um pouco, seu olhar não cessava de ir de Léa para Charles, a quem tinham concedido um alvará e que brincava no chão.

Tavernier preveniu-me de que Léa devia chegar esta noite. Espero que esteja aqui com a aprovação das autoridades e que possa fazer uma visita a Camille. Queria lhe entregar uma mensagem para ela... Tenho um encontro importante em relação a ela, amanhã em Bordéus.

Bernadette Bouchardeau procurava nos armários qualquer coisa para comer. Custou a Laurent persuadi-la de que não tinha fome. Colocou-se de quatro no chão e Charles aceitou sem discutir aquele novo companheiro de brincadeira. Deixou-se mesmo levar até acama e lhe prometeu brincar de esconde-esconde no dia seguinte...

Por fim, quando todos se recolheram, Léa e Laurent encontraram-se apertados um ao outro no banquinho de pedra que fazia parte da lareira, Léa sentia-se feliz. Rindo, fazia festas no

bigode de Laurent, passando-lhe a mão pelo peito. Tornara-se duro como uma pedra. Passou-lhe o polegar pelas rugas que agora existiam no canto de seus olhos.

— Você envelheceu.

— Você também. Mas está ainda mais bonita. Agora, tens o ar de uma verdadeira dama. Até Tavernier percebeu isso. — Durante horas falaram do que tinha sido as suas vidas desde sua separação.

Procurados pelos homens de Lécussan, Adrien e Laurent foram obrigados a deixar Toulouse e a se refugiarem no Limousin, dormindo ao acaso nos celeiros ou nos palheiros em casa de resistentes ou de simpatizantes. A zona estava sob as ordens de um tal Raul, antigo professor comunista, que passara à clandestinidade desde fevereiro de 1941, procurado pelos homens do comissário Combes, depois pela Gestapo. No fim de dois meses de vida errante, Adrien optava por voltar clandestinamente a Bordéus, onde pensava poder fazer melhor trabalho que nos bosques. Laurent, por sua vez, ficara para dar instrução militar aos jovens. Juntos, tinham atacado as câmaras e feito cobrança para recuperar bilhetes de alimentação, indispensáveis à sua sobrevivência, carimbos oficiais, carteiras de identidade sem uso e dinheiro.

— Com a guerra, tornei-me bandido de estradas!

No entanto, não era comunista e, bem depressa, divergências bem profundas tinham surgido entre ele e os responsáveis clandestinos do partido. Pretendia cada vez mais seriamente voltar a Toulouse para tentar que o enviassem a Londres, depois para a África do norte para combater. Refletia sobre tais propósitos quando soube da prisão de Camille e da sua detenção no forte de Hâ. Nessa mesma noite, deixou os resistentes de Limoges e entrou em contato em Toulouse, com o seu antigo grupo. Aí tinham-lhe arranjado um encontro com Grand-Clément.

— O segurador de meu pai! — exclamou Léa.

O mesmo que se tornara O chefe da organização civil e militar da região de Bordéus, o que não deixara de surpreender Laurent tanto mais que em 40, Grand-Clément não escondera suas simpatias pelo governo de Vichy. Mas, entre os resistentes, ele não era o único a ter confiado no marechal Pétain.

Em Toulouse tinham dito a Laurent para ir ao café Bertrand e perguntar por David que, em agosto de 42, descera de pára-quedas, vindo de Londres, perto de Chatearoux.

Laurent devia-se apresentar com o pseudônimo de Lucius. David seria prevenido da sua próxima chegada por uma mensagem da rádio Londres. O encontro seria no dia seguinte.

Léa mostrou-lhe a carta de Camille, que ele leu com uma emoção que não lhe fez sentir nenhum ciúme. Contou-lhe sua conversa com Otto Kramer e suas promessas. Curiosamente não lhe contou a volta de Mathias, nem do que ele lhe tinha dito sobre suas novas relações. Contentou-se em lhe contar que Camille se encontrava agora no campo de Mérignac.

— Amanhã é o dia de visita e eu vou lá. Escreva-lhe se quiser, eu tratarei de lhe entregar a carta.

— Não, isso não posso aceitar, é perigoso demais.

Escreve, mesmo assim, se perceber que somos muito vigiadas guardo-a. Vou buscar papel e tinta.

Quando voltou, ele sentara-se à mesa.

Suavemente, ela pousou a mão em seu ombro.

— Não se inquiete.

Ele ergueu os olhos em sua direção, abraçou-a e pousou a cabeça em seu ventre. Durante muito tempo ficaram assim, imóveis.

Léa caiu em si.

— Vou me deitar. Ruth preparou sua cama no quarto de meu pai, espero que não esteja muito frio, ela pôs lá dois sacos de água quente. A que horas quer se levantar amanhã?

— Não muito cedo, o meu encontro é às três horas da tarde.

— Então durma bem. Até amanhã disse ela, beijando-o como uma irmã.

— Léa... Léa... Não tenha medo... É apenas um pesadelo...

Laurent havia despertado em sobressalto com os gritos e os gemidos que vinham do quarto da moça. Correria. Com o pesadelo habitual, sentada na cama, em lágrimas, ela repelia os assaltos do homem que ela havia matado em Orléans. Por um refinamento do destino, o homem agora tinha um companheiro:

Masuy, o torturador de Sarah, que avançava para ela arrastando uma banheira cheia de imundícies, de onde surgiam serpentes.

Léa despertou molhada de suor e viu na leve claridade do candeeiro o rosto de Laurent.

— Peça-lhe, venha para perto de mim, tenho medo.

Logo que ele a apertou contra si, ela voltou a adormecer como uma criança.

Léa convenceu Laurent a não descer daquele andar enquanto ela não se certificasse de que Fayard e a mulher não estivessem por ali. De fato, o que temia era a perspicácia de Mathias. E tinha razão. Na véspera, por discricção, o jovem se eclipsara logo depois de colocar as bobagens de Léa em seu quarto, e não voltara a aparecer.

Quando ela entrou na cozinha, ele estava lá, conversando com Ruth, que acabava seu almoço. Léa beijou a velha governanta e seu amigo de infância.

Está com ótimo aspecto — disse-lhe. — Tem um ar descansado, apesar da hora tardia em que se deitou.

Ela pôs-se logo na defensiva.

— Deito-me à hora que me agrada.

— Não se zangue, dizia por dizer.

Léa ficou aliviada.

— Dormi muito mal, tive pesadelos horríveis.

— Esta noite vou lhe dar um chá da tília — disse Ruth, sempre eficaz.

— Você bem sabe que a tília me enerva, desde pequena...

— Sim, sim, é verdade, confundo-a com Françoise. A você faz bem o de flor de laranjeira. Quer que lhe prepare uma torrada?

Não, obrigada, eu mesma faço.

— Há um pouco de café em cima do fogão.

Obrigada, Ruth.

Enquanto falava cortando uma grossa fatia de pão duro e depois de picá-lo com o garfo, colocou os pedaços diante das brasas da lareira.

Também quer uma? — perguntou a Mathias.

— Não, obrigado, já almocei. Toma, trouxe-lhe manteiga.

— Mas isso é sua ração de um mês!

Não se inquiete. Sei onde arranjá-la.

Sentado à sua frente, olhava-a comer.

De repente, o rosto de Léa se entristeceu.

— O que você tem?

— Penso em Camille, não tenho nada para lhe levar, a não ser uns doces e alguma roupa.

— Eu pensei nisso. Tenho para ela um cesto cheio de coisas boas.

— Com manteiga?

Com manteiga, açúcar, docinhos, chouriços, empadas e até sabão.

— Você é formidável!

Eu sei — disse ele, orgulhoso.

Léa deu uma gargalhada.

O campo abre às duas horas, é preciso tomar o trem das onze, mas você não tem muito tempo.

Ela olhou para o relógio da lareira.

— Subo para me preparar, venha buscar-me daqui a meia hora. Logo que ele saiu, preparou uma bandeja para Laurent, que se extasiou ao ver a manteiga.

O tempo era pouco para combinar um encontro em Bordéus, tanto mais que Laurent não sabia a que horas poderia ver Grand-Clément. Decidiram, portanto, despedir-se. Quando Léa estava pronta para partir, abraçou-o.

— Seja prudente e não corra riscos inúteis.

Ela teve um leve encolher de ombros fatalista e saiu. A carta para Camille estava escondida na meia direita.

Capítulo 14

A MÃOZINHA COM LUVAS remendadas apertava com força o pesado cesto, enquanto os pés, calçados com botas de solas de madeira, trotavam na lama do caminho rodeado de arame farpado, que conduzia ao campo de Mérignac. Uma multidão, mulheres na maioria, fazia fila, esperando que a porta se abrisse. Todos tremiam nos velhos agasalhos, silenciosos, de cabeça baixa, como se sentissem vergonha de estar ali. De repente, um mesmo movimento os anima; além, fora aberto um dos batentes da grande porta de madeira, coberta de arame farpado. Endireitam-se os corpos... Os corações palpitam mais depressa. Léa muda o cesto de braço. A coluna avança lentamente, cada qual prepara seus papéis. Uma velhinha, cheia de embrulhos, deixa cair os seus. Ninguém tem um gesto para ajudar. Por fim, chega sua vez. Lastima ter dito a Mathias para deixá-la sozinha. Depois de olhar para sua carteira de identidade, o guarda a deixa passar, enquanto um outro lhe faz sinal para entrar na barraca junto da entrada. Ali, os guardas examinam sobre a mesa o conteúdo das carteiras, cestos, sacos ou embrulhos, anotam o nome do visitante e do visitado. Atrás de uma cortina suja uma vistoria mais íntima:

para as mulheres, é uma guarda que está encarregada da inspeção.

Léa encolhe-se sob as mãos que apalpam seu casaco e seu corpo por baixo do vestido.

— Tire suas meias.

Léa fecha os olhos para esconder a alegria que sente. Que bela idéia tivera ao retirar a carta no lavabo do trem. Calmamente estende as meias à mulher que as apalpa.

— Não me leve a mal. Sabe bem que há quem esconda as cartas nas meias — disse ela, ao entregá-las. — Pode sair.

Volta a pegar o cesto. Não tirou as luvas. A carta estava escondida na mão esquerda. Dá alguns passos no chão barrento sem ver nada à sua volta, não ousando acreditar em seu êxito. Alguém, empurrando-a, fez com que voltasse à realidade.

Assim, então é isso o campo de Mérignac, de que tanto se fala na região, a reserva de reféns: uma dúzia de barracas de madeira com teto de zinco, ondulados, rodeados de arame e de torres de vigia. Alguns dos detidos erravam livremente. Uma barraca tinha sido transformada em parlatório: um cantinho para mulheres, um maior para os homens, aquecida por um fogão de lenha que se encontrava no centro da sala. Léa parou à entrada.

— Saia da porta, por Deus! — berrou a voz de um homem.

Léa entra, empurrada por um guarda que a fecha atrás dela.

A quem procura, minha pequena?

— A senhora d'Argilat — murmura ela.

— Vai chegar, não tenha pressa. Foram chamá-la na enfermaria.

Na enfermaria! Camille, então, continua doente!

— Léa!... Oh!... Léa!...

Aquele corpo frágil, aquele rosto pálido tão emagrecido, aqueles cabelos descorados, aquelas mãos escaldantes, aqueles olhos diziam toda a alegria que sentia ao vê-la... Aqueles beijos que lhe cobriram as faces. Aquelas lágrimas que lhe molhavam e vinham se misturar com as dela...

— Como está Charles?

— Está bom — respondeu Léa. — Tenho notícias de Laurent — murmurou.

Sente contra si o corpo frágil vacilar. Com a ajuda de uma das prisioneiras, estende-a no banco.

— Doente como está, devia ter ficado deitada.

— Não, não — murmurou Camille, erguendo-se —, não é nada — continuou ela, por causa do guarda que se aproximava.

A jovem mal olha para o conteúdo do cesto, mas embrulha-se com ar encantado numa grande xale de lã tricotado por Ruth.

É o momento que Léa escolhe para lhe entregar a carta.

— É de Laurent.

Camille cora e aperta, tremendo, o papel amarrotado.

— Oh! Obrigada.

Tosse. Léa põe-lhe a mão na testa. Está escaldante.

— Está com febre. Foi uma loucura levantar-se.

— Não brigue comigo. As visitas são proibidas na enfermaria e não poderia vê-la. Sobretudo, não diga a Laurent que estou doente.

— O médico a viu?

— Sim, veio aqui ontem. Passa uma vez por semana. Fale-me de Paris, de tuas tias, de Françoise e do bebê. É bonito?

Léa fala de mil coisas. Camille está radiante.

Quando o tempo de visita acabou, têm a impressão de não terem dito nada.

Camille faz Léa lhe prometer que voltará e explode em soluços.

— Tenho medo de não agüentar disse ela.

De braços caídos, vazio o cesto, Léa afasta-se do campo com um único pensamento: tirá-la dali.

Mathias, de bicicleta, pára a seu lado.

— Senhorita, posso levá-la para algum lugar?

Tinha vindo buscá-la! Era simpático, porque os trens entre Bordéus e Mérignac eram raros, mas aquilo não lhe convinha:

ela queria, discretamente ir ao café Bertrand, no cais de Chartrons.

Pode me levar até a casa de tio Luc?

— Claro. Vai demorar-se muito?

— Não sei, uma hora ou duas, talvez. Encontramo-nos às seis horas no café perto do Grand-Théâtre.

— Como quiser.

Léa instalou-se de lado na bicicleta, quase confortavelmente, entre os braços de Mathias.

Quando rodavam, falaram de Camille, do seu estado de saúde. O jovem reafirmou que ela não ficaria muito mais tempo e que Rousseau, o diretor do campo, havia lhe prometido velar por ela para que tivesse um pouco de conforto. Um mal-estar inexplicável impedia Léa de lhe fazer as perguntas que lhe queimavam a língua.

Deixou-a na alameda de Chartres, diante da casa do tio. Entrou no prédio e esperou alguns instantes no vasto átrio de mármore branco, depois voltou a sair. Mathias havia desaparecido.

Rapidamente, dirigiu-se para os cais de Chartrons, que era perto.

Exceto por algumas figuras sombrias, encolhidas pela chuvinha gelada que começara a cair, o cais estava deserto. Léa diminuíra o passo para não se arriscar a passar diante do café Bertrand sem o ver. Sua entrada não interrompeu os jogadores de cartas, instalados numa das mesas. Avançou sob o olhar bonachão de um criado gorducho, com a barriga envolta pelo avental azul dos homens do vinho. Além dele e dos jogadores, o café estava vazio. O homenzinho passou para o outro lado do balcão.

— Que quer tomar, senhorita?

— Queria ver David — disse ela, num sopro.

— Aquele rosto aberto tornou-se grave.

— Deve estar enganada, aqui não há nenhum David.

— Tenho certeza que sim, um de meus amigos tinha um encontro com ele esta tarde.

É possível, mas não sei de nada.

Um cansaço imenso invadiu Léa que, vendo que não conseguia nada do homem, instalou-se à mesa.

— Dê-me um café, se faz favor.

A mistura que lhe trouxeram era infecta, mas estava quente. O patrão desapareceu na sala dos fundos.

Uns segundos depois, Laurent estava de pé, junto dela. Você é doida, que faz aqui?

— Estava à sua espera.

Venha, não fique aqui.

Sem responder, ela o seguia à sala detrás do bar. Não havia janelas, apenas uma cama desfeita, uma mesa de madeira clara, um armário normando e cadeiras de bar. Dois homens em pé, olhavam para ela.

É mesmo ela — disse Laurent, empurrando-a à sua frente. — Podem ter confiança. Fortunat e eu próprio já a utilizamos várias vezes.

— Mas por que foi que ela veio aqui? É terrivelmente perigoso.

Aqueles dois começaram a irritá-la com os seus ares inquisidores. E que Fortunar queria falar Laurent? Ela não conhecia ninguém com aquele nome. Eram ridículos, os três, com os seus modos conspiradores. De repente, o mais baixo dos desconhecidos sorriu-lhe.

— Deixe-a, não vê que lhe dá medo?

Medo!... Enfim, se lhe causava prazer tomá-la por uma mulher fraca.

O pequeno moreno que lhe havia falado perguntou-lhe:

— Por que pediu para ver David?

— Eu não sabia que Lau...

— Não diga nomes.

— Eu sabia que meu amigo tinha um encontro com ele.

— Quem lhe disse?

Léa deu um suspiro, aborrecida.

— Evidentemente que foi ele.

— É verdade? — perguntou ele, num tom seco, voltando-se para Laurent.

— Sim.

— Não vê que cometeu uma grande imprudência? E julgo que teve razão — disse ele pondo-se a rir. — Desculpe-me, senhorita, por este interrogatório. Deixe que me apresente: Aristide e aqui está David. E você, como devemos chamar?

Léa deu por si respondendo sem pensar:

— Exupérance.

— Exupérance... — disse Aristide. — É um nome engraçado; soa como "esperança", é uma boa escolha.

Laurent olhou-a com um sorriso cúmplice. Ele sabia de onde lhe vinha aquele nome: juntos, tinham contemplado a "Santinha" no relicário da basílica de Verdelaís.

— Vi Camille e consegui lhe entregar sua carta.

— Como está ela?

Léa resolveu esquecer sua promessa.

— Está doente, é preciso fazê-la sair depressa.

Laurent apoiou-se ao espaldar da cadeira sem deixar transparecer seu cuidado.

— Aristide acha que é muito arriscado procurar Grand-Clément. Não tem confiança.

— Mas faz mal — exclamou David, que até ali não havia dito nada.

— Eu conheço Grand-Clément.. Juntos reparamos e instalamos novos campos para pára-quedistas e arranjamos onde esconder mais armas.

É um homem seguro, que tem toda a confiança do O.C.M. Não sei o que Aristide tem contra ele, nunca o quis encontrar.

— Escute, David, não vamos discutir de novo por causa do seu grande homem. Ele talvez seja "seguro", como você diz, mas fala demais e leva uma vida demasiado vistosa e negocia muito.

Toda a gente aqui sabe que o Grand-Clément é um chefe da Resistência. Não compreendo o que lhes deu em Paris, para nomear um fantoche daqueles para responsável da região B2.

Em Bordéus, só a Gestapo é que não sabe.

— Você exagera! Cada um tem sua maneira de combater.

— Eu sei que talvez seja injusto, mas há qualquer coisa que me diz que esse oficial da marinha, antigo monárquico, íntimo do coronel Rocque, irá nos pregar uma peça.

— Você e seu dom de dupla visão.

Léa assistia, divertida, àquela troca de pontos de vista sobre o "segurador do pai". Tentava lembrar-se da impressão que lhe causara em seu primeiro e único encontro. Revia um homem alto, com boa presença, do gênero de homem de negócios, como se apreciava em Bordéus, nada de extraordinário.

— E se eu fosse vê-lo?

Três pares de olhos fixaram-na.

— Eu já tratei de negócios com ele.

— Como? perguntou Aristide.

Léa contou como ela havia se encarregado de lhe entregar uns documentos num envelope com os contratos de seguros do pai.

Aristide escutou-a sem dizer nada. Não era talvez má idéia, era preciso ver.

— Quando está marcado o encontro?

— Amanhã, em casa dele, uma hora antes do toque de recolher.

— Pode-se desmarcá-lo — disse David. — Se for preciso encarregome disso.

— De acordo, cancele — disse Aristide.

— Eu devia voltar para Montillac esta noite. Tenho de telefonar, senão ficarão preocupados. Tenho também de encontrar um amigo com quem voltaria a Langon.

— Não há muito tempo. Alguém vai telefonar do correio, à sua família. Quanto a seu amigo, arranja-se uma razão. Um dos nossos vai segui-los de longe até o pátio de Verdun e espera por você para se assegurar de sua proteção. Fará uma pergunta ao Grand-Clément: "A O.C.M. está de acordo em ajudar a senhora d'Argilat a fugir?".

Desde alguns instantes Léa, visivelmente, não ouvia: refletia rapidamente.

— É absurdo. Se eu falar assim, Grand-Clément, que, como vocês dizem, fala demais, saberá que os ajudo e também serei suspeita. Além disso, se desse certo a fuga de Camille, ela seria obrigada a se esconder até o fim da guerra. Ora, isso não é desejável, dado o seu estado e por causa do filho.

— É verdade! — disse Aristide. — Que propõe?

— Ir vê-lo em meu nome suplicar-lhe que faça algo por humanidade.

— Mas ele sabe que você está metida na Resistência, uma vez que já lhe transmitiu documentos — disse David.

— Já pensei nisso. Vou fazer o papel de uma boba que não percebeu a importância de sua incumbência.

Aristide não pensou muito. O bom senso da proposta o seduziu.

— Creio que ela tem razão. David, avise Tête-de-pioche para a seguir discretamente, assim que ela sair. Exupérance, não deve voltar aqui. Seria perigoso demais.

— David deixou o aposento.

— Vou me desincumbir disso.

— Não sei se devo deixá-la se arriscar por minha causa — disse Laurent.

— Não é por você, mas por Camille.

O mais engraçado é que ela era sincera e que percebera que, desde aquela fuga dramática pelas estradas do êxodo, nunca mais deixaria de se sentir responsável pela jovem mulher.

Sem dizer nada, Laurent abraçou-a.

David voltou.

Tête-de-pioche a espera lá fora. Se, quando sair de casa do Grand-Clément, alguma coisa correr mal, ponha este lenço na cabeça em vez do chapéu. Ele compreenderá e estará pronto para intervir. Irá segui-la até que lhe faça sinal, pondo os dedos sobre a boca, para lhe indicar que está em segurança. Compreendeu tudo?

Claro que sim. Não é tão complicado.

Espero por você, na praça Gambetta, no Régent, a partir do meio-dia.

O patrão, por sua vez, entrou.

— Tudo corre bem, ela pode sair.

Léa fez um pequeno gesto cumprimentando-os e saiu, passando diante do homem do café,

que disse:

Não me leve a mal, senhorita, mas há ordens.

Como resposta, Léa lhe deu o seu sorriso mais bonito.

Lá fora era quase noite, luzes mortíferas escapavam-se por debaixo das portas, mas não havia luz nas janelas nem nas vitrines. Os candeeiros estavam apagados. Estava frio e úmido.

Felizmente o pátio de Verdun não era longe da plataforma dos Chartrons.

Em frente ao número 34 estacionavam alguns carros e gente vestida com elegância entrava. Léa hesitou. Decerto não era o melhor momento de ver Grand-Clément. Tanto pior. Estava ali, tinha de entrar. Tocou.

Uma criada abriu a porta e afastou-se para deixá-la passar sem lhe perguntar nada.

— Você aqui, querida amiga?...

Léa voltou-se e reconheceu logo aquele que temia não reconhecer.

Também ele a reconhecera.

Que quer?

— Preciso de lhe falar.

— Não é o momento, espero amigos, volte amanhã.

— Não, é uma questão de vida ou morte — disse ela, forçando dramaticamente —, só o senhor pode me ajudar.

Grand-Clément deu um sorrisinho satisfeito.

— Acredite, senhorita, que não desejo outra coisa senão ajudar uma pessoa encantadora, mas o momento é mal escolhido.

— Peço-lhe, eu direi rapidamente do que se trata.

— Está bem, venha ao meu escritório. Minha querida — disse ele a uma mulher jovem que caminhava para eles —, são só alguns instantes, receba os convidados por mim.

Mandou-a entrar no escritório que ela já conhecia. Ali, tentou seduzi-lo, comovê-lo e convencê-lo.

No fim da entrevista, ele prometeu que uma pessoa tão calorosamente recomendada seria libertada brevemente.

— Brevemente não, imediatamente.

— Como anda depressa. Ao ouvi-la pode-se acreditar que os alemães só esperam uma ordem minha para soltar seus prisioneiros.

— Tenho certeza de que vai conseguir.

— Volte a procurar-me amanhã às quatro horas, dir-lhe-ei o que hover — concluiu ele levantando-se.

A entrada, um homem bastante grande, tirava o casaco, ajudado pela criada.

— Tio Luc!

Léa, o que faz aqui? Julgava-a em Paris, em casa de suas tias. Eu vim pedir ao senhor Grand-Clément para me ajudar a tirar Camille d'Argilat do campo de Mérignac.

— Conhece esta senhorita?

É filha de meu irmão Pierre, que morreu no ano passado. A senhora d'Argilat é uma de suas amigas. Moram juntas perto de Langon com uma de minhas irmãs, desde que o marido dessa senhora desapareceu. Conheço-a bem. E uma pessoa excelente. Se puder fazer qualquer coisa por ela, eu lhe serei grato.

Caro mestre, prometi à sua sobrinha fazer todo o possível.

— Eu lhe agradeço muito.

— Até à vista, tio Luc.

— Onde vai? Não volta esta noite para Montillac? Já não há trens e daqui a pouco é o toque de recolher. Se quiser pode dormir em minha casa.

Agradeço-lhe, tio, mas tenho um encontro com alguns amigos.

— Como quiser. Vai tudo bem em Montillac? Vai sim. Até à vista. Até logo, caro senhor.

— Até logo, senhorita, até amanhã. Espero ter boas notícias para lhe dar.

Já estava escuro, Léa não havia tirado o chapéu. Agora era preciso saber se Mathias ainda estava no café do Grand-Théâtre.

Ele estava. Furioso.

De onde você vem? Por que me armou esta cilada? Você não esteve na casa de seu tio, ninguém a viu lá! Onde esteve?

Eu lhe explico.

— Ei! Amorzinhos, eu vou fechar! Daqui a dez minutos é o toque de recolher.

— Está bem! Está bem, já vamos. Você não perde nada por esperar.

Não gosto que zombem de mim.

— Sinto muito, senhor, mas está fechado.

O homem que estava à porta, com as mãos enfiadas nos bolsos do impermeável, não tirava os olhos de Léa. Era Tête-de-pioche, ela o havia esquecido. Fez-lhe o sinal combinado. Ele partiu, dizendo:

— Adeus, companhia.

— Onde vamos? — perguntou, logo que saíram para a chuva e para o frio.

— Explique-me onde esteve enquanto eu fiquei plantado esperando.

— Mais tarde lhe digo. Agora, estou gelada e morro de fome.

— Ruth e sua irmã devem estar preocupadas!

— Já foram avisadas. Sabe onde poderemos ir?

Sua pergunta ficou sem resposta. Caminharam por alguns instantes em silêncio, atravessaram a praça de Quinconces que parecia um buraco negro. O rapaz tirou do bolso uma lâmpada elétrica que entregou a Léa. Contornaram os sacos de areia das calçadas de Tourny e chegaram a uma ruela próxima da igreja.

Uma escada estreita, íngreme e escorregadia, subia até uma porta envidraçada, onde estava escrito em letras grandes "OTEL", o "h" havia desaparecido, deixando traço de seu contorno.

Mathias, que não largara a bicicleta, empurrou a porta, fazendo tilintar durante muito tempo os tubos de cobre do carrilhão. O local estava mal iluminado, cheirava a urina de gato e a sopa de cebola, e ainda por cima o odor açucarado de um perfume barato.

— Cheira mal aqui — disse Léa, em voz baixa.

Mathias encolheu os ombros.

— Quem está aí? — disse uma voz rouca.

A ponta incandescente de um cigarro brilhou no fundo do aposento.

— Sou eu, senhora Ginette. Guardou-me o quarto?

— Ah! é você, rapaz. Está com sorte, podia tê-lo alugado dez vezes, mas eu disse cá pra mim: "é pena que um rapagão daqueles fique ao relento". Está acompanhado?

Da sombra surgiu a mulher mais gorda que Léa já vira. Em sua caranronha excessivamente pintada, luziam dois olhinhos inteligentes e maus, que escorriam rímel, enfiados na gordura. O corpo disforme, envolvido num roupão de veludo puído, avançou para eles, arrastando os pés calçados com chinelos moles.

Léa recuou como uma criança amedrontada.

— Dona Ginette, é a minha amiga de infância de quem já lhe falei.

— Eh! caipira, você não tinha dito que essa tipa era tão biruta e não com esse ar de molenga. Com uma puta dessas você deve esticar o elástico freqüentemente.

— Senhora Ginette!

— Qual qué, senhora Ginette. Eu tenho o direito de dizer o que quero, em minha casa. Palavra de honra, parece um apaixonado. Eu não vou envergonhar a sua donzela. Apesar dessa carapuça, custa a crer que já não tenha perdido a argolinha. Né verdade, gracinha? Não é a uma mulher calibrada como eu, que se contam vantagens.

Léa abria os olhos diante dessa avalanche de palavras que nem compreendia, ditos com um sotaque bordelense, do Mériadeck, dos mais acentuados.

Senhora Ginette, peço-lhe!...

— Qual senhora Ginette! Pede o quê, seu tarado? Com um pêlo do cu você faz o freio de uma carroça. Eu sou brava e você vai me fazer bufar. Eu lhe dou os parabéns por sua donzela,

e não lhe digo o contrário. Não sei o que me detém para não te enfiar o reio na bunda. Carranca! Você me chateia...

— Mathias, se fôssemos embora, esta senhora parece não querer nos receber...

— Que bela fala tem esta linda pomba! "Parece que esta senhora não quer nos receber..." Não é isso, meu coração. Mas tem um preguiçoso que me toma por besta, que some sem dizer nada e volta na mesma com a bicicleta, e com a amiga de infância. Quer brincar de dândi agora que não tem com que pagar o que deve. Se quer dormir aqui, filho da pura, é preciso pagar, se não fora!

— Tome, senhora, o que trago comigo. Chegará? — perguntou Léa, friamente, tirando umas notas da carteira.

A gorda contou-as e enfiou-as no roupão.

— Podemos dizer que você é sortudo. Já conhece o caminho.

— Sim, obrigado.

Mathias apertou o interruptor. Uma luz frouxa vinda de uma única lâmpada revelou um longo corredor para o qual ele empurrou Léa.

— Ei! Fedelho, esqueceu a bicicleta.

Ele voltou atrás, para pegá-la e a trouxe no ombro.

O quarto era o retrato do resto: sinistro e gelado. Com os nervos à flor da pele, Léa pôs-se a chorar em pé no meio do quarto, desamparada. Mathias podia suportar tudo, menos vê-la chorar. Pegou-a no colo. Ela o repeliu.

— Não me toque.

Estendeu-se na cama, tirou as botas e cobriu-se com o pesado edredon azul, que parecia de luxo e de um asseio espantosos nesse lugar miserável.

— Eu já volto.

Ela ergueu-se inquieta; ele não iria deixá-la ali, sozinha naquele lugar asqueroso com aquela mulher gorda que lhe causava medo.

— Não tenha medo. Vou buscar o que comer. Demoro dez minutos.

Durante sua ausência, Léa deixou-se ficar escondida debaixo do edredon.

Vai sufocar debaixo disso — disse ele, descobrindo-a. A sopa está a espera e vai esfriar. Se a senhora quer fazer o favor, está servida.

Era de não acreditar! Onde teria ele ido buscar aquela mesa de rodinhas coberta por uma toalha impecável, com vincos marcados, sobre o qual estavam talheres de prata, dignos de um hotel de luxo. Uma garrafa de Margaux reclinada num cesto junto de um prato com pãezinhos brancos, um frango frio, uma salada, creme de chocolate e uma grande sopeira de onde escapava um cheirinho de alho.

Léa não conseguia acreditar! Aquele rapaz, que julgava conhecer de cór, era cada vez mais

misterioso. Era talvez a única pessoa que podia, depois do toque de recolher, encontrar em Bordéus uma refeição que não teria afastado nenhuma mulher honesta de antes da guerra.

— Donde vem isso tudo?

— Não é daqui, em todo caso. Tenho um cupincha que é cozinheiro de um restaurante aqui perto. Pode comer sem medo, o melhor de Bordéus está ali.

— Deve ser caro demais. Pensei que você não tinha dinheiro!

— É verdade, mas tenho crédito. Vamos para a mesa. Deixe de chatear e venha comer.

Léa engoliu uma colher e afastou o prato.

Por que foi para a Alemanha?

— Isso lhe importa? Você não suporta que eu esteja do lado do mais forte. Bem que eu percebo, que desde que voltou de Paris procura me evitar... Você não imagina que serão Laurent d'Argilat ou Adrien Delmas que farão a lei. Julga que vamos nos deixar esmagar pelos comunistas sem dizer nada?

— Mas nem Laurent nem o tio Adrien são comunistas!

— Talvez, mas são terroristas como eles...

— Está completamente louco, meu pobre Mathias... Você acha normal que se torturem as pessoas?

— É à escória judia que se tortura.

— Escória judia! Camille?

— Ela só devia de ter prestado atenção e não se casar com qualquer um!

— Você vai ver, safado!... Você nem sempre disse isso.

Ele estendeu a mão.

— Se me tocar, não precisará mais pôr os pés em Montillac. Nunca mais.

Ele empalideceu. Ali, já não estava a amiga de infância, mas a patroa da propriedade que seu pai e ele cuidavam. Era a primeira vez que Léa lhe falava naquele tom. Um operário! Um criado! Eis o que ele era. Ela o havia tratado como as marquesas e as princesas tratavam seus pagens.

— Você esquece, minha pobre pequena, que o "seu" Montillac está hipotecado e que, se o meu pai e eu o deixarmos ir abaixo, só lhe resta vendê-lo barato.

— É vergonhoso o que está dizendo. Pensei que gostasse tanto da terra como eu.

— Não se gosta por muito tempo do que não nos pertence.

Agarrou-lhe os pulsos com uma mão, deitou-a no leito e sentou-se sobre suas pernas para imobilizá-la. Com a outra mão livre, desabotoou a braguilha e expôs o sexo.

— Não, Mathias. Pare.

Não vai querer que acredite que já não gosta disto!

Levantou-lhe a roupa, arrancou-lhe as calcinhas. Léa debateu-se, encolheu-se e cuspiu-lhe no rosto, fechou as pernas... Ele esbofeteou-a com toda a força. Seu lábio partiu-se e começou a sangrar. Ela grita... Ele abre-lhe as pernas e deita sobre ela.

Léa olha-o horrorizada. Sente-se mal, como nunca sentira, um medo horrível invade. As lágrimas molham o travesseiro.

— Pare Mathias... Pare! Estou mal.

— Escute bem! Agora você vai parar de ser pretensiosa. Tenho tudo o que é preciso para fazer com que a enjaulem! As cartas que distribuía, os recadinhos na bicicleta azul... Eu sei de tudo.

Tenho muitos amigos na Gestapo. Você me pertence.

Portanto, vai ter muito juízo. Vou voltar para a Alemanha até que se acabe com esta escória e depois voltarei tranqüilamente. Você se casa comigo e seremos os senhores de Montillac... Sou paciente.

Deixou-se cair com todo o seu peso sobre ela, procurando sua boca, seu sexo vasculhando-lhe o ventre. Léa cerrou os dentes, todo o corpo tremendo.

— Amo-a, Léa, amo-a.

Gozou nela e deixou-se cair.

Um longo momento depois, desprende-se. Em seu sexo havia sangue.

Léa puxou o endredon sobre o corpo dolorido e ficou prostrada.

Ele acariciou-lhe o rosto; ela o repeliu secamente com a mão. Ele olhou-a demoradamente sem dizer nada. Ela adormeceu ou fingiu que dormia. E ele apagou a luz.

Capítulo 15

LÉA FOI A PRIMEIRA a acordar, com uma dor terrível no ventre.

Parecia estar um belo dia, um raio de sol tentava penetrar no quarto através das cortinas, de um tecido ordinário avermelhado, revelando um horrível papel com grandes flores azuis e vermelhas, desbotado e rasgado em alguns lugares. Um grande espelho defronte da cama revelava-lhe sua imagem e a de Mathias adormecido.

Levantou-se. Seu relógio marcava onze horas. Onze horas! Com um grande esforço conseguiu levantar-se.

Tremendo de frio, no quarto gelado, enfiou as botas e o casaco.

Mathias virou-se na cama. Ela ficou por uns instantes imóvel, depois procurou sua bolsa debaixo da cama.

Tropeçou na mesa sobre a qual os copos e os pratos tilintaram. Mathias continuava dormindo.

No fundo do corredor, um homem magricela, amarelado, com uma ponta de ugam apagada no canto da boca, varria vagarosamente.

Fora, o céu azul havia substituído a garoa da véspera. Havia no ar como que um perfume de primavera que se infiltrava nas ruas sem alegria. As doze badaladas soaram em Notre-Dame. Léa pôs-se a correr ao longo da rua Montesquieu. Sempre correndo, atravessou a praça da Intendance, teve de parar para deixar passar um bonde e chegou ofegante diante do Regent. Era a hora do aperitivo, o terraço estava cheio. Muitas mesas ocupadas por oficiais alemães.

David devia estar louco ao lhe marcar um encontro ali! Ele não estava no terraço. Léa resignou-se a entrar no estabelecimento. Logo em seguida, viu-o num banco, lendo La Petite Gironde. Tinha um ar rejuvenescido e feliz.

— Já sabe da novidade?

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Ontem, a rádio Londres anunciou que Leningrado fora libertada.

Eu e Aristide, quase choramos quando ouvimos Jacques Duchesne anunciar com voz emocionada. Você percebe! Eles agüentaram dezesseis meses... Não está com um ar muito contente...

— Não é isso, mas tenho uma enxaqueca terrível... é uma grande novidade.

Ele olhou-a mais atentamente.

— É verdade que seu aspecto está pior do que ontem. Não teve problemas?

— Não, tudo foi bem.

— E o Grand-Clément?

— Prometeu-me fazer tudo o que lhe fosse possível. Marcou-me um encontro em casa dele hoje às quatro horas.

— Perfeito. Direi ao Tête-de-pioche para estar lá. Não se esqueça, se qualquer coisa não correr bem, ponha o lenço.

— A senhorita quer beber alguma coisa?

— Sim... Não... Nem sei.

— Já comeu esta manhã?

— Não, não tenho fome. Dê-me um refresco de morango e uma aspirina, se tiver.

— Vou ver, senhorita.

Um grupo de jovens entrou rindo com grande alvoroço. Perto dela, Léa sentiu David se reter. Aqueles rapazes tinham, no entanto, um ar inofensivo.

O garçom voltou com o pedido e dois comprimidos num pires.

— Tem sorte, a patroa ainda tinha isto na bolsa.

— Agradeça-lhe por mim.

— Quanto devo?

— Um refresco de morango e um copo de vinho branco... Seis francos, senhor, sem serviço.

— Vamos! Apresse-se, temos que escapar.

Léa engoliu os comprimidos e seguiu David. Lá fora deu-lhe o braço e arrastou-a à rua Judaique.

— Por que saímos tão depressa?... Por causa daqueles rapazes?

— Sim.

— Por quê?

— Espero, por seu bem, que nunca mais os torne a ver. São os homens do comissário Poinot.

— Aqueles? Pareciam estudantes!

— Estudantes engraçados! Sabem manejar melhor o porrete do que a língua francesa. São perigosos, brutamontes sem escrúpulos que torturam e matam tanto por prazer como por dinheiro.

— Por que marcou encontro num lugar daqueles?

— Por que é ainda no meio do inimigo que se está mais em segurança.

Nós vamos separar-nos ali. O que pretende fazer enquanto espera a hora de ir ao Grand-Clément?

— Vou caminhar um pouco, o ar me faz bem. Depois irei ao cinema.

— É boa idéia. Vá ao Olímpia, ver *Les Visiteurs* da *Soir*, de Carné.

Não é mau, apesar de o fim ser um pouco falho.

— Já o vi em Paris. Que farei quando deixar Grand-Clément?

— Irá para a estação de Saint-Jean tomar o seu trem. Diante do quiosque de jornais, uma mulher com um guia de vinhos na mão irá abordá-la, dizendo:

"O trem de Paris está atrasado hoje", e você responde:

"Parece-me que não". Conte-lhe o que se passou antes de tomar o trem de Langon.

— É se por uma ou outra razão eu não puder estar na estação?

— Viremos a saber por Tête-de-pioche, que nunca deixará de a seguir. Mas as ordens são que volte para casa o mais depressa possível.

— As ordens? — disse Léa, franzindo as sobrancelhas.

— Sim, quer queira quer não, agora pertence ao grupo e tem de obedecer, no seu interesse e no nosso. Aristide é muito exigente nisso.

— Onde está Lau... Lucius?

— Num lugar seguro nas Landes. Logo terá notícias dele. Até logo, Exupérance. Good luck.

— Até logo, David.

— Sua amiga será solta amanhã.

Léa nem queria acreditar. Estava brincando, não era possível!

— Como isso?

— A Gestapo chegou à conclusão de que a senhora d'Argilat não sabia nada das atividades do marido e que ignorava o endereço onde ele se encontrava. A senhorita, por acaso, não saberia?

O inesperado da pergunta quase a fez se trair. Como escondeu a palidez que a angústia estampava em seu rosto e pôde responder com uma voz perfeitamente inocente?

— Eu? Não, não o tornei a ver desde o enterro do meu pai.

Enganado ou não, Grand-Clément nada deixou transparecer.

— Ora, aí está um homem prudente como gostamos entre nós.

— Entre nós?

— Sim, na Resistência.

— Mas é muito perigoso — disse ela, com um misto de medo e de admiração tão bem-feito, que seu interlocutor aprovou com jactância.

— Muito, mas a libertação do país tem esse preço.

Léa, que começava a estar farta de se fingir de idiota e se sentia pouco à vontade em frente daquele homem que ela não discernia, perguntou-lhe:

— A que horas é que a senhora d' Argilat deve sair?

— No final da manhã. é preciso providenciar um carro porque ela está muito enfraquecida pela doença. Tomei a liberdade de falar a seu tio, o senhor Delmas, que me disse para pôr seu carro à sua disposição, para acompanhar a senhora d'Argilat até em casa.

— Fez bem, agradeço-lhe muito por tudo. Mas como é que conseguiu?

— Para falar verdade, pouco fiz. Quando falei ao diretor do campo de Mérignac, ele disse-me que recebera ordens para soltar a senhora d'Argilat e uma dúzia de presas, por razões familiares.

Seria verdade? Em todo o caso era admissível. Léa contentou-se com aquela explicação e deixou Grand-Clément, que lhe disse:

— Espero voltar a vê-la em circunstâncias mais agradáveis.

Se não fosse a lembrança da noite como uma grande bola preta no ventre, teria dançado de alegria na calçada de Verdun.

Deixava-se acariciar pelo último raio de sol naquela bela tarde de inverno. Decidiu ir até a casa de tio Luc Delmas para se lavar enfim, e acabar com aquela impressão de imundície... E, pela primeira vez naquele dia, refletiu sobre o que havia acontecido.

O Mathias de sua infância e de sua adolescência estava morto num hotel sórdido de uma prostituta imunda. Nunca teria perdão. O que não conseguia perceber era o grau de realidade das ameaças de Mathias. Ela o sabia capaz de tudo, mas ignorava a extensão exata de seu poder sobre ela. Não podia pensar em expulsá-lo de Montillac enquanto não soubesse a verdadeira situação da propriedade e as revelações que ele poderia fazer à Gestapo...

Estava calor na sala de jantar do doutor Delmas e a refeição servida pela velha e fiel cozinheira era tão insípida como antes da guerra.

Entre tio Luc e seu primo Philippe, que, por fim, acabara seu curso de direito, para substituir o seu pai no escritório, Léa sentia-se cada vez menos à vontade.

— É uma sorte o meu pai ser amigo do governador, sem isso, a senhora d'Argilat tinha fortes razões para passar muitos meses na prisão.

— Então você acha normal, você, um advogado, que se ponha na prisão alguém que nada fez?

— Ela talvez não tenha feito nada, mas o marido está, e muito bem, sendo procurado pela polícia.

— Qual polícia? A francesa ou a alemã?

— Você bem sabe que aqui as polícias colaboram.

E difícil ignorá-lo...

— Meus filhos, não discutam. Você não tem razão, Léa, de adotar essa atitude. Aqui, em

Bordéus, nós apenas seguimos as diretrizes do chefe do governo. Qualquer outra conduta seria contrária aos interesses do nosso país. Pela escolha que fez, o marechal Pétain preservou a França da desordem e da anarquia comunista, sem contar as milhares de vidas humanas poupadas...

— Tio Luc, o senhor esquece que aqui as vidas humanas, como diz, não pensam muito, e que dezenas de reféns foram executados.

— É a triste consequência de atos de vandalismo cometidos por irresponsáveis pagos por Moscou e Londres...

— Meu tio! Como ousa dizer isso quando homens como tio Adrien e Laurent d'Argilat...

Mestre Delmas levantou-se tão bruscamente, que a pesada cadeira de castanho caiu. Com um gesto de cólera atirou o guardanapo sobre a mesa.

— Eu não quero ouvir falar de meu irmão. Para mim, morreu, já tinha dito. Quanto a Laurent D'Argilat, não compreendo o que lhe aconteceu; era, no entanto, um bom oficial. Boa-noite, você me tirou o apetite.

Luc Delmas saiu, batendo a porta. Léa esvaziou seu copo de vinho.

— É maldoso pô-lo neste estado. Não vai dormir esta noite.

— Isso não lhe fará mal, um pouco de insônia. Poderá refletir no que fará depois da guerra, quando os alemães a perderem.

— Minha pobre pequena! Amanhã não é a véspera, você faria melhor em se ocupar de seus namorados em vez de se meter em negócios de homens.

— Meu pobre Philippe! Será sempre tão estúpido? Incapaz de ver o mundo de outra maneira, senão através dos olhos de seu pai. Pierrot compreendeu. Preferiu escapulir.

Foi a vez do primo se levantar, repentinamente pálido.

— Felizmente você não falou de meu irmão diante de meu pai, senão eu a teria posto fora.

Léa encolheu os ombros e perguntou:

— Onde está ele? Têm tido notícias dele?

— Está preso na Espanha.

— Preso?...

— Sim, e ele não roubou. Papai quase morreu quando achou em seu quarto um bilhete anunciando a sua intenção de ir para África do norte, alistar-se.

— Evidentemente não teria sido você a fazer uma coisa dessas.

— Você pode gabar se quiser. Se não fosse o mau exemplo de tio Adrien, nunca o rapaz teria partido. Felizmente, ele foi preso antes de poder ir para Marrocos...

— Felizmente!...

— Sim, papai tem amigos advogados de Madrid, que lhe prometeram repatriá-lo.

— Ele voltará a fugir.

— Isso me surpreenderá. Não se sai facilmente de um colégio de jesuítas, sobretudo se o pai insiste na necessidade de preservar uma alma em perigo.

— Os grandes meios!

— Indispensáveis nos tempos de hoje, minha querida. Você faria melhor em tomar como exemplo o filho do seu feitor.

— Mathias?

— Sim, o filho de Fayard que, apesar da sua origem, se comporta melhor do que os rapazes do nosso meio.

— Ah, isso! Por se comportar bem, comporta-se muito bem! Você é ridículo, meu pobre velho, parece-me ouvir tia Bernadette: "Os jovens deste tempo". Você e os seus semelhantes são uns sobreviventes, uns dinossauros...

— Dinossauros ou não, enquanto esperamos, é graças à gente como nós que o país se mantém de pé.

— Você acha que é estar de pé viver esmagado pelas botas alemãs e lambe-lhes as solas?

— Estou vendo que ouve com atenção os pobres tipos da rádio Londres que, bem protegidos na sua ilha, chamam à subversão os vadios comunizantes do nosso infeliz país.

— Você esquece os bombardeios diários na Inglaterra.

— Nunca serão demais contra esses malandros ingleses.

— Você, um homem de Bordéus, falando assim dos nossos queridos primos!

— Você não tem graça, cretina.

Era, de novo, a mesma incompreensão, as mesmas discussões as mesmas injúrias desde a infância.

Léa quase o deixou ali plantado para ir deitar-se, mas o que ele dissera sobre Mathias inquietava-a.

— Que queria dizer quando falou de Mathias?

— Simplesmente que sua estada na Alemanha lhe pôs chumbo no cérebro e que, em vez de passar o tempo olhando para você com olhos morrendo de amor, tornou-se um homem com quem se pode contar.

— Que quer dizer com isso?

— É muito complicado explicar, você verá. E tarde. Tenho de estar amanhã no tribunal. Boa-noite. O seu quarto é o de Corinne. Não esqueça de apagar a luz antes de subir.

— Boa-noite.

Léa ficou muito tempo sonhadora, encostada à mesa com o queixo nas mãos, perguntando-se, com inquietação cada vez maior, o que Philippe teria para dizer a respeito de Mathias.

Na manhã seguinte, o doutor Delmas e Léa foram ao campo de Mérignac buscar Camille. A pobre senhora estava tão fraca que um guarda teve de trazê-la até o carro do advogado. Uma vez cumpridas todas as formalidades administrativas, deixaram, por fim, o campo, sob os olhares amorfos dos raros prisioneiros que perambulavam sob uma chuvinha miúda e fria.

Meio deitada no banco traseiro do automóvel, Camille olhava e via abrir-se, à sua frente, o portão de arame farpado, enfraquecida demais para sentir alegria.

Capítulo 16

CAMILLE MAL TEVE forças para abraçar o filho, a febre a enfraquecera e fazendo perder a consciência de tudo o que a rodeava. O doutor Blanchard diagnosticou uma congestão pulmonar e uma comoção cerebral. Durante três semanas esteve entre a vida e a morte. Uma de cada vez: Ruth, Laure e Léa, ficavam à sua cabeceira desesperando-se de ver ceder aquela febre que queimava aquele pobre corpo, cada vez mais descarnado. O médico, que vinha todos os dias, arrancava seus velhos cabelos brancos, chegando mesmo a se perguntar se a novena de Bernadette Bouchardeau junto da Virgem de Verdélais não teria mais chance de solapar a doença do que os seus remédios o que era o cúmulo para um velho descrente como ele.

No meio de fevereiro, a febre cedeu de repente e, nos dias seguintes, Camille recuperou pouco a pouco sua lucidez. Mas estava tão fraca, que não conseguia alimentar-se sozinha e Ruth teve de alimentá-la como a um bebê. Falar causava-lhe também um grande esforço. Enfim, nos primeiros dias de março o doutor Blanchard declarou-a fora de perigo e viu-a com emoção levar à boca uma colher de sopa. Por fim, conseguiu ler as cartas de Laurent e os fragmentos de seu diário que puderam chegar até ela. Isso deu-lhe forças de novo. Guardava-os preciosamente em sua bolsa de costura que nunca largava.

Nem uma única vez, durante essa longa doença, Léa deixou Montillac.

Nunca soube nada do que Laurent dizia; e nunca mais teve nenhum sinal de Mathias. Teria voltado para a Alemanha? O casal Fayard estava cada vez mais distante, fazendo sua obrigação sem dizer nada aos habitantes do "castelo", apenas o bom-dia e a boa-noite, quando, por acaso, se encontravam.

No fim de março puderam instalar Camille ao sol, sentada numa chaise-longue, coberta por uma manta. Havia recuperado um pouco de peso, mas sua magreza e sua fraqueza eram assustadoras. Ruth a carregava e a trazia de volta do jardim sem esforço.

O dinheiro era cada vez mais raro em Montillac. Léa e Laure foram ver o notário do pai em Cadillac. Ele aconselhou-as a vender um pouco de terra, não lhes escondendo que lhes seria difícil, porque não se vendia nada naquele momento, ou então a baixo preço.

— Não poderíamos hipotecar os pinheiros? — perguntou Laure.

— Suas propriedades estão amplamente hipotecadas. Não sei se posso deixá-las comprometer ainda mais os seus bens.

— Se tivéssemos outras soluções, não estaríamos aqui pedindo-lhe conselho — exclamou Léa.

— Eu sei, minha filha, eu sei. Em nome da amizade que me unia aos seus pais, poderei adiantar-lhes algum dinheiro que me devolverão quando a sucessão de seu pai estiver feita.

Léa ia recusar, mas Laure disse logo:

— Muito obrigada, senhor Rigaud, aceitamos com gratidão.

— Levarei o dinheiro a Montillac na próxima quinta-feira, com alguns papéis para assinar. Não se esqueçam de que, se quiserem vender ou hipotecar, é preciso uma autorização de sua irmã mais velha e de seu tio Luc, que é o tutor de Laure.

— É, na verdade, indispensável?

— Sim, absolutamente, Laure ainda é menor.

Enquanto pedalavam de volta, Léa teve a impressão de que um ciclista, que ela já havia percebido vagamente na ida, vinha atrás delas. Não era a primeira vez, desde a libertação de Camille, que tinha a impressão de ser vigiada.

— Pare — disse ela à irmã.

Admirada, Laure obedeceu e desceu da bicicleta.

— Que há?

— Vamos sentar um pouco, estou cansada.

Sentaram-se na erva, no acostamento da estrada. O ciclista passou sem olhar para ela. Era jovem e bem-vestido. Seu rosto lembrava vagamente qualquer coisa a Léa.

— Já viu alguma vez este rapaz? — perguntou à irmã.

— Sim, no correio de Langon, quando mandei uma encomenda para tia Albertine, estava logo atrás de mim...

— É lhe falou?

— Não, sorriu-me. Ontem, também, quando passei por ele em Verdélais. Mas...

Laure olhou para a irmã com uma expressão inquieta.

— Você não está pensando?...

— Sim. Eu também já vi esse rosto em alguma parte. é a primeira vez que saio da propriedade desde que trouxe Camille de Bordéus... Já sei! Lembro-me agora! Foi no Regent, estava com um bando de rapazes da sua idade, muito barulhentos.

— Talvez esteja em férias aqui na região.

— Em férias? No mês de março?

— E por que não? Daqui a pouco é Páscoa.

— Não acredito. Será preciso prestar muita atenção. É mau, amanhã tinha intenção de ir a Réole.

— Por quê?

— Não posso lhe dizer, mas é preciso que me ajude.

Laure olhou para a irmã sem dizer nada. Desde o dia em que a Gestapo a levava com Ruth e Camille e que ouvira os policiais dizerem rindo que tinham meios de fazer falar fosse quem fosse, seu ardor por Pétain ficara terrivelmente abalado.

Estava pronta a ajudar a irmã a passar a linha de demarcação.

— Farei o que me disser.

As duas irmãs entraram rindo no açougue Saint-Macaire, depois de colocarem as bicicletas no passeio contíguo à loja. O açougueiro, cujo filho era afilhado de sua mãe, acolheu-as com grande demonstração de amizade. — Olhe, as pequenas Delmas! E raro vê-las juntas, minhas lindas.

Depois, em voz baixa, embora só estivessem os três.

— Arranjei aqui um bom pedaço para dona Camille, isso vai-lhe dar forças. Ela está melhor?

— Um pouquinho, obrigada, Robert. Sem você, nunca se comeria carne em Montillac. Vamos poder reembolsá-lo. O notário vai-nos adiantar dinheiro.

— Não se preocupe com isso, senhorita Léa, veremos depois quando esta puta de guerra acabar. Eu tenho pouco, mas bastante para fazer uma sopa forte. Mas, por exemplo, hoje precisava de algumas senhas.

— Você tem senhas, Laure?

— Tenho...

— Laure segredou à irmã:

— Acabo de vê-lo. Agora não vem sozinho, um outro rapaz o acompanha.

— Robert, olhe discretamente para a rua. Conhece aqueles rapazes que estão ao lado da loja de ervas?

O homem do açougue avançou até a porta, limpando as mãos no avental.

Não. Mas já os vi rodando por aí. Eles não têm um ar muito católico, estão muito bem-vestidos para os dias de hoje.

— Laure? Sabe o que deve fazer. Robert, posso sair pelos fundos?

— Claro, senhorita Léa. Vamos deixá-los criar raiz, aqueles tratantes. De onde estão não podem ver o quintal.

Léa desceu a toda velocidade a rua íngreme por detrás da igreja, passou diante das grutas, tomou o caminho que beirava a Garonne e voltou à estrada da Réole, em Gaillard, pouco antes de Saint-Pierre d' Aurillac.

Ao chegar ao posto de guarda da linha de demarcação, encontrou a cancela aberta. No entanto, parou e desceu da bicicleta.

Um velho soldado alemão saiu da barraca.

— Ah! A moça da bicicleta azul, muito tempo não vejo passar aqui.

Não precisa parar, passagem livre agora. Boa viagem.

Era verdade, pensou ela, voltando a subir na bicicleta, tinha me esquecido que desde o fim

de fevereiro já não existia linha de demarcação entre as duas zonas.

Foi para acalmar a ansiedade de Camille e a sua, que Léa decidiu ir a Réole perguntar ao casal Debray se havia notícias de Laurent, e se podiam fazer-lhe chegar uma mensagem. Ruth, para quem contara sobre o receio de estarem sendo vigiados em Montillac, havia tentado dissuadi-la de ir a La Réole, dizendo que era perigoso não apenas para ela, mas para as pessoas que ela ia ver. Léa respondera que sabia disso muito bem, mas que não podia ficar mais tempo sem saber da sorte de Laurent. Resignada, a velha governanta vira partir as "suas" duas filhas com uma apreensão que não podia dominar.

Léa percorreu a grande encosta até a vila. Na ponte cruzou com três camionetas pretas, e outras duas militares, de onde soldados alemães lhe fizeram sinais. Este encontro impressionou-a.

Subiu a rampa empurrando a bicicleta, sentindo um mal-estar cada vez maior. Ao atravessar o largo Gabriel-Chaique, um grupo de pessoas, que parecia em grande agitação, calou-se à sua passagem. Ela só se afastara por uns metros quando um homem a ultrapassou, dizendo sem a olhar:

— Vá ao largo de Saint-Pierre, depois ao número 1, na rua de Glaciere. Entre e espere por mim.

Havia uma tal autoridade na voz daquele desconhecido atarracado, com roupa de trabalho e um boné da marinha que, sem refletir, Léa dirigiu-se para a rua Numa-Ducros. Na rua de Glaciere a cancela estava aberta. Ela entrou. Ainda não tinham decorrido cinco minutos quando o homem do boné entrou, por sua vez.

— É do castelo de Montillac, perto de Saint-Maixant?

— Sou.

— O que veio fazer em La Réole?

Que tinha ele que se meter?

— Não tem nada com isso.

— Não seja agressiva. Estou tentando evitar-lhe aborrecimentos.

Que aborrecimentos?

— De ser presa pelos alemães, por exemplo.

Léa sentiu o medo minar-lhe a coragem. Balbuciou:

— Por que iriam me prender?

— Acabam de prender dois dos meus amigos que você conhece.

— Os Debray?

— Sim. Ei! Pequena! Não vá desmaiar.

Agarrou-a por um braço e a fêz sentar-se no degrau.

— Simone — disse ele —, traga depressa um copo de água.

A porta diante da qual Léa estava sentada abriu-se e uma mulher nova, com uma blusa xadrez azul, apareceu com um copo de água na mão.

— O que acontece, Jacques? — - É para a senhorita, que não se sente bem. É uma amiga dos Debray.

— Ah! Pobrezinha!... Tome, beba.

Com as mãos tremendo, pegou o copo. A garganta apertada não lhe deixava passar a água.

— Que aconteceu? — conseguiu ela balbuciar com dificuldade.

— Não fique aí — disse Simone —, entre em casa.

Com amizade, ajudou Léa a levantar-se. A peça em que entraram era uma grande cozinha, onde no fogão fervia uma sopa de repolho. Sentaram-se nos bancos em volta da mesa.

— Que aconteceu? — perguntou de novo Léa, com voz mais firme.

— Devem ter sido denunciados. Esta madrugada, uns vinte soldados alemães e uns patifes de uns civis franceses cercaram a casa. Um amigo que ia para a vinha escondeu-se e viu tudo. Com a ajuda de um porta-voz, um dos civis disse-lhes para saírem, senão dava ordem para disparar. Houve um momento de silêncio; depois, vindo do interior da casa, ouviram-se dois tiros. Então os boches começaram a disparar como loucos. Quando, por fim, pararam, tudo estava cheio de fumaça azul.

Dois civis, de pistola em punho, entraram na casa. Saíram muito depressa, trazendo pelos ombros o corpo da senhora Debray. A pobre mulher estava de camisola, com seus longos cabelos grisalhos cheios de sangue arrastando-se pelo chão. Encostaram-na a uma árvore, depois voltaram para a casa. Quando reapareceram, sustentavam pelos sovacos o senhor Debray que ainda se defendia, O seu rosto desaparecia sob o sangue. Puseram-no ao lado da mulher. Segundo o tal homem não era agradável de ver. Ele deve ter disparado uma bala na boca, depois de ter disparado contra a mulher. Além disso, falhara.

— Que horror! Por quê?

— Era da casa deles que seguiam as mensagens para Londres. Na semana passada nos enviaram por pára-quedas material de rádio de primeira qualidade. O pianista chegou no dia seguinte de trem.

— Ele também foi preso?

Não. Ele não morava lá. Logo que se soube o que acontecera levaram-no para os lados de Duras, para o bosque.

— E depois?

— Os civis e alguns soldados vasculharam a casa. Jogaram pela janela o material de rádio, livros e móveis. Um dos civis voltou a sair correndo e levantou brutalmente o senhor Debray, que se deitara sobre o corpo da mulher. Meu companheiro disse-me que do lugar onde estava via bem os ombros do infeliz tremerem com os soluços. O outro começou a sacudir o ferido como um bruto, gritando:

— A lista!... Onde está ela?... Você vai falar, velhote.

Da boca estourada não saia nenhum som.

— O patife deitou-o no chão e começou a dar-lhe pontapés. O mais horrível, parece, é que o senhor Debray não fazia o menor gesto para se defender, como se estivesse esperando um golpe mortal. Quando ele levantou a cabeça os alemães atiraram os dois corpos para uma das camionetas.

"Eles deviam ir numa daquelas que há pouco me ultrapassaram e onde os soldados estavam rindo", pensou Léa, enjoada.

— Houve ordens em alemão e, pouco depois, as chamas saíram das janelas. Aproveitando a fumaça que vinha em sua direção e o escondia, meu companheiro fugiu e veio me prevenir. Nós dois fomos avisar os camaradas.

Bateram à porta, que se abriu a um policial.

Paralisada, Léa viu-o avançar.

— Não tenha medo, senhorita. Ele é um dos nossos.

— Albert, é a sobrinha do dominicano, ia para casa dos Debray. Você se lembra, eles nos falaram dela.

— Escapou de boa. Eles deixaram lá homens que impedem a população de se aproximar, e que prendem aqueles que lhes parecem suspeitos. Até mesmo prenderam Manoel, o empregado dos Rosier. Felizmente o prefeito veio ao local do incêndio e o garantiu, e como ele não está ao corrente de nada, o fez de boa fé.

— Tem certeza de que o senhor Debray morreu?

— Segundo meus colegas, penso que sim. De qualquer maneira, mijava tanto sangue que, sem cuidados, deve ter-se esvaziado. Mas, mesmo assim, os amigos não dormirão em casa durante alguns dias. Pai Terrível, posso lhe dizer uma coisa?

— Os dois homens saíram.

Teve sorte que o Terrível a tenha reconhecido disse Simone.

— Quem é o Terrível? — perguntou Léa.

— É marceneiro, um tipo formidável. Foi ele quem trouxe o posto emissor para casa dos Debray.

— Você também é da Resistência?

Simone deu uma gargalhada.

— Isso é um palavrão. Com algumas mulheres daqui e da região, passamos mensagens, às vezes armas, escondemos os aviadores ou as crianças judias. Prepara-se a sopa para os que chegam no meio da noite de pára-quedas.

— Não tem medo?

— Não, não pensamos nisso e depois, com homens como Albert Rigoulet e Terrível,

sentimo-nos em segurança.

— Mesmo depois do que acaba de acontecer?

— Isso, é a fatalidade. Todos os que têm postos emissores em casa sabem o que arriscam, e os Debray sabiam-no melhor do que ninguém. O que me espanta é que gente tão crente como eles tenham querido suicidar-se.

— Não tinham escolha — disse Jacques, o Terrível, que acabava de entrar. — O senhor Debray não teria falado sob tortura, disso tenho certeza, mas não suportaria ver a mulher sofrer. Se Deus existe, tenho certeza de que o perdoa. Diga-me, Simone, pode nos dar qualquer coisa para beber?

— É verdade, aquela desgraça me fez esquecer as boas maneiras.

Tirou de um armário uma garrafa de vinho, já aberta, e quatro copos.

— Bastam três, Rigoulet deve ter ido encontrar a guarda.

Simone serviu o vinho e, tocando os copos, beberam em silêncio.

Terrível pousou o copo, estalando a língua contra o céu da boca.

— Ainda é o seu vinho de Pied-de-Bouc?

— Sim, mas é um vinho são.

— Senhorita, agora que já sabe quem somos, quer dizer-me o que ia fazer na casa dos Debray e se eles estavam avisados de sua visita?

— Não, eles não sabiam de nada. Eu vinha lhes perguntar se tinham notícias de um amigo e se poderiam encontrá-lo.

— Que amigo?

Léa hesitou. Que nome lhe deveria dar?

— Laurent d'Argilat.

— Conheço-o.

— Sabe onde ele está?

— Sei.

— Leve-me até lá.

— Isso assim não é possível, mas posso entregar-lhe um recado.

— Diga-lhe que a mulher está melhor, mas ainda muito fraca; que a casa está vigiada e que me dê notícias.

— A mensagem será transmitida. Diz que sua casa está vigiada, tem certeza de que não foi seguida?

— Completamente segura. Mas tenho de voltar e não devo demorar-me muito.

— Quer, por sua vez, transmitir uma mensagem?

— Que mensagem?

— Em Saint-Pierre d'Aurillac, verás, não longe da igreja, um café com uma bela parreira. Pergunte por Lafourcade e dir-lhe-ão onde o encontrar. Quando estiver com ele, diga-lhe: "O cão dos Hostens está bom"

— "O cão dos Hostens está bom?".

— Ele sabe o que isso quer dizer. Que não se esqueça de avisar os de Bane.

— "O cão dos Hostens está bom." Compreendi.

— Obrigado, senhorita, faz-nos um grande favor. Se tiver qualquer coisa para lhe dizer, não tem nenhum nome de guerra?

— Exupérance.

— Como a santa de Verdelaïs. A primeira vez que ouvi esse nome, foi na boca do seu tio.

— Do tio Adrien? Como está ele?

— Muito bem. É ele quem levanta o moral dos jovens e sempre acompanha os que querem passar para Espanha.

— Sabe se o meu primo Lucien está com ele?

— Lulu? O atirador de bombas? É claro que sim.

— Peço-lhe, diga ao meu tio que preciso vê-lo. é muito importante.

— Eu lhe direi. Mas agora vá embora. Simone vai acompanhá-la até a saída da vila. Seja prudente. Se qualquer coisa correr mal, mande-me um bilhete à marcenaria dizendo: "As portas fecham mal" e logo a ajudaremos. Adeus.

Quando Léa entrou pelos fundos da cozinha de Albert, em SaintMacaire, soava uma hora da tarde no relógio da torre. O homem do açougue e a mulher Mireille, o ajudante e Laure, estavam instalados na frente de uma perna de carneiro que lhe deu água na boca.

— Bravo! Parece-me que não se aborreceram por aqui, sem mim.

— Estavámos à sua espera — disse Laure, mostrando o talher diante de um lugar vazio.

— Os outros repararam na minha ausência?

— Não, eu saí para buscar o pão com Mireille e, ao passar diante deles, eu a agradeci em voz muito alta por terem nos convidado para almoçar. Eles seguiram-nos de longe. Depois, puseram-se à espreita por turnos. Viu seus amigos?

As lágrimas que conseguira reter até ali, deslizaram por suas faces. Mireille, a mulher de Robert, levantou-se e apertou-a contra si. Este gesto maternal redobrou o pranto de Léa.

Atrapalhado, comovido, o açougueiro andava em volta das duas mulheres.

— Santo Deus, o que aconteceu? Que lhe fizeram, pequena?

— Nada... mas... Esta manhã vieram prender os meus amigos... Eles morreram...

— Mortos!

— Ambos?

Um pouco mais calma, mas sempre chorando, Léa contou-lhes o que se passara. Um longo silêncio pesado seguiu-se ao final de sua narração. Robert assoou-se com força. Seu rosto, habitualmente corado, empalidecera. Seu enorme punho bateu na mesa, fazendo tilintar copos e pratos.

— É preciso que um dia esses filhos da puta paguem por tudo isso.

Senhorita Léa, peço que não se meta nisso. Os seus amigos, isso é outra coisa, o filho tinha sido morto, eles não tinham nada a perder. Mas a senhorita, a senhorita Laure e a senhora Camille são muito jovens, deixe os velhos como eu, que não foram capazes de os deter em quarenta, tentarem fazer qualquer coisa.

— Patrão, nós também temos alguma coisa a dizer. E Jeannot? Ele foi para a Resistência?

— É verdade, mas vocês..., vocês são homens.

— Sempre a mesma lenga-lenga — exclamou Mireille - ' não é por que se usa espingarda que se arrisca menos que vocês, nós, as mulheres. Até me dá dor de barriga!

— Não se enerve, não era isso que queria dizer.

— Mas disse, mesmo assim! Que uma mulher é menos que um homem que só serve para pôr as fraldas nas crianças, estar na loja, cozinhar, lavar o chão e lhe fazer carinho de quando em quando. Mas isso não impede que, quando se trata de esconder suas armas ou seus ingleses, você e seus companheiros assim mesmo apelam para as mulheres.

Foi graças àquela briga conjugal que Léa teve a confirmação de que Robert trabalhava para a Resistência. Achou isso um tal conforto que teve fome de novo.

— Vocês são ambos espantosos, mas a carne vai esfriar e é uma pena.

— Isso é que é falar bem — disse o homem. — Deixar-nos morrer de fome não dá vida aos desgraçados. Mas juro que havemos de nos vingar.

Três dias mais tarde, Léa recebeu uma carta de François Tavernier.

Evidentemente, o envelope tinha sido aberto pela polícia e depois colado de novo. Ela foi ler no escritório, deliciando-se com cada palavra escrita na letra grande e inclinada de François.

"Léa, minha linda, Não pode me acusar de não pensar em você, visto que me decidi a perder alguns dos meus preciosos minutos para lhe escrever. Queria simplesmente felicitá-la pelo seu forte sentido de negócios. Tive a felicidade de beber ontem à noite, em Paris, em casa de Otto Abetz, uma garrafa do vinho de Montillac.

Uma verdadeira maravilha de simplicidade e de franqueza, com verdadeiro caráter e um malicioso gostinho adocicado. Esse vinho se parece com você, como um irmão, e lhe agradeço de tê-lo comprado. Se continuar assim, vai se tornar uma mulher de negócios esmagada de trabalho e de responsabilidades, presa ad vitam aeternam às vinhas. Essa sua imagem agrada-me.

Logo que me canse de beber de longe, não perderei a ocasião de ir beber na fonte. Seja ajuizada e prudente. Ternamente a abraço.

"P.S. Já sei dos Debray."

François." Esta carta breve paralisou Léa. Como é que o vinho de Montillac teria chegado a Paris? Como podia ter sido servido à mesa de Otto Abetz? Pensou logo em Mathias e em Fayard.

Como teriam eles ousado? Sentiu-se humilhada, tratada como colaboracionista...

Em pânico, com a idéia de se defrontar com Fayard, concedeu-se o prazo de uma carta. Escreveu logo a François para lhe pedir pormenores e conselhos. Aproveitou para encher longas páginas onde lhe dava notícias de todos e de cada um, não deixando de lhe fazer notar a que ponto era lacônico...

Como prometera, o notário trouxe, na quinta-feira seguinte, uma importante soma com a qual Léa pagou a Fayard o que lhe era devido, sem fazer nenhuma alusão ao seu comércio. Sem uma palavra, ele arrecadou o dinheiro.

Sentada à escrivaninha do pai, contemplou as encostas plantadas de vinha verde e tenra, aquele prado onde corria atrás de Mathias com grandes gritos e com quem, na estação dos fenos, ela brincava, escondendo-se nos túneis perfumados, antes de subir na alta carroça cheia de ervas secas, onde se deixava embalar, com as mãos na nuca, os olhos muito abertos para o azul do céu, no qual voltejavam as andorinhas, ao ritmo do passo dos dois bois, Larouet e Caoubet. Ela nunca podia evocar esses momentos calmos da sua infância, nos quais Mathias tomara parte, sem sentir uma tristeza e um desânimo que a prostravam por muitas horas...

Decidira mergulhar nas contas, para tentar ver claro e compreender como é que Fayard podia desviar as garrafas em seu proveito. François não respondera a sua carta. Os números dançavam-lhe diante dos olhos. Como poderia ela medir-se com Fayard, habituado a esses pequenos gráficos, desde quantos anos?

Como encontrar a falha na contabilidade? Cansava-se em cálculos inúteis e ninguém da casa podia ajudá-la porque decidira guardar secretamente a revelação de François.

Cada vez que se achava sozinha, um surdo terror a invadia com a idéia de que Mathias a tinha prisioneira. Quanto mais silencioso ficava, mais medo lhe causava.

Estava muito escura aquela noite de abril. Chovera durante todo o dia e um vento frio, vindo do norte, agitava os ramos dos plátanos da grande alameda. Sentadas na cozinha diante de um fogo de sarmentos. Laure e Léa, com uma mesinha entre ambas, jogavam cartas, Ruth remendava, Camille tricotava, Bernadette Bouchardeau subira, para se deitar. Só a luz da lareira iluminava a sala, dando às três mulheres o ar de pertencerem a um quadro de Georges de la Tour. O assobio da tempestade, o crepitar das chamas, o barulho das agulhas, o riso das jogadoras, intensificavam a impressão de calma e de bem-estar familiar. A guerra parecia longe.

Uma corrente de ar fez Camille estremecer. Pousou o tricô nos joelhos e cruzou o xale à sua volta. Seus olhos dirigiram-se para a porta. Estava ligeiramente entreaberta; o vento,

decerto.

Apesar de sua fraqueza, levantou-se para fechá-la. Já estendia a mão para o trinco quando a porta se abriu brutalmente, machucando-lhe os dedos. Junto da lareira, suas companheiras ficaram imóveis. Um homem de roupas molhadas, que sustinha um outro, entrou, empurrando a porta com o pé.

— Depressa... ajude-me.

— Camille, saia daí, sente-se, você está atrapalhando. Ruth e Laure, ajudem-nos!

Com a ajuda das mulheres, o homem estendeu o camarada na mesa.

Depois, habituado ao local, acendeu a luz.

— Lucien — exclamaram, ao mesmo tempo, Léa e Laure.

— Ele perdeu muito sangue. Ruth, vá buscar os remédios.

— Sim, padre.

— Tio Adrien!

— Minhas queridas, não é hora para nos enternecermos. Léa, é preciso ir a Verdelaix buscar o doutor Blanchard.

— Mas não se pode telefonar?

— Não, desconfio do telefone.

— Está bem, então vou.

— Passe por Bellevue, não quero que os Fayard desconfiem de nada.

Vi luz na casa deles.

Uma hora depois, Léa trazia o médico, resmungando contra o "bendito tempo".

— Félix, fale mal de Deus em outra vez, agora cuide do rapazinho.

O doutor Blanchard tirou o velho impermeável e aproximou-se de Lucien, cujas mãos estavam envolvidas em ataduras ensangüentadas. Com gestos sóbrios retirou aquele curativo precário.

— Meu Deus! Quem fez tal coisa?

— Uma bomba.

— Que fazia ele com uma bomba?

— Estava preparando-a.

— Esta razão, que decerto lhe pareceu boa, pôs fim às perguntas do médico. Ele ocupou-se em fazer um exame dos ferimentos.

— É preciso levá-lo ao hospital.

— Isso não é possível. Eles avisarão a polícia e a Gestapo.

— A mão direita está perdida, temos de amputá-la.

Por baixo da sujeira e da lama que cobriam o seu rosto, Adrien Delmas empalideceu.

— Tem certeza?

— Veja, é uma pasta de sangue.

— Pobre pequeno! Vou chamar a mãe.

— Não, Ruth! Sobretudo, isso não. Minha irmã vai gritar, chorar, acordar os vizinhos. Félix, vamos ajudá-lo, diga-nos o que é preciso fazer.

— Mas não é questão de eu amputar este rapaz. A última vez que amputei alguém foi num bom hospital em 17. Sou um médico de província, não sou cirurgião.

— Eu sei, mas não temos escolha. Se a Gestapo o encontra, vai torturá-lo até que denuncie seus companheiros, matando-o em seguida.

Blanchard olhou aqueles que o rodeava, amigos de sempre, depois olhou o rapaz, que vira crescer e que perdia seu sangue.

— De acordo. Peça ao seu bom Deus que as minhas velhas mãos não tremam. Mande ferver água. Foi sorte ter trazido o meu estojo grande. Espero que os meus bisturis não estejam enferrujados. Ruth, Adrien e Léa, vocês vão me ajudar. Camille, vá se deitar, não pode ficar em pé. Laure, cuide dela.

Léa teria dado tudo no mundo para não ficar ali. Foi, no entanto, sem tremer, que aplicou um tampão de clorofórmio no nariz do primo.

Nunca mais esqueceria o barulho da serra cortando o osso.

Durante a operação, uma vez ou duas, Lucien gemeu.

Quando o doutor Blanchard fixou a última atadura, o jovem, de vinte anos, tinha perdido a mão direita e dois dedos da esquerda.

No dia seguinte, acordou por volta do meio-dia e viu os rostos inquietos da mãe, do tio e do doutor Blanchard, debruçados sobre ele e sorriu-lhes dizendo:

— Tinha-me esquecido o que era uma boa cama.

Bernadette Bouchardeau voltou a cabeça para esconder as lágrimas.

Ao amanhecer havia surpreendido a todos pela calma com que recebera a notícia da amputação de seu filho.

Todos esperavam gritos e desmaios. Só as lágrimas correram, e ela disse apenas:

— Graças a Deus! Está vivo!

Lucien teve um gesto para mãe.

— Mamãe!...

— Não se mexa, meu rapaz. Você perdeu muito sangue. Precisa de repouso absoluto — disse o doutor Blanchard.

— É a minha mão, era muito grave, doutor?

Todos baixaram a cabeça. Um gemido escapou à mãe.

— Por que não dizem nada?

Como estava pesada aquela mão enfaixada, que ele tentava levantar.

Que forma esquisita ela tinha, assim envolvida.

Em pé, atrás da porta, Léa recebeu como uma punhalada o grito de Lucien. Era aquele que toda a noite havia martelado em sua cabeça:

— Não!... Não!... Não!... Não! Não!

Capítulo 17

NO QUARTO DAS CRIANÇAS, Adrien Delmas andava de um lado para outro, mergulhado no mais profundo desespero que um padre possa conhecer: já não tinha fé. Desde o início da guerra, lutava contra a dúvida. Antes de entrar para a clandestinidade, havia falado sobre isso a seu confessor, que o aconselhara a aceitar esta prova enviada por Deus para provar sua fé. Por amor e pelo serviço de Deus, o dominicano estava pronto a aceitar todos os sofrimentos, mas agora se sentia farto de suas orações estereis, cujas palavras lhe pareciam privadas de seu sentido original. Tudo isso lhe parecia de uma confusa ingenuidade, e os homens que tinham dado a própria vida a serviço de um logro lhe pareciam loucos ou seres nocivos, espiritualmente desonestos. Em sua desolação, esquecia os seus mestres, essas grandes inteligências católicas, aos pés das quais a sua havia evoluído. Lançados às urtigas, os Pascal, os Abade de Rancé, os Agostinhos, os São João da Cruz, as Tereza d'Avila, os Chateaubriand, os Bossuet e outros servidores da igreja. Todos estavam enganados, todos o enganaram. Que podiam as suas vãs palavras contra o desespero de uma criança mutilada? Que poderia ele responder à censura muda de uma mãe? O que acontecera àquelas doces palavras que tão bem soubera prodigalizar aos moribundos e aos feridos da Revolução Espanhola? Ele era como a figueira estéril do evangelho: seca e sem frutos. De que lhe valia existir, se sua existência não trazia nenhum reconforto? Por sua culpa, Lucien ficara estropiado para sempre. Porque fora realmente por sua causa que o garoto entrara na Resistência. Se tivesse se contentado em ficar no convento da rua de Saint-Génes, como lhe ordenara seu superior, em vez de brincar de padre resistente, seu sobrinho nunca teria ido procurá-lo.

Ele sabia também que isso poderia ser falso, que seu engajamento em nada influenciara Lucien. Eles haviam conversado longamente durante intermináveis noites de inverno, passadas na fazenda que servia de abrigo aos rapazes da Resistência. No início, eram menos de uma dezena, mas, pouco a pouco, aqueles que não queriam partir para o S.T.O. vinham procurá-lo. Agora eram uns trinta jovens, por quem se tornara responsável. Não era apenas o chefe militar incontestável do pequeno grupo, mas o seu sustentáculo moral.

Nunca, em nenhum momento, os resistentes haviam percebido seu sofrimento espiritual. Poucos, aliás, dentre eles, sabiam que era padre. Todos admiravam sua prudência, seu senso de organização clandestina e o relativo conforto em que os fazia viver. Graças a seu perfeito conhecimento da região, do terreno e dos habitantes, tinha sempre sabido em que portas bater para conseguir ajuda, dinheiro e alimento. Uns de seus amigos de colégio, franco-maçom e nótavel de La Réole, havia, com a ajuda de outros maçons, criado uma rede de contatos regulares com os meios maçônicos ingleses e tinha feito vir, em pára-quedas, víveres, armas e vestuário. Os trabalhos cotidianos, a proteção, as ações contra as cobranças, as prefeituras, a sabotagem das linhas clandestinas, a busca de documentos falsos, a passagem para Espanha de famílias judias, tudo isso ocupava suficientemente as suas horas do dia e de parte da noite.

Mas, durante a noite, durante a noite interminável, desgastava-se lendo os Evangelhos,

tentando o diálogo com esse Deus que lhe fugia. Pela manhã, mergulhava num curto sono povoado de símbolos demoníacos saídos da imaginação da Idade Média, ou das torturas refinadas dignas de um Jardin des Supplices, de Octave Mirbeau, que haviam perturbado sua piedosa adolescência. Emergia desse breve entorpecimento, fatigado e cheio de tristeza. Com esse regime, seu rosto estava cavado por profundas rugas, seus cabelos embranqueceram, e sua roupa dançava no corpo. O doutor Blanchard, diante de tal mudança, ficara inquieto com sua saúde.

Adrien o havia feito se calar, rindo. Que iria fazer agora com Lucien? Impossível deixá-lo por muito tempo em Montillac, seria muito perigoso. Levá-lo para o campo? Não antes de três ou quatro meses. Mandá-lo para Espanha? Possível, mas difícil. Muitos dos que tentavam passar, eram detidos, nesses últimos tempos. Era preciso contatar o padre Bertrand, de Toulouse, que mantinha ligação com os frades suíços.

Bateram à porta.

— Sou eu, tio Adrien.

— Entre. Perdoe-me ter invadido os seus domínios. Vem muito aqui?

Léa sorriu.

— Cada vez menos. Cresci muito, você sabe.

— Eu sei.

— É você, tio Adrien, é porque está infeliz que veio aqui? Com a mão, ela reteve um gesto negativo e continuou:

— Não tente me dizer o contrário, eu o vejo bem. Eu o conheço.

Desde pequena que olho para você. Já não tem no olhar aquela chama que nos atraía a todos para você, que nos fazia querer se parecer com você...

— Você é dura!

— — Talvez, mas você não gostaria que lhe falasse de outra maneira...

É horrível o que aconteceu a Lucien, mas a culpa não é sua. Lucien tinha escolhido; Laurent, Camille e eu também escolhemos.

Você não me vai dizer que, para si, não influi nada. Foi, no entanto, eu quem a enviou a Paris.

E eptão? Não me aconteceu nada.

— É preciso não tentar o destino. Vi muitos rapazes e moças da sua idade morrerem na Espanha e agora aqui. Abandone tudo isso.

— Não, é tarde demais. Sabe qual é o meu nome de guerra?

— Exupérance!

— Sim, como a santinha de que tanto gostava, lembra-se? Foi por sua causa que, por minha vez, também a amei.

— Com tal proteção, não se arrisca nada.

Adrien não pôde deixar de sorrir. Ela não valia de muito, a proteção de uma santinha cuja existência a própria igreja ainda questionava.

— Pretende ficar muito tempo em Montillac?

— Não, seria muito perigoso para vocês. Já a presença de Lucien as compromete. Logo que esteja melhor partirá.

— Mas onde irá ele? Que fará? Agora é um enfermo.

O dominicano ergueu a cabeça.

— Pensava nisso quando você entrou.

— Tia Bernadette diz que seja para onde for que ele vá, ela irá também.

— Só faltava isso. A minha querida irmã na Resistência!

— O que achou de Camille?

— Não a achei muito mal. É uma mulher corajosa. Sou da opinião do Félix. Ficaré boa.

— Se Laurent a viesse ver, estou convencida de que se curaria num instante.

Adrien olhou-a com uma surpresa divertida.

— Ora, ora, já não está apaixonada por ele?

O rosto de Léa enrubesceu.

— Isso não tem nada a ver.

— Você não deve voltar a pensar nele, é um homem casado, pai de família e gosta da mulher.

O movimento de humor da sobrinha não lhe escapou. Sempre tão esquiva a lições de moral, segundo vejo. Não se inquiete, não quero importuná-la com isso, mas simplesmente colocá-la ao abrigo de eventuais desilusões. Alguém que parece interessar-se muito por sua pessoa falou-me a seu respeito há algum tempo.

— Quem?

Não adivinha?

Não estava com vontade de brincar de adivinhação.

— Não.

François Tavernier.

Como não havia pensado nele? De novo um rubor lhe cobriu o rosto.

— Diga depressa, tio, quando é que falou com ele?

— Há quinze dias, pelo telefone em Bordéus.

— Onde estava?

Em Paris.

— Por que o chamou? O que disse de mim? Ele não respondeu à minha carta.

— Vejo que está muito impaciente. Pensei que não o suportava. Por favor.

— Apenas coisas banais. Pediu-me notícias suas e da família... Foi tudo?

— Não, ele tentará vir vê-la depois da Páscoa.

— Depois da Páscoa! Ainda falta tanto!

— Que impaciência! Estamos em 10 de abril e a Páscoa é em 25.

Léa sentia-se tão desamparada e perturbada que renunciou a lhe falar de Mathias.

O rodar de um carro nas pedras da calçada, portas se fechando e vozes de homem petrificaram-os instantaneamente.

— Vá ver depressa. Se for a Gestapo, estamos perdidos.

Léa precipitou-se para o corredor e olhou pela janela que dava para a entrada. Não! Não podia ser verdade; que viria ele ali fazer? Abriu a janela e gritou, esforçando-se por parecer alegre.

— Vou já!

Correndo, voltou para o quarto das crianças.

— Não é a Gestapo, mas talvez não seja melhor. Vou para o quarto de Lucien disse Adrien, levantando-se.

Antes de descer, Léa passou pelo quarto de Camille e explicou-lhe rapidamente o que estava acontecendo.

Embaixo, Ruth havia mandado os visitantes entrarem na sala.

— Léa, que prazer em revê-la neste cenário!

— Raphael Mahl! Que agradável surpresa!

— Minha querida! ... Eu bem sabia que ficaria contente ao ver o velho amigo.

Fervia de raiva, mas esforçou-se por sorrir. Era preciso a todo preço que ele não notasse seu medo. Um dos três jovens que o acompanhavam olhava o retrato de sua mãe, pintado por Jacques Emilie Blanche. Quando se voltou, as unhas de Léa cravavam-se na palma da mão. Tentou dominar seu pavor.

O jovem que agora se encontrava à sua frente era o que ela havia notado em Cadillac e em Saint-Macaire. Com desenvoltura, aproximou-se dele.

— Bom-dia, senhor, é da região? Tenho impressão de já o ter encontrado.

O rapaz denunciou visivelmente o golpe.

— É muito possível, senhorita, meus avós são de Langon.

— Foi talvez aí que eu o vi, na câmara, num dia de compras. Como se chama?

— Maurice Fiaux.

Léa afastou-se dele e dirigiu-se a Raphael, a quem deu o braço, levando-o para o jardim.

— Venha, para eu lhe mostrar Montillac. Enquanto isso, vai me contar que bons ventos o trazem.

— Você sabe que eu tinha certos probleminhas com pessoas que você conhece. Tive de me resolver a partir, o ar de Paris não me era favorável. Lembrei-me dos momentos agradáveis passados em Bordéus, em junho de 40, das minhas relações com a imprensa local, da Espanha não muito longe. Assim, pensei: por que não Bordéus? Devo confessar- lhe que até ontem não pensava em você. Estava com estes encantadores rapazes, no Regent, bebendo alguma coisa antes do jantar, quando um dos seus camaradas chegou. Na conversa, o nome da sua propriedade foi citado. E perguntei se era mesmo a propriedade da família Delmas, e responderam-me que sim. Foi assim que eu soube, que aquele jovem era seu amigo de infância e que você estava em Montillac. Emiti o desejo de vê-la e seu amigo propôs me trazer até aqui. Eis porque aqui estou.

Veio com Mathias.

— Sim, ele foi abraçar os pais. Não se aborrece que eu tenha aceitado seu convite?

— De maneira nenhuma. Tenho de lhe agradecer de dar-me esse prazer...

— Que lindo lugar, minha querida! Se habitasse aqui, nunca mais quereria deixá-lo. Que calma!... Que harmonia entre o céu e a terra!... Sinto que aqui poderia escrever obras-primas.

Debruçado no terraço, Raphael Mahl contemplava a paisagem que as videiras demarcavam com linhas negras e regulares.

Poderia dizer que isto foi desenhado com lápis e régua, de tão regular.

Veio cedo demais. Daqui a uma, duas ou três semanas, a vinha ficará como que prateada, depois torna-se verde pálido, depois terá flores... Olhe, aqui está Laure. Raphael, apresento-lhe minha irmã mais nova.

Bom-dia, senhorita. Agora fico conhecendo todas as graças de Montillac.

Laure deu uma gargalhada, o que aborreceu Léa.

Camille está com Mathias. Pedi a Fayard para abrir o tonel para que nossos visitantes possam degustar nosso vinho.

— Fez bem. Venha, vamos provar o célebre Chateau Montillac — disse ela, amável, tentando esconder a angústia que a invadia ao ouvir o nome de Mathias.

Então ele tinha ousado voltar.

Os três jovens os seguiram em silêncio. Na adega, encontraram Camille, Mathias e o pai. Léa foi beijar Mathias como se nada tivesse acontecido entre eles, fingindo não notar a brusca contração de sua boca.

— Você exagera, poderia ter vindo nos visitar mais cedo.

— Léa tem razão — disse Camille. Eu queria agradecer sua participação na minha

libertação.

Não tive nenhuma influência nisso, fiz pouca coisa.

— Não diga isso, sem você talvez ainda estivesse lá.

— A senhora partiu no momento em que aquilo ficou confortável.

Agora há duchas disse um dos amigos de Mathias.

Até que é interessante — disse Léa secamente. — E para quando é o salão de cabeleireiros e a sala de cinema?

O rapaz corou, enquanto os camaradas escarneceram. Raphael disfarçou.

— Vamos, crianças, experimentar esse vinho.

Fayard desvirou os copos postos numa prancha coberta com papel branco e, cerimoniosamente, serviu o vinho.

— A garrafa só tem dois anos, mas os senhores vão me dizer o que acham.

— Até em Paris se regalam com ele! — lançou Léa.

Fayard não se deu por achado.

Quando todos já estavam servidos, em silêncio, cada um levou o seu copo à boca.

Já estavam no terceiro copo, quando Léa, aproximando-se de Mathias, lhe disse:

— Venha, vamos sair. Quero lhe falar.

Depois da frescura e odor do vinho, que impregnavam o solo, a terra batida e as paredes, a doçura do ar e o perfume dos primeiros lilases fizeram Léa sorrir.

Saiu, seguida por Mathias. Voltou-se bruscamente e, ofegante, perguntou-lhe:

— Pensei que tivesse voltado para a Alemanha.

— Mudei de opinião. Tenho o que fazer aqui.

— Por que me trouxe Mahl e seus amigos? Eu não quero mais ver você.

— Pensei que lhe daria prazer. Parecia conhecê-la tão bem!

Léa encolheu os ombros.

— É os outros também me conheciam?

— O carro era deles e propuseram nos trazer.

Eu não os acho muito simpáticos.

— Tanto pior. A mim me convém. E você deveria fazer o mesmo.

— O que faz com eles?

Trabalhamos juntos.

Que queria ele dizer? Se o que ela temia era verdade, Mathias não podia "trabalhar" com eles, como dizia. Era preciso não permitir que o pânico se manifestasse e tinha de se mostrar

calma, despreocupada. A vida de Adrien e de Lucien dependia disso. Quem sabe se Raphael não teria feito negócio com a Gestapo, em Paris, para tentar reencontrar Sarah? Deu-lhe o braço e com o tom mais natural e o seu melhor sorriso, perguntou:

— Conte: o que você faz?

Ele se contraiu contra aquele corpo, do qual só o pensamento já o fazia tremer. Diante daqueles olhos cândidos que se erguiam para ele, voltou a cabeça com ar constrangido.

— Negócios.

— Espero, por você, que não sejam os mesmos de Raphael. Ficaria aborrecida se fosse procurado por tráfico no mercado negro — disse ela, conservando o sorriso.

Não tema por mim. Não há nenhuma comparação entre esse seu amigo bicha e eu. Serei o intermediário entre os vinhateiros e os negociantes de vinhos de Munique, de Berlim e de Hamburgo.

Você sabe como os alemães gostam dos nossos vinhos.

Aliás, a maior parte dos oficiais superiores alemães que estão na Gironde tinham negócios antes da guerra com os grandes proprietários. Eu estabeleço as relações entre os pequenos proprietários e os comerciantes alemães.

E isso vai bem?

— Muito bem. Os negócios são negócios e as pessoas continuam a beber do bom vinho, com guerra ou sem guerra.

Eu o proíbo, Mathias, de vender uma única garrafa de Montillac.

Nunca!

Léa não conseguira se conter. A palavra estalou sonora. Eles encontraram-se de novo num face a face hostil. Ambos pálidos, observaram-se tal como gatos prontos a saltar.

Bom Deus! Como ela era bela, aquela garça, naquela irritação que lhe arfava as narinas e fazia acelerar o coração. Estava indeciso entre o desejo de lhe bater ou de a abraçar.

Quando nos casarmos, venderei o vinho a quem eu quiser.

Raphael, saindo a adega, gesticulava em sua direção... Berrava, cambaleando:

— Léa, este vinho é uma maravilha! Não posso continuar, já estou embriagado.

Caro Raphael! Ela_o teria abraçado. Ele se aproximou.

— Não acredito. É preciso muito mais para lhe subir à cabeça.

— Não creia nisso, minha boa amiga. Envelhecemos. Veja, um exemplo:

antes da guerra. podia comer fosse o que fosse, puf!, nada me fazia mal. Agora, um prato mais temperado, um almoço um pouco regado demais, e fico com uns quilos a mais.

Olhe para mim, para o meu talhe!... Eu sei que a isto se chama punhados de amor!... Mas, mesmo assim!... É uma pena, não voltar a ter a linha de rapaz.

Léa não pôde deixar de rir ao vê-lo afastar o casaco para mostrar os estragos.

— Ria, ria, mas verá... Por agora, orgulha-se de seus seios firmes, do ventre reto e de seu lindo traseiro... Mas espere alguns anos e três ou quatro filhos... Depois falaremos.

— No entanto, não quer que eu o lastime por ter uns quilos a mais.

Quando a maioria dos franceses apertam o cinto! Faça como eles: coma nabos.

— Puf!... Quer me matar?

Que homem engraçado! Léa chegou a esquecer que espécie de homem era Raphael Mahl.

— Diante de um pelotão de execução ainda seria capaz de gracejar e de me fazer rir.

Os olhos de Raphael voltaram a ter aquela expressão de doçura um tanto triste.

— Não poderia me fazer melhor elogio; rir ou fazer rir diante da morte. Prometo que irei me lembrar, amiguinha.

E continuou, reencontrando a faceta de alegria, e levando-a à parte:

Tem notícias ao nosso amigo Tavernier? Eis um homem que me intriga.

Tanto dizem que está com a Alemanha, como está com Londres. Que pensa disso?

— Vamos, seja razoável. François Tavernier estava em Paris na última vez que o vi, depois desapareceu completamente.

Estou aqui, afastada de tudo e tenho trabalho demais para me interessar por um aventureiro. Mas o que é que o interessa!...

Deixe-me!

Não me tome por imbecil, minha querida, você estaria errada. Julga que não reparei que ele estava apaixonado por você e que suas relações não eram platônicas?

— Não compreendo o que quer dizer.

— Julga que me esqueci da peça indecente que ele me pregou?

— Talvez salvando-lhe a vida.

— Isso é possível. Mas não gosto de ser tratado dessa maneira.

— Vamos, Raphael, não seja tão susceptível.

Sem perceberem, tinham-se afastado de casa e caminhavam na vereda que conduzia a Bellevue, entre as vinhas. Os outros não os haviam acompanhado.

Mahl parou, olhou à sua volta, e de repente, com um ar cansado e envelhecido, disse:

— Como deve ser bom viver aqui! Como este lugar me parece propício à inspiração! Nunca terei um lugar semelhante, nunca conhecerei essa felicidade; escrever em paz comigo mesmo e com a natureza que me rodeia. Porque será que sou conduzido pelas forças do mal que me afastam do meu eu profundo, do esforço criador? O esforço é tudo, mesmo se o esforço não conduz a nada. Tudo é produtivo e, no entanto, imediatamente estéril. Isso não importa. Há sempre uma alegria no esforço.

Ah! Falta-me suficiente entusiasmo para ser um grande escritor. A maior parte do tempo, os escritores são uns entusiastas que se opõem ao serviço dos indiferentes. Fala-se como se quer, escreve-se como se é...

Que desespero naquele homem aparentemente fútil, pouco honesto e sem escrúpulos! Como sempre Léa percebeu aquele sofrimento de não ser grande escritor como ele sonhava, e sentiu por ele uma ternura que não conseguia esconder.

Olhe estes campos, estes bosques! Mesmo que o homem e sua obra desapareçam de uma só vez, a terra continuará como se nada tivesse acontecido. A inutilidade do homem parece-me flagrante, em vista do Infinito. Inútil e medíocre. Um dia escreverei o "Elogio da Mediocridade", talvez já lhe tenha dito.

Passo o meu tempo a contar os livros que não escrevo. Bom assunto, não acha? A não ser que eu faça uma antologia dos horrores cometidos pelo homem.

Assunto inesgotável. Mas a glória do homem, é de ter extraído a beleza do horror... Uma das razões que-mais me impediram de acreditar em Deus, um Deus bom, atento, conhecedor absoluto de todos nós, sou eu mesmo. Eu digo que, se Deus fosse tudo isso, não permitiria que eu existisse, nem sobretudo que eu fosse como sou. Por vezes meu corpo inteiro está inchado de lágrimas, que os meus olhos não conseguem esgotar e das quais não sei como me esvaziar.

Chorava ao dizer isso, e o espetáculo era completamente insuportável.

— Você me despreza, não é assim? E tem razão. Nunca me desprezará tanto como me desprezo a mim mesmo... Prefiro o desprezo à sua compaixão. Entremos, os meus amigos vão se perguntar o que estamos conspirando.

Por que veio, Raphael?

Antes de responder, tirou o lenço e limpou os olhos.

— Já lhe disse, tive desejo de vê-la.

— A outra razão.

— Talvez. Saberia? Que é feito de nossa amiga Sarah?

Léa se retraiu.

— Não!... Não me leve a mal, não estou aqui para me informar sobre ela, pergunto-lhe simplesmente se tem notícias de alguém de quem tanto gosto.

— Não sei de nada.

— Esperamos que tenha escapado. Está completamente segura de seu amigo Mathias Fayard?

"Aqui estamos", pensou ela.

— Tanto como você.

— É tem razão — disse ele, sem pestanejar. — Os seus amigos estão persuadidos de que você trabalha para a Resistência. Eu lhes afirmei o contrário. Não penso que tenham acreditado.

— Por que me conta isso?

Porque gosto de você e sentiria muito se lhe acontecesse qualquer coisa.

A simplicidade com que dissera isso tinha o acento da sinceridade.

Léa deu-lhe o braço.

Raphael, tudo nesse momento é complicado. Sinto-me aqui tão só entre Camille doente, a minha tia queixosa, a minha irmã que se aborrece e os Fayard que esperam o momento de me tomar Montillac; só tenho Ruth, que sinto verdadeiramente sólida.

— Tem a sua família em Bordéus.

Quero vê-los o mínimo possível.

E o seu tio padre?

Léa largou-lhe o braço.

— Você decerto já sabe que ele desapareceu e que é procurado pela Gestapo.

— É verdade, tinha esquecido!... Perdoe-me. Julguei avistá-lo pouco depois de minha chegada a Bordéus, ele estava mudado e, depois, a ausência do hábito...

Quando me falou nele a primeira vez já o conhecia?

— Havia assistido às suas pregações da Quaresma em Notre-Dame.

Gostei muito do modo como falava da Graça e da devoção à Virgem. Nessa época eu desejei lhe ser apresentado, mas a coisa não se fez. Lastimei muito.

— Então, ele não o conhece?

— Jão.

— É pena, uma pessoa como você o teria interessado.

— Quem sabe, se não nos encontraremos ainda um dia... A vida é tão estranha.

— Gosto demais dele, faz-me muita falta. Nunca mais o vi depois do enterro de meu pai.

— Falaram-me em Bordéus desse enterro. Estranho não, que a Gestapo não tenha prendido o marido de sua amiga?

— Foi por causa de meu tio Luc.

E verdade que as posições tomadas por mestre Delmas, o casamento da filha com um alto oficial alemão, o próximo casamento de sua irmã com o comandante Kramer, cria laços com os ocupantes, que devem valer.

Tenho muita vergonha!

— Aí está uma coisa que é preciso não repetir diante de ouvidos indiscretos.

— O que você não vai hesitar em fazer, suponho.

— Minha pobre amiga, você sempre se engana a meu respeito. Você sabe que o faço por interesse. Qual seria o meu, ao denunciar a sua simpatia? Toda a gente sabe. Ainda se

escondesse ingleses ou resistentes! ... Mas não é o caso. Porque não é o caso, não é verdade?

Léa desatou a rir.

— Sabe bem que você seria a última pessoa a quem eu diria.

— E teria razão.

Chegaram de braços dados, rindo, ao pátio da casa onde se encontravam Camille, Laure, Mathias e os três rapazes.

— Ah! Aqui estão — disse um deles. — Estávamos sem saber para onde tinha ido. Temos que ir, porque estão à nossa espera.

É verdade, onde eu estava com a cabeça! Havia-me esquecido completamente. Léa, obrigado pela sua acolhida. Se vier a Bordéus não deixe de me ver. Estou no Majestic, na rua Esprit-des-lois. E muito agradável, há belos móveis antigos.

— Fica muito tempo em Bordéus?

— Isso depende de ver se consigo colocar alguns artigos na Petite Gironde ou no Ia France, senão...

— Senão...

Raphael Mahl não respondeu. Beijou a mão de Camille e beijou Laure nas duas faces. Os jovens saudaram polidamente. As três mulheres beijaram Mathias.

Durante a noite, Adrien Delmas deixou Montillac, depois de indicar a Léa que as armas estavam escondidas numa das capelas do Calvário de Verdelaix; a da sétima estação, levantando-se a laje fendida, à direita da entrada.

Não vá buscá-las senão em caso de absoluta necessidade e urgência.

Há lá dez espingardas e vinte pistolas de que você deve saber se servir.

Assim espero.

— Perfeito. Há também granadas e uma metralhadora. Não as toque.

Quando voltará?

— Logo que Félix lhe diga que se pode transportar Lucien sem perigo. Enquanto espera, redobre a prudência. A visita de hoje é das mais inquietantes, tanto mais que o inimigo está aqui.

Inimigo?

— Sim, o pai Fayard. Ele conhece cada recanto da propriedade e circula por toda parte sem que se note, de tal maneira que faz parte da paisagem. Quanto aos três rapazes que vinham com Mathias são todos nossos conhecidos. Um deles foi mesmo condenado à morte e será certamente executado dentro em breve.

— Que fez ele?

— Denúncias, roubos, violações, torturas e assassinatos de todos os tipos. Eu sei que ele

abateu um judeu, com as suas próprias mãos, para roubar. Conhecia o desgraçado desde a infância.

— Fala como você mesmo o conhecesse...

— A mãe dele era criada de todo o serviço em casa de um amigo meu, médico de Bouscat. Como o pequeno não tinha pai, meu amigo ocupou-se dele, mas só teve desilusões. A chegada dos alemães, ele foi imediatamente oferecer seus serviços na rua do Chapeau-Rouge em troca de sólida remuneração. Primeiro, guarda-costas, pouco a pouco subiu de categoria junto a seus empregadores. Atualmente, Poinot, Dohse e Luther utilizam-no... Mostrou-se suficientemente eficaz na noite de 19 para 20 de outubro, no decorrer da operação que devia "purgar a região de qualquer presença de judeus estrangeiros". Com ajuda da polícia, participou na prisão de setenta e três judeus, homens, mulheres e crianças, que, na maioria, foram deportados. Ele aproveitou para assaltar os velhos na casa de quem a mãe fora empregada. Fez um bom trabalho... A tal ponto que foi felicitado pelo comandante Luther em pessoa na sua bela casa da avenida Médoc, 224, que se tornou a casa do marechal Pétain, exatamente em frente ao número 197, onde Camille conheceu os seus métodos. O maroto teve audácia, ao sair dessa entrevista, de vir ver a mãe e de zombar do medo dos judeus que fez levantar da cama... Meu amigo esteve prestes a matá-lo como um animal malévolos. Louco de cólera, contentou-se em expulsá-lo de casa com pontapés no traseiro. Uma vez fora, o garoto jurou que o mataria.

Aconselhei meu amigo a deixar Bordéus e ele recusou dizendo que o seu lugar era aqui... Foi em casa dele que eu encontrei o chefe do F.T.P. que, por estranha coincidência, morava a seiscentos metros da sede da Gestapo. O Bouscat é uma espécie de placa giratória tanto da repressão como da Resistência...

— Ele é qual dos três?

— Maurice Fiaux.

Não é possível! Ao vê-lo não tem ar de um bruto.

— É isso que o torna perigoso; tem ar de tão boa pessoa e é um bonito rapaz.

— E Mathias está sabendo de tudo isso?

— Não. E ainda um recruta novo e eles desconfiam. Só lhe farão confidências depois de o porem à prova.

— Que quer dizer com isso?

— Quando ele denunciar, torturar ou executar alguém. Ele já começou... Mais umas semanas e será um autêntico patife.

Irrecuperável.

— Como você mudou, tio Adrien! ... Antes, diria para eu rezar...

Que mesmo as piores criaturas tinham uma parte de inocência que estava adormecida, e agora... Diria que não acredita em mais nada mesmo, nem em Deus.

— Cada palavra de Léa era como um golpe de machado na alma dolorosa do dominicano. Voltou-se de costas para a sobrinha, verificou o bom funcionamento de sua arma, enfiou até

aos olhos o barrete basco, pegou uma pequena mala de papelão prensado, com sua roupa, livros e algumas provisões, e dirigiu-se para a porta.

Léa teve um pequeno gesto completamente inesperado da parte de alguém que já não tinha fé, deixou-se cair aos pés do tio, dizendo-lhe:

Abençoe-me.

Adrien hesitou um segundo, depois fez o que lhe pedia.

Quando os seus dedos traçaram por cima da cabeça daquela filha querida o sinal da cruz, uma grande paz se fez nele.

Ergueu Léa e a abraçou.

— Obrigado — murmurou, afastando-se na noite.

Capítulo 18

CONVIDEI MAURICE FIAUX para almoçar.

Espantada, Léa deixou cair a caçarola do leite que segurava.

— Oh! Que desastrada que você é! — exclamou Laure. — Todo esse leite bom perdido.

Um par de tapas voltou-lhe o rosto para o lado. Nos olhos azuis de Laure, a mais nova das jovens Delmas, apareceram lágrimas, e disse à irmã, mais com surpresa do que com raiva:

— O que aconteceu?... Está louca?... Machucou-me muito.

— Je vou continuar se não desistir desse almoço.

Tenho o direito de convidar quem eu quiser!

— Não!

— E por quê? Você não é a única proprietária de Montillac, que eu saiba!

— Você sabe quem é Maurice Fiaux?

— Sei muito bem que nós julgamos que ele estava nos espiando por causa das histórias da Resistência, mas não é nada disso.

— Que quer dizer?

Laure baixou a cabeça, limpou os olhos resmungando, com os cinco dedos de Léa marcados na face.

Era a mim que ele seguia.

— A ti?

Sim, a mim!... Não é só você que agrada aos rapazes. Já não sou a garotinha de antes da guerra. Cresci.

— Vamos ficar calmas. Que você agrade aos rapazes, não duvido. Mas mesmo assim não acreditou no que ele lhe contou?...

Você o reviu?

— Sim, esta manhã, em Langon. É simpático, divertido, bem-educado.

Está de férias em casa dos avós... Depois da Páscoa, volta para Bordéus. Tem de trabalhar para ajudar a mãe.

Léa ergueu os olhos ao céu.

É muito comovente,!... E que faz esse bom rapaz?

Não sei... Não compreendi muito bem... Tem negócios.

— Negócios! Eis uma palavra cômoda para encobrir seja lá o que for.

Eu vou lhe dizer quais são os negócios de quem o seu belo coração se ocupa: trabalha para a Gestapo.

— Não acredito!

— Também não queria acreditar... Foi tio Adrien quem me disse. Ele torturou e matou várias pessoas. Convidando-o, você caiu no laço e nos faz correr graves perigos. Já pensou em Lucien?... No que aconteceria se ele o descobrisse?

Laure empalidecera, fazendo sobressair as marcas do rosto. Ficara em pé, de braços caídos, apoiada contra o fogão, bestificada demais para perceber que a abundância de suas lágrimas havia molhado seu vestido branco. Léa teve pena dela e pôs-lhe a mão no ombro. Aquele gesto transformou o choro em grandes soluços de criança.

— Eu não sabia!...

— Laure, Léa, que aconteceu? Que se passa? — perguntou Camille, que acabava de entrar.

— Esta tontinha convidou Maurice Fiaux para almoçar amanhã. Oh! Meu Deus!...

Durante alguns instantes só se ouviram os soluços de Laure e o tictac do relógio. Camille foi a primeira a reagir.

— Não serve de nada nos lamentarmos. Temos de arranjar uma solução.

Eu disse-lhe para anular o convite.

Tudo menos isso! Ele perceberia que duvidamos dele. Pelo contrário, o convite deve se manter. Cabe a nós mostrar-lhe que se engana a nosso respeito.

— Você se esqueceu de Lucien!

Não, é exatamente nele que penso. Tem de sair daqui.

— Mas ele está longe de estar curado.

— Eu sei.

— Então?

— Venha. Tenho uma idéia. Laure, amanhã é preciso fazer como se nada houvesse, como se acreditasse que esse rapaz é apresentável — disse Camille, levando Léa.

— Está bem — balbuciou a pobre pequena.

As duas moças saíram de casa pelo lado norte.

— Vamos dar um passeio pelas vinhas. Aí, estaremos certas de que ninguém nos ouve.

Andaram em silêncio, Camille apoiando-se no braço de Léa. O sol de abril envolvia o campo com sua luz picante, dando à vinha e à casa de Sidonie, às árvores ainda pouco verdejantes do calvário, um relevo espantoso e a impressão de que bastaria estender a mão para tocá-las.

Como é que esta paz que sobe da terra não se comunica aos homens?

disse Camille, diminuindo o passo.

— Qual é sua idéia?

— Esconder Lucien no celeiro de Sidonie.

No celeiro de Sidonie!

— Sim, podemos confiar nela, detesta os alemães.

— É perto demais de Montillac!

— Justamente. Nunca eles pensarão que se pode esconder alguém tão perto.

Léa refletiu.

— Talvez você tenha razão. Se fosse outra pessoa que não Sidonie, eu diria que o ódio aos alemães não é razão suficiente para confiarmos nela. Mas tratando-se de Sidonie...

— Vamos vê-la. Deve estar em casa, porque vejo fumaça na chaminé.

Da casa de Sidonie, dominava-se toda planície, certos dias, a velha mulher até julgava que se via o mar.

Como habitualmente, acolheu as visitantes com alegria, oferecendo-lhes o inevitável licor de cassir de fabricação caseira e que não se podia recusar.

— Eh! Senhora Camille. Até dá gosto vê-la tão valente. E você, senhorita Léa, não está com boa cara. Estava doente, pois vi o doutor Blanchard entrar por duas vezes em Montillac?

Da soleira de sua porta, nada do que se passava na propriedade, onde servira durante tantos anos, podia lhe escapar.

— Não, Sidonie, era para Lucien.

— Pobre pequeno! Mas eu pensei que ele estivesse na Resistência...

Ele foi gravemente ferido. Agora está melhor mas não pode ficar em Montillac, seria muito perigoso para ele, que ainda está muito fraco para voltar para o campo imediatamente. Nós viemos lhe pedir se você aceitaria escondê-lo durante alguns dias em seu celeiro.

Como se precisasse pedir!...

— Mas isso pode ser grave para você, se os alemães vierem a saber.

— Nisso nem se fala. Quando é que o trazem?

— Esta noite.

Muito bem. Quem vai saber onde ele está?

— Se pudermos evitar de dizer à mãe dele, só nós três.

— Ele pode andar?

Penso que sim, mas vai ser preciso passar o cipreste grande, onde o caminho não é tão bom.

— Eu irei ao seu encontro. Espero por vocês na terceira ala da vinha, que vem da horta.

Léa acabou o seu copo de licor e disse, beijando-a:

— Obrigada, Sidonie.

— Não há de quê, pequena... Você não acredita que eu deixaria apanhar, por aqueles porcos boches, o filho da família do senhor Pierre?

No caminho de volta, Léa e Camille não disseram nada.

Ao chegarem à casa, Camille disse:

— Nem uma palavra a Laure sobre esta nossa visita.

— Como pode acreditar que Laure fosse dizer onde Lucien está escondido?

— Desconfio sempre de uma moça apaixonada.

Léa olhou-a sem compreender.

— Não vai pensar...

— É preciso prever tudo. Laure anda aborrecida. Seus amigos estão em Bordéus, nós não vemos ninguém. É normal que ela seja sensível à corte de um rapaz.

Mas ele se serve dela.

— Provavelmente. Compete-nos convencê-la... Vou lhe falar. A noite estava escura, um vento morno soprava de Landes.

Três silhuetas avançavam ao longo da alameda dos ciprestes.

— Está bem, querido? Não lhe dói muito, meu amor? — murmurou uma voz ansiosa.

Não, mãezinha... Tudo bem.

— Psiu! Calem-se... Tenho a impressão de que vem gente. — Todos se imobilizaram.

O barulho de passos batendo nas pedras e esmagando a urze, se fazia ouvir pelo caminho que bordejava as vinhas, por baixo da alameda.

— Depressa, abaixem-se!

Os passos afastaram-se, regulares e calmos.

— Lucien, Léa, quem era?

— Fayard, de vez em quando ele faz rondas para ver se está tudo bem. Mas não gosto disso.

— Por que não está com seu cachorro? — perguntou Lucien, em voz baixa. — - Sim, na verdade... É curioso. Decerto tem medo que o cão faça muito barulho ao avistar qualquer caça.

— Não façam tanto barulho! Ele vai acabar ouvindo.

Ficaram imóveis por alguns instantes, depois entraram na vinha.

— Ah! Aqui estão! Começava a ficar aflita. Senhora Bernadette, não devia ter vindo.

— Não tenha medo. Saberei calar-me.

— Eu compreendo senhora Bernadette, eu compreendo...

— Vamos nos apressar, estou cansado — disse Lucien, avançando sustentado pela mãe e pela prima.

Caminharam um momento em silêncio.

— Sidonie, agradeço-lhe por querer esconder meu filho em sua casa.

— É normal, senhora Bernadette. Avisei o doutor Blanchard que Lucien está agora em Beilevue. Ele passará por aqui amanhã, para cuidar do meu reumatismo.

— Ai! Meu Deus!... — exclamou Bernadette Bouchardeau.

Lucien estava quase caindo.

— Sente-se mal, meu filho?

— Não, mãezinha... Não. As minhas mãos dóem-me muito e é tudo.

— Chegaremos logo.

Na mesa da modesta sala comum da casa, Sidonie tinha disposto uma refeição que eles comeram à luz de vela. Um pouco reconfortado com aquele vinho, Lucien levantou-se.

— Mãe, agora deve ir embora e prometa não voltar aqui enquanto Sidonie ou o doutor Blanchard não a avisarem.

— Mas, meu filho!...

— Mãe, se eles me prendem, vão me torturar e eu denunciarei os meus camaradas... Já sofri tanto, sofro ainda tanto que não poderei suportar novos sofrimentos. Compreende?

Bernadette Bouchardeau chorava de cabeça baixa, torcendo entre os dedos o seu lenço úmido.

— Farei como quiser.

— Obrigado. Eu sabia que podia contar com a senhora disse ele, enlaçando-a entre as mãos envoltas em enormes ataduras brancas.

— Não se preocupe, dona Bernadette, eu velarei por ele como se fosse meu filho.

— Não precisa que o ajude a subir para o celeiro? — perguntou Léa.

— Não, obrigado. Até logo, cuide-se.

— Até logo, Lucien — disse ela, abraçando-o.

Lá fora, uma chuva miudinha começara a cair. Estava muito escuro e as duas mulheres torciam os pés nas valetas. Até Montillac, não trocaram nenhuma palavra. Sempre em silêncio, abraçaram-se ao pé da escada que conduzia aos quartos. Como se carregasse um pesado fardo, Bernadette Bouchardeau subiu lentamente a escada.

Léa fechou a porta à chave e empurrou o sólido trinco. Inspecionou, na sala, se as janelas estavam bem fechadas. Aqueles gestos cotidianos, completados no escuro, fizeram-na sorrir: "Todas as noites, faço as mesmas coisas que meu pai: verificar se as janelas e as portas estão bem fechadas. Era inútil ir ao escritório, visto que já havia passado por lá antes de ir a

Beilevue. Mas!... Ora! Esqueci de apagar a luz".

— Oh!

Instalados confortavelmente, um e outro, de cada lado da lareira onde as brasas acabavam de se consumir, Camille e François Tavernier conversavam calmamente.

Petrificada, Léa ficou no umbral da porta.

De um salto, François estava junto dela, machucando-a de tanto que a apertava contra si. Ele estava ali... Ele viera... Já não tinha medo, ele iria protegê-la. — - Bem, vou deixá-los. É bom ver como Léa está feliz por vê-lo — disse Camille, levantando-se.

Continuando com Léa abraçada, François pegou a mão de Camille e a beijou.

— Obrigado, senhora d'Argilat, por me fazer companhia, apesar de tão cansada.

— Ruth preparou-lhe o quarto dos passarinhos, Léa vai lhe mostrar.

Boa-noite.

Eles devoravam-se com os olhos, incrédulos, não imaginando sentir tanto prazer na contemplação um do outro. Com a grande mão, ele desenhava-lhe os contornos do rosto, do pescoço e dos lábios, Léa deixava-o fazer, atenta à voluptuosidade que nascia sob aquela ligeira carícia. Por fim, as bocas uniram-se.

O profundo beijo os fazia tremer. Lentamente as mãos, belas e sábias, retiraram suas roupas... Ela acariciava a nuca curvada, enquanto ele enrolava suas meias. Ela apoiava-se em seu ombro abandonando-lhe o pé. Logo estava nua. Esplendidamente nua. Seu corpo, iluminado pelas últimas chamas das brasas, dava, apesar da sua graciosidade, uma impressão de força selvagem, de poder, frágil e ao mesmo tempo indestrutível. Aos seus pés, com a cabeça erguida, ele olhava-a fascinado. Léa ergueu-o e, por sua vez, despiu-o. Mas seus dedos por demais impacientes eram desajeitados. Sorrindo docemente, ele afastou-os, num instante estava nu, nada constrangido por seu sexo hirto. Levantou-a e levou-a para o velho sofá, onde tantas vezes, garota, seu pai a consolava de seus desgostos. No espaço de um instante, o cheiro do couro e o seu contato fizeram-na voltar ao tempo de sua infância. A imagem de seu pai surgiu por detrás das pálpebras fechadas. Brutalmente abriu os olhos. Debruçado sobre ela, François murmurava o seu nome.

— Vem — disse ela.

Muito tempo fizeram amor, o desejo sempre renovado. De madrugada, cansados, com o sexo dolorido, abraçaram-se num sono curto.

Os primeiros clarões da manhã os despertaram.

Titubeantes, rindo muito, vestiram-se.

Léa empurrou François para o quarto dos passarinhos, que se oferecia aos amigos e fechou a porta atrás deles. Arrancaram a roupa e precipitaram-se para a cama sob o edredon de cetim de ouro desbotado. Agarrados um ao outro, voltaram a dormir imediatamente.

— Léa, acorde... Mas onde está ela?

Laure bateu a uma porta.

— Bom-dia, Camille, desculpe, mas viu Léa, daqui a pouco é meio-dia e Maurice não vai demorar.

— Bom-dia, Laure. Não, ainda não a vi. Ela deve estar com certeza no jardim ou na horta.

— Não, já fui lá. Ela não deve estar longe porque sua bicicleta está ali... Ela talvez esteja com o amigo que chegou ontem à noite ... Tu não achas esquisito essa gente que chega em plena noite sem avisar?...

— O senhor Tavernier foi sempre original...

— Oh! Desculpe, esqueci-me dos meus ovos com creme no forno...

Logo que ela partiu, Camille bateu à porta do quarto dos passarinhos.

— Senhor Tavernier é preciso levantar-se, é meio-dia.

— Obrigado, senhora d'Argilat, vou levantar-me... Meu amor acorde.

Léa abriu os olhos e voltou a dormir.

— Estou com sono...

— Minha querida, é preciso levantar-se, é meio-dia.

— Meio-dia!

De um salto, pôs-se de pé.

— Depressa, depressa, não temos um minuto a perder. O convidado de Laure vai chegar.

— Esperará um pouco.

— Oh! Não. Prefiro que ele não espere. Mas você? Não pode ficar aqui.

— Mas por quê? Tem vergonha de mim? — disse ele, derrubando-a na cama. — - Não se finja de idiota. É muito importante. Onde está minha saia?... Não encontro uma meia... E os meus sapatos...

Ajude-me.

— Tome, encontrei isso.

Ela arrancou-lhe das mãos a combinação.

Vista-se depressa, eu vou mudar de roupa e volto já. Ele tentou agarrá-la, mas, rápida, ela lhe escapou.

Quando voltou ao quarto, vestida com o conjunto de lã azul que pertencera à mãe, e que Ruth havia reformado, com os cabelos levantados, deixando sua nuca à mostra, François, de barba feita, acabava de dar o nó na gravata.

— Como você está bonita!

Vestiu o paletó.

— Como está elegante!... Por pouco vão pensar que se veste em Londres.

— Não irei levar a provocação tão longe. Mas ainda existem excelentes alfaiates em Paris, basta poder pagar. Fale-me agora do convidado cuja vinda a põe fora de si.

Rapidamente contou-lhe o que soubera pelo tio e o que ouvira sobre o bando de Maurice Fiaux. Falou-lhe também de Mathias e da visita de Raphael Mahl.

— Esse homem ainda vive? — interrompeu François.

— Está mais vivo do que nunca... Mas Maurice Fiaux, o convidado de Laure, é o pior de todos. Eis por que penso que é melhor que ele não o encontre, compreende?

O barulho de uma corrida na escada e uns chamados os separaram. Léa entreabriu a porta.

— Já vou.

— Diga para pôr mais um lugar.

— Mas...

Faça o que lhe peço.

— Laure?

— Sim!

— Lembrou-se de pôr mais um lugar para o senhor Tavernier?

— Evidentemente!

Léa voltou a fechar a porta.

Mas está louco! ... Se ele adivinhasse?...

— Adivinhasse o quê?

— Que é da Resistência.

— Bah!...

Léa bateu o pé.

— Acabo por me aborrecer! Como quer que o apresente?...

— Diga que sou um homem de negócios parisiense, que faz uma visita a um colega de Bordéus e que aproveitei para vir vê-la.

Mas quando ele rever Raphael...

— Não se preocupe com Raphael, ele é sobretudo perigoso para si mesmo. Venha, meu amor, estou com vontade de ver com que se parece um gestapista francês de Bordéus...

No final da escada toparam com Laure.

— Ele acaba de chegar... Léa, não posso acreditar em tudo o que me disse...

— Irmãzinha, é a verdade. Não se esqueça de que sua vida e a nossa dependem de sua atitude.

— Sim — disse ela. — Onde está Lucien? Camille disse-me que ele foi embora ontem.

— Eu não sei. Uns amigos vieram buscá-lo. Vamos encontrar seu convidado... Ah! Apresento-lhe um amigo de Paris, François Tavernier.

— Bom-dia, senhorita!

— Bom-dia, senhor!

Juntos, entraram na sala onde já estavam Bernadette Bouchardeau, Camille e Ruth, que enchia os copos com o vinho branco doce de Montillac.

— Até que enfim, aqui está — exclamou Bernadette com um tom fingidamente descontraído. — Vamos beber sem vocês.

— François, deixe-me que lhe apresente um dos amigos de Laure, o senhor Fiaux, Maurice... Não se importe que o chame Maurice?... Apresento-lhe o senhor Tavernier, um velho amigo parisiense, que nos deu o prazer de sua visita por ocasião de sua viagem a Bordéus.

— Bom-dia, senhor. É seu o jipe que vi ali?

— Sim... Se quiser... O meu correspondente em Bordéus emprestou-me para vir até aqui.

— Negoceia vinhos, senhor?

— Ocupo-me de tudo o que houver para vender, do vinho aos metais, passando por tecidos e rações alimentares.

— Não tem muita dificuldade em fazer suas provisões?

— Não, tenho as melhores relações nos meios governamentais. Em Vichy, vou almoçar com Pierre Lavai e em Paris..., com algumas facilidades... Sabe o que quero dizer?... Pode-se fazer muitos bons negócios.

Maurice Fiaux terminou seu drinque com ar sonhador. François notou, divertido, que o vinho de Montillac era bem melhor em Montillac do que em Paris.

— Para a mesa — disse Laure, com ar preocupado. O meu suflê vai baixar.

Esse almoço!... Nunca Léa, a gulosa, teria pensado que uma refeição lhe parecesse tão demorada. Mal conseguia comer seu frango, e deixara mesmo um bom pedaço no prato. Em contrapartida, bebera muito. Maurice Fiaux também.

Habilmente, Tavernier o havia feito falar sobre si mesmo e do que fazia. Primeiro com prudência, depois, com a ajuda do vinho, o jovem havia se mostrado, falando do seu trabalho na prefeitura.

Verifico se o endereço dos judeus que devem ser presos está correto..., que os membros da família estão todos ali. É um trabalho de confiança, porque alguns dos policiais encarregados dessa missão deixam fugir alguns — disse ele, com ênfase.

Léa quase que gritou quando sentiu um pé tocar o seu. Era François que dizia, sorrindo:

— Essa consciência profissional honra-o. Ah! Se todos os rapazes fossem como você..., a França, com a ajuda da Alemanha, voltaria a ser um grande país.

— Não precisamos ser muitos. Um punhado de homens determinados bastará para eliminar essa escória judia.

Você sabe para onde os levam? — perguntou Laure com voz doce.

— Para Drancy, eu creio, depois de lá para os campos de concentração da Alemanha, mas poderiam também mandá-los para o inferno, que isso me seria completamente indiferente.

— Eas crianças também trabalham por lá? — havia murmurado Camille.

Não, minha senhora, por humanidade não as separamos das mães.

Quando ele falou em "escória judia", Léa havia revisto o rosto queimado e o corpo torturado de Sarah, e voltado a ouvir a voz rouca com leve sotaque: "os nazis querem nos matar a todos...

mulheres e também crianças".

Com alívio, viu-o levantar-se.

— Desculpem-me, tenho de ir embora, estão à minha espera... para negócios — disse ele, com leve cinismo.

Saudou-os a todos efusivamente. Laure o acompanhara até o carro.

Ninguém havia dito nada até a volta de Laure, que se lançou nos braços de Ruth.

— Nunca mais quero vê-lo... Nunca mais quero vê-lo — soluçava ela.

Camille, Léa e François haviam descido lentamente até o terraço, onde, em silêncio, deixaram o ar úmido e perfumado de abril tentar expulsar seus negros pensamentos.

À tarde, o doutor Blanchard passou para dar notícias de Lucien. O rapaz estava o melhor que era possível. Mas chamou Léa à parte.

— Raul e Jean Lefèvre entregaram-me esta carta para você.

Um raio de alegria desanuviou o lindo rosto de Léa.

— Raul e Jean!... O senhor os viu?

— Sim.

— Como estão eles?

— Muito bem. Se quiser vê-los, venha à minha casa na hora de consultas.

Léa abriu a carta e leu:

"Rainha do nosso coração, a sua lembrança nos ajuda a viver.

Sabê-la tão próxima de nós nos deixa loucos e não resistimos ao desejo de contemplá-la. Venha logo, nós a esperamos com paciência e angústia. Seus escravos devotados J. e R."

Ela sorriu.

— Uma boa notícia? — perguntou François Tavernier.

— Lembra-se daquele rapaz que estava à minha espera na igreja de Saint-Eustache? Com a

Petite Gironde no braço?

— Jean Lefevre?

— Sim, esta carta é dele e do irmão. Estou tão contente!... Tinha tanto medo de que Raul tivesse sido morto ou ferido durante a fuga.

— Tem certeza de que é a letra dele?

— É não só a sua letra, mas o doutor Blanchard disse-me que eles estão em casa e que eu poderia ir lá vê-los amanhã.

— Não vá!

— Por quê?

— Não sei. Há qualquer coisa que me faz desconfiar.

— É normal que eles gostem de me ver... A força de freqüentar gente como os seus amigos de Paris, vê traidores e malandros em toda a parte.

— Talvez tenha razão. Vamos dar uma volta ao famoso Calvário onde brincava quando era pequena.

Léa corou ao pensar no jogo muito menos infantil que brincava com Mathias numa das capelas.

François reparou nisso.

— Diga-me, marota, brincou lá de outra coisa além de esconde- esconde?

— Vamos pelo pinheiral, assim evitaremos Beilevue.

Quando estavam sob as árvores, ao abrigo dos olhares, os dois amantes enlaçaram-se e desceram lentamente as ladeiras do Calvário, parando em cada uma das estações da Via Sacra para olhar as capelas de pedra.

Diante da sétima estação, Léa não disse nada. Chegaram à vereda estreita que rodeava o cemitério. A porta estava aberta e eles entraram. Fazia muito tempo que Léa não ia até o túmulo de seus pais, e sentiu- se culpada. Mas o túmulo não parecia abandonado. Belos ciclames brancos, como sua mãe tanto gostava, estavam pousados na pedra. Só Ruth podia ter o culto das recordações e da amizade.

O peso da ausência inclinou-a para o chão procurando em vão as palavras de uma prece.

Um tiro estalou.

— Isso vem da praça — exclamou Léa, levantando-se.

Correu através dos túmulos, escorregando no cascalho das ladeiras mais íngremes e esburacadas. Seu movimento fora tão rápido que surpreendeu seu companheiro.

— Léa... espere por mim.

Sem se voltar, continuou sua corrida, atravessou o portão e desceu as escadas que desembocavam na igreja de Verdélais. Ali parou. Tudo estava calmo, calmo demais. A praça

estava deserta, o que não era habitual àquela hora do dia.

No momento emque Tavernier a alcançou e agarrou seu braço, ouviu-se uma outra detonação.

— A Gestapo — murmurou ele, indicando os dois carros negros parados diante da mercearia da senhorita Biancou.

O trote de um cavalo e o rodar de uma carroça foram ouvidos.

François empurrou Léa contra a parede.

— É o carro do doutor Blanchard...

— Tem certeza?

— Toda a gente aqui conhece a charrete do doutor Blanchard.

— Meu Deus!...

No momento em que ele se levantava, o carro passava a trote ligeiro.

— Doutor!... Doutor!...

O carro continuou seu caminho, deu a volta no fundo do largo e veio colocar-se diante da casa vizinha da mercearia. No mesmo instante, as quatro portas de um dos carros abriram-se. Três homens bem- vestidos saíram de metralhadora em punho. Um oficial alemão saiu por sua vez sem se apressar e dirigiu-se ao doutor Blanchard, que acabava de prender o cavalo à tília, como de costume.

Lentamente, François obrigou Léa a recuar... Subiram as escadas que conduziam à pracinha onde se encontrava o monumento aos mortos. Ali, estenderam-se de barriga na areia. De onde estavam, dominavam a praça e a cena de que foram espectadores impotentes; as folhas novas das tílias ainda não escondiam as fachadas das casas.

O tempo parecia suspenso no nó das rédeas de couro ao lado da árvore... Quando verificou que estava sólido, o velho médico voltou-se.

A fala do oficial chegava-lhe confusa, Os gestos do doutor Blanchard pareciam indicar que ele nada sabia. Com certeza ele não respondia como devia, porque os dois homens lançaram-se sobre ele e bateram- lhe com as coronhas das armas.

Léa queria saltar, mas François manteve-a no chão...

Então tudo se passou rapidamente. Tiros partiram da casa do médico.

Um jovem saiu, com as mãos crispadas no peito, deu alguns passos e caiu dobrado sobre si mesmo, perto do amigo do padre Adrien, cujos cabelos brancos estavam empapados de sangue.

— Jean!... — gemeu Léa.

Um prolongado grito de mulher fez-se ouvir. Era a criada do médico que, vendo o patrão ferido, corria para ele. Um homem a seguia, com os braços levantados, também ferido no rosto.

— Raul!...

Dois civis armados tentaram empurrar a criada. Ela agachou-se gritando para aquele que durante toda a vida havia servido e amado. Um horrível pontapé a fez largar a presa... Ela voltou à carga. Um tiro estourou por detrás dela. O pesado corpo caiu. O homem que havia atirado usava um chapéu.

— Não!...

A areia abafou o grito de Léa.

O do doutor Blanchard chegou até eles, terrível.

— Marie!...

Atirou-se para socorrê-la. Uma pancada na nuca derrubou-o. Dois homens levantaram-no e levaram-no para um dos carros.

Fizeram a mesma coisa a Jean. No segundo carro empurraram Raul. As portas bateram, os automóveis arrancaram, levantando uma nuvem de pó. Tomaram a direção de Saint-Maixant. Uma camioneta cheia de soldados alemães surgiu e seguiu-os. Todas as precauções tinham sido tomadas. O pó recaiu suavemente sobre o corpo da criada. O cavalo não se movera.

Ainda estendidos na areia do largo do monumento aos mortos, Tavernier sustentava Léa, que vomitava. O negociante de medalhas, mesmo em frente do monumento, correu até eles, com os olhos rolando em todos os sentidos.

— Vocês viram?... Vocês viram?...

Os aldeões começavam a aproximar-se.

— A senhorita está ferida?

Não, pode buscar um pouco de água?

— Sim, com certeza...

Ele voltou com um balde trazido do cemitério, que encheu de água na bomba. Encostada a uma árvore, Léa não vomitava mais. Seu rosto salpicado de areia e de lágrimas estava irreconhecível.

— Vocês viram?... Vocês viram?... — continuava a perguntar o comerciante, colocando o balde perto deles.

Depois partiu correndo para casa do doutor Blanchard. François molhou o lenço na água e lavou a pobre figura.

— Estou com sede.

Das mãos fez uma concha que ela sorveu avidamente por três vezes.

— Por que não fez nada?... Deixamo-los prender e matar à nossa vista...

— Não podíamos fazer nada... Acalme-se.

— Não quero me acalmar. Pelo contrário, quero gritar.., lutar.

— Por agora, a melhor maneira de lutar é retomar o seu sangue frio.

— Se tivéssemos armas...

— Mas não as tínhamos e éramos dois contra dez, talvez vinte.

Armados ou não, nós não tínhamos nenhuma possibilidade de os salvar, mas a certeza de desencadear uma carnificina e de sermos presos.

Léa, com o rosto coberto de lágrimas, batia cada vez com mais força com a cabeça contra o tronco da árvore.

— Talvez... Mas teríamos feito qualquer coisa.

— Basta! Vai se machucar. Pense antes em avisar aqueles que podem ser presos. Os seus amigos arriscam-se a falar. A regra número um da clandestinidade é de desaparecer quando algum membro do grupo é preso...

Como que picada por uma vespa, ela se levantou.

— Lucien! Depressa.

Sem um olhar para a praça que se enchera de gente, Léa correu pelo caminho do Calvário. Sempre correndo, chegou à sétima estação e entrou na capela, com François no seu encalço.

— Ajude-me! Levante esta pedra quebrada.

François obedeceu. Debaixo da pedra rachada, escondiam-se espingardas, revólveres, metralhadoras, uma pistola- metralhadora, granadas e munições, envolvidas numa lona.

— Que arsenal! — disse ele, com um assobio de admiração, pegando numa metralhadora. — São Stens, muito bons para o combate a curta distância, mas terrivelmente perigosos nas mãos de um desajeitado. Que está fazendo?

— Você está vendo. Pego os fuzis.

— Deixe isso! Não pretende levar essas armas para Montillac em pleno dia.

— Mas...

— Não hámas, ponha uma granada em cada um dos bolsos, eu levo dois revólveres e três pacotes de balas. Se for necessário, voltarei para buscar o resto esta noite... Vamos recolocar a pedra.

Depois de terem coberto cuidadosamente as armas, fecharam o esconderijo. Com alguns ramos, François apagou o traço da sua passagem. Quando acabou, tomou Léa nos braços e beijou-a.

— Não é ocasião para isso. Deixe-me.

— Cale-se, pareceu-me ouvir barulho...

Em pé, à entrada da capela, deviam ser um belo alvo.

— Vamos embora, devo ter-me enganado.

A sua volta, a colina cheia de capelas parecia deserta. Mas como saber?... Em cada uma delas alguém poderia estar escondido, observando.

Foram até os pés das três gigantescas cruzeiras que dominavam o panorama. Olhando os dois ladrões, François disse, como se falasse para si mesmo:

— Sempre me perguntei se valia mais ser crucificado com pregos ou atado...

Aborrecida, Léa afastou-se dele.

— Não seria melhor deixar para mais tarde esse tipo de reflexões?

Ao sair do bosque do Calvário, passadas as antigas minas, a propriedade de Montillac estendia-se diante de seus olhos.

Sem terem combinado, pararam.

— Tudo tem um ar normal... Que pensa? — perguntou Léa.

— Como posso saber?... Eles talvez nos esperem lá em casa. Vou na frente.

— Não. Não quero!... Venha — disse ela, voltando a partir. — Vou passar por Believue. Se houver qualquer coisa de anormal, Sidonie saberá.

— Sidonie? Não é em sua casa que está escondido o seu primo Lucien?

— Quem lhe disse isso?

— A senhora d'Argilat.

Bela, a cachorra de Sidonie, veio ao seu encontro, saltando e latindo.

Quando entraram em casa, Sidonie colocou na mesa uma velha espingarda de caça.

— Bem me parecia, pelo latido do cão, que era você, mas qualquer coisa no som de sua voz me dizia que não vinha só.

— É um amigo. Não percebeu nada de particular nos lados de Montillac?

— Não, a não ser o convidado desta manhã. Este senhor?

— Não. Ele chegou esta noite quando eu estava aqui.

— É curioso porque não ouvi nada... Diga-me, você chorou?

— Oh! Sidonie! — disse ela, lançando-se ao pescoço da velha.

— Minha pequenininha. O que houve?

— Eles mataram Mame..., e... prenderam o doutor Blanchard...

— Meu Deus!

— E Raul... e Jean...

— Senhora, não há tempo a perder, é preciso que Lucien saia de sua casa, não está mais em segurança.

Sidonie empurrou suavemente Léa e deixou-se cair numa cadeira, de narinas arquejantes e respiração ofegante, apoiando uma mão no peito. Com a outra, apontou o armário. François compreendeu. Abriu o móvel e encontrou numa prateleira um frasco em que estava escrito:

dez gotas em caso de se sentir mal...

— Traga-me água.

Léa pegou num cântaro que estava no chão e derramou água num copo, que estendeu a François.

— Beba — disse ele, forçando os lábios da doente.

Lá fora, Bela arranhava a porta uivando.

— Ela irá morrer?

— Não, olhe... Parece menos aflita. Que barulho é este?

Um alçapão acima de suas cabeças rodou entre duas traves. Lucien! — gritou Léa.

— Vá buscar a escada que está lá fora.

Deixe, que eu vou — disse François Tavernier.

Logo estava de volta e apoiou a escada contra a abertura. Sem a ajuda das mãos, Lucien desceu.

Ouvi tudo. É amigo de meu tio Adrien, não é verdade?

— Sim. Está melhor, minha senhora? Devia deitar-se.

Sidonie deixou-se levar para a cama que estava na sala, e François deitou-a com precaução.

— Muito obrigada, senhor. Muito obrigada... Agora cuidem do rapaz.

Lucien aproximou-se e beijou-lhe a testa.

— Nunca esquecerei, Sidonie. Obrigado por tudo.

— Ande, ande, vá embora...

— Por enquanto não. É preciso esperar pela noite. Com Léa vamos a Montillac buscar o carro e chamar o médico.

— Se é para mim, não vale a pena... Perguntem só à senhorita Ruth se não quer vir passar a noite aqui.

— Como quiser, minha senhora.

— Voltem depressa. Tenho a impressão de estar numa cilada sem nenhum meio de me defender — disse Lucien, mostrando os cotos.

Há dez minutos andavam sem dizer nada, perscrutando a estrada mal iluminada pelos faróis pontilhados de azul.

— Onde me leva?

— Para a casa de uns amigos, em Saint-Pierre d'Aurillac — respondeu Léa.

— Eles fazem parte da Resistência?

— Sim.

— Um amigo marinheiro e o irmão... Onde estamos? Não vejo nada...

Penso que estamos em Gaillard... Sim, é isso, vamos chegar logo.

Saíram da aldeia e rodaram por alguns instantes no campo. De repente apareceram mais casas.

— Paramos na pracinha atrás da igreja. O café Lafourcade é do outro lado da estrada, em frente ao monumento aos mortos.

Espere-me, volto já.

Alguns minutos depois ela já estava de volta.

— Apressem-se, eles nos esperam.

Atravessaram a estrada e subiram os dois degraus do café na entrada de uma ruela. Na sala mal iluminada, distinguiram mesas de madeira e cadeiras. Uma mulher de uns cinquenta anos, vestida de preto, aproximou-se.

— Entrem, meus filhos, sejam bem-vindos. Oh! O pobrezinho! O que lhe aconteceu?

— Ao manipular explosivos perdi a mão.

— Que desgraça! Venha sentar-se. Jeannot, sirva uma bebida.

Num copo grosso, o vinho tinto e espesso tinha um gosto de pedra, deixando os lábios manchados.

Os dois irmãos, Jeannot e Maxime, devoravam com os olhos a linda jovem sentada no canto da mesa, que bebia o vinho de seu pai.

François Tavernier contou o que acontecera em Verdelaís.

— Nós soubemos por um garoto de lá que serve de correio... Vocês os conheciam bem, penso eu, senhorita?

Léa baixou a cabeça incapaz de impedir que as lágrimas rolassem.

— Sim... Conhecia-os desde pequenos. Foi o doutor Blanchard que me pôs neste mundo e... Raul e Jean os meus maiores amigos de antes da guerra... Não compreendo...

— Foram traídos. Logo que o doutor Blanchard partiu para fazer visitas, um carro chegou, onde havia um oficial alemão e três civis. Uma camioneta cheia de soldados estava escondida mais embaixo... É inútil lhe dizer que toda a gente se trancou em casa.

Depois chegou um outro carro conduzido por um rapaz. Tocou à porta do médico. Vieram abrir e não se sabe o que aconteceu. As pessoas ouviram dois tiros.

— Nós também ouvimos.

— Sabem o que aconteceu depois.

— Para onde os levaram? — perguntou Léa.

Maxime virou a cabeça e foi o irmão quem respondeu:

— Foram para Bouscat, a sede da Gestapo.

— Os três?

Sim.

— Mas eles estavam feridos!

— Essa escória pouco se importa... Os feridos deixam-os morrer num canto.

— Não se pode tentar nada? Por enquanto, não.

— Oh!...

Exupérance, não perca a coragem, um dia eles pagarão por tudo isto — disse Maxime. — Enquanto espera, vamos esconder o ferido, cuidar dele e conseguir passá-lo para a África do Norte.

— Vocês vão ter muita despesa. Tomem este dinheiro.

— Senhor disse a mãe —, nós não fazemos isso por dinheiro.

— Eu sei, senhora Lafourcade, o que vocês fazem não tem preço. Mas o caminho-de-ferro e o médico têm... Exupérance...

seria imprudente ficar mais tempo.

Ele tem razão. Vão-se embora antes do toque de recolher. François inclinou-se diante da senhora Lafourcade.

— Senhora, dá-me a honra de beijá-la?

A honra é minha — disse ela, rindo e dando-lhe sonoros beijos.

— Tome bem conta dele disse Léa, beijando-a por sua vez.

— Não receie nada, está em boas mãos.

Jeannot foi ver se o caminho estava livre e acompanhou-os até o carro.

Encolhida junto de François, Léa não conseguia dormir.

Continuamente desfilavam à sua frente as cenas sangrentas daquela tarde. Arrependia-se de não ter pensado nas armas. Alguém os havia traído... Quem podia estar ao corrente dos irmãos Lefèvre em casa do doutor Blanchard?... Ela mesma só o soubera uma hora antes do drama. Que dissera Maurice Fiaux?

Esperam-me para negócios". Apesar do chapéu ela estava certa de que ele abatera Marie e ferira Jean no ventre. Era então esse o "negócio" de que falara com ar tão satisfeito. Um assassino, tinha dito Adrien. Era um assassino que havia deitado os olhos sobre sua irmãzinha... Era absolutamente preciso afastar Laure de Montillac; Léa adivinhava que, apesar de advertida sobre quem era Maurice Fiaux, estava subjugada por ele. Depois do alemão, o da Gestapo...

o seu pai iria se virar no túmulo. Enfim, adormeceu.

— Léa... Léa... Não tenha medo. Ainda estou aqui. Ainda o pesadelo?

— Sim. Eles me perseguem sempre em Orléans em chamas... eu chamo..., e ninguém vem..., eles são cada vez mais numerosos a querer me matar e desta vez... Maurice Fiaux está com

eles... Era ele... Não é verdade?

— Sim, penso que sim.

— Como se pode matar com tanta indiferença? Não acha isso estranho?

— Estranho? Não. Eu vi na Espanha e agora na França muitos homens capazes disso.

— E você seria capaz?

— Se fosse preciso.

— Já o fez?

A rápida críspação que transformou o rosto de seu amante não lhe escapou.

— Sim, quando foi necessário.

— Com a mesma indiferença?

— Indiferença?... Não, determinação, sim. Mesmo você, quando...

— Não era a mesma coisa!... Ele iria nos matar... Eu não tinha escolha!

— Estou de acordo, mas, se voltasse a acontecer, tornaria a fazê-lo, sabendo agora que matar, em certos casos e para certas pessoas, é muito fácil. — - Que está dizendo? É horrível... Compara-me a esse assassino.

— Tem de reconhecer que, se tivesse hoje mesmo possibilidades de o matar, o faria.

Léa refletiu.

— Sim.

— E obedeceria a um sentimento de vingança, enquanto que Fiaux o fez com a pureza da indiferença.

— É absurdo.

— Concordo. A esta hora da noite, estou pronto a dizer seja o que for de tanto sono.

— É divertido, só pensa em dormir!

— Eu vou lhe mostrar se só penso em dormir!

Camille havia levantado três vezes para dar de beber ao pequeno Charles, que há dois dias estava com febre.

"Um grande resfriado", diagnosticara na véspera o doutor Blanchard.

Agora estava dormindo. Ela não se cansava de olhar para ele, tão vulnerável em seu abandono. Em criança, Laurent devia ter a mesma expressão, os mesmos cabelos loiros, a mesma fragilidade. Quando voltaria a vê-lo? Durante a doença, cada vez que acordava, Camille havia esperado vê-lo à sua cabeceira.

Andava de um lado para outro, tentando com esse movimento esconder a sua angústia e pensar em outra coisa... No dia seguinte iria avisar Bernadette Bouchardeau da partida do filho.

Previra gritos, lágrimas, e os receava. Como gostaria de poupar esse desgosto àquela mulher

um tanto ignorante. Léa lhe pedira, e Camille não sabia lhe recusar nada. "Gosto tanto dela como de Charles", dizia-se por vezes. Mulher racional, não compreendia muito bem a violência dessa ligação. "Gosto de vê-la viver, é mais intenso do que eu mesma viver. Tenho mais medo por ela do que por Laurent, talvez porque seja mulher e porque adivinho melhor o mal que lhe podem fazer, sobretudo depois da prisão na Gestapo e da cela do forte de Hâ. Quando não está em Montillac receio o pior. François Tavernier é como eu, tem medo de perdê-la." A pancada de uma pedra nas persianas da janela, contra a qual apoiava a cabeça, arrancou-a desses pensamentos. Apagou a lamparina que estava junto da cama do filho, voltou à janela, abriu-a e afastou ligeiramente as persianas. Em baixo, no pátio, a silhueta de um homem.

— Camille — sussurrou o desconhecido.

Essa voz... Era ele! Todo o seu mal-estar desapareceu.

Precipitou-se para a porta, desceu as escadas quase voando, atravessou o escuro da sala de jantar, abriu a porta e empurrou os grandes batentes da entrada. Laurent atirou-se em seus braços.

Pela primeira vez desde há mais ou menos três anos que Laurent d'Argilat e François Tavernier se encontravam frente a frente. Este encontro perturbou Léa, mais do que ela teria imaginado. Ver os dois homens juntos parecia-lhe de repente chocante. Laurent, com sua barba, os cabelos muito compridos e as roupas disformes, parecia um vagabundo ao lado de François, elegante demais em seu terno de bom feitio. Era Laurent quem agora parecia um aventureiro. "É o cúmulo", pensou Léa.

Falavam em voz baixa, a um canto do quarto das crianças, que Léa fechara a chave. De comum acordo, Camille e ela haviam decidido que Bernadette e Laure não seriam informadas de sua presença em Montillac.

O tempo estava sinistro e frio. Um verdadeiro tempo de Sexta-feira Santa.

— Onde está Charles? — perguntou Léa.

— Está brincando com Laure — respondeu Camille. — Se tivesse visto a cara engraçada que ele fez quando o pai o levantou nos braços! Desta vez o reconheceu.

Os dois homens voltaram.

— Nós estivemos pensando no que fazer, Tavernier e eu. Estou perfeitamente de acordo com ele; vocês têm de deixar Montillac durante um tempo e levar Laure.

— E Charles? — perguntou Camille.

— Também, evidentemente.

— Concorro com vocês, mas para onde ir?

— A Paris.

— A Paris!... — disseram elas ao mesmo tempo.

— Sim, é ainda lá que há menos perigo para vocês; por um lado por causa de Françoise,

por outro, por causa de Tavernier que pode organizar uma espécie de vigilância à sua volta.

— Mas você, Laurent, para onde vai? — perguntou Léa.

— Eu parto novamente esta noite. Um avião virá buscar-me para me levar a Londres e depois para a África do Norte.

Camille estremeceu.

— Você vai se deixar matar — soluçou ela.

— Arrisco do mesmo modo ficando aqui. Tenho até mais possibilidade de viver se partir.

— Então.., vá.

Léa sentara-se no meio dos almofadões, de sobrancelhas franzidas.

— Um sorriso, vá lá, querida amiga, senão vou pensar que continua apaixonada por este herói romântico — segredou François.

— Deixe-me em paz!

— Pare de demonstrar descontentamento, poderão notar.

— Que me importa!

— Não seja infantil, a situação se presta a isso. Está ouvindo?...

Bem. Vá telefonar às senhoras Montpleynet...

— Para quê?

— ... para lhes pedir que as recebam durante algum tempo...

— As três! Mais o bebê?

— Sim. Já amanhã. Se a Gestapo não vier antes prender a todos, partiremos para Bordéus, onde tomarei o trem com vocês para Paris.

— Mas Laure talvez não queira partir.

— É preciso convencê-la. É sobretudo ela que é preciso afastar de Montillac. Não deve rever Fiaux.

— Compreendo... Vou telefonar.

— Diga às suas tias que Camille precisa consultar um especialista e que você a acompanhará devido ao seu estado de saúde.

— E Laure?

— Diga que ela se aborrece, o que não é mentira.

— Em Paris, nós nos veremos?

— Tanto quanto possível, meu coração.

— Bem, vou telefonar. Acompanha-me?

— Não, ainda tenho qualquer coisa a dizer a Laurent antes de ir para Bordéus.

— Vai agora a Bordéus?

— Sim, vou tentar obter notícias dos seus amigos e cuidar das passagens de trem.

Durante o resto do dia, Léa teve de vigiar Laure. Ela não parava de chorar, encolhida numa das poltronas da sala.

— Mas, enfim, porque está chorando?

Essa pergunta redobrou-lhe as lágrimas e ficou sem resposta.

François Tavernier havia telefonado para dizer que só voltaria na manhã seguinte e que elas deviam estar prontas para partir. Ruth, avisada, havia aprovado a partida e convencido Laure da necessidade disso.

— Não se preocupe com nada — dissera a Léa —, eu olharei por tudo... Sidonie vai-se instalar aqui até que se restabeleça.

Promete que vai me escrever sempre, que vai me deixar a par de tudo?

Bernadette Eouchardeau, toda entregue ao desgosto de ter de novo perdido o filho, não fizera nenhum comentário. As dez horas, Laurent desprendera-se dos braços de Camille e depois de um último beijo na testa do filho adormecido, saíra na noite,. com a mochila cheia de roupa lavada. Léa o acompanhara até a estrada, passando pelo caminho sob o terraço para evitar a casa dos Fayard. Do fosso, surgira um homem que lhes acendeu a lanterna em pleno rosto.

— É você mesmo — disse, apagando-a. — Apressemos-nos, o avião não espera.

Do bosque, tirou duas bicicletas. Laurent beijou a fronte de Léa.

— Cuide bem de você e deles — recomendara, afastando os braços que tentavam retê-lo.

Capítulo 19

CENTO E NOVENTA E CINCO MORTOS!... Os bombardeios aliados tinham feito cento e noventa e cinco mortos em Bordéus, no dia 17 de maio de 1943.

Com que satisfação Hérold Paquis, da Rádio Paris, tinha dito e repetido aquilo. Os quarteirões da estação tinham sofrido, os trens circulavam mal. "Felizmente, pensou egoisticamente Léa, nós partimos a tempo."

Que confusão! Naquele sábado da véspera de Páscoa, uma multidão carregada de embrulhos, de cestos, de crianças, tomava de assalto os trens que partiam para Paris. Como François Tavernier conseguira ter compartimento de primeira classe só para eles? Aquilo parecia milagre, visto que mesmo os corredores de primeira estavam apinhados. Camille se recusara a acompanhá-los ao vagão-restaurante, tomando como pretexto o pequeno Charles.

Ao entrarem no vagão, Léa arrependeu-se de não ter ficado no compartimento comendo o que Ruth lhes havia preparado. Os comensais, na maioria, eram oficiais ou soldados alemães, e homens e mulheres, de aspecto muito próspero.

Muitas cabeças se viraram à entrada de duas moças bonitas.

Mostraram as senhas ao chefe de mesa para comerem uma das piores refeições da guerra. François rira diante do desapontamento de Léa, Laure praticamente havia deixado tudo no prato, sob o olhar esfomeado de um jovem soldado...

O prazer de rever Albertine, Lisa, Françoise e seu bebê devolveu a Laure uma parte de seu bom humor.

Léa achou as tias e Estelle envelhecidas e cansadas. Desde que chegaram, François viera jantar uma única vez na rua da Universidade, partindo logo em seguida à refeição.

Por carta, Ruth lhes comunicara o suicídio do doutor Blanchard.

Como o senhor e a senhora Debray, não hesitara em se matar para não falar. Jean e Raul Lefèvre estavam no forte de Hâ.

Tinham sido torturados.

Foi no carro que os levou a Bordéus que François Tavernier lhes contara o que soubera quanto a seu destino. Havia sido levados para o número 197, da estrada de Médoc, e interrogados o mais brutalmente possível, mesmo Jean, cujo ferimento no peito já o fazia sofrer.

Recusando-se a falar, tinham sido atirados para o porão e brutalmente espancados. Os carrascos tiveram de parar para não os matar. Tinham autorizado o doutor Blanchard a cuidar de Jean.

Conseguira extrair a bala que parecia não ter provocado grandes danos. Foi à noite que ele se suicidara, com a ajuda de uma cápsula de cianeto, fato que Tavernier soubera dias mais

tarde.

Laure nunca mais falou em Maurice Fiaux.

Nas vitrinas da livraria Galhimard, no bairro Raspail, só havia alguns volumes desbotados. Léa folheou um livro de páginas amarelas, cujo autor nada lhe dizia. O mesmo vendedor do início da guerra aproximou-se. Usava calças de golfe e uns sapatos de solas grossas de borracha.

— Não leve esse livro, senhorita, não vale nada.

— Não tenho nada para ler e não sei o que comprar... Como é que as prateleiras estão quase vazias?

— Neste momento vende-se seja o que for. Vendeu-se quase toda a totalidade do nosso estoque. Não conseguimos novo fornecimento.

— Mas por quê?

— Porque os franceses voltaram a ler. Que quer que eles façam? O cinema não é possível todos os dias, portanto lêem.

— Lêem o quê?

— Tudo o que há: Homero, Rabelais, Spinoza, os padres da igreja, eu sei lá?... Mas tenho qualquer coisa para você. Nós reservamos as novidades para os nossos antigos e bons clientes. Que diria do último romance de Marcel Aymé?

— Decididamente você gosta desse autor.

— Muito. Olhe, eu o dou embrulhado para que outras pessoas não o vejam.

— Qual é seu título?

— Le Passe-Muraille.

Voltou a sair, aconchegando o precioso embrulho ao peito. Enfim, tinha uma boa noite em perspectiva. Tudo o que havia na biblioteca das tias já fora lido e relido. Nunca Léa se aborrecera tanto em Paris, entre Camille, que consagrava todo o seu tempo ao filho, as tias que só falavam de abastecimento, Laure, que passava os dias e por vezes as noites em casa de Françoise, corria os bares e os salões de chá, Estelle, que se queixava cada vez mais das pernas!...

Montillac lhe fazia falta. Temia que durante sua ausência Fayard aprontasse das suas, apesar de Ruth e de Sidonie. Julho se aproximava e Léa não tinha a menor intenção de passar o verão ali.

Abafar-se. O que deveria ser do mês de agosto. Se ao menos François Tavernier se ocupasse em distraí-la... Mas não! Esse senhor havia desaparecido. onde estaria ele?

Com seus amigos em Londres ou com os de Berlim? Seria difícil que alguém informasse.

Os homens voltavam-se ao passar por aquela jovem bonita, num gracioso vestido azul-marinho de bolas vermelhas, que deixava a mostra as pernas com os pés calçados em sandálias de salto alto, brancas com solas duplas, presente de François. Toda entregue a seus

pensamentos mórbidos, não reparava em nada.

Na rua da Universidade Léa pousou o livro na mesa da entrada, junto de um chapéu. As tias estavam com visita.

— Até que enfim, chegou! Há mais de uma hora que o senhor Tavernier a espera.

Reprimiu o desejo de correr e de se atirar em seus braços.

— Bom-dia, pensei que estivesse morto.

— Léa!

— Deixe, minha senhora, é apenas uma gracinha. Este humor faz parte de seu encanto.

— Senhor Tavernier, é muito indulgente com esta criança.

— Tia Lisa, já não sou criança e pouco me importa a indulgência do senhor Tavernier.

— Que modos! O ar de Paris não lhe faz bem.

Não, aborreço-me.

— É bem o que eu receava. Vou levá-la a dar uma volta pelo campo.

— A esta hora?! Mas daqui a pouco são cinco horas.

— Não é muito longe... É a quinze minutos.

— E chama a isso campo?... A quinze minutos daqui?

— Vai ver, é um lugar selvagem e maravilhoso que pouca gente conhece.

Foi preciso muito mais de quinze minutos para chegarem onde Tavernier queria. Ele praguejava, seguindo pelas ruas de Bagneux, de Fontenay, Aux-Roses, de Seaux e de Bourglala-Reine.

Parou diante do letreiro de Châtenay-Malabry e consultou um mapa.

— Rua Chateaubriand, rua de Loup-Pendu... Ah! Aqui está, rua de Vallée-aux-Loups, é por aqui.

— Vai, por fim, dizer-me onde vamos?

— Comprar árvores...

— Comprar árvores!

Sim, prometeram-me uma estaca de uma árvore plantada por Chateaubriand.

— Que vai fazer com a árvore?

— Não é para mim. Um de meus amigos alemães, apaixonado por literatura francesa e grande admirador de Chateaubriand, pediu-me se era possível encontrar essa muda.

— Você está louco!

— Telefonei ao doutor Savoureux, que mora na antiga propriedade do grande escritor. Ele disse-me que não era eu o primeiro a fazer tal pedido e que, nesse momento, tinha um bonito e pequeno exemplar.

— Não tem mais nada a fazer além de procurar árvores para os seus amigos alemães? — perguntou Léa, com todo o desprezo de que era capaz.

— O meu amigo não é um alemão qualquer e essa muda não é de qualquer árvore. Percebe... O broto de uma árvore plantada com amor por Chateaubriand.

— Tenho a impressão de ouvir Raphael Mahl. Também ele me falou de Chateaubriand com lágrimas na voz e deu-me até um livro do seu grande homem...

— La Vie de Rancé?

— Como é que adivinhou?

— Não é muito difícil conhecendo um pouco Raphael Mahl... Já o leu?

— Tentei... Mas achei muito cansativo. A vida de um monge imundo do século XVII.

— Cale-se, infeliz! Entramos nas terras do autor dos Martys, cujo fantasma arrisca-se a deixar seu rochedo de Saint-Malo para vir lhe puxar as orelhas por ter ousado blasfemar.

Caminhavam numa larga alameda em rampa, bordejada por altas árvores que impediam de ver o céu. Pelos vidros abertos entrava um ar quente e úmido.

— É sinistro este seu lugar. Como se chama?

— La Vallée-aux-Loups.

— É bem o que eu disse, parece uma encruzilhada digna dos romances de Ann Radcliffe.

— Leu os romances de Radcliffe?... — falou ele, com tal espanto que Léa ficou envergonhada.

— Pensa que é o único que sabe ler? Minha mãe adorava os romances ingleses dessa época, ela os leu todos e eu também.

Sem dúvida deve achar essa literatura muito sentimental... Feminina demais.

— Que ímpeto! ... Não imaginava que apreciasse tanto os romances do gênero. Conhece os autores alemães dessa época?

Tenho alguns interessantes e posso lhe emprestar, se quiser.

— Não, muito obrigada.

Chegaram diante de uma casa coberta de vinha virgem e de hera presa a uma grande construção que parecia caserna ou hospital. Uma mulher os esperava à porta de entrada.

— Bom-dia. É o senhor Tavernier?

— Sim, minha senhora. Bom-dia.

— Eu sou a senhora Savoureux. Meu marido está desolado por ter sido chamado a Paris e encarregou-me de os receber, pedindo que o desculpassem.

— Que desagradável!

— Acredite que ele estava desolado, mas não podia fazer de outra maneira. Se quiser fazer entrar, senhorita...

— Perdoe-me..., senhorita Delmas.

— É muito bonita, senhorita, O meu marido ainda vai lastimar por estar ausente.

Léa sorriu e entrou.

Era a casa do grande escritor! O interior dava a sensação de fragilidade. Tinha a impressão de que as paredes não podiam suportar o peso dos quadros, que o chão se ia desmoronar debaixo do peso dos móveis.

— Que esperava encontrar? — perguntou François, que havia reparado bem sua expressão desiludida.

— Não sei... Qualquer coisa mais imponente... Esta sala podia ser em Montillac... Oh! François! Viu esta grama, estas árvores!...

— É bonito, não é, senhorita? Meu marido e eu dedicamo-nos a manter este local no estado em que ele gostaria de vê-lo... Se quiserem, logo daremos a volta pelo parque e lhes mostrarei as árvores plantadas por suas mãos. Senhor Tavernier, quer vir comigo? Desculpe, senhorita. Não demoramos muito.

Sobre uma mesa repleta de papéis, um volume encadernado em couro cheio de marcadores de papel branco atraiu seu olhar.

Léa pegou-o. "Mémoires d'Outre Tombe", e foi sentar-se num degrau em frente da sala, diante do grande espaço vazio e verde, enquadrado pelas árvores altas, e abriu o livro.

"Vallée-aux-Loups, perto de Aulnay, neste 4 de outubro de 1811..."

"A terra devia começar a cheirar a outono", pensou ela, antes de prosseguir a leitura. "Este lugar agrada-me, e substitui para mim os campos paternos, paguei-o com o produto dos meus sonhos e de minhas vigílias; é ao grande deserto de Atala que devo o pequeno deserto de Aulnay: e, para poder criar este refúgio, não despojei como o colono americano, o índio das Flóridas.

Consagrei-me às minhas árvores; dirigi-lhes elegias, sonetos e odes. Não há uma só entre elas que eu não tenha cuidado com as minhas mãos, que não tenha livrado do bicho preso à raiz, da lagarta colada às folhas; conheço-as todas pelos seus nomes, como minhas crianças, são a minha família, não tenho outra, e espero morrer no meio dela."

"Eu podia dizer a mesma coisa de Montillac. A minha verdadeira família é essa terra, são aquelas árvores, as vinhas, os prados. Tal como ele, conheço o nome das minhas árvores e sei curar-lhes as doenças. Quando voltar, plantarei um cedro em memória deste dia."

— Léa, onde está?

— Aqui.

— Desculpe-me. Não demorei demais? Que estava lendo?

Sem responder, estendeu-lhe o livro.

— Aí está uma leitura que eu não teria recomendado, depois do que disse de Vie de Rancé.

— Mas não é a mesma coisa, aqui ele conta a sua infância, fala desse lugar com um tal

amor... Ele morreu aqui, como tanto desejava?

— Não! Minha bela ignorante, Chateaubriand não teve tempo de se refugiar na sombra das árvores que havia plantado.

Precisou vender a Vallée-aux-Loups, "comprada no tempo de Bonaparte, vendida no dos Bourbons", e sua biblioteca, ficando só com um pequeno Homero. Ele sofreu tanto com a perda deste lugar que jurou nunca mais possuir uma única árvore.

A noite estava magnífica e eles voltavam pelo bosque para a casa que parecia perdida no meio de tanto verde.

— Não passemos por aí — disse a senhora Savoureux a Léa, que ia a frente.

— Por quê? O caminho não me parece mau.

— Não é por isso, mas aproximou-nos do local dos fuzilados.

O local dos fuzilados? — disse Léa, parando.

— Nessa direção, do outro lado do muro, nos bosques, os alemães fuzilaram reféns... Ainda ouço os tiros. Desde então, nem eu nem meu marido vamos para esse lado do parque.

Voltaram para casa em silêncio e, pouco depois, François Tavernier despedia-se da senhora Savoureux, levando no braço a preciosa muda.

Muito tempo rodaram pelas ruas calmas da periferia. Homens jogavam a bola, mulheres tricotavam nos degraus da porta, enquanto as crianças corriam, gritando. O ar cheirava a fuligem, a sopa e a erva cortada.

Gargalhadas e vozes chegavam até eles das portas abertas dos cafés.

No espaço de alguns segundos, uma canção de Edith Piaf os acompanhou, a roupa secava nos jardins, os cães dormiam no meio das ruas porque a guerra lhes fizera esquecer a existência de automóveis. Só se levantavam no último momento com um olhar desdenhoso. Era a hora de depois de jantar e cada um se deixava sem fazer nada, sonhando e olhando o céu. Pouco a pouco as esplanadas cediam lugar aos prédios os cafés eram cada vez mais numerosos. A música saía dos rádios pelas janelas abertas e ressoavam de parede em parede.

Jovens de bicicleta atravessaram à sua frente. Agora, a calma quase campestre havia desaparecido, fervilhando com a aproximação da cidade. A porta de Orléans, os grandes cartazes brancos com letras góticas pretas lembravam brutalmente a presença dos alemães. Desde que haviam saído da Vallée-aux-Loups não trocaram mais de dez palavras.

— Onde quer jantar? — perguntou-lhe com doçura.

Recebeu o desalento de seu olhar como uma bofetada. Parou junto do passeio e aconchegou-a a si.

— Eu sei no que está pensando, meu amor, esqueça tudo isso por algum tempo. Nem o seu medo nem as suas lágrimas farão voltar os mortos... Tire da sua linda cabeça essas idéias de vingança, o tempo ainda não chegou... Chore, minha pequenina...

Prefiro ver as suas lágrimas a essa dor muda, diante da qual me sinto desarmado. Não pode

calcular o que eu daria para vê-la alegre e despreocupada... para que fosse, enfim, feliz. Léa, é tão forte, tão corajosa, não pode deixar-se abater. Encoraje-se, tem forças para resistir a tudo isso.

Léa deixava-se embalar por aquela voz persuasiva e quente. Que lhe importava que ele se enganasse se ela não era nem forte nem corajosa, mas uma moça fraca lançada na tormenta, levada para longe de seus sonhos, diante de um mundo novo que ela não compreendia, mas de onde libertava instintos tão violentos que varriam todas as fraquezas. Desde a mortandade do bombardeio de Orléans, Léa compreendera o poder de vida que existia nela e sabia que era capaz de matar, se fosse preciso.

Mas ali chorando nos braços daquele homem, ela só queria ser a criança que se consola.

— Agora está melhor?... Vamos, asse-se.

Léa assoou-se com a discrição de um velho padre.

— Como é que consegue ficar ainda mais bonita com os olhos vermelhos e o seu ar abatido?

Ela deu um grande suspiro e disse com um sorriso:

— Estou com fome.

François Tavernier deu uma de suas gargalhadas.

— Enquanto sentir fome, não me preocuparei com você. Temos de nos apressar se quisermos estar em casa antes do recolher. Quer ir até meus amigos da rua de Saint-Jacques?

— Oh! Sim... Gosto tanto de Marthe como de sua cozinha.

Na rua Saint-Jacques havia muita gente, mas o quarto de dormir, a sala de jantar improvisada para os amigos, estava livre.

Marthe e a nora fizeram enormes exclamações ao vê-los.

— Senhor François! Senhorita Léa, que prazer em revê-los!

— Tem notícias de seu filho? — Marthe olhou em volta como se temesse que alguém estivesse escondido atrás das caçarolas brilhantes pendurada nas paredes, e murmurou:

— Está na Resistência em Dordogne. Parece que é duro, mas sempre vale mais do que trabalhar para a Alemanha.

Como era costume, apesar das restrições o jantar foi excelente.

— Eles mandam-me as conservas em conta-gotas.

Léa tinha bebido um pouco mais, riu imaginando as pernas e as asas dos gansos ou dos patos saindo, uma a uma, de um conta-gotas. Para ouvir mais vezes o seu riso, Tavernier teria feito as palhaçadas mais grotescas, inventado todas as anedotas divertidas. Em sua presença, sentia-se de novo um garoto divertido. Pôs-se a contar as últimas piadas da moda, os ditos atribuídos a Sacha Guitry, mestre do humor francês, muito apreciado pelos ocupantes. E Léa ria..., ria.

— Dá gosto ver a alegria da juventude — disse Marthe Andrieu ao trazer a sobremesa.

Abraçados, foram os últimos a deixar o restaurante clandestino. A rua de Saint-Jacques estava escura e deserta. Um perfume de rosas vindo do Luxembourg chegava até eles. Léa deitou a cabeça para trás e fechou os olhos para saborear melhor aquele perfume fugaz. Havia tanto abandono em sua atitude que as mãos de Tavernier perderam-se em seu decote, sob sua saia. Ela se deixou ficar, confiante. Quando os dedos atingiram seu sexo, úmido, ela fechou os olhos.

Sem dizer nada a Léa, François Tavernier enviou uma grande soma a Ruth, que lhe permitia pagar o salário dos Fayard e dos cinco trabalhadores agrícolas que regularmente faziam a manutenção das vinhas. A honesta governanta havia de início recusado, mas François mostrou-se convincente, afirmando que isso permitiria a Léa descansar dos cuidados imediatos ligados a Montillac. Tinha também emprestado dinheiro a Laurent, dizendo-lhe que lhe retribuiria depois da guerra.

Todos os dias Camille levava para passear o seu rapazinho nas Tuillenes ou ao Luxembourg, acompanhada por vezes de Françoise com o bebê. Por duas ou três vezes, Otto Kramer viera encontrá-las e a cada vez Camille se afastara pretextando uma compra a fazer ou um encontro. A visão de um uniforme alemão a deixava doente. No caso do comandante Kramer, ainda pior: com receio de ofender Françoise ela não podia recusar-se a apertar a mão do oficial. Cheio de tato ele compreendera e não voltara mais a se encontrar com Françoise quando sabia que ela estava com Camille. — Ela soubera pela rádio de Londres que Laurent havia chegado à África do Norte.

Desde a sua visita a Vallée-aux-Loups, Léa estava mais alegre, mais descontraída. Mergulhada nas Mémoires d'Outre Tombe, ela só falava em Chateaubriand, o que muito divertia François, que vinha quase todos os dias à rua da Universidade.

Quanto a Laure, estava irreconhecível. Vestida na moda, fumava abertamente, cigarros ingleses, freqüentava o Pam-Pam e o Colisée e dançava nos bailes clandestinos ao ritmo de Alex Combelle e de Django Reinhardt, cujos discos logo usados rodavam nos gramofones dos cursos de dança e dos bares swing que era bom freqüentar.

Desde há algum tempo, graças a ela o cotidiano havia melhorado. Um dia manteiga, no dia seguinte café ou açúcar, ou batatas. Onde ela encontrava dinheiro? Quando se sabia que o quilo de manteiga, no mercado negro era de 350 francos e o café de 1000 e a 2000 francos. As perguntas das tias, respondia:

— Faço negócios. Ponho em contato quem quer comprar meias de seda e tem manteiga para pagar, e aquele que procura cem quilos de manteiga tem vinte pares de meia. Eu recebo uma comissão, é simples.

Laure, decidida a continuar seus estudos, tinha perguntado às senhoras Montpleynet se aceitavam que continuasse lá. Está claro que aceitaram.

A jovem apresentara Léa a seus novos amigos. Eles eram divertidos, cínicos, mal-educados e... muito jovens. O mais velho tinha dois anos menos do que Léa e os pais eram médicos, professores, advogados ou comerciantes ricos. O pequeno grupo a acolhera bem por a acharem

muito bonita. Com eles ela reencontrara a despreocupação. Não se podia falar de guerra, era um assunto "tabu", Hitler, De Gaulle, a Gestapo, a Resistência, nada sabiam, não era nada com eles. A culpa era dos pais, eles que se safassem. É preciso dizer que eles tinham a intenção os pobres velhos, de moralizar, sobre seus casacos grande demais, as calças muito curtas, os cabelos até o pescoço os ombros caídos ou exageradamente largos, as meias com riscas, os sapatos grossos mal engraxados e o indispensável guarda-chuva que nunca abriam, enquanto estavam prontos, eles, a fazer fosse o que fosse por um maço de cigarro ou meias de seda. Haviam perdido a guerra e a face, não tinham mais nada a dizer sobretudo da grandeza da França ou da Alemanha, segundo os casos. A voz de Maurice Schumann era-lhes indiferente tal como a de Phillippé Henriot, ex-deputado da direita liberal de Libourne, adversário de sempre do partido comunista, transformado depois da invasão da Rússia pela Alemanha, em porta-voz dos defensores da civilização cristã face ao comunismo. Nos Campos Elíseos, em Saint-Germain de Près, ignoravam soberbamente o ocupante, nunca se afastando quando se encontravam na passagem de algum deles: não existiam.

Por sorte, até aquela altura, sua pouca idade valera a indulgência dos soldados.

A guerra exacerbara em Lisa de Montpleynet a necessidade de ser informada de tudo: do recuo das tropas alemãs na Rússia, do fechar de algumas estações de metrô, do número de mortos do último bombardeio aliado, do aumento do preço da manteiga, da última canção da moda, como da nomeação pelo comitê francês da Resistência nacional do novo governador-geral da A.O.R., da demissão de Mussolini, do próximo desembarque ou do testemunho de um polonês lido por Jacques Duchesne na emissão "Os Franceses Falam aos Franceses", sobre o massacre de judeus — testemunho que iria obsecá-la e em cujo horror recusou-se a acreditar até o fim.

". .. O campo situa-se a quinze quilômetros ao sul da cidade de Belzec. Está rodeado por um muro que segue a linha férrea, a uma distância de dez metros. Uma estreita passagem, de menos de um metro de largura, conduz do campo à via férrea. Por volta das dez horas da manhã um trem de mercadorias parou ao longo do campo. Nesse momento os guardas que se encontravam na extremidade oposta ao campo puseram-se a atirar para o ar e a mandar os judeus subirem no trem.

"Assim criaram pânico nos prisioneiros para os impedir de ter qualquer hesitação ou resistência de sua parte. Os judeus, empurrados para a passagem estreita de que falei, precipitam-se empurrando-se para o primeiro vagão de mercadorias parado no início da passagem. Era um vagão normal, daqueles que tem a indicação "6 cavalos ou 36 homens". O chão estava coberto por uma espessa camada de cal viva de cinco centímetros de espessura; mas os judeus, na sua pressa e no seu pavor, não a viam.

Subiu assim uma centena para o vagão até que foi completamente impossível fazer entrar outros. No vagão mantinham-se em pé, apertados uns contra os outros. Os guardas agarrando, então, os judeus com os braços, atiravam-nos para os vagões por cima das cabeças dos outros; sua tarefa tornava-se fácil devido ao terror dos prisioneiros, enlouquecidos pelas pancadas que lhes davam nas costas. Os carrascos jogaram assim mais uns trinta por cima dos outros homens, e mulheres; era um espetáculo horrível; muitas mulheres quebraram o pescoço. Pode-

se imaginar o horror da cena. Cento e trinta pessoas foram assim lançadas para o primeiro vagão. As portas metálicas foram em seguida fechadas e trancadas. O trem avançou um pouco.

"O vagão seguinte foi posto em posição, e a mesma cena se repetiu.

Contei ao todo cinqüenta e um vagões onde se empilharam os seis mil prisioneiros do campo. Uma vez o campo vazio e os vagões cheios, o trem partiu.

"Parou num local em pleno campo a uns quarenta quilômetros do campo de concentração. Os vagões ficaram ali hermeticamente fechados durante seis ou sete dias. Quando o bando de coveiros abriu as portas os ocupantes estavam todos mortos, e geralmente em estado de putrefação avançado. Morrem asfixiados. Uma das propriedades da cal fresca é, de fato, soltar vapores de cloro quando se acha em contato com água. As pessoas amontoadas nos vagões tem evidentemente de fazer as suas necessidades. Disso resulta imediatamente uma reação química. Os judeus ficam, então, imediatamente asfixiados pelos vapores do cloro, enquanto a cal fresca lhes roe os pés até os ossos."

— É horrível — exclamou Léa, tampando os ouvidos.

— Como é que Deus permite tais coisas? — disse com um espanto tão flagrante a boa Estelle que em outras circunstâncias teria sido cômico.

— Como é que um polonês da Resistência pode vestir o uniforme dos carrascos, e ser o espectador impassível dessa condenação à morte?

— murmurou Albertine, falando consigo mesma.

— Ele disse que era para levar ao mundo civilizado uma prova irrefutável — balbuciara Laure.

— Eu não compreendo muito bem o porquê da cal fresca disse Léa —, no fim de seis ou sete dias eles estariam mesmo asfixiados.

O locutor da Rádio de Londres continuou:

algumas pessoas talvez pensem que a França goza de um regime privilegiado, alguns pensarão ainda que nunca se viu isso em nosso solo. A organização de tais massacres.

"No entanto, basta recordarmos o regime que sofreram os judeus empilhados no campo de Drancy ou de Compiègne, ou mesmo em Vélodrome d'Hiver. Basta lembrar as cenas lancinantes passadas sobretudo em Lyon, quando as mulheres judias eram arrancadas aos filhos, fechadas nos trens sem sequer poderem dizer adeus às suas famílias. Basta lembrar o silêncio que se seguiu à prisão de tão grande número de judeus, para compreender que nenhum país escapou. Que foifeito de todos esses homens e mulheres, de todos esses velhos e por vezes crianças? Partiram também eles "para o Leste", segundo o eufemismo usado pelos alemães? É preciso que cada funcionário francês encarregado de se ocupar das questões judias compreenda que executando as ordens que recebe, torna-se cúmplice de um crime e ajuda os carrascos alemães de Lvov ou de Varsóvia."

O silêncio que se seguiu provava a vergonha e o horror que todas sentiam.

— Parece propaganda antialemã — dissera Léa quando pôde falar — ; nenhum povo é

capaz de cometer tais abominações.

— Lembre-se do doutor Blanchard, de Jean e de Raul — Laure lhe respondera.

— Não é a mesma coisa. De um lado eles prendem as pessoas que os combatem, do outro os homens, mulheres e crianças, que a seus olhos só têm a culpa de terem nascido... E aí que há qualquer coisa que eu não compreendo. Por quê?

— Porque são judeus, evidentemente.

— É acha isso uma razão suficiente para ser enviado para campos de concentração e ser assassinado?

— Não, claro que não.

— Quem os impedirá amanhã de matar todos os ruivos porque são ruivos, todos os corcundas porque são corcundas e todos os velhos porque são velhos?

— Minhas queridas filhas, estamos nas mãos de Deus — declarou Lisa.

— Um Deus judeu, neste momento ele não deve ser muito ouvido — resmungou Léa, para grande escândalo das tias.

Lisa e Estelle não confessavam, mas davam muito mais crédito às informações da Rádio-Paris que às da Rádio-Londres, tão cansativas de se ouvir por causa da interferência.

Apesar de proibição de venda dos aparelhos de rádio, as senhoras Montpleynet tinham oferecido um a Estelle pelos vinte e cinco anos de bons e leais serviços na casa. Desde então, em sua cozinha ela não perdia por nada desse mundo a crônica cotidiana de Jean-Hérolde Paquis, exatamente antes do sétimo boletim das vinte horas.

Embora as patroas lhe tivessem dito e redito que ele era pago pela Alemanha, que as imprecações contra os comunistas, os judeus e os gaulistas eram odiosas e a sua má-fé total, ela não podia impedir-se de estar "toda convencida", quando a voz frenética terminava seu editorial dizendo: "A Inglaterra, como Cartago, será destruída". Toda a gente sabia que esses discursos eram discretamente inspirados pelo ocupante, mas muitos ouvintes ficavam perturbados quando ele explodia contra a "ameaça comunista" ou explorava habilmente os bombardeios aliados.

Se Estelle tinha uma fraqueza por Paquis, Lisa o sentia por Phillippe Henriot que "falava tão bem", e que era tão "culto".

Ah! Aquela voz espantosa, grave, cheia, cuidada, conduzida com uma arte extraordinária, que se infla e zomba em acessos de suficiência pequeno-burguesa, um verdadeiro talento literário que faltara a Paris, e uma propriedade de termos que lembra seu latinista. "O ex-deputado de Libourne tem o sentido da inventiva e das imagens que se chocam as imaginações, tanto no campo como nos meios parisienses, com que cinismo e arte ele remexe a ferida nas chagas dos vencidos! E testemunha esta aloucação pronunciada em 4 de julho de 1943 por aquele que muitos consideravam seu diretor de consciência:

"Nossos compatriotas de gaulismo e dos seus derivados continuam para mim um tema sempre novo de admiração e de surpresa. Cada um sabe que eles são os únicos mantenedores

de um patriotismo que não transige. Têm o monopólio do sentido da dignidade francesa (...).

"A Alemanha ocupa a França depois de uma vitória total. Eu não esqueço que esses senhores dizem que nunca foram vencidos, que o marechal não devia ter assinado o armistício, Deixemos essas opiniões ridículas na boca de gente que em sua loucura de 1940, entre a Garonne e os Pirineus, estremeciam só com a idéia de que a Alemanha recusasse esse armistício que hoje repudiam. Não há mais tropas, nem armas, nem aviões; os alemães em Angoulême e em Valence; fugitivos militares e civis, pelas estradas, a angústia por toda a parte... Era nesse momento que se deveriam ter-se levantado certas vozes que depois nunca mais se ouviram. Nossos valentões tardios são malsucedidos ao levantar a voz hoje. Com surpreendente ilogismo, aliás.

"Por que, enfim, essa gente, que acha intolerável a ocupação de seu país por um adversário que os venceu, acha reconfortante a invasão do seu Império pelos povos que lhes havia prometido ajuda e agora limitam-se em explorá-lo?

Por que será tão revoltante a seus olhos ver a Alemanha, sua inimiga, retirar dos nossos recursos o que lhe é necessário, e por que será que esfregam as mãos, vendo a Inglaterra e a América, suas amigas, apropriarem-se do nosso abastecimento norte-africano? (...).

"Então, já não compreendo. Sofro com o destino de meu país. Sofro como todo vencido sofre com a derrota. Mas, pelo menos, por penoso que seja, aprovação.., é normal, Mas vocês que aceitam de um pretenso amigo, aquilo que o vencedor nunca nos impôs, não se sentem um pouco constrangidos? (...).

"Assim, é um americano quem arbitra os conflitos entre os chefes franceses; é o rei da Inglaterra que vem tomar posse da nova colônia da Coroa; Churchii e Roosevelt recusam-se a reconhecer a soberania francesa numa terra francesa; nesse 4 de julho, festa da Independência americana e que recorda a ajuda que a França deu à América para expulsar a Inglaterra, os dois velhos rivais se acham de acordo para nos reduzir à escravidão, os franceses estão ali tão privados de liberdade, que nenhuma voz se levantou entre eles para protestar contra os assassinatos aéreos dos seus compatriotas da metrópole (...).

"Ora, esses senhores nos declaram indignos, porque, resolvidos a dar ao nosso país, no mundo, um lugar que deve merecer, não começamos por negar a derrota. Mas, senhores, aceitam da parte dos seus amigos um destino cem vezes mais humilhante do que aquele que nos é imposto pelo vencedor.

Tratam-nos como vencidos, e os tratam como criados. É verdade que, se os alemães nos venceram, os anglo-saxões ludibriaram-nos. E isso que lhes dá direito sobre vocês.

Porque ser derrotado só prova que se era mais fraco; ser ludibriado, isso prova que se era mais imbecil. Pode-se ter pena de um fraco; não se tem pena de um imbecil.

"Continuem, pois, a pasmar diante de seus ocupantes; beijem a mão dos que os demitem e os expulsam; digam obrigado a cada pontapé que de Londres ou de Washington reduz a nada um general, que nunca deveria ter saído daqui... Mas peçam aos seus senhores que queriam conservar por algum tempo ainda os grandes primeiros papéis. Porque nós ainda não vimos tudo. De Gaulle e Girand vão beber o vinho da Argélia mesa de George VI. Trocam por

telegrama congratulações com Stélin (..).

"A derrota militar não passava de uma provação que, segundo a opinião do próprio vencedor, deixava a honra intacta. Lé, é a honra, que os homens que se pretendem seus guardiões comercializam." Estas palestras semanais punham Lisa fora de si e era preciso toda força de persuasão da irmã para lhe demonstrar que, se Phillippe Henriot podia falar do "ocupante provisório" com essa aparente liberdade, era de acordo com esses mesmos ocupantes e que não seria cúmplice dos "terroristas" ou "gaulistas" recusar-se a acreditar no que franceses sob vigilância e profundamente pró-nazis diziam dos outros franceses que não haviam aceitado a derrota de seu país. Depois de horas de discussões, Lisa concordava até o próximo discurso de Phillippe Henriot. Felizmente a influência de Albertine Montpleynet era mais forte do que a voz que pregava submissão na Rádio-Paris. "Rádio-Paris mente, Rádio-Paris mente, Rádio-Paris é alemã." Dizia-se em voz baixa.

Como a maioria dos franceses, Lisa submetia-se à tirania do rádio ainda novo e misterioso. Essas vozes que vinham não se sabe de onde e sussurravam ora conselhos culinários, recomendações diversas, informações do mundo inteiro ou, então, ralhavam, injuriavam, profetizavam, elogiavam, entorpeciam de tal maneira os cérebros, podiam também facilmente imprimir-lhes o ódio ou a esperança. Os ouvintes, em suas poltronas, escutavam essas vozes com a mesma devoção que Joana d'Arc escutava as suas.

Léa, Laure e Camille não escapavam a essa intoxicação pelas ondas.

Apesar da desaprovação de Lisa e de Estelle, que temiam as denúncias dos vizinhos mal intencionados, Léa e Camille escutavam Londres quase todos os dias e Laure, as últimas novidades da moda.

Mas nenhuma tomava por certo o que ouvia em uma ou outra estação, assemelhando-se assim a muitos rapazes e moças de sua idade.

Capítulo 20

A VERDADEIRA SIMPATIA que unia François Tavernier e Camille d'Argilat transformara-se numa cumplicidade que Léa não tolerava. Não que sentisse ciúmes de Camille, achando-a muito pouco atraente para ser uma rival, mas não suportava ver-se excluída de certas conversas interrompidas com a sua presença. Que significavam aqueles segredinhos? Léa pensou ter a resposta, no dia em que, saindo de seu carrinho, ao voltar do passeio, o pequeno Charles trazia fechado na mão um pedacinho de papel. Léa retirou-lhe com doçura e abriu-o: era um pedaço do Liberation, jornal clandestino gaulista. Que fazia aquilo nas mãos do pequeno? A criança, querendo descer, agitava-se em seus braços. Ia colocá-la no chão quando lhe pareceu que as calções tinham um som estranho. Rapidamente, desabotoou as cuecas...

Com precipitação apanhou os jornais e, agarrando Charles por um braço, levou-o para o quarto. Arfante, como se tivesse corrido, Léa deixou-se cair por cima da cama; o garoto subiu para junto dela e acariciou-lhe os cabelos.

— A sua mãe é doida, completamente doida! E se fosse Françoise que descobrisse este pedaço de jornal... Está compreendendo?... Era caso para mandar deportar toda a gente, e você também — disse ela, pegando-o e abraçando-o. — - Ah! Charles está com você. É bonito descobri-los flertando — disse Camille, ao entrar.

— Trata-se mesmo de um flerte! ... Feche a porta. Quando penso que você ousou metê-lo nisto tudo!

— Não compreendo. Que quer dizer?

— Não compreende? Acha então normal meter este gênero de fraldas num bebê? — disse ela, mostrando o embrulho dos jornais.

— Como conseguiu encontrá-los? No entanto, é um bom esconderijo, não acha?

Que atrevimento! Léa nunca imaginara Camille capaz de tal audácia.

— Bom esconderijo!... Mas podia ter feito com que o matassem!

A jovem mãe empalideceu.

— Mas... ele não tinha culpa nenhuma.

— Claro! E então?

Retrospectivamente, Camille teve medo. Sentou-se por sua vez na cama e apertou o filho contra si.

— Pelo menos, podia ter-me deixado a par. A senhora quer brincar sozinha de heroína. Já pensou na inquietação de Laurent se soubesse que você distribui jornais clandestinos?

— Ele sabe.

— Como sabe?

— Foi por ele que entrei em contato com o grupo.

Incrédula, Léa fitava-a.

— Não acredito.

— E, no entanto, é verdade. Ele precisava de alguém seguro. E, naturalmente, pensou em mim.

— É idiota, você tem um filho. Era a mim que ele deveria ter vindo.

— Ele pensou que talvez você já tivesse muito o que fazer.

— Desde que estou aqui não tenho nenhum contato com os de lá e sinto-me muito bem. Não quero ser presa como o Raul e o Jean, ou morrer como o dr. Blanchard ou diante de um pelotão de execução. Peço-lhe não traga mais jornais clandestinos para cá. Passa gente demais por este apartamento.

— O que aconteceu hoje foi excepcional. Normalmente entrego-os logo.

— Por que não o fez hoje?

— Meu contato não apareceu ao encontro. Não me atrevia a jogá-los na lixeira.

— É François?

— O quê, François?

Camille mentia mal. A sua resposta soava falso, mas Léa fez de conta que acreditou. Ela ia jantar com Tavernier e se prometeu que iria pôr tudo às claras. Agora, o mais importante era o vestido que usaria naquela noite.

Tomada por um frenesi de prazer, Léa queria divertir-se, deixar de pensar nos amigos mortos ou desaparecidos, nos que combatiam ou que colaboravam. Nenhum acontecimento particular influenciara sua decisão, simplesmente um cansaço, um grande desejo de viver, de futilidade. Seria o exemplo de suas duas irmãs que viviam o presente? O amor para Françoise entre o amante e o filho, a música americana para Laure entre um negócio de mercado negro e um flerte?

François havia se mostrado um pouco surpreso com essa mudança que, secretamente, o aliviava. Desde que a conheceu, vivia com receio. Quando viu a que ponto ela estava comprometida com a Resistência em sua província, a vigilância de que Montillac e seus habitantes eram alvo, a atitude de Mathias, a visita de Raphael Mahl, a prisão de seus amigos, ele tivera medo. Foi por isso que precipitou aquela partida para Paris.

Desastradamente ele fora obrigado a ausentar-se durante um mês. Agora de volta por alguns dias, iria enfim poder ocupar-se dela. Tavernier sentia imenso prazer em vê-la viver.

Desde seu primeiro encontro sua personalidade e sua beleza tinham-se afirmado. "O gênero de mulher de se fugir imediatamente quando se teme desgostos." Pelo visto, ele não os teme, pois vai em frente. Como hoje, em que aceitara levá-la para cear no Maxim's depois de ter recusado, sem encontrar outro pretexto a não ser que:

A cozinha não é mais tão boa e está cheio de alemães.

— Para mim tanto faz — respondeu ela. — Quero ir a um lugar onde as pessoas tenham ar de se divertir.

E nada a fizera desistir. Eis porque Léa, sem se preocupar mais com os jornais clandestinos de Camille, preparava-se para esse jantar. Graças a Laure, comprara um magnífico vestido de mousseline de um belo vermelho-escuro. Consultadas as tias e Françoise, tinham decretado que só podia ser um vestido de grande costureiro: Chanel ou Fath. O que, devido ao preço relativamente baixo, parecia impossível. Uma grande echarpe preta e sandálias de noite pouco usadas completavam a elegante toalete.

— Você está magnífica! — exclamou Camille que a ajudara a vestir-se.

Os homens só terão olhos para você.

Léa pegou um dos jornais clandestinos.

Por que quer isso? — perguntou Camille.

— Para fazer uma brincadeira. Enfiar o Liberation entre o Matin, Paris Soir, L'Oeuvre, La Berbe, Le Pirol e os Noveaux Temps. Quero ver a cara daqueles senhores quando lhe caírem em cima.

Camille sorriu.

— Você está louca!

— Por favor! É preciso que se sintam ameaçados até mesmo nos locais onde se julgam mais em segurança. E o Maxim's é um desses locais.

— Não compreendo. Julguei que você não queria mais falar a esse respeito.

— E então? Posso mudar de opinião...

Léa acabava de colocar o jornal numa bolsinha de camurça, quando François Tavernier entrou, muito elegante. Mas parecia preocupado.

— Você insiste mesmo em jantar no Maxim's?

— Mais do que tudo.

— Então — suspirou ele —, vamos lá...

— Não parece mesmo que vamos para a morte?

Ele a olhou com ar estranho, vagamente divertido.

— A morte está lá como em toda a parte. Mas não se pode arranjar local mais horrível para morrer.

Não é nada engraçado...

— Eu não pretendia ser engraçado... Está com um lindo vestido. Não se notará o sangue.

— François, pare com isso. Vai estragar-lhe o prazer.

— Deixe, Camille. É preciso mais do que o humor negro do nosso amigo para me enervar.

— Tem razão. Não se deixe influenciar. Tenho a certeza de que passaremos uma bela noite. Boa noite, Camille. Beije por mim o pequeno Charles.

— Boa noite. Divirtam-se muito.

Fora, um carro e um motorista os esperavam.

À entrada do bar do célebre restaurante, jornais diários e semanais estavam espetados em longas hastes de bambu, penduradas num quadro de madeira escura. Alguns cavalheiros confortavelmente instalados diante de um copo folheavam as publicações do dia. Léa retirou o seu jornal clandestino, desdobrou-o com cuidado e displicentemente o colocou no último número de *Je Suis Partout*, entre os artigos de Robert Brasillach, de François Vinneuil (Lucien Rebatt), Alain Laubreaux, de Claude Jantet e de Georges Blond. Depois de um olhar satisfeito à sua volta, juntou-se a François Tavernier, que a esperava à mesa. Um oficial alemão afastou-se à sua passagem, enquanto Albert a conduzia com solicitude.

— Esta mesa lhe convém, senhor Tavernier?

— Perfeitamente, Albert.

Léa sentou-se calmamente com ar feliz e um pequeno sorriso nos lábios. Tem o ar de um gatinho que bebeu leite escondido ou de uma garota que pregou uma peça.

— Eu? — disse ela, com um ar de perfeita inocência, que o deixou com uma vaga inquietação. — Estou simplesmente encantada por estar aqui. Você também, não é? Deve haver aqui uma porção de amigos seus. Ou estou enganada?

O maître trouxe o champanhe que lhe fora pedido.

— Bebamos à sua beleza.

— Caro amigo, permita-me que faça a mesma saúde à senhorita?

Léa reconheceu imediatamente o homem que já havia encontrado num restaurante em companhia de François. Hoje, já não trazia o casaco de tweed desmazelado, mas um smoking polvilhado, aqui e ali, pela cinza do charuto que fumava.

Impossível escapar. François levantou a taça com um sorriso glacial.

— Senhor Tavernier, minha mulher está persuadida de que o senhor foge dela.

— Como pode a senhora Szkolnikoff pensar uma coisa dessas?

— Nunca mais apareceu para jantar em minha casa.

— Esperava um convite oficial.

Szkolnikoff deu uma gargalhada.

— Nos dias de hoje, tudo se passa sem cerimônias. Espero-o amanhã às sete horas com a senhorita, é claro... Ela é encantadora.

— Creio que não será fácil liberar-me.

O sorriso do senhor Michel desapareceu instantaneamente.

— Estou certo de que conseguirá. Conto com o senhor. Sem falta...

às sete horas, número dezenove da rua de Presbourg.

Voltando a sorrir disse:

— Helena vai ficar contente! Até amanhã.

Sob a mesa, François cerrava os punhos com força.

A mulher do seu amigo é interessante, olhe, ela está lhe fazendo um sinalzinho.

Coberta de jóias, Helena Szkolnikoff agitava a mão carregada de anéis em sua direção.

Acabe com isso de dizer que aquele porco é meu amigo disse ele num tom contido, agitando os dedos por sua vez.

— Ele talvez, mas a mulher não!...

Espero que não vá recommençar!

— Quem está com eles?

— O capitão Engelke e a amante.

— A amiga da bela Helena? Mas, veja, fique à vontade. Não vai estragar a minha noite com essa cara feia. Não é minha culpa se encontramos pessoas que você não quer ver.

Diante de seu ar, Léa temeu que ele se esquecesse do lugar onde estavam e lhe desse um par de bofetadas. Prudente, ela recuou com a voz mais meiga.

— Não vamos discutir. Sinto-me tão bem. Quer beber?

Ele pegou a taça de champanhe e a esvaziou. Um garçom apressou-se a enchê-la novamente. Muitos homens e mulheres olhavam em sua direção, encantados pela juventude e pela beleza de Léa, assim como por sua naturalidade e pelo despojamento de seu traje. Nenhuma jóia, apenas o brilho dos seus ombros generosamente descobertos. Uma bela moça, que exibia com elegância um deslumbrante vestido de noite branco, olhava-a mais do que os outros com ar ao mesmo tempo cúmplice e divertido.

Seu rosto não era desconhecido para Léa.

— Quem é?

— Corinne Luchaire.

É bonita e simpática. Com quem está?

— Com o pai Jean Luchaire e jornalistas.

— Você a conhece?

— Não.

— É pena, agrada-me muito.

Com desenvoltura, Léa voltou-se.

— A senhora já escolheu? — perguntou o garçom.

— Eu queria qualquer coisa, desde que muito caro.

Esta resposta infantil trouxe um sorriso ao rosto endurecido de Tavernier.

— Coma caviar. Não sei muito bem como eles o conseguem, mas têm sempre.

— Muito bem, vou comer caviar.

— Nesse momento só temos ocietre ou sévruga.

— Qual é o mais caro?

O maitre teve um ligeiro movimento indicando que estava chocado com a pergunta. Respondeu com uma voz ligeiramente reprovadora.

— O ocietre, senhor.

— Então, vá pelo ocietre. Eu como a mesma coisa.

— Está bem, senhor, e depois?...

— Queria peixe — disse Léa. — - Nós temos linguado, dourado e salmão cozido com azedas. É muito bom, muito fino, permito-me aconselhá-lo à senhorita.

— Dê-me um linguado.

— Está bem senhorita. E o senhor?...

— Eu vou provar o seu salmão.

— O senhor não se vai arrepender.

— Diga ao encarregado dos vinhos que continuamos no champanhe.

Concorda?

— Sim, senhor.

Da entrada chegava-lhes, abafado, o barulho de vozes, depois um velho senhor de barbicha parecido com Alphonse de Chateaubriand entrou, agitando uma página de jornal e foi sentar-se à mesa de Jean e Luchaire. O jornalista devia estar-lhe perguntando a razão de seu enervamento. O outro lhe respondia encolerizado.

Pedaços de frases chegavam até eles.

— ...corja de terroristas.., estão em toda a parte comunistas e gaulistas.., parecidos ou iguais... escória vermelha.., todos fuzilados... sem piedade... este farrapo de papel.., jornais convenientes.., uma vergonha...

Tentaram acalmá-lo. O velhote levantou-se e estendeu a folha a um homem gordo muito digno.

— Tome, olhe se não acredita.

O homem gordo virava e tornava a virar o impresso, sem compreender.

— O que o senhor tem aí é um jornal gaulista, deixado por uma mão criminosa entre publicações honestas.

— Jacques — gritou com voz histérica a companheira do gordo —, largue isso. Completamente atordoado, deixou cair o jornal que, graciosamente, às voltas, foi cair junto aos pés do capitão Engelke.

Todas as conversas pararam. Imperturbável, a orquestra continuava a tocar uma valsa lenta. Léa mal conseguia reter o riso.

Olhava com desprezo aquela gente, que um minuto antes do escândalo era só sorrisos, desenvoltura, conversando com os oficiais alemães e que, agora, mostrava os seus verdadeiros rostos, onde a covardia se misturava com a fraqueza. Era repugnante. Lentamente fruindo, sem dúvida, da expectativa ansiosa da assembléia, Engelke pegou o jornal.

— Liberation — disse ele em voz alta. Leu algumas linhas, indiferente à tensão que reinava na sala.

— Muito interessante. Conhecem? — disse ele, estendendo-o a Michel Szkolnikoff.

De onde estava, Léa via tremer a mão do homem de negócios. A música parou.

— Quer dar-me de beber? — disse ela, com uma voz risonha, que explodiu no silêncio.

Todos se voltaram como que picados por uma abelha. Corinne Luchaire olhava-a divertida. Dando uma gargalhada, ergueu o copo em sua direção. Léa, com ar de triunfo, levantou o seu por sua vez, inclinando a cabeça.

A insolência das duas jovens distendeu a atmosfera e outros risos se ouviram. Engelke, como bom jogador, juntou o seu, para grande alívio de Szkolnikoff.

— Estas moças são encantadoras, todo o espírito de Paris — disse o capitão das SS, fazendo uma bola com o jornal.

François Tavernier mal podia conter o próprio riso.

— Foi você quem pregou esta maldosa peça ao pobre velho? — perguntou ele.

— Não sei o que quer dizer. — - É um monstrinho, mas agrada-me assim. É terrivelmente imprudente o que acaba de fazer. Vai-se para a prisão por menos do que isto. Pronto, aí está o seu caviar.

Respeitosamente o mattre, assistido por dois garçons, serviu ele mesmo os preciosos grãos, mergulhados no gelo das taças de prata.

Sem inibições, Léa regalou-se com expressões tão gulosas que qualquer um, exceto Tavernier, se sentiria envergonhado.

Pelo contrário, esta afirmação da sensualidade da moça o excitava e divertia.

— Minha putinha — disse ele, afetuosamente, provando também uma farta colherada de caviar.

O sentido daquela injúria amigável não escapou a Léa. Ela gostava da perturbação que seus gestos normalmente lhe causavam, da ironia da qual ele raramente desistia. Junto dele sentia-se ao mesmo tempo inquieta e segura, mas, sobretudo, livre. Era apenas uma expressão, mas muito forte. Em sua proximidade ela não sentia os constrangimentos do próprio sexo, mas

antes uma exaltação de sua feminilidade como valor em si, e não como objeto de submissão ou de cálculo. Ele podia ouvir tudo, sabia melhor do que ela o que lhe convinha. Havia naquele homem indefinível, um código de honra particular, e, no entanto, rigoroso. Léa adivinhava sua grande tolerância em relação à escolha dos outros, mesmo que não a partilhasse e, se fosse o caso, a combatesse. "Ele não tem ódio", pensou ela. Isso lembrava-lhe as conversas entre o pai e o tio Adrien.

Este último dizia, ao falar da guerra da Espanha:

"Vi tantas vezes as conseqüências do ódio, num campo e no outro, que corri o risco de, por minha vez, ser vítima e odiar todos os homens. Depois, vi em seus crimes a marca do demônio e os lastimei, carrascos e vítimas confundidos". — Quando Léa ainda era criança, ficara muito impressionada por aquela "marca do demônio", sinal indestrutível, que tornava os homens irremediavelmente maus. Havia em François a mesma indulgência desiludida do dominicano. Indulgência que não partilhava, sentindo mesmo em relação a alguns o desejo de os destruir com requintes de crueldade. Mas ali, ainda, embebida pela luz rósea dos abajures, repleta de boa comida e de champanhe, queria apenas viver o momento presente, e, agora, só desejava que aquele homem ali a sua frente a apertasse em seus braços.

— Vamos dançar?

— Como resistir a um apelo tão langoroso? — disse ele, levantando-se.

Ao passar pela mesa do capitão Engelke, Tavernier saudou com a cabeça Helene Szkolnikoff que lhe retribuiu o gesto.

Léa abandonou-se totalmente nos braços do amante e mais do que um, ao vê-los, sentiu um arrepio de sensualidade.

Fora, o silêncio era total. A lua iluminava suavemente o obelisco da praça da Concorde. Apesar do toque de recolher, Léa insistiu em voltar a pé. Do jardim das Tuileries e dos Champs-Élysées, chegava-lhes o perfume noturno das flores e da grama. Um pássaro noturno piou, um outro lhe respondeu. Lentamente atravessaram a grande praça vazia, onde seus passos ressoavam tranquilos. Na ponte, em frente da Câmara dos Deputados, atravessada pelo V da propaganda alemã, pararam para ver correr o Sena, larga faixa ondulada, quase imóvel entre suas margens de pedras. O cheiro da água subiu até eles.

Apoiados ao parapeito, de lábios colados, corpos inebriados, abandonando-se à ilusória proteção da noite, deixavam-se levar pela onda de seus desejos.

Balançaram-se por muito tempo sobre o rio tão cantado. Os deuses estavam com eles: nenhuma patrulha, nenhum veículo inimigo veio perturbar sua felicidade.

Na manhã seguinte, Léa contou a Camille como havia introduzido o jornal clandestino entre os destinados à clientela do Maxim's. Camille rira tanto com a descrição das caras dos clientes, que nem teve coragem para censurá-la.

— Tia Bernadette telefonou ontem para lhe dizer que Lucien chegou bem e que sua saúde era a melhor possível. Os policiais reconduziram Pierrot para a casa do doutor Delmas. Parece que ele quer mandá-lo para um colégio muito rígido, sob a direção de jesuítas.

— Eu sei, meu primo Philippe me havia dito. Pobre Pierrot! ... Tia Bernadette lhe falou de Raul e de Jean?

— Sim, a mãe deles não tem nenhuma notícia. Alugou um pequeno apartamento em Bordéus e vai todos os dias ao forte Hâ.

Mas recusaram-lhe o direito de os visitar. Ela nem mesmo tem certeza de que eles estejam no forte. Espera muito de seus esforços junto ao prefeito. Ele lhe prometeu informar-se sobre o destino de seus filhos e intervir junto às autoridades ocupantes.

— Teria feito melhor em procurar diretamente os responsáveis alemães, em vez de um homem que recebe ordens de Vichy.

— Sim. Talvez... É tão complicado, o prefeito certamente acredita que age com lealdade...

— Lealdade? Em relação a quem?

— Não sei... É um funcionário.

— Um funcionário! ... Que contabiliza cuidadosamente o número de judeus deportados, sem esquecer as crianças.

— Eu sei. Quando estava no campo de Mérignac as mulheres só falavam disso. Onde estarão agora?

Ficaram tristemente silenciosas.

— Mas eu já lhe disse que não quero ir.

— Léa, ainda uma vez, não posso fazer de outro modo e peço-lhe o favor de me acompanhar.

— Ver mais uma vez essas caras de canalhas, de ladrões, de assassinos me dá vontade de vomitar. Não suportarei.

— Muito bem. Se não quer fazer por mim faça por você.

— Que quer dizer?

— Que as atividades do seu tio e de alguns de seus amigos são conhecidas desses senhores. Na Gestapo gostariam muito de a interrogar...

— Tinha-me dito...

— Isso foi alguns meses atrás. A situação evolui a cada dia e não ficarei surpreso se num dia desses eu mesmo não for molestado.

— Por quê?

— Porque suspeitam que eu não seja tão correto em relação a eles.

— François?... Não tente dizer-me que vai ser preso! — exclamou Léa, empalidecendo de angústia.

— Minha querida, teria pena de mim?

— Deixe de brincadeira. Bem sabe...

— O que é que eu sei?

— Nada! É irritante... Vou com você.

Ele a puxou para si. Ela sentiu seu corpo duro e tenso, seus músculos sob os dedos. Quase machucava de tão forte que abraçava.

— Obrigado. Vendo-a, meu amor, pelo menos assim espero, pensarão que não me iria lançar assim na boca do lobo se tivesse qualquer relação com a Resistência.

— E se eles pensarem o contrário?

— Então seria melhor rezar e desaparecer rapidamente.

— Como quer que eu me vista?

— Muito simplesmente. Não quero que se pareça com aquelas galinhas de luxo. Ponha aquele vestido longo muito simples que estava arrumando no outro dia. Ele já está pronto, agora?

— Sim, graças a Camille, que me ajudou a fazer a bainha. Não sou muito jeitosa em costura. Vou me preparar, não me demoro muito.

— Olhe, ponha estas orquídeas.

— São magníficas! Obrigada.

— Soberba!... Está soberba! Não é verdade, Helena?

— A senhorita é encantadora, apesar da simplicidade de seu vestido.

Por que é que não usa jóias, minha querida?

— Porque não as tenho, minha senhora.

— Como? Uma moça bonita como você... Mas o que está pensando, caro Tavernier? Não está nos seus hábitos mostrar-se avarento com as mulheres. Devia ter vergonha.

— Tem razão. Terei necessidade dos seus conselhos, seu gosto é tão perfeito.

— É verdade. Amanhã recebo um joalheiro da rua da Paix que deseja me apresentar alguns modelos. Venha... Será bem-vindo... — murmurou ela, com uma voz cálida. — Mas! Que tem?...

— Nada. Uma dor no braço. Nada de grave, lembrança de um antigo ferimento.

A chegada de novos convidados obrigou a dona da casa a deixá-los.

— Oh! Fritz... Dá-me tanto prazer vê-lo em nossa casa.

— É sempre uma felicidade para mim vir à sua casa. Atrevi-me a trazer comigo o general Oberg, que guardou uma lembrança emocionada do admirável jantar que você e Michel deram em honra do meu amigo, o Reichsführer SS, Heinrich Himmler.

Oberg cumprimentou, batendo os calcanhares.

— Minha senhora.

— Seja bem-vindo, general.

— Léa olhava em volta sem procurar dissimular seu espanto.

— Por que me deu um beliscão há pouco?

É espantoso!... Devo estar sonhando... O que diz?... Ah!, sim...

Você poderia evitar fazer galanteios àquela mulher diante de mim.

François Tavernier deu uma grande gargalhada e tirou duas taças de champanhe da bandeja que o garçom lhe estendia.

— Bebo à sua saúde. Está irresistível.

Léa rodou a taça entre os dedos durante momentos, sonhadora.

Depois esvaziou-a de uma só vez.

— Rápido, dê-me outra.

Ele estendeu outra taça.

— Na verdade é um local muito bem freqüentado. Só falta Raphael Mahl. Olhe quem está ali.

Na sala massacrante de tanto luxo, atravancada de móveis preciosos, de quadros de mestres, com o chão coberto por magníficos tapetes antigos, pesados cortinados de seda, uma fauna espantosa ali estava reunida. Lindas e vistosas mulheres, pintadas demais, vergadas sob o peso de jóias caras, oficiais alemães, muito dignos e empertigados em seus uniformes negros ou verdes, dois ou três bonitos rapazes, excentricamente vestidos com cara de vagabundo ou de gigolô, homens de negócios com aspecto florescente, indivíduos de aspecto suspeito apesar do smoking, cujo casaco fazia papo, e, andando de um lado para outro, falando com volubilidade, Michel Szkolnikoff, que parecia não ter tirado o smoking desde a véspera, de tal forma o tinha amarrotado. Naquele momento conversava com um homenzinho de cabelos escuros, cuidadosamente penteados com brilhantina. Ambos fumavam dois grandes charutos. O homenzinho voltou-se e pousou seu olhar esverdeado em Léa, que teve um movimento de recuo.

— Quem é? — perguntou Tavernier.

— Masuy — murmurou ela.

As articulações das mãos de François embranqueceram. Mas foi com voz calma que disse:

— Ah! é ele? Não o conhecia. Corresponde exatamente ao que eu imaginava.

— Estou com medo. Ele vem em nossa direção.

— Não se preocupe.

— Querida senhorita Delmas! Que surpresa e que prazer em vê-la aqui! Pensei que tivesse deixado Paris. Tornou a ver o nosso amigo Mahl?... Sabe que ele me pregou uma enorme peça?

— Não. Eu parti rapidamente... Não tornei a vê-lo.

— Disseram-me que ele estava na região de Bordéus. Você é dessa região, se não me engano?

— Sim...

— Quando o rever, diga-lhe que penso nele. Quanto a você, senhorita, se puder ser-lhe útil, não hesite. Conhece meu endereço. Infelizmente, se quiser vender qualquer coisa, vai ser difícil. Como certamente deve saber, os escritórios de vendas fecharam, enfim..., quase...

— Senhora, está servida.

O anúncio do jantar poupou a Léa fazer as apresentações.

A mesa brilhava com os cristais e as pratarias. Os pratos mais requintados sucediam-se, os melhores vinhos corriam em abundância. A maioria dos convivas não comia, devorava. A sobremesa, foi o frenesi: cestos repletos de frutos, bandejas de prata carregadas de doces os mais d'iver sos sorvetes, cremes foram chegando em procissão sob aplausos. Sentada no lugar de honra, isto é, ao lado de Peggy, o cãozinho querido de Szkolnikoff que, de guardanapo ao pescoço, comia de todos os pratos, servido cerimoniosamente pelo maître, Léa esquecera seu receio, de tal forma se aborrecia. Todos os dias o animal almoçava à mesa de seu dono na companhia das pessoas que se esforçavam por lhe fazer a corte para agradar a seu faustoso anfitrião.

A princípio aquela vizinhança desagradara a Léa, mas bem logo se felicitou por isso; a cadela, pelo menos, não a obrigava a conversar. O que já não acontecia com o outro vizinho, um dândi que só falava do corte de roupas, dos bares da moda e das dificuldades de se arranjar cigarros ingleses...

Sentado à esquerda da dona da casa, François Tavernier não tirava os olhos de Léa e respondia por monossílabos a Helena Szkolnikoff, que acabou por perceber. — - Bem, meu caro, eu o estou achando muito distraído. É aquela pequena que lhe vira a cabeça? Ela não é nada má, mas lhe falta classe.

Esta última observação trouxe um sorriso furtivo aos lábios de seu interlocutor.

— Ela ainda é tão nova.

— Oh! Nem tanto assim — disse ela, com um muxoxo, voltando-se para o vizinho à direita, o general Oberg.

As pessoas presentes só falavam de compras e de vendas. Era quem propunha as mais importantes quantidades das mercadorias mais diversas:

cobre, chumbo, trigo, conhaque, sedas, ouro, quadros, livros raros... Um industrial de Roubaix propunha fornecer de uma só vez cinqüenta mil metros de lã tecida "como antes da guerra"...

Um belga, era metros de pano de toldo... Uma alsaciana, perfumes, um fabricante de malhas de Trouyes toda sua produção de meias de seda, "como habitualmente", um homem das Antilhas dois vagões de gruyère... Michel Szkolnikoff enumerava os hotéis de que se tornara proprietário na Côte d'Azur:

o Savoy, o Ruhl e o Piazza, em Nice, em Cannes, o Martinez, o Bristol e o Majestic; sem contar os imóveis, as casas, as sociedades, as usinas, que havia comprado. Falava de seu castelo de Aisne, em Azé, em Saône-et-Loire, no qual as suntuosas arrumações tinham terminado recentemente. Claro que todos os seus amigos seriam bem recebidos lá.

Léa, apesar de sua gulodice, não tinha comido praticamente nada.

Esperava pelo final do jantar com uma impaciência cada vez maior que seu vizinho notou.

— Tenho a impressão de que está aborrecida. Se você quiser, depois, levo-a a um cabaré como nunca viu. Está de acordo?

— Não, obrigada, já chega por hoje.

— Oh! Entendo! Tem medo de que as pessoas de lá se pareçam com estas. Não há perigo, estamos entre adolescentes. Lá não entra ninguém com mais de vinte e três anos. E podemos ouvir os últimos discos americanos.

— Pensei que fosse proibido.

— É proibido, mas nos ajeitamos. Sou eu quem forneço os discos e os cigarros. Em casa de Szkolnikoff, estou certo de encontrar alguém que tenha esta mercadoria de que necessito. E você o que faz? É amante de quem?

— Minha — disse uma voz por detrás dele.

O rapaz estremeceu e levantou-se precipitadamente.

— Desculpe-me, senhor, eu não sabia.

— Não tem importância. Você vem, minha cocota?

Léa, corada e furiosa, levantou-se também.

— Quem lhe deu licença para me chamar assim?

— Por que não deu um tapa naquele grosso quando ele a tratou como cocota?

— Fiquei tão admirada que nem pensei.

— A culpa é minha. Fiz mal em trazê-la a um lugar freqüentado por tal gente. Desculpe-me, isso não se repetirá.

— Pensei que minha presença era indispensável.

— Não ao ponto de fazê-la suportar tal companhia. Eu, por vezes, esqueço que eles de fato só servem para verem fenômenos engendrados pela guerra.

— Mas o fato de eu ter vindo foi de alguma utilidade?

— — Sim, isso tranqüiliza Szkolnikoff, ver-me com uma linda jovem.

É mais de acordo com a idéia que ele faz de mim. Quando se está "em negócios", uma bela mulher afirma o homem... É tão estúpido como isso...

— Podemos ir embora logo?

— Sim, depois do café que é servido no salão. Eu direi que só teve licença até a meia-noite.

— E eles vão acreditar?

— Eu lhes disse que era uma moça de boa família, que vivia em casa de suas tias, duas senhoritas das mais respeitáveis.

Frequentar alguém decente os valoriza.

Pouco depois despediam-se dos donos da casa.

— Não se esqueça amanhã de manhã... As onze horas — disse Helena, estendendo a mão para que François a beijasse.

— Até amanhã, querida amiga, e muito obrigado pela deliciosa recepção.

— Vai vê-la amanhã? — perguntou Léa, ao entrar no carro.

— Sim, para comprar jóias.

Mas eu não quero jóias.

— Com o tempo lhes parecerá suspeito que a mulher por quem estou apaixonado não tenha jóias.

— Mas isso me é indiferente. Você quer me ver me pavoneando como aquelas velhas cobertas de pedras, umas maiores do que as outras?

— Não exageremos, uma bela jóia nunca enfeiou uma linda mulher.

Diante da Câmara dos Deputados, uma patrulha mandou- os parar.

No mesmo instante dispararam as sirenes de um alarme. O oficial, depois de ter dado uma olhada em seus ausweis, aconselhou-os a procurarem o abrigo mais próximo. O boulevard Saint-Germain, deserto a alguns instantes, encheu-se de sombras correndo para as estações do metrô que serviam de abrigo.

Léa preferiu voltar à rua da Universidade. No átrio do prédio encontraram as senhoras de Montpleynet, Camille e o filhinho, Laure e Estelle em robe de chambre. Ao longe, as primeiras bombas começaram a cair.

— É do lado de Bologne disse o vizinho do terceiro andar.

Sentados no chão ou nos bancos, cada um esperava meio adormecido o fim do alarme. Encostada em François, Léa deixava- se acariciar na semi-obscuridade. O final do alerta interrompeu aquele prazer.

Não por muito tempo. Albertine ofereceu a Tavernier a hospitalidade do divã da sala, que ele aceitou reconhecido. Quando todo mundo se deitou, foi ter com Léa, que se atirou em seus braços com uma solicitude sedutora. Ele correspondeu como se deve.

O sol já ia alto quando François voltou para o divã, onde adormeceu num profundo sono. Naquela noite não houve mais que umas vinte pessoas mortas pelos bombardeios aliados. No dia 14 de julho, um bombardeio nas imediações de Paris causara uma centena de mortos. Na Rádio, Jean Haold Paquis entrava em êxtase.

Léa tinha a impressão de ser prisioneira da cidade superaquecida pelo verão. François fora

obrigado, novamente, a deixar Paris. Cada vez ela suportava menos suas ausências.

Duas ou três vezes por semana, com ou sem Camille, ela levava a propaganda, os jornais clandestinos ou documentos falsos aos endereços indicados por mensageiros, que raramente eram os mesmos. Para escapar a eventuais perseguições, logo se tornou mestra em se confundir com a multidão de um grande magazine ou em perder-se entre os passageiros do metrô, utilizando-o, ou melhor, tomando o primeiro ou o último vagão para com o olhar verificar se era ou não seguida, e, quando tinha dúvidas, saltar do vagão no último momento. No entanto preferia circular de bicicleta, apesar do perigo de ser interpelada por jovens galanteadores. — Um dia, na estação do Ópera, foi empurrada por um rapaz sobre o qual as portas do vagão se fecharam imediatamente. Do outro lado do vidro dois homens corriam mostrando o punho. O metrô ganhou velocidade e eles desapareceram aos olhos dos passageiros. No compartimento, cada um fazia como se nada houvesse. Léa olhou para o rapaz e teve de se conter com toda a força para não gritar. Contra ela, pálido, cansado, cheirando a suor e medo, Pierrot, o seu primo Pierrot, tremia. O metrô já diminuía de velocidade e entrava na estação de Chaussée d'Antin. Ali era preciso descer. Quando o metrô parou, ela agarrou na mão do primo e arrastou-o. Surpreendido ainda, ele esboçou um gesto de resistência quando enfim a reconheceu.

— Você!

— Não corra, dê-me o braço, vamos entrar nas galerias Lafayette.

Seguem-no há quanto tempo?

— Não sei. Já tentaram me pegar no Châtelet.

— Você lhes escapou por duas vezes... Para alguém que não conhece o metrô não é nada mau. Desde quando está em Paris?

— Desde ontem à noite, tentava ir para a casa de suas tias.

— Pensei que estivesse num colégio de jesuítas.

— Estava, mas escapei. Não quero esperar pelo fim da guerra sem fazer nada...

— Cuidado, não fale tão alto! Seu pai vai ficar louco de raiva.

— Não me preocupo. Ele e meu irmão enojam-me, completamente sujeito ao velho e à bota dos boches.

— Que pensa fazer?

— Não sei. Como o colégio era perto de Paris, pensei em você. As alusões de meu pai fizeram-me compreender que você tinha relações com a _Resistência...

— É dizer demais. Para isso é melhor ver tio Adrien.

— Também pensei nisso, mas ninguém sabe, ou não quis dizer onde ele está.

— Que vou fazer com você?... Tenho uma idéia.

Sempre andando, saíram das galerias Lafayette e dirigiram-se para a estação do metrô Havre-Caumartin. Estava um calor assustador e foi com alívio que saíram na Etoile e desceram

os Champs-Élysées a pé.

— Felizmente está corretamente vestido.

— Meu pai quis renovar meu guarda-roupa.

— Uma sorte. Vai fazer boa figura entre os amigos de Laure.

Naquela bela tarde de verão, parisienses e ocupantes circulavam pelas esplanadas dos cafés, fingindo ignorarem-se. Pierrot e Léa entraram no Pam-Pam. Na cava do piano bar, uns vinte jovens, rapazes e moças, de olhar vago, marcavam o compasso com os dedos ou com os pés em volta do pianista.

Pacientemente esperaram o final do trecho. Léa avançou para o pequeno grupo.

— Você aqui! Isto promete — disse um lindo rapazinho, beijando-a.

— Bom dia, Roger. Tudo bem? Não viu Laure?

— O que você quer? — disse uma voz, emergindo da penumbra de um banco que o grupo chamava o canto dos apaixonados.

Laure levantou-se manchada de batom.

— Limpe-se — disse a irmã, estendendo-lhe o lenço. Obrigada.

— Olhe quem veio comigo.

— Pierrot! — exclamou ela, correndo para o primo.

Este olhou-a com tal espanto que fez rir todo o bando.

— Laure?...

— Sou eu mesma.

— Não a teria reconhecido — disse Pierrot, beijando-a.

Léa puxou a irmã à parte e explicou-lhe a situação.

— Tio Luc deve estar furioso — disse ela, rindo muito.

— Compreendeu bem o que deve fazer: vocês vêm todos as oito horas à rua da Universidade, rindo e fazendo a algazarra de costume. Se vigiam a casa, não prestarão atenção em vocês. Eu vou voltar agora para prevenir tia Albertine e ver se tudo está bem. Se qualquer coisa correr mal, abrirei de par em par as janelas da sala, o que quer dizer meia-volta.

— ...e irei à casa de Roger. Compreendido.

Tudo deu certo e Camille conseguiu arranjar documentos falsos com o nome de Philippe Dorieux, estudante, natural de Libourne. Devia ir até Poitiers: aí ficaria a cargo de um grupo da região. O encontro estava combinado diante da entrada de Notre-Dame-la-Grande, no dia de feira, e a senha era: "Você conhece a igreja de Saint-Radegonde?", ao que Pierrot deveria responder: "Não, mas conheço Saint-Hilaire".

Era a quarta vez numa semana que Paris era despertada pelas sirenes e que os habitantes se encontravam nos porões ou no metrô. Farta, Léa recusou-se a deixar seu quarto, apesar das

advertências dos jornais e das rádios. Dia a dia, muita gente se deixava matar por ter se recusado a descer aos abrigos.

Estava um ar pesado, a tempestade que ameaçara cair durante todo o dia havia se afastado. Léa foi até a janela, seguindo com um olhar indiferente os raios luminosos que vasculhavam o céu em busca dos aviões, dos quais se ouvia um zumbido surdo. Subitamente, odiou os prédios altos que lhe escondiam o céu, não porque a privassem de um eventual espetáculo, mas porque limitavam seu espaço como os muros de uma prisão.

— Vou explodir — murmurou.

Então, reviu os grandes espaços que rodeavam Montillac, o mar além do horizonte, o silêncio habitado das noites, o perfume poderoso da terra aquecida, quando grossos pingos de chuva libertam um a um os perfumes. Léa fechou os olhos com volúpia.

Três dias depois tomava o trem para Bordéus. Uma semana mais tarde Camille e o filho foram ao seu encontro.

Capítulo 21

FAZIA MUITO CALOR. Todos os dias, quando o sol começava a baixar Camille e Léa pegavam suas bicicletas, e, abrigadas sob grandes chapéus de palha, desciam para se banhar na Garonne, em frente a Langon. Charles fazia parte do grupo e sentia-se completamente seguro em seu banco de vime, atrás de sua "tia" Léa.

Camille era a encarregada do cesto da merenda, da garrafa de limonada bem fresca, das toalhas e dos livros.

As duas jovens, igualmente boas nadadoras, gostavam de competir para ver quem chegava mais depressa ao outro lado do rio. Algumas vezes complicavam a brincadeira. Era preciso mergulhar, apanhar uma pedra, ficar mais tempo possível debaixo da água, ou contornar os pilares da ponte, onde a corrente era perigosa. Na disputa era sempre Léa quem ganhava, debaixo da água era Camille. Charles nadava como um cachorrinho. Era todos os dias um teatro para o tirar da brincadeira.

Depois do banho, deitavam-se ao sol, trocavam poucas palavras, em perfeito bem-estar. Era preciso que os gritos persistentes da criança as — tirassem daquela sonolência. Tudo estava calmo, fora o grito das gaivotas o canto das andorinhas, o riso dos garotos que abafava, por vezes o barulho do trem passando sobre o viaduto próximo. Era um barulho familiar e repousante.

Sem que houvessem combinado, desde a volta, não tinham evocado a Resistência, nem a partida de Pierrot, tomado ao encargo do grupo. Aqueles dias de sol, à beira-rio, eram como um parêntesis, que uma e outra desejavam prolongar. As notícias de Laurent, que por fim juntara-se ao coronel Leclerc e se exercitava duramente em Sabratha, eram boas. Quanto a François, mandara avisar que viria por alguns dias em setembro. Adrien circulava entre Toulouse e Bordéus, levando a sua ajuda onde era necessário; Lucien, encaminhado para a Suíça, não falava de seu horrível ferimento; Jean e Raul continuavam presos no forte Há, mas a mãe podia vê-los a cada quinze dias, seu moral estava à toda prova. Não voltaram a ver Mathias que, segundo os pais, tornara-se um "senhor". Léa estava apreensiva com aquele reencontro, Ruth, Sindonie e mesmo Bernadette haviam feito um bom trabalho durante sua ausência, dificultando Fayard, que voltara à carga. Desejava mais do que nunca recuperar a propriedade. Ruth lhe dissera que, se voltasse a falar nisso, o mandaria embora. A vingança anunciava-se boa e a guerra logo terminaria.

Apoiada nos cotovelos, Léa seguia maquinalmente com os olhos um nadador que acabava de mergulhar na margem de Langon. Suas braçadas eram leves e rápidas. Chegou à margem e deixou-se cair não longe de onde elas estavam. Ficou imóvel por uns instantes, depois, lentamente, levantou-se.

De uma só vez, o céu escureceu e Léa sentiu frio.

— Bom dia — disse Maurice Fiaux.

Camille estremeceu. Com apreensão, levantou a cabeça.

— Bom dia — disseram ambas com uma voz inexpressiva.

— Que belo verão, não é verdade? Vocês vêm sempre aqui? Eu, é a primeira vez este ano... Tenho tanto trabalho em Bordéus, nem imaginam.... Quando é que voltaram? Fui duas vezes a Montillac, mas não havia ninguém... Os passarinhos fugiram...

— Estivemos em Paris, em casa das minhas tias.

— Eu sei — disse ele, secamente.

Camille voltou a cabeça.

— Laure não voltou com vocês — disse ele, mais meigo.

— Preferiu ficar em Paris. É mais divertido para ela. Laure nunca gostou do campo e sempre se aborreceu em Montillac — disse Léa.

— Compreendo-a. Mas podia ter ido para Bordéus, para casa do seu tio, Mestre Delmas. Um homem notável, que tem muitos amigos e relações...

— Mas é um pouco rigoroso e sempre com a mania das conveniências, decerto não lhe daria tanta liberdade como ela tem em Paris.

— Sabe, Léa, os costumes mudaram muito há algum tempo, mesmo em Bordéus. Tornou-se uma cidade onde nos divertimos.

Devia ir até lá dar uma volta, isso levantaria o moral do seu amigo Raphael Mahl...

— Ele continua lá?... Por que está de moral baixo?

— Oh, você o conhece.... Apaixonou-se por um vadio de Mériadec, que o engana, que lhe bate e lhe tira todo o dinheiro. E, assim, fez grandes tolices...

— Quais?...

Foi um pouco longe demais nos seus negócios duvidosos. A polícia o tem em mira. Isso não seria muito grave se ele não tentasse nos enganar.

Léa não pôde reter um sorriso. Terrível Raphael.

— Isso a faz rir? Realmente não há de quê. Eu pouco me importo, em seu lugar teria feito igual, teria tentado o golpe, valia bem a pena, mas não é essa a opinião dos meus camaradas. Eles queriam abatê-lo... A muito custo os convenci de que ainda nos poderia ser útil, fazendo-nos alguns favores para salvar a pele.

— Mas é ignóbil — exclamou Camille.

— Que quer, minha senhora, é a guerra. Mahl conhece o papel de certas personagens na Resistência, a ajuda que dão aos terroristas e aos judeus. No caso do Terrível, foi-nos de muita utilidade.

— O caso do Terrível?

— Não está sabendo?... Todos falam nisso por aqui. A Gestapo conseguiu um golpe na

rede de La Reole. Primeiro o capitão Gaucher, preso na estação, transportando um rádio emissor na mala, alguns dias depois, em 19 de agosto, Adois... Isso não lhe diz nada?

— Não.

E o nome de guerra de um carpinteiro de La Reole...

Léa enfiava as unhas na terra para não gritar. Esforçava-se por perguntar:

— Que relação tem Raphael Mahl e um carpinteiro de Reole? Nosso amigo não está interessado em trabalhos manuais.

— Não, mas interessa-se pelos franco-maçons.

— Não sabia.

— Foi Beckmann, adjunto do doutor Hans Luther, o chefe do K.D.S. de Bordéus, encarregado da vigilância dos eclesiásticos e dos francomaçons, que teve a idéia de o empregar, quando soube que ele fazia parte de uma loja em Paris. Ele fora expulso antes da guerra por desfalque, mas manteve suas relações com alguns irmãos. Daí suas relações com a loja de La Reole. O que lhe permitiu conhecer as atividades de Jacques, o Terrível, o carpinteiro.

— Raphael o denunciou?...

— Nem era preciso, alguns já o haviam feito antes dele.

— Foram presas mais algumas pessoas?

— Sim, já me esqueci de seus nomes. Se isso a interessa posso me informar.

— Eu dizia isso por dizer.

— Foram fuzilados? — perguntou Camille.

— Não, eles podem fornecer-nos uma quantidade de informações sobre o grupo, cuja missão é o pára-quedismo, o esconderijo de armas, os documentos falsos, a centralização das informações, a organização do alojamento dos judeus e dos refratários ao S.T.O.

— Onde estão?

— Na prisão de Saint-Michel, em Toulouse.

Há dois dias que essas prisões tinham sido efetuadas e elas só o souberam pela boca daquele pequeno malandro. Ao mesmo tempo, voltaram-se para esconder seu desgosto.

Soavam sete horas no campanário de Langon.

— Santo Deus, vou chegar atrasado... Adeus... Passarei para vê-las qualquer desses dias.

Alguns pingos de água as salpicaram quando ele mergulhou. Elas não se moveram.

— Mãezinha! Mãezinha! Posso ir tomar banho com aquele senhor?

Camille agarrou seu pequenino e apertou-o contra si. Ele protestou:

— Você me machuca...

Ela beijou-lhe as faces rosadas.

— Oh! Meu querido... Pode ir tomar banho...

Sem terem dito nada uma à outra, no dia seguinte ao do encontro com Maurice Fiaux e nos dias seguintes, não saíram de Montillac. Para elas o verão e os banhos no Garonne tinham terminado. Como fulminadas, ficaram muito tempo sem poder falar do que tinham sabido e entregavam-se ao trabalho na horta: era preciso apanhar as batatas, colher o feijão verde, regar, revolver a terra.

À noite, depois do jantar, Léa errava através das vinhas àquela hora em que o sol envolve de vermelho e ouro os campos bordaleses. Amava de todo o coração esta terra rica, onde a mão do homem estava sempre presente, com uma felicidade, harmonia e equilíbrio que a encantavam cada vez mais. Desde aquele encontro maldito, tudo perdera o encanto. Errava pelos caminhos, procurando lugares que acalmassem aquele pânico que invadia em ondas o seu espírito torturado. Mas todos tinham perdido a sua magia. Nem o calvário de Verdelaïs, nem o casebre de Gerbette, meio enfiado na terra, nem a Groix de Borde, de onde se dominava toda a região, nem a igreja da Saint-Macaire, com sua Virgem dos marinheiros, lhe conseguiam dar paz. Extenuava-se em longos percursos de bicicleta em lugares onde ninguém conhecia, para os lados de Langoiran, Targon, ou na outra margem, Villandraur, Bazas... nada resultava. Constantemente a voz do agente da Gestapo, cuja imagem se confundia com a de Mathias, insinuava-se em seu cérebro:

— No caso do Terrível, ele nos foi muito útil... Adois... Isso não lhe diz nada?... É o nome de um marceneiro de La Reole...

Embora Maurice Fiaux tivesse deixado perceber que Raphael não tinha denunciado Jacques, o Terrível, Léa não podia deixar de pensar que ele não era inocente nessa prisão. Tal como não tinha estado na de Sarah Mulstein. Não conseguia dominar o medo abjecto que dela se apoderava e a cobria de suor, dando-lhe náuseas e cortando-lhe as pernas. Na próxima vez seria ela quem ele entregaria à Gestapo. Ele sabia ou adivinhara coisas suficientes para enviá-la aos porões do Médoc, ou para as celas do forte de Hâ. Talvez mesmo para a frente de um pelotão de execução. Léa via as espingardas apontadas... ouvia-se suplicando aos carrascos...

Foi nesse estado que François Tavernier a encontrou. Mesmo o cansaço da vindimas não havia conseguido adormecer seu terror.

Enlaçados, Léa e François viam nascer o sol sobre a campina dourada, apenas avermelhada por leves toques.

Há cinco dias, cada manhã, levantavam-se, cansados e felizes, admirando com a mesma exaltação incrédula essas promessas de felicidade que emergiam com a madrugada. Acabado o medo imundo, a presença de um homem, suas carícias, o haviam expulsado. Em seus braços, ela ria dos Raphael Mahl, dos Maurice Fiaux, da Gestapo. Léa colhia no prazer novas forças.

A guerra levava todos os preconceitos. Mesmo Bernadette Bouchardeau não se espantava que Léa partilhasse seu quarto com um homem que não era seu marido. Era verdade que a atitude da moça não lhe deixava nenhuma escolha. Pelo seu ar todos compreenderam que ela não aceitaria o menor palpite. Todos o tinham tomado por dito.

Diante daquela manhã de outono que se levantava tão bela, Tavernier adiava o momento de anunciar a Léa sua próxima partida. Preocupava-se com a idéia de deixá-la só. Sabia que a Gestapo andava na pista do padre Adrien Delmas. O dominicano acabava de escapar por um triz em Toulouse dos homens lançados em seu encalço. Cedo ou tarde Dohse enviaria os seus agentes para a interrogarem, como fazia com os parentes mais próximos dos supostos pertencentes à Resistência. Fora necessário uma sorte inacreditável e um feixe de proteções sutis, para que isso ainda não tivesse acontecido. Além disso, a presença de Camille d'Argilat em Montillac, anteriormente presa por causa do marido, os laços existentes entre o doutor Blanchard e os habitantes do castelo, deviam obrigatoriamente conduzir o chefe da Gestapo de Bordéus a querer ouvi-la.

Na véspera, Tavernier entregara às duas moças documentos falsos que, dissera, podiam lhes ser úteis e aconselhado imperativamente estabeleceram contato com Françoise com quem ele fazia ligações regularmente. Insistiu para que se mantivessem à distância da Resistência. Elas já deviam estar sob vigilância. Impunha-se a mais completa prudência. E ainda acrescentou que seria bom que elas tivessem armas, com a condição de arranjar um lugar seguro onde escondê-las.

À noite, anunciou sua partida.

Por orgulho, Léa nada dissera a François sobre as dificuldades crescentes que ameaçavam a propriedade, nem a atitude de Mathias e a sua convicção de que, para salvar Montillac ela não teria outra escolha senão casar-se com ele. Diante de seu silêncio, ele pensou que o dinheiro do notário e o que entregara a Ruth na primavera eram suficientes. Para não feri-la, não voltou a falar nisso.

Confortavelmente aquecidos, abrigados sob um grande guarda-chuva, deram um último passeio através das vinhas, depois de terem cumprimentado Sidonie em Bellevue. De volta a Montillac, apressaram o passo para escapar das rajadas de vento e da chuva fina e fria que parecia penetrar em toda a parte.

A casa esmagava-se sob as pesadas nuvens negras que percorriam o céu, tão ameaçadoras que o coração de Léa contraiu-se.

O mau tempo viera cedo demais naquele ano. Tudo anunciava um início de inverno precoce e rigoroso.

Uma mancha vermelha agitava-se no verde do relvado, depois veio na sua direção, tomando pouco a pouco a forma de uma criança que corria. Era Charles que, escapando à vigilância da mãe, vinha até eles com toda a velocidade que suas pequenas pernas permitiam. Atirou-se nos braços de Léa rindo.

— Quase você me derruba, maroto — exclamou, girando com ele sob a chuva.

O riso e os gritos do garotinho pareceram a François completamente descabidos sob aquele céu sinistro e ao mesmo tempo pareciam dizer: olhem, a vida continua. Sim., a vida devia continuar. Hoje chovia, mas amanhã... Como eram belos, os dois, mesmo Léa havia recuperado seu riso de criança!

Léa tinha a impressão de que a chuva não cessara desde a partida de François. Não estava

frio, mas todo o campo parecia banhado duma névoa úmida e pegajosa que apodrecia a vinha.

Sentada à secretária do pai, para se distrair dos seus trabalhos de contabilidade que eram para ela um autêntico suplício, recopiou as palavras de uma canção de Pierre Dac, difundida pela Rádio-Londres na noite de 5 de dezembro, e que Mireille, a mulher de Albert, o açougueiro de Saint-Macaire, copiara em estenografia e depois transcrevera antes de dar à sua jovem amiga. Quando ela acabou, Léa levantou-se e contou na melodia de Lili Marlene.

À força de ouvir esta canção

Tive o desejo, ditado pela razão

De ir simplesmente uma noite

A fim de ver

E de saber

O que diz Lii Mariene,

O que diz Lii Mariene.

— Há, Diga-me, minha bela, porque esse ar sonhador?

Por que há nos seus olhos esse brilho embaçado?

— Já não há para mim felicidade,

E a desgraça

Está no meu coração...

Disse Liii Marlene,

Disse Liii Marlene.

— Vejamos, já não tem confiança no seu führer? E/e não é para você

o grande senhor

— O triunfo que ele nos prometeu,

Ainda o espero

Há três anos e meio,

Disse Liii Marlene,

Disse Liii Mariene.

— Não está mais feliz por pertencer

A grande Alemanha e orgulhosa de seu futuro?

— Eu sei que todo o Reich

Está bombardeado

Pelos alidados

Disse Liii Marlene,

Disse Liii Marlene.

— Ignora então o invencível muro

Que a sua Wehrmacht ergue por toda a parte?

— Sei que o solo da Rússia

Está todo vermelho

De sangue nazi

Disse Liii Marlene,

Disse Liii Marlene.

A vitória enfim coroando as suas bandeiras

Sobre a cruz gamada resplandecerá brevemente

— Eu sei que na minha alma desolada

Não há mais esperança

Estamos perdidos

Disse Lili Marlene,

Disse Lili Marlene.

— Bravo! — disse Camille, aplaudindo.

— Não a ouvi entrar.

— Estava toda entregue à sua canção. Logo poderá martelar Suzy Solidor em sua própria terra.

— Estava pensando nisso. Que há de novo?

— Nada. Continua chovendo... Você verificou as contas do senhor Fayard?

— Sim, mas não vejo nada de anormal ou então não compreendo nada.

— Pergunte ao senhor Rabier.

— O contador do meu pai... Mas está completamente gagá. Lembra-se no ano passado de todos os erros que cometeu nas declarações fiscais, e o tempo que perdi com o tesoureiro de Langon, que não queria saber de nada.

— Não poderíamos utilizar, durante um tempo, um contador de Bordéus?

— Não tenho dinheiro!... Olhe para este monte de faturas... Eu não tenho nenhum centavo para pagá-las. O banco já chamou duas vezes desde o início da semana.

Desolada, Léa deixou-se cair numa cadeira atrás da secretária.

Camille aproximou-se dela e acariciou seus cabelos.

— Se soubesse como me sinto infeliz por não poder fazer nada por você...

— Por favor, não fale.

As duas mulheres ficaram silenciosas por um momento.

— Já pensou nos presentes de Natal? — perguntou Léa, levantando a cabeça.

— Já. Mas este Natal será mais pobre do que os outros. Ruth encontrou no sótão um velho carro com pedais...

— É meu! — exclamou Léa, num tom possessivo.

Camille não se conteve e riu.

— Você não quer dá-lo a Charles?

— É claro que sim — disse ela, por sua vez, rindo e corando um pouco.

— Ruth comprou tinta vermelha para pintá-lo.

Bateram à porta. Era Albert, o açougueiro de Saint-Macaire, com o rosto desfeito, ofegante.

— O que aconteceu? — gritaram juntas Léa e Camille.

Ele demorou algum tempo para responder, tentando ganhar fôlego.

— Seu filho? — perguntou Camille.

Ele fez que não com a cabeça.

— Então o quê?... Fale.

— Prenderam o padre Delmas.

— Oh! Meu Deus — fez Camille, apoiando-se contra a biblioteca. Um grande frio se apoderou de Léa.

— Como soube?

— Esta manhã, muito cedo, um camarada, professor perto de La Réole, que pertencia ao grupo Buckmaster, veio ao açougue para me prevenir e pediu-me para avisá-las.

— Como ele soube?

— Por um guarda de La Réole que as vira com o pai Terrível. Segundo ele, a Gestapo desconhece a importância de sua presa.

Seu tio foi detido por acaso em Bordéus durante uma batida. Talvez o tivessem liberado se não encontrassem em seu poder documentos de identidade em branco. Foi um dos policiais que o prendeu que avisou seu colega de La Réole, porque pertencem ao mesmo grupo.

— Se um policial o reconheceu, outros podem fazê-lo e denunciá-lo.

— Ele mudou muito, fisicamente, mas é o risco. Logo que soubermos onde ele se encontra, tentaremos fazê-lo fugir. Daqui até lá, temos de pedir ao céu que ele não fale. Mesmo esta noite iremos mudar as armas escondidas nos secadores do tabaco de Bane e na Belle-Assise; os irmãos Lafoucade virão nos ajudar.

— Podemos ajudá-lo?

— Sim, temos dois pilotos ingleses que devem partir novamente dentro de dois dias. Já não estão em segurança em Viot.

Podem escondê-los?

— Estarão mais seguros aqui? — perguntou Camille. — Temos todas as razões para desconfiarmos de Fayard.

— Dona Camille, temos de correr esse risco. Esta noite virão trazê-los, passando por Bellevue. Eu, enquanto isso, me farei convidar por Fayard para beber um copo com o meu querido e velho amigo. Está bem assim?

— Muito bem, Albert. Vamos pô-lo no quartinho perto do escritório.

Ninguém vai lá, serve como quarto de despejo. É no andar térreo, o que é prático, se tiverem de sair de casa rapidamente — disse Léa.

— Obrigado. Se notarem qualquer coisa de suspeito, chamem-me em Saint-Macaire, dizendo: "Sua carne estava bem dura hoje", eu compreenderei e ficaremos com nossos ingleses.

— Como saberemos sobre tio Adrien?

O homem encolheu os ombros.

— Desde a prisão de Grand-Clément, no mês de agosto, depois de sua libertação, muitos dos nossos foram presos.

Perdemos os nossos informantes do campo de Mérignac e do forte de H. Temos de ser muito prudentes com os novos recrutas. Por agora a única ligação que nos resta é o policial de Bordéus. Logo que saiba qualquer coisa falará a La Réole.

— E se eu fosse a Bordéus? — disse Léa.

— Tudo menos isso! É o bastante uma pessoa da mesma família estar presa.

— O doutor Delmas talvez pudesse intervir — disse Camille.

É um colaboracionista, não fará nada pelo irmão. Lembre-se do que ele me disse: para ele, Adrien morreu.

Capítulo 22

— VEJA, SOMOS BONS PRÍNCIPES... Você escolhe os direitos comuns, ou os políticos... Entenda, por isso, os comunistas, os sabotadores e outros terroristas.

— Pensei que todos estivessem misturados, sem distinção.

— No início era assim, depois começaram a ver que os pequenos rufiões do porto, os pequenos traficantes do mercado negro, podiam nos ser úteis. Então, para que não se deixassem contaminar pelos vermelhos e pelos gaulistas — foi uma idéia de Poinot —, deixamos alguns à parte e os injetamos nas celas dos políticos quando temos necessidade de saber coisas. É uma loucura o que se diz à noite numa cela onde seis ou sete homens estão fechados... Você nem imagina...

Imagino muito bem. Nada disso é muito convidativo... Não tem outra para me propôr?

— Logo enviaremos judeus para a Alemanha... Se você quiser juntar-se a eles; não se sentirá deslocado entre judeus...

Isso também não me agrada... Não fazem o meu gênero as viagens sem volta.

— Então, decida-se.

— Não poderei ter uma cela só para mim?

— É o que mais quer?... Com forração, telefone e banheiro?

— Ah! Sim, isso me agradaria muito.

— Chega de zombar de nós... O patrão é bom demais... Por mim, seriam duas balas na nuca, ou no eu... Viciado como você é, talvez gostasse..

— Meu gosto por grossos calibres não chega a tanto.

Um grande murro de direita jogou Raphael Mahl contra os arquivos metálicos do escritório, onde os seus antigos camaradas o interrogavam desde a manhã, acabando por lhe transformar os lábios numa ferida. O mais encarniçado era Maurice Fiaux, que lhe batia como se tivesse contas pessoais a ajustar. Curiosamente, Raphael, que se sabia covarde, suportara bem aquele mau bocado. Não tinham feito mão leve, os seus amiguinhos da Gestapo. Só Mathias Fayard não participara daquela tourada. Ele era engraçado...

Desde há algum tempo, o belo Mathias Fayard, sombrio, irascível, achava sempre boas desculpas para não participar das prisões e sobretudo dos interrogatórios. Raphael Mahl ergueu-se com custo... Não era o momento para se debruçar sobre os estados de alma do companheiro de infância de Léa. Léa... Era um pouco por causa dela que estava levando toda a culpa.

Desmaiou.

Os solavancos do carro o fizeram voltar a si. Um soldado alemão dirigia, com um oficial ao

lado. Atrás, outro soldado e Maurice Fiaux enquadravam-no. Justo em frente ao impressionante portão do forte de Hâ, o vendedor de livros, onde ainda na véspera ele estivera, fechava sua loja.

Entregaram-no aos guardas alemães. Maurice Fiaux partiu sem se voltar. Para as formalidades do registro, conduziram-no ao primeiro andar. Na sala, onde o fizeram entrar, uma balaustrada separava o recém- chegado dos funcionários encarregados de o receber. Textos em francês espanhol e alemão convidavam o recém-chegado a conservar-se em frente da parede e a não falar. Por detrás desta clausura, três grandes mesas e uns armários guarneciam a sala.

De uma sala vizinha chegava o crepitar das máquinas de escrever.

Esse barulho monótono, provocou em Raphael um tédio profundo, ele sempre detestara o ambiente dos -escritórios; já quando estava em Gallimard evitava cuidadosamente o secretariado. "A burocracia me persegue", pensou. Por detrás da balaustrada, os empregados militares aplicavam-se a fazer letra gótica. Raphael, que apesar dos avisos voltara a cabeça, estremeceu ao lembrar-se das aulas de caligrafia no colégio daqueles bons padres e das reguadas que choviam sobre os seus dedos. Nunca conseguira escrever o seu nome, nem o título do dever do dia em bela letra redonda, como os professores exigiam.

Um empregado levantou-se e pediu-lhe os documentos, com um ar adormecido. Nem pareceu reparar no estado de sua figura.

— O senhor tem dinheiro?

O guarda, que nunca o deixara, empurrou-o para a balaustrada.

Raphael inclinou a cabeça.

— Precisa me entregar tudo, assim como as jóias, o relógio e a gravata. Tudo isso lhe será devolvido quando sair, senhor.

Num impresso inscreveu com cuidado a identidade do novo preso, contou o dinheiro que trazia na carteira e anotou o total.

— Um relógio de ouro com pulseira de ouro... Um anel de ouro com um diamante...

— Ponha: grande diamante.

— Com grande diamante... Uma corrente de ouro, um cordão e uma medalha de ouro...

Raphael sentiu uma físgada no coração ao depositar a medalha. Era a do seu batismo, e, estranhamente, a conservava.

Gostava de lembrar- se de certas cenas de sua infância mimada, entre uma avó um pouco louca que ele adorava e um tio extravagante, mas encantador.

— A gravata.

Custou a desfazer o nó encharcado de sangue. O empregado colocou tudo num saco de papel e estendeu-lhe a ficha assinada.

A porta abriu-se e três homens, ainda em pior estado do que ele, foram brutalmente

empurrados para a sala... Um deles, com as mãos massacradas, olhos fechados pelos golpes, avançava como cego. Ouviu-se um dos sargentos dizer em alemão:

— Trazemos terroristas. Explodiram a viatura de um oficial. Um dos dois deve ser inglês... Quando o interrogaram, tudo o que sabia dizer era: "Vão à merda, boches, vão tomar no cu".

Raphael não pôde deixar de sorrir.

— O tenente, que compreende inglês. não gostou disso e quis interrogá-lo pessoalmente.

— Ele respondeu?

— Não, quando não gritava, zombava.

Aquele inglês era cada vez mais simpático a Mahl. Devia ser um belo rapaz em tempos normais, isso se adivinhava apesar dos olhos fechados, do rosto disforme e dos lábios intumescidos.

— Ele tem documentos?

— Não, tudo o que trazia consigo é isto.

O sargento alemão jogou na tábua a fotografia de uma jovem muito bonita. Raphael deu um suspiro profundo. "Mais um homossexual", pensou, voltando-se.

O inglês e um dos prisioneiros não deviam ter mais que vinte anos, sendo o outro muito mais velho. Longos cabelos e um vasto bigode grisalho, naquele momento ensangüentado, com profundas rugas na testa e no rosto até os lábios. Não fosse o seu olhar, poderiam tomá-lo por um camponês de Lot-et-Garonne. Um dos olhos permanecia fechado. "Eles devem ter recebido ordens para nos vazar os olhos e nos cegar", raciocinou Raphael.

— Vamos, venham... Apressem-se... Acabou.

O guarda, que não o deixara, empurrou-o para a porta.

— Seu nome? — perguntou o empregado ao falso camponês.

— Alain Dardeme.

Raphael Mahl parou. Aquela voz o fazia recordar qualquer coisa. O soldado alemão pousou-lhe a mão no ombro.

— Avance!

Levaram-no para uma sala vizinha, parecida com a outra, onde lhe perguntaram se ele era comunista, franco-maçom, resistente ou gaullista. A todas as perguntas ele respondeu não.

Seria ele judeu?... Sim, metade. Pela mãe? Não, pelo pai.

Aparentemente satisfeito com sua resposta, o empregado, tão parecido com o outro que chegava a ser divertido, deu-lhe uma ficha preenchida, dizendo-lhe com seu terrível sotaque:

— Até logo, senhor.

Empurrado pelo guarda, Raphael Mahl teve de descer uma escada em caracol com degraus irregulares. Sempre empurrado, quase correndo, atravessou a sala dos guardas e seguiu por um

estreito corredor de teto muito alto, para o qual davam doze portas. Eram as celas de "acolhimento:". O guarda abriu a de número 5 e jogou, com uma brutalidade inútil, o detento em sua cela.

Muito tempo Mahl ficou de pé, a cabeça baixa. Quando a levantou, olhou à sua volta e desatou a rir. Aquele riso arrancou-lhe um grito de dor: havia se esquecido de seu queixo inchado e dos lábios partidos.

A estreiteza do quarto, um metro e trinta, pouco mais ou menos, o fazia parecer mais alto. Duas camas de madeira sobrepostas, com uns colchões manchados, desprendiam um odor de palha bolorenta e de vômito.

Raphael estendeu-se na cama de baixo, enrolou-se na coberta e adormeceu, pensando: "Então, eles conseguiram apanhá-lo...".

Durante dois dias, Raphael Mahl só teve para se alimentar água com gosto da ferrugem de seu cântaro. "Com este regime, vou recuperar a linha", pensou ele.

No terceiro dia, vieram buscá-lo às seis da manhã.

— Fora.

O guarda conduziu-o a uma espécie de corpo de guarda onde teve de se despir completamente. A sua frente esvaziaram seus bolsos, depois devolveram-lhe a roupa e os sapatos, dizendo-lhe para se vestir. Nada... Já não tinha nada... Nem documentos, nem dinheiro, nem bloco de anotações, nem o menor pedaço de lápis. Deram-lhe um cobertor rasgado, uma tigela destinada a sua toalete, e, para comer, um prato amassado e uma colher de estanho, sem esquecer o recibo dos objetos confiscados e um pequeno cartão com o número da sua matrícula e o de sua cela, assim como sua profissão. Agora era o número 9793.

Seguido pelo guarda, Raphael Mahl, levando os seus magros bens, desembocou num vasto vestíbulo oval. A primeira coisa que notou foi um enorme fogão que se encontrava no centro e cuja chaminé saía pela vidraça que iluminava a entrada. Em três andares, as celas rodeavam-no com suas portas grossas e sombrias, distantes de dois em dois metros, trazendo um grande número em letras pretas e uma tabuleta onde estavam inscritos, com etiquetas de cores diferentes, vermelhas, verdes, amarelas, as matrículas dos prisioneiros fechados no interior. Todas tinham uma fresta com grades.

Pare!

O guarda imobilizara-se diante do número 85. Um outro guarda abriu a porta com uma chave imponente. Estava muito escuro, de cada lado da cela, os homens estavam dispostos em fila militar. Eram seis, Raphael Mahl seria o sétimo. Logo que a porta se fechou, eles correram para ele.

— Eh! Meu pobre velho, eles o trataram porcamente, os safados...

— Eu me chamo Loïc Kéradec, sou bretão... de Pon-Aven... Sou marinheiro. E você?

— Eu sou espanhol... Meu nome é Fernando Rodriguez.

— Eu... sou Dedé Desmotte, de Bordéus.

— George Rigal, também sou de Bordéus, estudante.

— Marcel Rigaux... Sou operário das docas do porto.

— Doutor Lemaire, médico em Libourne. Deixe-me examiná-lo... Não me parece grave.

Todos, excluindo o médico, não deviam ter quarenta anos, eram jovens, muito jovens.

— Raphael Mahl, escritor e jornalista de Paris.

— Estamos bem servidos, um escritor... Poderá nos contar histórias — disse Dede, com voz gutural.

Encantado em conhecê-lo, venha, coloque suas coisas aqui — disse o médico, mostrando-lhe um pequeno reduto junto da entrada.

Eram gabinetes com o lavatório trincado, acima do qual, sobre uma estante, estavam postos os pratos, as colheres, o sabão, a pasta dentifrícia e uma grande caixa de inseticida.

Raphael Mahl colocou seu prato e a colher ao lado dos outros. Não tinha nem pasta nem escova de dentes.

Os prisioneiros estavam sentados nas duas camas, desocupados e silenciosos. Aconchegaram-se para lhe dar lugar. Mahl olhou à sua volta. A cela, com aproximadamente dois metros e meio de pé-direito e chão deformado, media quatro metros por dois. Oito metros quadrados para sete pessoas... Ao fundo, uma grade fechava uma espécie de postigo, também ele com a mesma grade das janelas e das celas do acolhimento.

Só há duas camas?

— Sim respondeu Rigaux, a noite nós juntamos e colocamos os exergões no chão... Já estávamos apertados os seis...

Apertamo-nos um pouco mais.

Raphael sorriu-lhe por estas palavras amáveis.

— Vamos, conte, quais são as novidades? — perguntou o jovem Loïc.

— Que novidades?...

— Ora! As de lá de fora, isso..., aquilo..., disse Dedé Desmotte.

— Desculpe-me não estou habituado. Que querem saber?

— Bem... a guerra... Onde está?

— Não vai bem para os alemães...

— Isso já se sabia — disse o espanhol.

— Deixe-o falar.

Ciano, o genro de Mussolini, foi executado...

— Hurra!...

— De Gaulle e Churchill encontraram-se em Marraqueche...

— Hurra!

— Os aliados desembarcaram em Anzio...

— Hurra!

— Berlim foi bombardeada mais de cem vezes...

— Hurra!

Os resistentes franceses foram executados a machadadas em Colônia.

Um pesado silêncio seguiu-se a essa informação.

— Podemos comunicá-las aos outros?

Raphael olhou para ele, espantado.

— Pode acreditar... Também temos aqui nosso rádio. Chama-se "Rádio-Grades."

— É como funciona?

— Vai ver esta noite, depois das luzes apagadas. Um de cada vez, nos colocamos perto da janela aberta e escutamos. Os do térreo chamam os do primeiro andar que chamam os do segundo, que chamam os do terceiro. As paredes do pátio formam uma excelente caixa acústica. As novidades, nem sempre exatas, nos vêm dos recém-chegados, das raras visitas a que temos direito e dos camaradas que saem para o interrogatório. Depois, há concerto.

— Concerto?

— Sim... Pode acreditar, temos mesmo profissionais. É melhor do que a Rádio-Paris. Há cantores portugueses, espanhóis, tchecos, ingleses e até há um russo.

— E os alemães consentem?

Sabe, eles se entediam tanto quanto nós, assim, a música os distrai. Eu mesmo vi um dia, pela fresta da porta, o oficial de guarda em vias de chorar ao ouvir um fado. Paramos quando a sentinela dá grandes pontapés nas portas.

— São muitas sentinelas à noite?

— Não, três sentinelas em cada andar que fazem a ronda toda a noite e um oficial subalterno sentado à mesa em frente de nossa cela.

— Você falou de visitas... Todo mundo tem direito?

— Em princípio, sim, dez minutos uma vez por mês, às quintas-feiras. Você já foi condenado? — perguntou o médico.

— Não.

— Então não tem direito. Só os condenados podem receber visitas, os outros não.

— E a correspondência?

Çensurada, é claro. Podemos receber, mas raramente chega até aqui.

É assim comigo, não pude dar notícias à minha mulher... Ela nem sabe se estou vivo ou

morto...

— Aufstehen! Aufstehen!

A sentinela da noite acompanhou a ordem com um violento pontapé na porta. Ao passar virou o botão da eletricidade no exterior de cada cela. A lâmpada incrustada na trave difundia uma luz fraca com ruído, os homens começaram a se levantar.

Raphael ergueu-se tremendo, com os seus ralos cabelos em desalinho.

— O que está acontecendo?

É a hora de levantar. Apresse-se, a luz não fica muito tempo acesa.

Por quê? — perguntou Raphael, coçando-se.

— Para nos chatear. Vamos, apresse-se.

Mahl levantou-se resmungando, com os membros doloridos. O enxergão colocado no chão era duro.

— Saia para arrumarmos as camas.

Empurrado, refugiou-se com os outros num canto, enquanto Loïc e Dedé arrumavam as camas e colocavam sobre elas os enxergões cuidadosamente cobertos pelos cobertores. Perto da entrada, empilharam os sobretudos, os casacos, a roupa trazida pela família, cobrindo tudo com uma velha colcha florida. Aquele tecido colorido tinha um não sei quê de incongruente naquele lugar.

No corredor, ouvia-se os funcionários trazendo o "café"... LoYc, que naquele dia era o responsável pelas arrumações, colocou duas vasilhas no chão diante da porta. Todos se puseram em posição de sentido enquanto esperavam que o oficial abrisse os três ferrolhos e desse a volta na chave. Com um rápido olhar, o alemão verificou que estavam todos ali, enquanto a sentinela apontava a arma para eles. Satisfeito, recuou dando lugar a uma enorme panela trazida por dois prisioneiros. Um deles mergulhou uma concha na mistura e derramou-a na tijela, o outro camarada pôs ali um pedaço de pão já cortado. Mal a porta se fechou, eles estenderam as tijelas a Loïc que as encheu.

Como quase sempre, ficou um resto. O responsável do dia distribuiu os pedaços de pão; duzentos gramas, mais ou menos, para cada um. Era a ração do dia. Os companheiros de Raphael sorveram avidamente a beberagem, cujo único mérito era o de estar quente, depois de misturarem nela um pouco de pão. O gosto e o cheiro eram repugnantes.

— No início, é muito difícil, mas vai ver.., acostuma-se — disse o médico a Raphael Mahl, que não conseguia engolir, apesar da fome que lhe comprimia o estômago.

— Eu me acostumarei, sem dúvida. Será preciso. Mas, hoje, não posso... Se algum de vocês quiser...

— Dê a LoYc. É o mais jovem, tem sempre fome — disse o doutor Lemaitre.

— É sempre a ele que dão as sobras... Não é justo exclamou Dedé.

— Cale o bico... Vamos partilhar — disse Loïc.

Raphaël Mahl nunca pensara que a vida de prisão fosse tão dura. E no entanto, havia caído naquilo a que os prisioneiros chamavam "uma boa cela". Ele já não agüentava tanta promiscuidade, os parasitas, o frio, as brigas que estouravam a propósito de qualquer coisa, a sopa infecta e, sobretudo, não poder ler nem escrever. Estava desesperado e cada vez mais irascível. Se pelo menos pudesse conversar com os companheiros.

Desde a partida do estudante e do médico, mandados para a Alemanha, segundo diziam, três dias depois de sua chegada, e substituídos por dois jovens operários comunistas, o nível das discussões baixara consideravelmente. A ingenuidade dessas pessoas o siderava. Tinham, no conjunto, uma idéia de guerra completamente irreal. No final de quinze dias, pediu para falar com o comandante da prisão, que contra toda a expectativa, concordou em recebê-lo.

Depois de o conduzirem ao chuveiro e para se barbear (luxo espantoso!), levaram-no ao comandante. Maurice Fiaux e um de seus amigos estavam lá.

— Farei o que quiserem, mas tirem-me daqui.

— O senhor não está satisfeito com o serviço do hotel?... Do conforto?...

— Não, estou muito decepcionado, farei queixa à direção.

— Pode queixar-se, estamos aqui para ouvi-lo... Não é verdade, Raymond?

— Claro que sim. — - Sabe que está fazendo muita falta às tiazinhas de Quinconces?

— Uma delas me dizia ontem...

Pare com essas besteiras. Me deixará sair ou não?

— Isso não depende só de mim... O senhor diretor também tem que opinar. Não é verdade senhor diretor?

— Naturalmente. O senhor Mahl deve, com certeza, ter ouvido muita coisa desde que está aqui.

— Vamos, conte... Deve ser apaixonante.

— De acordo, mas prometam mandar-me embora antes de se servirem de minhas informações.

Maurice Fiaux fez um sinal de cabeça ao diretor.

— Tem a minha palavra, senhor Mahl. Vamos ouvi-lo.

Durante aqueles quinze dias, em sua cela e durante o passeio, Raphael havia armazenado informações sobre certas pessoas presas, especialment sobre a presença de resistentes e de pilotos ingleses não identificado pelas autoridades alemãs.

Friamente, deu o nome sob o qual eles estavam inscritos na prisão.

— Por acaso não teria visto o tio de sua amiga, a bela Léa Delmas?

— Só o vi uma vez antes da guerra em Paris, durante um sermão em Notre-Dame. Estava longe do púlpito e depois... ele deve ter mudado muito.

É pena... Há uma boa recompensa para quem conseguir prendê-lo.

— Sim, é pena.

O diretor esfregou as mãos, satisfeito.

— Bravo, senhor Mahl. Lamento que nos deixe, faríamos um belo trabalho juntos.

Raphael saudou-o e levantou-se. Fiaux acompanhou-o à porta e pôs a mão no fecho.

— Fazendo bem as contas, o meu amigo não vai nos deixar assim, de repente...

— O quê?... Mas você prometeu.

Raphael tentou forçar a passagem. Maurice Fiaux empurrou-o secamente para o meio da sala.

— Não lhe prometi coisa nenhuma. Foi o senhor diretor quem fez essa promessa.

— Mas você estava de acordo!... Você lhe fez um sinal... Eu vi...

— Viu mal.

Raphael deu um salto e agarrou Maurice Fiaux pelo pescoço tentando estrangulá-lo.

— Estrume!

Raymond sacou seu revólver e o derrubou com uma coronhada. O grande corpo emagrecido de Mahl rolou pelo assoalho, onde o espancaram.

— Basta — disse Fiaux, ofegante —, não vamos machucá-lo demais, o chefe precisa dele.

Fumando um cigarro e olhando para o diretor, esperaram paciente-mente que o prisioneiro voltasse a si.

Ao fim de dez minutos, ele levantou-se e levou a mão atrás da cabeça. Qualquer coisa quente e úmida correu entre seus dedos. Com horror, olhou para a mão.

— Raymond excedeu-se um pouco, mas era a única maneira de me largar. Por um pouco, seu malandro, me estrangulava...

Sem mesmo ouvir a proposta.

— Vai se foder!

Seja bem-educado, sim? Você não tem como ser ladino... Ou faz o que lhe peço ou vai se achar no fundo da Polônia, a não ser.., que eu faça correr o boato nesta casa que foi você quem deu o nome dos pilotos...

— Não ousaria fazer uma coisa dessas!

Vou me incomodar.., com um malandro que tenta me estrangular? Com dificuldade, Raphael Mahl levantou-se e deixou-se cair numa cadeira.

— O que quer que eu faça?

Em boa hora!... Assim é que eu gosto de você.., meigo e compreensivo. Dá-lhe um cigarro... Bem... agora escute. Dohse pensa que talvez tenham conseguido prender, por acaso, um grande tubarão da Resistência, como por exemplo o padre Delrnas. A Gestapo de Toulouse e de Bordéus daria qualquer coisa para tê-lo nas mãos. Eis o que lhe proponho, volte para a sua

cela...

Não! Por favor!...

— Espere. Eu dizia então: você volta para a sua cela por três ou quatro dias. No passeio, vamos fazer sair sucessivamente todos os prisioneiros. Você e os da sua cela farão parte de todos os passeios.

— Arrisco-me a que me façam perguntas.

— Não faz mal... O importante é que você observe atentamente cada prisioneiro. Aqui estão as fotografias dos que nos interessam.

Maurice Fiaux colocou sobre a escrivaninha do diretor uns vinte retratos, mais ou menos nítidos, mais ou menos antigos.

Raphael Mahl reconheceu dois rostos, um dos quais Loïc Kéradec. Mas não disse nada. A última fotografia era a de Adrien Delmas, sem barba e com o longo hábito dos dominicanos. "Como ele mudou", pensou Raphael.

Olhe-os bem... O chefe tem certeza de que alguns deles estão aqui.

Que melhor palco que uma prisão? Não acha?...

Mahl não respondeu, fingindo estar muito absorvido pelas fotografias.

— Você os reconhecerá?

— Se estão aqui não, há problema.

— Eu sabia que podíamos contar com você.

E eu? Poderei contar com vocês? Quem me diz que depois não me deixarão apodrecer aqui?

Compreendo. Quando estiver fora você os entregará.

— Sendo assim, está bem... Onde me levarão depois?

Num primeiro momento para o campo de Mérignac, com direito a visitas, correspondência, encomendas e todos os livros que quiser. Depois poderá escolher. Ou continuar conosco, ou vai trabalhar na Alemanha, como voluntário.

Mas é verdadeiramente indispensável a passagem pelo campo de Mérignac?

— Sim, porque é lógico. Eu lhe explico: não temos coisas suficientes contra você para conservá-lo no forte de Hâ, mas como não temos muita confiança em você o colocamos em observação em Mérignac; isso, seus companheiros de cela e os outros podem compreender. Se eles descobrem que é um traidor, não dou muito pela sua pele. Compreendeu?

Raphael encolheu os ombros sem responder.

— Voltaremos a procurá-lo dentro de quatro dias. O senhor diretor vai assinar o registro de sua saída.

Podem levar-me à enfermaria?

— Tudo, menos isso!... Essas marcas de golpes são a sua melhor proteção.

O guarda empurrou-o brutalmente e o fez cair aos pés dos companheiros de prisão, que se conservavam em sentido.

Quando a porta se fechou todos se debruçaram sobre ele.

— Brutos!... Eles o feriram.

Com a ajuda de uma toalha molhada Loïc limpou-lhe o rosto e a ferida da cabeça.

— É preciso mandá-lo para a enfermaria... Fernando, chame o guarda.

— Não vale a pena. Eles não quiseram...

— Patifes!...

— É pena que o doutor não esteja mais aqui.

— Você está inchado... Passe-me uma de suas toalhas limpas.

Loïc fez uma espécie de turbante, comprimindo a ferida e estendeu Raphael numa das camas.

— Obrigado — disse ele, antes de cair num sono inconsciente.

As pancadas na porta, anunciando a hora da sopa, tiraram-no daquela letargia. Uma terrível dor de cabeça o prostrava na cama sórdida.

— De pé! — berrou o oficial. — É proibido ficar deitado durante o dia. Raphael tentou obedecer e conseguiu sentar-se. Tudo rodava à sua volta.

— Não vê que ele está doente?

— Ele, não doente... Ele, preguiçoso... De pé!

Com um esforço de que nunca se julgara capaz, pôs-se de pé.

— Vê... Você, não doente.

Mal a porta se fechou, o ferido desmaiou.

No dia seguinte, Raphael Mahl estava um pouco melhor. Levaram-no à enfermaria, onde enfaixaram sua cabeça. "Assim, devo parecer o Apollinaire", pensou ele ao voltar à cela. Durante a tarde, todo o seu andar desceu para o passeio.

Estava um belo dia, mas frio. Os detidos saltavam e gritavam como crianças, podia-se pensar que fosse um pátio de recreio.

Era raro ter-se direito ao passeio. Depois de alguns palavrões dos guardas, fez-se relativo silêncio. No final de dez minutos, voltaram a entrar e Raphael não havia reconhecido ninguém.

Dois dias depois, no início da tarde, ouviu-se gritar no corredor.

— Fumo... Fumo...

Aquilo queria dizer que os presos, cuja etiqueta não era nem amarela nem vermelha, poderiam sair no vestíbulo, colocar-se em fila indiana no patio para a sessão de "fumo". Ali em

semicírculo, de mãos estendidas um sub-oficial lhes atirava um cigarro oferecido pela Cruz Vermelha, depois dava fogo a um prisioneiro, que o passava aos outros. Era o momento em que se trocavam mensagens e notícias.

Apoiado à parede, Raphael Mahl desfrutava com delícia o seu cigarro. O fumo ácido do tabaco preto ardia-lhe nos olhos, mas curiosamente acalmava-lhe as dores de cabeça. Saboreando este breve momento de descanso, sentia-se leve.

Ao entrar no pátio, ele o viu logo. "É curioso", pensou ele, "pensei que teria uma etiqueta vermelha." Tal como ele, à parte dos outros, o falso camponês fumava. Seu rosto, cavado, retomava seu aspecto normal, ele nem parecia mais se ressentir de seus ferimentos. Raphael aproximou-se dele. Seus olhares cruzaram-se...

— Acabou-se... Acabou-se... — berrou o oficial.

Dando avidamente uma última tragada, os fumantes jogaram as bitucas num balde cheio de água e puseram-se calmamente em fila. O fumo havia durado seis minutos. Mahl afastou-se para deixar passar o falso camponês.

Depois do senhor, padre — murmurou ele.

O outro não pode conter um estremecimento.

Assim o que ele havia temido acabava de acontecer: fora reconhecido. Quando no gabinete de "acolhimento" vira Raphael Mahl, Adrien Delmas esperou o pior. Como nada acontecera, pensou que o escritor não o tivesse reconhecido. Mas não era nada disso... E ele não compreendia; por que não o denunciara, já que havia denunciado os outros, tanto em Paris como em Bordéus? Como aqueles dois comunistas da Resistência e aqueles pilotos ingleses, que tinham sido arrancados de suas celas e conduzidos ao número 197 da estrada do Médoc, para serem interrogados por Dohse e os seus esbirros. Por que lhe teria feito compreender que o reconheceria?

Seria por simpatia?... Para avisá-lo de um perigo?... Ou pura e simplesmente para que ele se traísse?... Esta última eventualidade parecia-lhe a mais plausível. Durante a sessão de fumo, recebera uma mensagem dizendo-lhe que seria transferido para o campo de Mérignac, e que dali organizariam sua fuga. O padre Delmas não dormiu durante toda a noite.

Raphael Mahl também não dormiu. Além de suas dores de cabeça, sentia-se devorado pelos parasitas, e coçava-se até sangrar. Apesar disso, estava de bom humor: logo iria sair.

Concordara em ficar no campo de Mérignac durante algum tempo. Mas isso não o preocupava muito, conhecia o local e o diretor, ele se sairia dessa.

LoYc resmungava durante o sono.

Raphael estava triste por causa do garoto, tanto mais que sempre se mostrara amável com ele, mesmo afetuoso. Mas não tinha escolha. Além do mais, estava convencido de que não fora por acaso que a fotografia do jovem marinheiro fora colocada no meio das outras.

Dois dias depois vieram procurá-lo. Nessa noite, LoYc Kéradec era igualmente levado para Bouscat, na estrada do Médoc. Como os outros se espantaram por tão magra caçada, Raphael

Mahl disse que já lhes havia entregue na primeira vez todos aqueles que poderiam lhes interessar. Além do bretão, não reconheceria mais ninguém. Não disse nada sobre o padre Delmas.

No campo de Mérignac, Rousseau, o diretor, colocou-o nos escritos, isto é, nos resgistros de entradas e de saídas do campo, porque o sargento francês encarregado desse trabalho estava sobrecarregado. Por especial favor, foi autorizado a ficar ali até a noite.

A barraca da recepção era uma das únicas mais ou menos aquecidas.

Raphael Mahl, depois de terminar seu trabalho, arrastava uma cadeira para o canto mais afastado dos guardas barulhentos e faladores, e mergulhava na leitura dos livros dados por Maurice Fiaux. Por um acaso extraordinário, aquele pequeno crápula tinha escolhido alguns dos seus autores favoritos: as "Memories", de Pepys, que fora um de seus livros de cabeceira. Que alegria tê-lo de novo consigo! O querido Stendhal ali estava com "Lucien Leuwen" e Balzac com "Illusions Perdues", e Rousseau e suas "Confessions"... "Les Travailleurs de la Mer" e "Quatre-Vingt-Treize" do pai Hugo. Só lhe faltava Chateaubriand para que sua felicidade fosse completa. Mas ele estava presente no espírito e no coração! ...

Esperava com impaciência o atlas e a Bíblia que pedira a Fiaux, assim como um pequeno bloco para anotar os planos de um romance que ia amadurecendo. Logo que saísse dali faria retratos no estilo de La Bruyère. Via-se muito bem classificando-os por tipo; gente da sociedade, da moda, do espetáculo, dos livros, da política, dos negócios e da Igreja... Era uma boa idéia, quando que lhe dessem o bloco, poderia aprofundá-la.

Ser um grande escritor! Reconhecido e amado por todos!... Via-se como Prêmio Nobel da Literatura, elegante e sedutor em sua farda acadêmica... Pediria a Jean Cocteau para desenhar o punho e a bainha de sua espada: era uma ocasião de se reconciliar com o querido Jeannot. Encerradas as boates, o álcool, os rapazes fáceis demais.

Seu destino amoroso era bem singular. Nunca lhe resistiram, nunca o repeliram, mas nunca o amaram. Cada vez que desejara, ele soubera encantar, até que viessem deitar-se a seu lado; possuía beijos e corpos, por vezes fizera suspirar de prazer, mas nunca escutara ao ouvido o canto infantil e ingênuo do amor cego. Fascinara, mas não fora amado. Quando ia embora, o encanto se rompia. Alguém que ele amara apaixonadamente o abandonara depois de seis meses de intimidade, dizendo- lhe com ar sonhador: "No fundo, você é insubstituível".

Esse fora seu elogio. Tanto amor reprimido subia-lhe ao coração. Talvez devesse isso à amargura secreta e terrível que o corroía, e que muita frivolidade que não conseguira distrair. Hoje tudo estava acabado e iria se consagrar à sua obra. Logo que saísse, encontraria um local belo e calmo, propício à criação. Imediatamente pensou em Montillac... Via-se meditando através das vinhas ou no terraço... Por que não escrever a Léa? Aquela pequena tinha bastante coração para não lhe recusar hospitalidade. De resto, bem a merecia. Uma palavra dele e o querido tio dominicano e resistente seria preso... Raphael não compreendia muito bem porque não denunciara aquele homem que, pensando bem, ele não conhecia. Afinal, a culpa era dos outros... Não apreciara nem um pouco os métodos de Maurice Fiaux e de seus companheiros... Que se arranjassem sem ele. Tinha ali uma cartada que poderia usar no momento oportuno. Ele sabia das atividades do dominicano, coisas que o comissário Poisont e a Gestapo ignoravam.

Ver-se-ia no momento oportuno.

Enquanto esperava, iria escrever a Léa para lhe pedir livros e víveres e para visitá-lo se pudesse.

Foi despertado dos seus devaneios pela chegada de novos prisioneiros. Levantou-se para escrever o registro das entradas.

O guarda de serviço lhe estendia um a um os documentos de identidade dos detidos. Moreau Pierre, habitante de Langon...

Largade Jacques, habitante de Bordéus... Dardenne Alain, habitante de Dax... Raphael Mahl levantou a cabeça. Os olhares dos dois homens cruzaram-se. Nem um só músculo de seu rosto se contraiu.

O seguinte.

Raphael continuou seu trabalho.

Dias mais tarde, Maurice Fiaux veio lhe fazer uma visita, com a Bíblia e o atlas que pedira.

Tome, também lhe trouxe um cachimbo e tabaco. Os cigarros são difíceis de encontrar neste momento...

Obrigado.

— Como tem passado?

— Não muito mal. Começo a estar um pouco farto da intimidade com gente do povo: tem todos os nossos defeitos, sem as nossas qualidades.

— Você esquece que a minha mãe era empregada doméstica?

— Talvez, mas foio patrão quem o educou. Tem gostos fora de sua condição, e está absolutamente certo. O povo francês me enoja, sua falta de curiosidade, sua estupidez, seu espírito de reivindicação, desabrocham aqui como certas flores no estrume. Só se fala do povo para coroar as virtudes que nos faltam.

É absurdo, ele não tem nem essas virtudes nem as nossas qualidades. Em contrapartida tem quase todos os nossos defeitos. Acredite-me, há pouca diferença entre um criado de lavoura e a vaca que ele cuida.

Isso é que é falar bem. Notou alguma coisa de interessante desde que está aqui?

— Nada mais do que você já sabe. Faz-se grande tráfico de pacotes e todos os dias chegam cartas clandestinas, graças à cumplicidade dos guardas. Certos detentos se ausentam durante algumas horas do dia para verem a mulher ou uma amiguinha.

— Sim, tudo isso nós sabemos... Mas não teve conhecimento de relações com redes de resistência ou da presença de resistentes?

— O campo é grande e eu ainda não tive ocasião de entrar em todas as barracas. Para facilitar o meu trabalho, você deveria me trazer mais livros. Eu poderei alugá-los, o que me daria uma boa razão suplementar para entrar nos alojamentos.

— Não é má idéia... Vou falar com Poisont para ver se ele concorda, e todas as semanas lhe enviarei uma quantidade de livros velhos.

— Nada de coisas complicadas, o nível não é elevado. Aproveite para mandar uma ou duas roupas de lã e um bom par de meias, morro de frio. E um salsichão, doces secos e conhaque também seriam bem recebidos.

— Ah! Primeiro é preciso ganhar isso tudo. A cada informação, uma guloseima ou uma coisa de lã. Está bem assim? O que acha?

— Está bem... Está bem... Como vocês são avarentos.

— Não somos avarentos, apenas prudentes. Abra os olhos e os ouvidos. Correm rumores nos lares e nos salões de que prendemos uma figura importante da Resistência.

— Quem?

— Vai saber!... Pusemos informantes por toda a parte e nenhum voltou com uma boa informação.

— Talvez seja alguém da região!

— O chefe não sabe nada, mas não acredita nisso. Se fosse alguém conhecido, como o padre Deirnas, há muito tempo que o teriam denunciado.

Sem dúvida.

— Bem, isto não é nada, fala-se, fala-se, entretanto o trabalho fica por fazer. Saúde, e até breve. Ah! Já me esquecia: não sei o que acontece comigo, esqueço tudo... Cansaço talvez... Sabe, o marinheiro que estava na sua cela?

— Loïc?

— Sim, o pobre não resistiu ao interrogatório... Um fraco... Ao fim de três dias o garoto morreu sem ter falado; tome nota, se quer a minha opinião, ele não devia ter nada para dizer... Imagine só o bur burinh que isso causou no forte de Hâ! Eles berravam, os malandros, berravam..., com tanta força que o diretor teve de chamar reforços. Os mais excitados foram fechados nas latrinas; os cárceres já não eram suficientes. Imagine se eles adivinhassem que foi você quem o entregou... Não gostaria de estar em seu lugar.

Nem um traço do rosto de Raphael Mahl se contraiu enquanto Maurice Fiaux falava. A custa de um grande esforço que o cobria de suor, apesar do frio, conteve-se para não se atirar ao pequeno crápula, sentindo que era exatamente isso que ele queria.

— Eu também não gostaria de estar na sua pele.

Mahl voltou-lhe as costas e dirigiu-se para o acampamento.

Durante o dia era proibido deitar-se nas camas, sob pena de sanções. Sob o olhar reprovador de seus companheiros, sentados ao fogão ou jogando as cartas no chão sobre uma coberta, ele estendeu-se e fechou os olhos.

Adrien Delmas fechou lentamente o livro que estava lendo, tirou os óculos e levantou-se da cadeira, dirigindo-se para o homem deitado, movido por um impulso repentino.

Com as pernas agitadas por leves sobressaltos, Raphael apertava os lados da cama, com o peito oprimido, o rosto pálido marcado por manchas vermelhas. O dominicano aproximou-se.

Da cama vinha um cheiro azedo, o mesmo que exalavam certos condenados à morte na Espanha, na véspera de serem executados: era o cheiro do medo. Que lhe teriam dito? De que o teriam ameaçado para que ele se encontrasse naquele estado? Desde há oito dias que partilhavam a mesma barraca e nunca o padre Adrien o vira assim.

— Está doente?... Precisa de alguma coisa?

— Não — fez com a cabeça, abrindo os olhos, que voltou a fechar imediatamente.

Que ele desapareça! ... Mais uma palavra e chamaria o guarda pedindo-lhe para ir buscar o diretor para denunciá-lo. Sua vida ou sua morte dependiam só dele. Este pensamento provocou-lhe uma ligeira ereção. Já havia notado que, cada vez que possuía um poder destruidor sobre alguém, seu sexo intumescia.

Curiosamente, ainda que profundamente perverso, nunca tentava explorar esse fantasma e sempre tinha considerado essa tensão de seu sexo com um desinteresse divertido.

Mal se aproveitara por cinco ou seis vezes do receio que inspirava nos jovens rapazes que estreavam nas boates de Montmartre, para os obrigar a se sujeitarem a seus caprichos, que lhe pareciam de grande banalidade. Uma vez, no seminário, onde passara alguns anos, havia obrigado um seminarista mais jovem do que ele a chupá-lo em troca de seu silêncio sobre as leituras proibidas. Nessa época, sentia pelas pessoas da igreja uma mistura de atração e repulsa, a ponto de querer em tudo tentar desviá-las de suas vocações, com palavras e atos tão dissimulados que o padre superior levou anos para descobrir a sua astúcia, antes de expulsá-lo. Esse superior parecia-se muito com Adrien Delmas no tempo em que ele pregava em Notre-Dame: a mesma estatura, grande, forte, com um olhar que parecia ver dentro das almas, uma bela voz e mãos grandes... Raphael sentia a presença do dominicano. Mas, Santo Deus! Que desapareça...

— Posso ajudá-lo?

— Deixe-me em paz! — gritou ele.

Aquele grito suspendeu as conversas. Sem dar atenção, Adrien continuou em voz baixa:

— Creio que sei o que o preocupa... Não lhe direi nada, do que se poderia dizer em tais circunstâncias... Não lhe direi nada exceto que, faça o que fizer, eu o perdorei, e que na dúvida que me oprime rezarei por você.

Raphael ergueu-se e agarrou o falso camponês pelo colarinho da camisa e soprou-lhe no rosto:

— Cale o bico, frade sujo... As suas orações e seu perdão pode enfiar no cu.

— Contenha-se, todo mundo está nos olhando.

— Que nos olhem, se quiserem, esses fodidos, esses esfarrapados!

— Cale-se, senão vai passar por maus momentos.

— Que venham... Venham, minhas gracinhas... Venham ver o Raphael...
e os fodo inteirinhos...

Dois dentre eles se ergueram. Raphael não viu levantar-se o punho que lhe acertou o nariz, nem quem o espancou. Quando voltou a si, o dominicano acabava de limpar seu rosto.

— Você ainda? disse, com voz cansada.

— Descanse, vão levá-lo à enfermaria.

— Será mesmo necessário?... Desculpem-me, fui grotesco agora há pouco... Tinha recebido uma má notícia.

Na briga, Raphael Mahl quebrou o nariz e teve um ombro deslocado; foi na enfermaria que Maurice Fiaux veio vê-lo acompanhado por Mathias Fayard. Os dois traziam um embrulho de livros.

— Aqui estão os seus livros.

— Obrigado.

— Rousseau contou-me que lhe quebraram a cara e por pouco não o fizeram engolir sua certidão de nascimento.

— Não é preciso exagerar.

— O que soube de novo?

— Pouca coisa. No acampamento 3 introduziram rádio e escutam Londres todas as noites. Os comunistas do campo organizaram-se e fazem circular um jornal clandestino.

— Conseguiu apanhar algum?

— Sim. Aqui no bolso do meu casaco.

Fiaux tirou do bolso uma folha, mal copiada, que leu rapidamente.

— Sempre as mesmas besteiras... Nada mais?

— Não, não topei com nenhum resistente, nada a não ser tipos sem importância. E do lado do forte de Hâ que vocês deviam procurar.

— Tem certeza de que não nos esconde nada? O patrão pensa que você não nos diz tudo.

— Que interesse eu teria em esconder alguma coisa a partir do momento em que aceitei colaborar com vocês. Não posso lhes inventar um pseudochefe da Resistência.

— No entanto as suspeitas continuam. Você vai ter companhia: Marcell Rigaux e Fernando Rodriguez... Isso não lhe diz nada?... Vocês partilharam a mesma cela no forte de Hâ...

Raphael estremeceu.

— Não me deixem aqui, rapazes.

Fiaux fingiu não ouvir. Os visitantes partiram logo. Mathias não havia pronunciado nenhuma palavra. Estava na hora da sopa, e já era noite.

Mahl voltou para o seu acampamento.

As primeiras pessoas que viu foram Rigaux e Rodriguez. Rigaux veio em sua direção.

— Viva, Mahl, não pensávamos encontrá-lo aqui.

A porta abriu-se brutalmente. O diretor do campo entrou acompanhado de Dohse e de uma dúzia de soldados que apontaram as armas para os prisioneiros.

— Senhores, o tenente Dohse quer lhes falar.

Obrigado, senhor diretor. Senhores, vou dizer-lhes rapidamente as coisas. Sabemos que um perigoso terrorista está escondido entre vocês. É seu dever desmascará-lo, não é verdade?

Sem o quê, seremos obrigados a levar reféns. Espero ter-me feito compreender. Têm três dias. Passado esse prazo, fuzilaremos cinco reféns de dois em dois dias. Boa noite e... bom apetite, senhores.

Um espesso silêncio caiu sobre a assistência depois da partida dos alemães e de Rousseau. Foi interrompido pela chegada da cantina ambulante. Pela primeira vez não houve algazarra em volta dos encarregados de servir a sopa. Ninguém comentou a sua qualidade, nem zombou de sua composição. Cada um comeu em silêncio no seu canto. No final da refeição, Marcel Rigaux e Fernando Rodriguez reuniram à sua volta certo número de detentos.

Raphael não tirava os olhos de Adrien. Ele sabia que um combate terrível se travava no espírito do dominicano: deveria entregar-se para evitar a execução de reféns inocentes? Entregar-se com o risco de falar sob tortura? Mahl sabia que, se fosse ele, não se moveria; a sua pele era mais importante do que a dos miseráveis fechados com ele. Que arrebentem. Aliás, para que serviam eles?... Podia-se perguntar isso.

Os olhares dos dois homens cruzaram-se. "Não diga nada", ordenava o de Raphael. "Denuncie-me", implorava o de Adrien.

O escritor levantou-se e encaminhou-se para ele. Uma perna atravessada à sua frente e o fez tropeçar... Um pontapé no queixo levantou-o e um outro no traseiro fê-lo escorregar de barriga na ala central... A cabeça bateu no tabique rugoso, arranhando a testa... Rodriguez agarrou-o por um braço... Raphael berrou... A dor do ombro deslocado era 'como um ferro em brasa...

— Cale a boca, maricas!

— É fofinho como uma amante!

Um pontapé no estômago dobrou-o em dois...

— Senhores, meus senhores... Parem...

— Você, velho, não se meta nisso.

— Por que lhe batem? Tenho o direito de saber.

— De acordo — disse Marcel Rigaux —, vamos lhe dizer por quê. Vamos sangrá-lo como a um porco. Estávamos na mesma cela no forte de Hâ... tínhamos um companheiro... um marinheiro.., um bretão... Loïc ele se chamava. Pergunte a este estrume como era o pequeno LoYc!

Graças a ele a prisão parecia-nos menos dura..., sempre bem humorado, com uma canção nos lábios e com isso...

Os olhos de Rigaux estavam cheios de lágrimas. Sem se deter, o seu punho partiu e esborrachou o nariz quebrado de Mahl... Um 'jato de sangue salpicou o dominicano.

Rigaux continuou:

— Tinha o coração nas mãos... Partilhava tudo... Consolava-nos...

tratava-nos... Ele..., aquele..., o que você quer proteger... o pequeno é que o tratou..., velou por ele... e ele..., ele entregou-o... Deu-o à Gestapo...

Um bramido encheu a barraca.

— Três dias... Três dias que eles o torturaram, no Bouscat...

Adrien Delmas olhava horrorizado o corpo caindo.

— Na prisão, ele soube coisas... mas não falou..., nada... Ele não disse nada... e eles espetaram-lhe aquelas agulhas incandescentes debaixo das unhas... descarnaram-lhe as coxas e sobre elas jogaram sal,.. com pauladas partiram-lhe as pernas...

— Basta! — urrou Mahl.

Rodriguez levantou-o pelo casaco e sacudiu-o, batendo-lhe com a cabeça contra a parede.

— Por quê?... Por que você fez isso?

— Como vocês souberam? — murmurou ele.

— Vamos lhe dizer, para mostrar que há também gente tão asquerosa como você. É um de seus companheiros... Um belo tipo, que ao nos trazer para cá nos disse que você era informante, que havia entregue Loïc e outros, continuando aqui o seu trabalho de espia.

— Mas por quê?

— Ele pensa que você já não lhe serve de nada... que todos aqueles que podia denunciar já denunciou.

Uma grande lassidão tomou conta de Raphael Mahl, enquanto o desejo de acabar com aquilo crescia. Pobres tipos... tal como ele, deixavam-se foder, manipular por um pequeno crápula como Maurice Fiaux... Estava certo de que a idéia partira dele: dá-lo de pasto aos prisioneiros. Santo Maurice, era bom no que fazia! Ele também não era nada mau:

consequira convencê-lo de que não havia dirigentes da Resistência no campo. Belo trabalho. Aquilo o fez sorrir.

— Além disso, pouco se importa com o que dizemos!

— Estrume!

— Patife!

De todos os lados os golpes choviam.

Logo não havia mais um rosto. Por várias vezes Adrien Delmas tentara intervir. Mas o ódio

ensurdecia a multidão. Alguém o socou... Quando voltou a si, sentia-se na barraca um cheiro de carne queimada. Sobre grandes risadas e gritos um longo ,urro subia... O dominicano levantou-se... Sentado no fogão, mantido por dezenas de mãos, Raphael Mahl grelhava...

Enquanto com propostas obscenas alguns comentavam seu suplício.

— Olhem como ele se torce... Ele gosta disto!

— Está brincando de prostituta... Escutem como ele grita!

— Talvez fosse melhor se lhe tivéssemos enfiado um ferro em brasa no cu.

— Já imaginou um fim melhor para uma tia!... O sonho!

— Sim... Mas como isto cheira mal, é carne de maricas!

— Não é a carne dele que exala, é a merda... Ele cagou por todos os lados.

— Não se preocupe... Agora acabou de cagar e de fazer cagarem.

O horror duplicou as forças do padre Delmas. Empurrou os torturadores e arrancou Raphael do fogão. Um pedaço de carne ficou colada à chapa escaldante. Rolaram por entre os pés da multidão que se afastou. Houve um momento de silêncio. Nos braços de Adrien, Raphael abriu um olho e aquilo que fora uma boca esboçou um sorriso que era uma careta.

Naquela face macerada era horroroso. Tentou falar. Um jato de sangue escorreu pelo queixo.

— Não diga nada.

— É estúpido demais... Tinha uma idéia... para um romance... — conseguiu articular.

Havia admiração no espanto com que Adrien Delmas olhou aquele que sonhara ser um grande escritor e que, às portas de uma morte atroz, ainda tinha forças para agradecer.

— Diga a Léa... que eu... gostava muito dela...

— Eu lhe direi.

— Saia daí para acabarmos com essa carcaça.

— "Por favor! Deixem-no! Não lhe fizeram mal o suficiente?"

— Não — disse Rodriguez, arrancando-o dos braços que tentavam protegê-lo.

— Não — continuou Fernando —, é preciso que isto sirva de exemplo a todos alcagüetes, a todos os colaboradores que estão neste campo e fora dele. Vamos, rapazes... acabemos com isto...

Todos aqueles homens que se lançaram sobre ele... Aquele fervilhar de mãos em seu corpo... Aquelas caras que se debruçavam sobre ele e que só via através de uma névoa de sangue...

Era como um vapor... Aquilo lembrava-lhe os banhos de vapor em Amei, alto local de pornografia clandestina, onde se procura, se apalpa, se abraça com a cumplicidade de todos. Terrível local, onde os braços, as mãos, tem uma viscosidade de polvo... Uma descida aos

infernos entre homens em cacho, sacudidos por um único espasmo, com um único profundo suspiro, que parece, entre aqueles peitos apertados e frementes, subir das próprias entranhas da terra... Ali, as mãos desconhecidas, triturantes, sábias e detestáveis, procuram fazê-lo sofrer... e matá-lo... Logo as imagens desapareceram da sua memória... Só as cores violentas como descargas elétricas subsistem... O lindo verde.., o azul... o vermelho.., o preto... Estrelas prateadas palpitam no negro... negro... negro.

Ali, no fundo do acampamento, uma certa mão se levantou e traça o sinal da cruz.

Logo os homens se cansaram de bater naquela massa mole e disforme que ainda os salpica de sangue. O cadáver os enoja.

— E se puséssemos o que resta deste porco no caixote do lixo?

— Boa idéia.

Nessa noite, o cadáver de Raphael Mahl foi jogado no depósito do lixo e coberto de imundícies. De manhãzinha, os detidos encarregados do ofício recolheram o corpo e o colocaram num caixão tosco.

Nem os guardas nem os policiais haviam reagido.

Capítulo 23

DOIS DIAS APÓS a morte de Raphael Mahl, Adrien Delmas fugiu graças ao seu perfeito conhecimento do lugar e dos hábitos dos guardas.

Escondeu-se debaixo da cobertura do caminhão que vinha entregar o pão para a semana, O motorista fora muito bem pago para parar e fingir uma avaria ao pé do lugar onde ele se escondera. Uma vez fora, ele conduziu-o a Bêgles, nos arredores de Bordéus, onde o esperavam Albert e Léa em companhia de três jovens resistentes armados de metralhadoras. Eles se comprimiram todos na velha camioneta do fornecedor.

— Padre, um avião virá buscá-lo esta noite — disse Albert.

— Não quero partir. Devo ficar, é aqui que eu sou mais útil.

— Não é a opinião de Londres. Em seu lugar eu partiria. Neste momento está terrivelmente em perigo e a sua presença na região é um perigo para todos nós. Padre, é preciso obedecer.

Adrien calou-se e fechou os olhos. Todos respeitaram o seu silêncio: ele tinha um ar tão cansado! Léa, apertada contra ele na frente da camioneta, pousou a cabeça em seu ombro e logo adormeceu.

Ela acordou quando eles atravessavam a praça, curiosamente inclinada, de Bazas. Rodaram em seguida ao longo da catedral de SaintJean e desceram até os velhos lavatórios, depois rodaram por alguns instantes na direção de Casteljalloux, finalmente viraram numa pequena estrada à direita e pararam à entrada do povoado de Sauviac. De uma casa baixa à frente da qual ciscavam galinhas, saíram um velho e sua mulher. Albert disse-lhes algumas palavras, eles pareceram aquiescer e entraram em casa depois de lhes terem feito um sinal para o seguirem.

— Em casa dos Laforgue, padre, está em segurança. O avião virá buscá-lo esta noite às oito horas, O pai Laforgue o levará ao campo de aterrissagem perto de Beuve — disse Albert.

— Eu conheço.

— Daqui até lá, descansem. Eu virei buscar Léa no final do dia.

— Obrigado por tudo, Albert. Como está Mireille?

— Bem, meu padre, é uma valente, como sabe.

— Eu sei... Tem tido notícias de seu filho?

— Está em Cantai com o grupo de Revanche, próximo de ChaudesAigues.

Os rapazes estão no maior bosque de Truyère. É um bom esconderijo, difícil de atacar, sem perigo que os boches aí se arrisquem... Devo partir. Não se preocupe, padre, antes de dois meses estará de volta. Adeus...

— Adeus, Albert, tomará conta de Léa?

— Não precisa dizer-me. A filha da senhora Isabeile, para mim, é sagrada.

Tio e sobrinha passaram o dia juntos, entretidos familiarmente perto do fogo. Partilharam a modesta refeição dos Laforgue, que eram anfitriões absolutamente silenciosos.

Adrien narrou, com palavras prudentes, o horrível fim de Raphael Mahl. Quando ele lhe contou que o seu último pensamento fora para ela, Léa rompeu em soluços.

— Eu também gostava muito dele — disse.

O dominicano respeitou sua tristeza. Quando estava um pouco mais calma, ela perguntou:

— Mas por que ele não o denunciou?

— Não sei. É a pergunta que faço a mim mesmo desde aquela terrível noite. Por que ele não me denunciou? Você, que o conhecia, não faz uma idéia?

— Não... Ou então?... Era bem do seu caráter... Ele sabia que o procuravam e até mesmo, talvez, lhe tenham pedido para identificá-lo entre os detidos, e por espírito de contradição, ele terá negado.

— Mas uma pessoa não se deixa massacrar por espírito de contradição! Raphael?... Sim.

— Talvez, afinal. As razões de aceitar a morte são por vezes muito estranhas. Mas o seu olhar durante o massacre!...

Quando cruzou com o meu parecia dizer: "Você não esperava por isto, hein? Eu o enganei bem".

Léa sentiu-se mal ao ter de se separar dos braços do tio. Era como se o seu pai morresse uma segunda vez.

— Passe um bom Natal, minha querida. Vá por mim à missa da meia-noite e faça uma oração a Sainte Exupérance por mim.

Abrace todos em Montillac e diga-lhes que eu rezo por eles. Que Deus a guarde... Seja muito prudente.

Como este Natal foi triste, apesar da alegria de Charles, diante de seu carrinho vermelho, e os seus risos! Quanto à noite de 31 de dezembro, pareceu-lhes interminável. Cada uma perguntava-se com angústia se 1944 veria, enfim, a guerra terminar.

No dia 2 de janeiro, Léa teve a surpresa de ver chegar François Tavernier. Seu carro estava enlameado até a capota e, a ver por seu rosto, ele havia guiado durante toda a noite.

Desejou um bom ano apressadamente às moradoras, abraçou o pequeno Charles e procurou em seu bolso uma caderneta que lhe ofereceu. Charles estava encantado. Em seguida, conduziu Léa ao escritório.

— Eu vim logo que recebi a mensagem do seu tio. Por que é que não me disse nada, em relação a Mathias e ao pai?

— Eu não queria aborrecê-lo com isso.

— Nunca me aborrece, sabe disso. Venha, eu tenho muito pouco tempo, devo partir esta

noite.

— Já?... Você está louco!

— O meu tempo não me pertence... Eu não devia estar aqui.

Léa fechou à chave a porta do escritório de seu pai e atirou-se para François. Fizeram amor vestidos, em silêncio. Quando o gemido de Léa aumentou, quebrou-se num soluço.

Durante um longo momento ficaram colados um ao outro.

François, que o sono começava a vencer, foi o primeiro a reagir.

— Venha me fazer um café.

Léa dirigiu-se à cozinha para aquecer o café e cozinhar alguns ovos.

Durante duas horas, ele examinou os livros de contas, as hipotecas, as contas bancárias. Seguidamente explicou a Léa como tudo podia ser deturpado e traficado. Ele sabia que o domínio estava virtualmente entre as mãos de Fayard, mas não disse nada.

— Não é brilhante. Aliás, precisa de um bom contador para se desembaraçar de tudo isto. Eu vou lhe arranjar um.

— Mas não tenho dinheiro!...

— Por favor, deixe disso. Eu cuido. Tome um cheque. Isto acalmará o seu banqueiro por um pouco. É preciso a todo o custo manter Mathias à distância durante algum tempo. O seu trabalho o absorve, mas ele vai passar em breve à ação. Agora, meu amor, tenho de partir... Não... peço-lhe... Nada de lágrimas, é a lembrança de seu sorriso que eu quero levar.

Ele levantou-se e ela o abraçou uma última vez, passando e repassando a mão por seu rosto mal barbeado.

Léa e François saíram, O carro estava estacionado na alameda dos plátanos, junto da casa. A noite começava a cair, mergulhando a vinha e os pinheiros na obscuridade.

Ele iria guiar toda noite em direção a Paris, O ar estava ameno apesar da época, mas Léa tremia. A idéia de ficar só com Camille lhe dava medo. Ele se mostrava tão alegre e terno, brincando com os números, que ela não se deu conta do mal que lhe fazia vê-lo partir.

Colado à porta envidraçada do vestíbulo, o pequeno Charles com a mão fazia grandes sinais a François. Tavernier virou-se uma última vez e fez-lhe a saudação militar. Charles pulava de alegria, rindo. Através do vidro, não se ouvia o seu riso.

Léa aconchegou o xale nos ombros. Era preciso limpar a vinha.

François tomou-lhe a mão e beijou-a furtivamente, como se fosse voltar alguns instantes mais tarde. Não tinha deixado de sorrir. Instalou-se ao volante e fechou a porta. O barulho ecoou no silêncio da tarde. Ligou o motor sem deixar de olhar para Léa.

No momento de partir, através do vidro, disse:

— Penso que seria mais prudente se você viesse viver comigo.

O carro rodou pela alameda, desaparecendo na noite.

Léa não se moveu.

Final do segundo volume

Este romance continua no livro O SORRISO DO DIABO da mesma autora